

THÁLITA LARISSA GALUTTI

POLITICIDADES COMO DEVIR JUVENIL:

um debate sobre comunicação, consumo e juventudes na pós-modernidade

Dissertação apresentada à ESPM como
requisito para obtenção do título de
Mestre em Comunicação e Práticas de
Consumo.

Orientadora: Profa. Dra. Rosamaria
Luiza (Rose) de Melo Rocha

São Paulo

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

316.72 Galutti, Thálita Larissa

Politicidades como devir juvenil: um debate sobre comunicação, consumo e juventudes pós-modernas / Thálita Larissa Galutti. - São Paulo, 2010.

180 f., il: col.

Orientador(a): Rose de Melo Rocha

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo). - Escola Superior de Propaganda e Marketing, 2010.

1. Cultura juvenil. 2. Pós-Modernidade. 3. Etnografia. 4. Politicidade. 5. Consumo. 6. Comunicação I. Título. II. Galutti, Thálita Larissa. III. Rocha, Rose de Melo. IV. Escola Superior de Propaganda e Marketing.

Dedico este trabalho a todos os fluxos de vida que embutiram em mim uma vontade de potência, mesmo que breve.

Aos artistas, aos poetas malditos, aos rebeldes, aos jovens, aos medíocres e também aos loucos.

A Nietzsche, Deleuze, Artaud, Raul Seixas, José Saramago, Edgar Morin e Jesús Martín-Barbero, minhas fontes de inspiração.

A Wellington Coelho, Clóvis de Barros Filho, Ricardo Poli, Rose de Melo Rocha e Peter Pál Pelbart por me fazerem acreditar na ciência e na filosofia.

A Luiz Fernando Garcia e a toda a equipe cuja aposta investigativa está marcada neste trabalho.

Aos meus amigos, à minha família e aos meus amores. Ao Gustavo Valdivia pelo amor recíproco.

*Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante.
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante.
Do que ter aquela velha opinião formada
sobre tudo. Do que ter aquela velha opinião
formada sobre tudo.*

*Eu quero dizer, agora o oposto do que eu
disse antes. Eu prefiro ser essa metamorfose
ambulante. Do que ter aquela velha opinião
formada sobre tudo. Do que ter aquela velha
opinião formada sobre tudo.*

*Sobre o que o é o amor, sobre que eu nem sei
quem sou. Se hoje eu sou estrela, amanhã já
se apagou. Se hoje te odeio, amanhã lhe
tenho amor, lhe tenho amor, lhe tenho
horror, lhe faço amor, eu sou um ator. (...)*

Raul Seixas

RESUMO

Ao aplicar o método da etnografia para investigar as práticas de comunicação e consumo pós-modernas nas inter-relações humanas que aconteceram na Campus Party Brasil, percebeu-se que os modos como os jovens vêm se expressando e construindo estratégias de representação evidenciam alguns dos paradigmas com os quais as juventudes convivem e dos quais é produto e produtora, numa relação complexa. As politicidades juvenis são como uma via de experimentação de um novo corpo que nos remete à ética planetária de Edgar Morin como caminho capaz de combater os reflexos contraditórios e desumanos da nossa civilização.

Palavras-chave: Cultura juvenil. Comunicação e Consumo. Politicidades. Pós-modernidade. Etnografia. Campus Party.

ABSTRACT

While applying the ethnographic method to investigate the post-modern communication and consumption practices in the human inter-relations that happened at Campus Party Brazil, it became aware that the ways youngsters have been expressing and building representation strategies made clear some of the paradigms that youth lives with, from which it is product and producer, in a complex relationship. The youth politicities are like a new body's experimentation way that reminds us to the planetary ethics of Edgar Morin as a capable path to fight our civilization's contradictory and inhuman reflexes.

Key-words: Youth culture. Communication and Consumption. Politicities, Post-modernity. Ethnography. Campus Party.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotos da Campus Party 2009 no Pavilhão Expo-Imigrantes, em São Paulo	53
Figura 2 – Alexandre Lourenção (de verde), em 2009, na fila do credenciamento	60
Figura 3 – Gustavo em um momento junto aos índios que participavam do evento	61
Figura 4 – Foto de Gabriela retirada de seus próprios registros de campo	62
Figura 5 – Uma foto de Luara, também retirada de seus próprios registros de campo	63
Figura 6 – Imagem panorâmica da Arena na Campus Party, em 2009, na qual eu me estou presente e você, leitor, não sabe quem sou eu nesta multidão	73
Figura 7 – Imagem feita com uma lente grande-angular, evidenciando a forma estriada com que a infra-estrutura do evento foi montada	75
Figura 8 – Foto de uma das apresentações pela Cia. Balalaika, retirada do perfil pessoal de Daniel no Orkut	80
Figura 9 – Foto de participantes do campeonato YCC para Duplas de Cosplayers	82
Figura 10 – “Jesus está voltando... Zombie Walk 2007” – título da imagem publicada em sua página pessoal do Orkut	83
Figura 11 – Imagem coletada por Luara para seus registros de campo. Trata-se de uma tela que demonstra como conversavam – por Skype e com fones de ouvido	86
Figura 12 – Fotografia de Luara transmitindo o show do Teatro Mágico para sua amiga	88
Figura 13 – Foto da área de Camping do evento, em 2009, no primeiro dia, logo quando chegamos	90
Figura 14 – O Camping alguns dias depois	90
Figura 15 – Uma das muitas imagens de torres de Red Bull construídas na CP, disponíveis na Internet	91
Figura 16 – Foto de 2010 durante a apresentação do “Dr. Brown”	94
Figura 17 – Carlos Alexandre, ou Xandelly, num momento em que era entrevistado na CP 2009	95
Figura 18 – Imagem de Adrielli em uma das bancadas da Campus Party	96
Figura 19 – Foto do computador de Adrielli, o Doggy	96
Figura 20 – Família cujo case Modding tinha como tema a trilogia <i>De Volta Para o Futuro</i>	97
Figura 21 – Imagem da palestra de Tim Berners-Lee na Campus Party 2009	100
Figura 22 – Imagem de Kevin Mitnick em sua mesa de controle na Campus Party 2010 ..	103

Figura 23 – O cartão de visitas bem humorado de Kevin Mitnick, alvo de disputa pelos campuseiros	104
Figura 24 – Imagem da face inferior do computador pessoal da autora deste trabalho	108
Figura 25 – Imagem da fila para se instalar no camping, após o credenciamento, no primeiro dia da CP 2009	110
Figura 26 – Imagem de um segurança que demonstra a insegurança e perplexidade que eles sentiam frente a algumas atitudes dos campuseiros	111
Figura 27 – Gabriel em seu computador. Ao seu lado, pode-se ver os cartazes no computador de Fernando	112
Figura 28 – Cena do vídeo em que Thálita e Xandão conversaram com Danilo, enquanto ele jogava	114
Figura 29 – Imagem retirada do website de Danilo Palange	115
Figura 30 – Imagem aproximada de uma concentração de jovens depois de terem percorrido gritando e arrastando as cadeiras, boa parte da Arena	116
Figura 31 – Imagem dos jovens que realizaram a performance do Pac-Man	118
Figura 32 – Imagem retirada da Wikipedia em que manifestantes fazem uso de suas telas para se comunicar	118
Figura 33 – Quadrinho de autoria de Karlisson Bezerra, desenvolvedor web e ilustrador .	122
Figura 34 – Quadrinho intitulado como “TI Verde” desenvolvido por Karlisson Bezerra .	134

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – RITOS CIENTÍFICOS	1
2 CORPOS EM AÇÃO – AS POLITICIDADES JUVENIS	7
2.1 O LUGAR (POLÍTICO) DA CIÊNCIA	7
2.1.1 Sobre a condição humana: a morte e a sensível racionalidade	9
2.1.2 A importância do progresso científico na atividade política	12
2.1.3 A objetividade discursiva como conquista fundamental para os estudos comunicacionais no século XXI	17
2.2 O LUGAR (POLÍTICO) DAS PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO E CONSUMO JUVENIS	30
2.2.1 Estudo das juventudes para um novo entendimento ético-político	32
2.2.2 Narrativas juvenis como sensíveis práticas políticas	40
3 CORPOS CONECTADOS – AS TECNICIDADES JUVENIS	48
3.1 MANUAL PRÁTICO DE DESORIENTAÇÃO PARA A LEITURA	51
3.1.1 Notas introdutórias sobre a Campus Party	53
3.1.2 Notas sobre os impulsos investigativos	58
3.1.3 Notas sobre as Narr[atividades]	69
3.2 FRAGMENTOS SOBRE JUVENTUDE, COMUNICAÇÃO E CONSUMO	74
3.2.1 O Espírito Hacker	75
3.2.2 Jesus Tecnocrata	79
3.2.3 Porque a ideia é compartilhar	84
3.2.4 A nossa estranha casa	89
3.2.5 Energeticamente aditivados	91
3.2.6 Infância Digital	93
3.2.7 Heróis do Ciberespaço	98
3.2.8 O peso da mobilidade	107
3.2.9 A Campus Party é nossa	109
3.2.10 Ritual da Cooper[ação]	113
3.2.11 Viver da fotografia	113
3.2.12 A Festa dor Nerds / A NerdStock / A São Paulo Fashion Geek	116
3.2.13 Politicidades tecnologicamente mediadas	123

4 POLITICIDADES JUVENIS E OS NOVOS PERCURSOS MORAIS	127
4.1 Interpretações sobre as politicidades juvenis	133
4.2 Ética planetária e paradigmas que atravessam a existência juvenil	145
5 REFERÊNCIAS	160
6 GLOSSÁRIO	167
7 ANEXO	169

1 INTRODUÇÃO - RITOS CIENTÍFICOS

O início desta dissertação consiste em um árduo e complexo processo de aprendizagem. Talvez minha juventude pudesse ser confundida com uma visão idealista das coisas. Eu, uma jovem que se propõe, nesta pesquisa, a refletir sobre as juventudes e algumas de suas expressividades tão politicamente existenciais. E o faz a partir de práticas de consumo cultural, propriamente comunicacionais, tecnologicamente mediadas. Mas o próprio mundo e a filosofia já trataram de me provar quão incontestável e inevitável é o ritmo da vida, esta que simplesmente é como ela é e que não se revela a partir de verdades absolutas. Esta mesma vida, que só é como é porque assim a construímos, a modificamos, e nela atuamos, sendo igualmente por ela modificados. O balanço e o ritmo do viver se dão assim, vivendo.

Dialeticamente, entendi que a única certeza é a morte e que se continuamos a nos manter vivos é também por não a querermos aqui e agora. Nem mesmo sabemos exatamente o que ela é, em termos de ausência da existência. Portanto, ao longo de tantas caminhadas, a enorme sensação de um devir só se tornou mais presente, mais viva e mais avassaladora em minhas reflexões, conferindo sentido a uma trajetória acadêmica em franca iniciação. Peço licença, neste primeiro momento, pois assumo em minha escrita um tom ensaístico, bastante pessoal. É tendo-o por norte que irei adentrar mais especificamente nos embates acadêmicos e teóricos que, nos últimos anos, têm feito parte de minha vida intensamente, alterando o modo como a compreendo, a narro e sobre ela reflito.

Em agosto de 2007 ganhei um livro de presente. Era meu aniversário. Chama-se *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*, organizado por Dênis de Moraes. Foi-me dado por uma daquelas amigas-irmãs, com a qual morei e por tantas vezes dividi as angústias relacionadas à elaboração de meu trabalho de conclusão de curso da graduação em Comunicação. Por saber que fazia Mestrado nesta mesma área, esta amiga disse ter procurado um livro que, lhe parecia, ser-me-ia útil. Ela me conhece e efetivamente sabia o que estava fazendo.

Somente um ano depois é que fui lê-lo, no momento em que textos deste mesmo livro foram bibliografias obrigatórias na disciplina “Comunicação, Consumo e Subjetividade”, ministrada pela Profa. Dra. Gisela Castro no Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM. Em um encontro a princípio despretenso com o texto de Jesús Martín-Barbero (2005), intitulado “Globalização comunicacional e transformação cultural”, é que finalmente uma chuva de pensamentos e ações se fez presente de modo mais

concreto, como possibilidade investigativa. Efetivamente foi ali, naquele particular momento, que minha dissertação se iniciou.

A contribuição mais relevante desta leitura materializou-se em uma busca por ações que objetivassem contribuir, de fato, para melhores condições humanas de existência/permanência no mundo contemporâneo, a partir dos estudos que realizamos aqui, neste nosso campo da comunicação. Daí, então, dei-me conta da dimensão daquele presente.

Ao final de seu texto Martín-Barbero apresenta-nos o que chamou de uma *experiência colombiana* condensada no projeto “*Formar Ciudad*”, verdadeira inspiração para repensar os usos e as contribuições advindas das ciências da comunicação:

Partindo de uma campanha eleitoral sem partido e inteiramente centrada em sua própria capacidade de convocação, a administração do ex-reitor da Universidade Nacional, Antanas Mockus, pôs em marcha um rico e complexo processo de luta contra as violências urbanas e de reinvenção da política cultural. (MARTÍN-BARBERO, 2005, p. 80)

Reconhecido por reposicionar e qualificar a perspectiva latino-americana de interpretação da comunicação e da cultura atual, Martín-Barbero chama a atenção para a descrença manifestada por alguns estudiosos de políticas culturais da América Latina (então agrupados em uma comissão da Confederação Latino-americana de Ciências Sociais – a CLACSO) frente à efetividade de tentativas reais de intervenção (públicas ou privadas) orientadas para a cultura cotidiana.

Ao investigar analiticamente as dimensões políticas e as proposições cidadãos deste projeto, percebe-se que ele configura um desafio colossal às concepções acadêmicas acerca das políticas culturais e, como pretendo defender neste trabalho, as perspectivas comunicacionais, se ampliarmos um pouco o conceito. Revolucionários, inovadores e surpreendentes me pareceram os resultados alcançados e os meios utilizados por este Plano de Desenvolvimento Econômico, Social e de Obras Públicas.

O “*Formar Ciudad*”, proveniente da academia, acabou transformando-se em Decreto Lei; o Plano tem o seguinte objetivo:

Ordenar la acción de gobierno para armonizar el progreso individual con la búsqueda del bien común en Santa Fe de Bogotá D.C. Se trata de buscar una coexistencia viable y fértil del crecimiento del patrimonio colectivo con el mejoramiento individual y hacer así más competitiva la ciudad y los individuos que en ella moran, buscando la equidad y el progreso de todos.¹ (1995, p. 2)

¹ Plan de Desarrollo Económico, Social y de Obras Públicas para Santa Fe de Bogotá D.C. 1995-1998 – Formar Ciudad – Decreto nº 295, de 01 de junho de 1995. Disponível em: (<http://www.alcaldiabogota.gov.co/sisjur/normas/Normal1.jsp?i=2393>)

Além de pensar políticas públicas mais inclusivas e mais humanas, ele logrou colocar em prática a concepção de uma cultura cidadã que contribuiria para o bem-estar comum. O grande esforço está centrado em explorar as potencialidades de certos grupos ou coletivos sociais, melhorando suas condições de vida para além de aspectos materiais ou estritamente fundados em indicadores sociais estritos ou restritivos. Não por acaso, Antanas Mockus, o ex-reitor da Universidade Nacional da Colômbia, responsável pelo projeto, foi eleito popularmente para assumir a prefeitura da cidade de Bogotá durante dois mandatos: 1995-1997 e 2001-2003. Atualmente, Antanas Mockus preside o Corpovisionarios (Corporación Visionários por Colombia²) e é candidato a presidência da Colômbia pela segunda vez. Ainda segundo Martín-Barbero, sobre o *Formar Ciudad*, primeiro grande projeto político de Antanas,

Dois fios atravessam e dinamizam de ponta a ponta esta experiência: uma política cultural que assume como objeto promover e regular não as culturas especializadas, mas a cultura cotidiana das maiorias, e o objetivo estratégico de potencializar ao máximo a competência comunicativa dos indivíduos e dos grupos como forma de resolver os conflitos no âmbito da cidadania e dar expressão a novas formas de inconformismo que substituam a violência física. (MARTÍN-BARBERO, 2005, p. 80)

Em suma, “*Formar Ciudad*” e o trabalho desenvolvido por Antanas Mockus nos validam o objetivo de encarar o trabalho acadêmico como ferramenta política, partindo do pressuposto que:

fortalecer a cultura cidadã equivale então a aumentar a capacidade de regular os comportamentos dos outros através do aumento da própria capacidade expressiva e dos meios para entender o que o outro trata de dizer. Antanas chama isso de “aumento da capacidade de gerar espaço público reconhecido”. (MARTÍN-BARBERO, 2005, p. 81)

Se for possível descrever as implicações mais específicas de tal proposição em minha trajetória de pesquisa, diria que este plano serviu fundamentalmente como ponto de partida para consolidar uma concepção teórica acerca da politicidade da comunicação – de suas teorias e de algumas de suas práticas – que se pretende construir no decorrer desta dissertação. Esta que, por sua vez, tem também por objetivo contribuir para o estudo, o ensino, a pesquisa, e a própria referencialização ética das chamadas “indústrias da comunicação”. Correndo o risco de soar utópica, num momento introdutório do trabalho, é preciso dizer que sonho um mundo no qual tais atividades sejam práticas ancoradas e concebidas com base em valores humanistas e condições igualitárias. Afinal, comunicar é

² Corpovisionarios é uma organização sem fins lucrativos fundada em 15 de abril de 2000 para trabalhar em políticas públicas especialmente voltadas a consolidar e transformar comportamentos da cidadania. Disponível em: (<http://www.corpovisionarios.com>).

prerrogativa do existir. Para ser algo, é preciso comunicar algo, justificando a centralidade do universo comunicacional e a urgência de uma nova ética presente na agenda e na ação propriamente política.

Sem desconsiderar, ao contrário, a valorosa contribuição das teorias críticas, este trabalho assume um comprometimento de natureza comunicacional, uma base cultural, fugindo das construções que se pautam somente no sentimento e na vontade de denúncia daquilo que é categorizado como “errado”, “injusto”. Deste modo empenhados, é necessário, portanto, que sejam apontados caminhos, soluções possíveis para que se alcance uma boa equação entre as possibilidades emancipadoras abertas à nossa espécie atualmente, como a internet, por exemplo, à uma idéia de morte coletiva, de atrofia do pensamento e da compreensão complexa das coisas da vida – num sentido uma possível falência das noções de cidadania. Ao mesmo tempo em que verificamos possibilidades culturais e comunicacionais jamais vivenciadas, a máquina de guerra segue numa contínua hipertrofia de suas estruturas, uma vez acionado o que Edgar Morin denomina, no mesmo livro do texto de Martín-Barbero, o “quadrimotor planetário”: ciência – técnica – indústria – lucro (capitalismo). Dotado de uma “textura de comunicações”, para o autor, o planeta com o qual nos deparamos hoje é uma espécie de estágio avançado de uma sociedade-mundo, impulsionada exatamente por este quadrimotor.

Quando se trata de arte, música, literatura, pensamento, a mundialização cultural não é homogeneizante. Constituem-se grandes ondas transculturais que favorecem a expressão das originalidades cosmopolitas ou biculturais (Rushdie, Arjun Appadurai) que enriquecem sem cessar esta vida transcultural. Assim, muitas vezes para pior, mas também com frequência para melhor – e isso sem se perder –, as culturas do mundo inteiro entrefecundam-se, sem saber ainda, no entanto, que fazem filhotes planetários. (MORIN, 2005, p. 352)

No mundo contemporâneo globalizado, donde imperam as racionalidades tecnocêntricas, desenvolvimentistas e as lógicas de exclusão, ainda restam efetivas possibilidades de (re)ação. De um ponto de vista amplo, mas já visionando o objeto que analisaremos, buscamos na pesquisa empírica, na referencializada análise teórico-metodológica e em nossa específica problemática de interesse, ações comunicacionais e de consumo que possibilitam o surgimento de novas formas de agir politicamente. Partimos do pressuposto, como indicado por Rocha (2000), de que ainda resta a possibilidade da surpresa, e da re-volta, daquele que desconstrói para construir algo:

Aquele que se rebela, insiste Sloterdijk (1998), aquele que vive a aventura do desespero, contaminado pela “síndrome da sobrevivência adquirida”, deve fazer do sobressalto sua droga e seu remédio (...). Busca-se, na crítica da razão cínica e no “estranhamento” cognitivo e existencial postulados por

nosso autor, uma ética da existência, uma narrativa da impaciência, da inquietude, da descontinuidade e da bricolagem. A ciência combativa de Sloterdijk assume como metodologia que a verdade da investigação não é a investigação da verdade. (ROCHA, 2000, p. 80 e 85).

Tratamos de assumir a inexistência de verdades absolutas na natureza, e, conseqüentemente, entendemos que a sociedade-mundo necessita de acordos em comum, como, além de Morin, justifica Antanas Mockus em sua cultura cidadã.

Pensando deste modo, vislumbramos para aqueles que trabalham com a Comunicação, uma produção e disseminação de conhecimento sobre uma das maiores necessidades psíquicas do ser humano, ressaltando a existência de brechas abertas a posturas políticas e, sobretudo, éticas, realmente capazes de problematizar os processos de dominação do espírito humano pós-moderno. Há de se trabalhar para que ele, o ser, progrida. Como bem diz Morin,

É possível, portanto, manter a esperança na desesperança. Acrescentemos a isso o apelo à vontade em face da grandeza do desafio. Embora quase ninguém ainda tenha consciência, nunca houve uma causa tão grande, tão nobre, tão necessária quanto a causa da humanidade para, ao mesmo tempo e inseparavelmente, sobreviver, viver e humanizar-se. (MORIN, 2005, p. 366)

Neste sentido, e finalizando o primeiro raciocínio deste trabalho, é importante destacar que entendemos estar na comunicação uma espécie de conhecimento capaz de perceber os impactos de uma sociedade do consumo e da comunicação exacerbados nos sujeitos que habitam esse planeta. Por se fazer evidente a dimensão homogeneizante e controladora da comunicação de massas, no revés de suas possibilidades cidadãs, está no cotidiano, nas ações comuns dos homens comuns, o foco para o qual este trabalho está voltado. Tentaremos penetrar, portanto, esta esfera das subjetividades presentes nos processos de comunicação e consumo na contemporaneidade, para só então, repensá-la.

Sem dúvida, discutir, comunicar e educar sobre tais assuntos, além de estabelecer possibilidades de acesso à opinião e de interferência pública na sociedade, por via da cultura e do fazer em comum, perpassam o papel da educação dos conceitos circundantes à idéia de comunicar, como lugar central da ideologia. Neste sentido, Maria Aparecida Baccega, em um texto sobre as questões educacionais do capitalismo tardio esclarece que “cabe à escola (...) desvelar como opera a ideologia, ensinar a ler adequadamente as formas simbólicas que circulam na mídia, conformando a realidade.” (BACCEGA, 2004, p. 6) Neste sentido, ainda segundo a autora, é preciso identificar que o processo de conhecimento “é um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem como um “dado”, possibilitando que não sejamos meros reprodutores” (2004, p. 4). Por fim, para esclarecer a relevância da esfera ideológica no

processo comunicacional, e em seu ensino, ao interpretar tais processos como lugar ideológico por definição, dada a sua materialidade, também é no cotidiano, na vida comum de todos os dias onde a ideologia se constrói, se firma e age:

É no cotidiano que se jogam as modificações ou manutenção da ideologia construída. É no cotidiano, onde as atitudes, os fazeres se dão num clima de relaxamento maior, que se torna mais fácil o jogo de influências. Como lembra Agnes Eller, na vida cotidiano do homem coloca “ ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias”. E exatamente por isso, “nenhuma delas pode realizar-se , nem de longe, em toda a sua intensidade.” Por isso, as manifestações de poder que mais atingem as pessoas são aquelas que regem as atividades cotidianas. Na produção dos meios de comunicação, em qualquer gênero, utiliza-se sobremaneira do cotidiano. (BACCEGA, 2004, p. 6)

Feitas estas considerações iniciais, este trabalho está estruturado em três partes. A primeira parte diz respeito aos eixos teórico-epistemológicos que sustentam esta dissertação, a fim de esclarecer tanto o ofício político da ciência, quanto o caráter político impresso na cotidianidade das práticas de comunicação e consumo juvenis.

A segunda parte foi construída com o objetivo de narrar o universo empírico, pesquisado à luz da etnografia. Neste momento são explicitados os processos metodológicos aplicados na pesquisa de campo, as características específicas do evento pesquisado – a Campus Party –, as inspirações para o processo de narração das velocidades e das intensidades que nos afetaram e, principalmente, as próprias narrativas em forma de mapas culturais fragmentados.

Por fim, na última e terceira parte, trabalha-se as questões analítico-interpretativas suscitadas pela pesquisa de campo e pela problemática visitada em nossas narratividades. Basicamente, tem-se neste capítulo um tom de conclusão acerca do objeto-problema de pesquisa.

2 CORPOS EM AÇÃO – AS POLITICIDADES JUVENIS

A política é um esforço tenaz e enérgico para atravessar grossas vigas de madeira. Tal esforço exige, a um tempo, paixão e senso de proporções. É perfeitamente exato dizer – e toda a experiência histórica o confirma – que não se teria jamais atingido o possível, se não se houvesse tentado o impossível. Contudo, o homem capaz de semelhante esforço deve ser um chefe e não apenas um chefe, mas um herói, no mais simples sentido da palavra. E mesmo os que não sejam uma coisa nem outra devem armar-se da força de alma que lhes permita vencer o naufrágio de todas as suas esperanças. Importa, entretanto, que se armem desde o presente momento, pois de outra forma não virão a alcançar nem mesmo o que hoje é possível. Aquele que esteja convencido de que não se abaterá nem mesmo que o mundo, julgado de seu ponto de vista, se revele demasiado estúpido ou demasiado mesquinho para merecer o que ele pretende oferecer-lhe, aquele que permaneça capaz de dizer “a despeito de tudo!”, aquele e só aquele tem a “vocaçãõ” da política.

Max Weber. Ciência e Política: duas vocações.

Neste primeiro capítulo, empenhamos nossa escrita para situar cientificamente esta dissertação, que abordará as politicidades juvenis como expressões de um devir pós-moderno, rumo a uma nova concepção de ética e política. Desta maneira, trata-se de pontuar que tipos de concepções sobre ciência adotamos, de questionar a luta do *homo sapiens demens* pela busca de verdades sobre as coisas e, principalmente, de situar a ciência da comunicação como uma ciência emergente, moderna e urgente, já que em sua interdisciplinaridade tem-se um meio privilegiado para refletir a pós-modernidade e o estatuto da vida contemporânea. Estamos numa época em que as juventudes começam a quebrar as fronteiras do lugar que lhes “é devido” na sociedade e, por isso, é necessário esclarecer o modo como podemos trabalhar tal problemática de pesquisa antecipadamente.

2.1 O LUGAR (POLÍTICO) DA CIÊNCIA E A POLITICIDADE DA COMUNICAÇÃO

Desde o alvorecer da racionalidade, os filósofos debatiam sobre a imagem da natureza em que estamos mergulhados. Somos, como bem imaginou K. Popper, espectadores de um filme que foi feito de uma vez por todas? Não sabemos quem vai morrer e quem será o matador. Mas o produtor sabe. Ou estamos num mundo no qual o futuro não está dado, no qual o futuro é, sempre, uma construção contínua? Acredito que os recentes desenvolvimentos da ciência (...) mostram que a segunda concepção é a correta.

Ilya Prigogine. Ciência, Razão e Paixão.

A adesão cega a uma teoria não é uma virtude intelectual – é um crime intelectual.
Imre Lakatos. História da Ciência e suas reconstruções racionais.

Algumas reflexões acerca do lugar da ciência na sociedade, seu papel e suas peculiaridades estão localizadas no centro do modo como abordamos nosso objeto, constituindo o ponto de partida deste primeiro capítulo, pretendendo elucidar a quem se presta e como se desenvolveu nossa suposta visão sobre o “lugar” de onde formulamos nossas perguntas. Assim, se nos permitem os leitores certa derivação epistêmica de fundamento metanarrativo, o nosso objeto é, em um de seus pilares, uma questão de método, este método (com suas decorrentes metodologias) que se constitui como propriamente comunicacional.

Considera-se esta tarefa essencial, e com ela pretende-se contribuir para uma contextualização mais precisa sobre o ofício dos cientistas da comunicação, esquivando-se da perniciosa carga subjetivista e relativista com que são capciosamente enquadradas inúmeras pesquisas sobre as humanidades³. Falamos desta questão aqui, muito pela orientação metodológica para a qual nos voltamos, esta que olha para fenômenos, não para dados, esta que não busca a verdade do objeto, mas seus possíveis contornos sociais e culturais. Trata-se, na verdade, da defesa de uma construção lógica basilar que, respeitando certa hierarquia analítica, adensará a aproximação com seu objeto desde macro-contextos reflexivos, como aqueles fornecidos pela própria história das ciências, e percorrerá os micro-contextos experimentados em campo.

Com tais objetivos em mente, este primeiro composto de idéias se propõe a esclarecer as orientações teórico-epistemológicas adotadas neste trabalho, resumidas na seguinte pergunta: ***Que ciência é esta, a da comunicação, e a quem este estudo se pretende neste contexto?*** A partir desta pergunta, desdobra-se um conjunto de raciocínios sobre o estudo, o ensino e o trabalho neste ramo específico da ciência. Lembremos que a palavra *epistemologia* é composta de dois termos gregos: *episteme*, que significa “ciência”, e *logia*, vindo de *logos*, que significa “conhecimento”. Epistemologia, portanto, é o conhecimento filosófico sobre as ciências (CHAUÍ, 2006. p. 223), é exatamente o lócus no qual a ciência

³ Vale lembrar aqui uma notável provocação de Paul Feyerabend: “parece-me que uma atividade cujo caráter humano pode ser visto por todos é preferível a uma atividade que se afigura ‘objetiva’ e inacessível às ações e aos desejos humanos. As ciências, afinal de contas, são nossa própria criação, incluindo todos os severos padrões que elas parecem impor-nos”. (FEYERABEND, 1979, p. 281).

indaga-se sobre si mesma, sobre seus modos de produção, seus princípios ordenadores e seus valores modelares. Isto será possível por dialogarmos com pontos de vista históricos, sociológicos, antropológicos, filosóficos, literários, entre outros, provenientes de diversos lugares do saber, defendendo assim nossa postura comunicacional que vê na interdisciplinaridade uma condição de consistência.

Assim, refletiremos acerca de uma ciência emergente, que passou a ser pensada de modo relativamente autônomo a partir da consolidação das ciências sociais, no século XVIII. Ou seja, adotando uma postura de reconhecimento de seu estado atual e das bases epistemológicas adotadas, pretendemos avaliar e mesmo projetar contribuições sociais e culturais efetivas e, sobretudo, propositivas, pensadas a partir do universo da comunicação. Acreditamos que as particularidades de nossas investigações encontram-se plenamente capacitadas à atuação, em situação de efetiva igualdade, nas dinâmicas interdisciplinares: ou seja, também do que produz aqui, no campo da comunicação, alimentam-se outras áreas de estudo e conhecimento.

2.1.1 Sobre a condição humana: a morte e a sensível racionalidade

Iniciemos esta reflexão com a grande pergunta para a qual está voltada grande parte da ciência: como entender/explicar a vida? Sabe-se que é impossível prescrever a causa última da vida humana, ou mesmo de outras espécies animais e vegetais ou ainda compreender exatamente os fenômenos oriundos da experiência sensível. Sabe-se que a vida é uma condição que nos foi dada a partir do momento em que sentimos o mundo em nós, no nascimento. Considerado por Platão como o momento em que alma e corpo se unem, em sua perspectiva dualista sobre o homem, sendo a alma sua unidade eterna, o nascimento é, certamente, o próprio contrário da morte, uma vez que há nesta última a consideração de uma ausência completa de sentidos. Consciente disso, na necessidade potente, curiosa e por vezes obsessiva de interpretar e significar sua vida, o *homo sapiens* olhou para o céu, zona desconhecida, e imaginou sua morte, como única certeza da vida.

O caminho percorrido até a chegada do dia derradeiro, a vida em seu processo e percurso completo (do nascer ao morrer), constitui o grande e paradoxal desafio humano, ao qual inúmeros indivíduos e grupos já se prestaram a oferecer uma argumentação satisfatória, como por exemplo, aquela do Deus que tudo criou em sete dias e que é ele mesmo o ponto de

início e fim. Esta incerteza, por sua vez, dá-se naturalmente através de uma atividade de ordem moral angustiante, pois ao pretender entender suas origens e seu destino o homem acaba por não encontrar uma verdade absoluta a que deva condicionar tranquilamente sua existência, ponto exato de onde brota a atividade imaginativa. Este movimento do conhecer as causas da vida e evitar a morte acontece na errância entre as sensações e as realidades, entre o objetivo e o subjetivo aos quais os corpos e as almas são constantemente submetidos. Em muitas situações, como bem considerado por Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), grande pensador do Império Romano, “somos, no mais das vezes, mais vítimas do nosso terror do que dos perigos reais, e sofremos mais com a idéia que fazemos das coisas do que com as próprias coisas” (SÊNECA, 2002, p. 88). Nesta relação finita e angustiante entre ser e conhecer, “tudo nos indica que o *Homo sapiens* é atingido pela morte como por uma catástrofe irremediável, que vai trazer consigo uma ansiedade específica, a angústia ou horror da morte, que a presença da morte passa a ser um problema vivo, isto é, que trabalha a sua vida”. (MORIN, 2000, p. 95)

Torna-se evidente a importância da consciência do tempo e da morte na veia propulsora de todos os edifícios humanos, sem a possibilidade de que se exclua um mínimo gesto, a princípio. As materialidades simbólicas ditas “primitivas”, menos “moralizadas” por uma estrutura social, demonstram que a condição antropológica do *homo sapiens*, marcada pela consciência advinda de um novo epicentro, abriu caminhos para as construções humanas em toda sua especificidade e genialidade. Em nossa espécie, a necessidade da busca por uma verdade sobre o *cosmos* fez com que nossos ancestrais tomassem sua habilidade criativa pelas mãos: assim nasceram o mito e a magia. “A sepultura neanderthalesa testemunha não só uma irrupção da morte na vida humana, mas também modificações antropológicas que permitiram, e provocaram essa irrupção.” (MORIN, 2000, p. 94)

Através da pintura primitiva, Morin desenvolveu a análise de um campo gráfico do homem pré-histórico que revela justamente esta “aglutinação de significações antropológicas verdadeiramente fundamentais” que a sepultura evidencia: 1) uma nova forma de expressão; 2) uma nova forma de arte advinda das produções do espírito (imagem, símbolo, idéia); 3) uma “magicização” da vida afim de orientar a melhor forma de relacionar suas ações com o ambiente externo; e 4) um novo universo estético, onde as evidências empíricas carregam também seus duplos sentidos.

Sedento de eternidade e com capacidades surpreendentemente dialéticas, o *sapiens* se viu obrigado, por força do destino ou da evolução da espécie, a compreender o mundo de uma maneira própria: a partir do momento em que “o imaginário irrompe na

percepção do real e o mito irrompe na visão de mundo” (MORIN, 2000, p. 95), alarga-se, rumo ao infinito, as possibilidades afetivas e objetivas na era sapiental.

A etologia já nos revelou a existência de rituais animais, que são conseqüências de comportamento simbólico, com vistas a desencadear uma resposta da parte de um receptor exterior. O próprio do ritual mágico, no *Homo sapiens*, é de se dirigir não só diretamente aos seres de que se espera uma resposta, *mas também às imagens ou símbolos*, que se supõe localizarem em si, duma certa maneira, o duplo do ser representado. (MORIN, 2000, p. 99)

Uma vez compreendida a específica capacidade estética⁴ da consciência e da expressão humana através do jogo entre as percepções da alma e a vida empírica, por sua veia criativa, imersa em produções noológicas (do espírito), é possível imaginar porque vivemos, hoje, num mundo completamente modificado, dotado de técnicas, ferramentas e formas extremamente avançadas de preencher o vazio da existência. Percebendo a realidade que o cerca e, ao mesmo tempo, capacitado para dar vida às suas fantasias o cérebro grande é dotado da capacidade de significar o mundo objetivo de infinitas formas.

Para desfazer e pontuar um dos grandes erros do pensamento humano ao tentar destacar em seus congêneres uma diferença essencial em relação às outras espécies animais, Boris Cyrulnik (1991, p. 51) esclarece alguns pontos-chave sobre este equívoco, com base em sua etologia humana. Em primeiro lugar, “o mundo do animal não aparece, de modo algum, como um mundo despido de sentido”, como demonstra a história das idéias ao defender um instinto animal, oposto à correta orientação social dos homens, tida como racional – supostamente uma capacidade exclusiva dos seres humanos. Em segundo lugar, “este sentido (animal) nunca se apresenta como um sentido humano; (...) é-o em relação a um mundo animal que não é regido pelo mesmo jogo de significações que o nosso”. Isto é aqui posto para esclarecer que, ao tentar compreender as idéias e as verdades sobre as coisas da vida,

é necessário pensar que o desfraldamento do imaginário, que as derivações mitológicas e mágicas, que as confusões da subjetividade, que a multiplicação dos erros e a proliferação da desordem, longe de terem

⁴ Por estética entendemos, segundo Morin, “uma relação que se estabelece entre o ser humano e uma certa combinação de formas. Podemos aqui, por analogia, e talvez não só por analogia, propor o termo ressonância, no sentido em que designa um fenômeno pelo qual um sistema físico em vibração excitadora se aproxima de uma frequência natural desse sistema. A sensibilidade estética é bem uma aptidão para entrar em ressonância, em <harmonia>, em sincronismo, com sons, odores, formas, imagens, cores, que são profundamente produzidos não só pelo universo, mas também, daqui por diante, pelo *Homo sapiens*. Reencontramos aqui o grande mistério que liga uma característica física fundamental própria de qualquer sistema vivo (o caráter oscilatório dos sistemas meta-estáveis), inclusivamente a natureza ondulatória da *physis*, àquilo que há de mais subtilmente <vibratório> no cérebro do *sapiens*. É portanto essa sensibilidade, cujas origens são físicas e negentrópicas, que a cultura vai passar simultaneamente a refinar e a atrofiar, a espalhar entre todos ou a limitar aos seus privilegiados. Mas, pelo menos, podemos perceber que a estética se desenvolve subitamente para além da sua raiz biológica e passa a ser uma característica fundamental da sensibilidade e da arte do *Homo sapiens*.” (2000, p. 102-103)

constituído desvantagens para o Homo sapiens, estão, muito pelo contrário, ligados aos seus prodigiosos desenvolvimentos. (MORIN, 2000, p. 109)

O princípio da ciência, insuflado na contemporaneidade, se analisado sob a luz destas reflexões pode ser percebido de modo vinculado à própria condição moral, fugidia e desejante da natureza humana, ao mesmo tempo. A angústia que habita a consciência de infinitas possibilidades de ação no pensamento humano é um dos fundamentos antropológicos necessários para compreender a relação entre os modelos verdadeiros e falsos disseminados na nossa cultura e sociedade – objetiva e subjetivamente interligadas. José Saramago, grande literato português contemporâneo, também evidencia a existência de uma condição dupla do pensamento humano no drama do homem que se vê duplicado fisicamente num filme cinematográfico:

As ações dos seres humanos, apesar de não serem já dirigidas por irresistíveis instintos hereditários, repetem-se com tão assombrosa regularidade que cremos ser lícito, sem forçar a nota, admitir hipótese de uma lenta mas constante formação de um novo tipo de instinto, supomos que sociocultural será a palavra adequada, o qual, induzido por variantes adquiridas de tropismos repetitivos, e desde que respondendo a idênticos estímulos, faria com que a ideia que ocorreu a um tenha necessariamente de ocorrer a outro. (SARAMAGO, 2002, p. 189)

O duplo, o caos, o erro, não podem mais ser entendidos como consequências de uma humanidade desmedida, mas sim como uma condição antropológica essencial, de onde nascem seus edifícios, e onde real e imaginário se embaralham constantemente na afetação cotidiana da vida (na comunicação entre diversos corpos). Pode-se entender, assim, que está na demência constitutiva a força motriz do ser humano. É necessário, para tanto, romper com a dualidade que sempre está por colocar o bom em oposição ao mau ou o certo em oposição ao errado e assumir que somos, no máximo, louco-sensatos.

2.1.2 A importância do progresso científico na atividade política

Após abordar brevemente as imbricações do reconhecimento do mundo, de seu papel antropológico e da relação do homem com a morte, é possível apresentar, sem cometer tropeços a ideia de ciência como modernamente conseguiu ser concebida e difundida: trata-se de um movimento de busca e de luta pela verdade da existência⁵, de preferência feliz, ou melhor, como uma busca pela compreensão assertiva e menos angustiante das incertezas da

⁵ Mas não, em nosso caso, da existência da Verdade.

vida. Um modo muito eficaz para ordenar a desordem natural. Nesta busca pelas verdades aceitas, pode-se destacar uma essência que é de ordem política, como evidencia o já propunha o pensamento aristotélico ao dizer que o homem é um animal social e político.

A fim de abordar a relação entre ciência e política, é necessário, no entanto, recorrer mais uma vez à história das idéias ditas científicas. Tal modelo de concepção dos fenômenos da vida ganhou notoriedade no mundo social quando projetos éticos foram construídos com o objetivo de cumprir a função de organizadores civis (orientadores das vontades e da correta atitude), na clássica *pólis* grega. Simultaneamente, escrever era ato restrito aos raros, às poucas almas de ouro que compunham a sociedade, o que caracterizava uma estrutura social extremamente desigual em relação ao conhecimento legítimo. Michel Foucault, em sua acepção sobre a vontade de saber, estudada por via das materialidades discursivas, remete aos antigos para delimitar as origens de nosso berço político-científico e as evoluções que nos conferem distinções significativas concernentes às origens do pensamento ocidental:

Essa divisão histórica deu sem dúvida sua forma geral à nossa vontade de saber. Mas não cessou, contudo, de se deslocar: as grandes mutações científicas podem talvez ser lidas, às vezes, como consequências de uma descoberta, mas podem também ser lidas como a aparição de novas formas na vontade de verdade. Há, sem dúvida, uma vontade de verdade no século XIX que não coincide nem pelas formas nem põe em jogo, nem pelos domínios de objeto aos quais se dirige, nem pelas técnicas sobre as quais se apóia, com a vontade de saber que caracteriza a cultura clássica. (...) Tudo se passa como se, a partir da grande divisão platônica, a vontade de verdade tivesse sua própria história, que não é a das verdades que constroem: história dos planos de objetos a conhecer, história das funções e posições do sujeito cognoscente, história dos investimentos materiais, técnicos, instrumentais do conhecimento. (FOUCAULT, 2005, p. 16-17)

Mesmo considerando que os tempos são outros, a partir da genealogia da vontade de saber de Foucault, é possível perceber que existe um fio condutor estendido até hoje na ideologia política ocidental. O que nos vale é exatamente este ponto comum, notável herança da sabedoria clássica, quando a compartimentação científica ainda era bem tímida (havia poucas divisões disciplinares das ciências, perto do que vivenciamos atualmente) e todo conhecimento verdadeiro, oposto à *doxa* (opinião comum), era reconhecido como Filosofia. Concomitantemente, conquistou-se às atividades filosóficas o meio legítimo para o alcance das verdades sobre a plenitude e, como consequência, a fonte da ética capaz de orientar a nobre função de governar a cidade. A ciência política, de acordo com Aristóteles (384 - 322 a.C.) em sua *Ética a Nicômacos*, deveria ser praticada de acordo com a idéia de excelência moral ou “reta razão”, ápice da nobreza de um ser, exercendo uma das mais altas funções

mantenedoras do *cosmos*, ou do todo ordenado, que deveria ser refletido no funcionamento da sociedade. Para ele, ao destacar a existência do bem supremo, como aquilo a que todas as coisas visam,

cumpre-nos tentar determinar, mesmo sumariamente, o que é este bem, e de que ciências ou atividades ele é objeto. Aparentemente ele é o objeto da ciência mais imperativa e predominante sobre tudo. Parece que ela é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas em uma cidade, e quais são os cidadãos que devem aprendê-las, e até que ponto; e vemos que mesmo as atividades tidas na mais alta estima se incluem entre tais ciências, como por exemplo a estratégia, a economia, a retórica. Uma vez que a ciência política usa as ciências restantes e, mais ainda, legisla sobre o que devemos fazer e sobre aquilo de que devemos abster-nos, a finalidade desta ciência inclui necessariamente a finalidade das outras, e então esta finalidade deve ser o bem do homem. Ainda que a finalidade seja a mesma para um homem isoladamente e para uma cidade, a finalidade da cidade parece de qualquer modo algo maior e mais completo, seja para a perseguirmos; embora seja desejável atingir a finalidade apenas para um único homem, é mais nobilitante e mais divino atingi-lo para uma nação ou para as cidades. (ARISTOTELES, 1999, p. 17-18)

Diferentemente das atividades vulgares exercidas pelos escravos, os filósofos clássicos tiveram a experimentação da elevação das idéias filosóficas ao íntimo lugar de onde se conduzia a cidade-Nação, como no livro acima citado, onde a ética finalista de Aristóteles determina os princípios com os quais os governantes deveriam agir. Nascia, portanto, na civilização grega clássica a intrínseca relação ocidental entre a ciência e a política. Como era o sábio a figura capaz de explicar sobre a vida boa dos homens em conjunto, a finalidade da ciência nunca foi simplesmente individual, ou seja, os resultados gerados por ela partem de e se voltam ao mundo e ao outro, exercendo influência direta nas comunidades das quais fazem parte (hoje, com o advento da globalização, por exemplo, diferentes realidades são capazes de afetar comunidades longínquas, de modos igualmente diversos). Basta considerarmos sobre quantas vezes acreditamos em coisas, sem as compreender de fato, porque foram apresentadas como “cientificamente verdadeiras”, seja na escola, na família ou na mídia⁶. Segundo Virilio, a Guerra do Vietnã não aconteceu.

Com esta resumida contextualização histórica acerca do nascimento da ciência como a concebe o pensamento tradicional e de sua relação com a verdade sobre as coisas do mundo (como parte da evolução *sapiental*), nos propomos a assumir a influência da ciência na

⁶ Contudo, há que se considerar, como brilhantemente esclarece Imre Lakatos, que “não é o grau de adesão às crenças que as transforma em conhecimento. [...] Assim, um enunciado pode ser pseudocientífico mesmo que seja eminentemente ‘plausível’ e todos acreditem nele, e pode ser de grande valor científico mesmo que seja inverossímil e ninguém acredite nele. Uma teoria pode até ter um valor científico extremo mesmo que ninguém a compreenda ou, menos ainda, acredite nela.” (LAKATOS, 1998, p. 12)

vida dos homens “comuns” e assim, destacarmos o objetivo de nosso trabalho, como fez Antanas Mockus, citado na introdução deste trabalho, ao contribuir, a partir do campo cultural, com a causa da humanidade na afetação dos corpos. Para tanto, evidenciamos que a ordem certa e boa das coisas, os valores-padrão e as tradições criados e difundidos em nossa sociedade fazem parte da evolução científica (dado o matrimônio entre a ciência e a verdade sobre as coisas) e, conseqüentemente da técnica, culminando no estágio planetário atual. Mais uma vez, Saramago aponta para a mesma evidência:

a ordem, como do cão se diz também, é a melhor amiga do homem, embora, como o cão, de quando em quando morda. Ter um lugar para cada coisa e ter cada coisa no seu lugar sempre foi uma regra de ouro nas famílias que prosperaram, assim como tem sido abundantemente demonstrado que executar em boa ordem o que se deve foi sempre a mais sólida apólice de seguro contra as avantesmas do caos. (SARAMAGO, 2002, p. 55)

Para aprofundar ainda mais nossa reflexão sobre a intersecção entre ciência e política, utilizaremos um conceito que nos permite falar menos sobre o nascimento e mais sobre o progresso e o desenvolvimento da ciência: as revoluções científicas. Em inúmeras descobertas das ciências verifica-se um compromisso com as verdades (relativas ou absolutas), claramente desenhando na história um processo de intensa luta/batalha pela verdade última possível. Mas somente nos momentos em que a ciência normal se desorienta, se questiona e se subverte, é que acontecem as revoluções científicas. Para o físico e filósofo da ciência Thomas Khun, em meados dos anos 60, as revoluções científicas são definidas como momentos na história do desenvolvimento da ciência, empenhadas em seus paradigmas,

quando os membros da profissão não podem mais esquivar-se das anomalias que subvertem a tradição existente da prática científica – então começam as investigações extraordinárias que finalmente conduzem a profissão a um novo conjunto de compromissos, a uma nova base para a prática da ciência. Neste ensaio, são denominadas de revoluções científicas os episódios extraordinários nos quais ocorre essa alteração de compromissos profissionais. As revoluções científicas são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada. (KHUN, 2003, p. 25)

O objeto de análise desta obra⁷ foi moldado a partir dos grandes acontecimentos científicos relativos às figuras de Copérnico (1473-1543), Newton (1643-1727), Lavoisier (1743-1794) e Einstein (1879-1955). É bom evidenciar que o autor inicia sua obra elaborando uma crítica à História quanto seu papel na imagem que se tem de ciência, mais especificamente àqueles historiadores que analisam o desenvolvimento científico como um

⁷ É importante salientar a importância da obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* em qualquer aula de Metodologia em cursos de pós-graduação, como pudemos estudar na disciplina de Metodologia I, ministrada por Clóvis de Barros Filho no Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, em 2007 e 2008.

acontecimento acumulativo de saberes. Divergente de tal ponto de vista, o autor discute a necessária renovação da imagem da ciência, impressa numa nova historiografia, mais abrangente e contextualizada, da qual toda a história da ciência esteve sujeita.

Deste modo, ao analisar acontecimentos extraordinários na história da ciência, Khun acaba por retratar alguns grandes marcos da ciência moderna, historicamente acompanhados pelos processos que culminaram no final dos “tempos das trevas” (ou da Época Medieval) e na renovada conquista de autonomia da ciência na sociedade, principalmente em relação à Igreja. O impulso sociocultural moderno acelerou o desenvolvimento e o investimento proveniente de áreas não científicas para a descoberta de novas verdades, resultando no crescimento e na compartimentação disciplinar com a qual nos deparamos atualmente (ciências humanas, exatas e biológicas e suas divisões). Toda a estrutura social que rodeia e com a qual o campo científico estabelece relações mudou consideravelmente, dado que, os sábios de outrora nem de longe podem ser comparados aos laboratórios de hoje.

Reforçando nosso modo de compreender o trabalho científico, a sociologia do conhecimento já esclareceu que os campos sociais (numa perspectiva mais ampla), considerados seus contextos sócio-históricos específicos, constituem sempre um campo restrito e relativamente autônomo onde se estabelecem as lutas pelo poder. Segundo Pierre Bourdieu (2004), autor consagrado por esclarecer as dinâmicas científicas a partir deste conceito de “campo social”, “todo campo (...) é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”. Estas forças, por sua vez, são estabelecidas num espaço analisado através da “estrutura das relações objetivas” com as quais os agentes do campo se relacionam. O principal esclarecimento a que nos propomos é o de que o campo científico, analisado sob esta ótica, “é um jogo no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo”. (BOURDIEU, 2004, p. 29) Neste sentido, este trabalho não se compreende através de uma visão absolutista acerca de nossa problemática, pois não nos dobramos à ilusão da ausência de ponto de vista, ou seja, não acreditamos na suposta “neutralidade” científica, assim como os autores aos quais recorreremos.

Considerando que “[a] opinião social é um luxo” (BOURDIEU, 2004, p. 83) e que existe uma clara desigualdade nas condições concretas dadas à produção da opinião explícita, isto acaba por configurar uma das responsabilidades dos “eruditos” ou dos acadêmicos perante o conhecimento e perante a capacidade de gerar este espaço de discussão de onde nascem as opiniões e de onde efetivamente brota o conhecimento.

[P]enso que uma das responsabilidades dos cientistas, no caso das ciências sociais, mas talvez mais amplamente, é também estar atento a todos esses problemas que não chegam a ter formulação. A produção de problemas, hoje, é compartilhada por aqueles que Platão chamou de “doxósofos”. É uma palavra magnífica que se pode traduzir de duas formas e designar, à escolha, os eruditos da opinião ou os eruditos aparentes. Para mim, os doxósofos são os eruditos aparentes da opinião ou das aparências, isto é, os pesquisadores e os analistas de pesquisas, essas pessoas que nos fazem acreditar que o povo fala, que o povo não cessa de falar sobre todos os temas importantes. Mas o que jamais é colocado em questão é a produção dos problemas que são postos para o povo. Ora, esses problemas são engendrados segundo o processo circular de circulação entre pesquisadores, jornalistas e politólogos que P. Champagne descreveu e que lembrei há pouco [sobre as problemáticas de opinião, visões míopes das chamadas demandas sociais]. (BOURDIEU, 2004, p. 82)

Finalmente, feita esta apresentação de idéias, pode-se iniciar a explanação acerca do lugar de onde se originou nosso ponto-de-vista micro-contextual - o campo da comunicação social e das práticas de consumo -, dada esta macro-concepção do próprio fazer científico, donde a responsabilidade frente ao que se produz “cientificamente” é uma de nossas maiores preocupações, fazendo jus à condição política das ciências. Este tomar para si a responsabilidade perante o próprio trabalho significa justamente reconhecer o processo de maturação do objeto no sujeito/pesquisador, fazendo com que um feixe de luz iluminando uma minúscula concretude transforme-se efetivamente numa determinada problemática de pesquisa. Afinal, entendemos, assim como Nietzsche, que

[o]s direitos que um homem toma para si são proporcionais aos deveres que estabelece para si, às tarefas em relação às quais se *sente* à altura. A maior parte dos homes não tem direito à existência, sendo antes uma infelicidade para os homens superiores. (NIEZTSCHÉ, 2008, p. 440)

Cabe-nos agora falar sobre os principais pressupostos teórico-epistemológicos que constituem o modo como entendemos a área específica onde o estudo da Comunicação Social está localizado, e, por suposto, onde também se insere nossa própria investigação.

2.1.3 A objetividade discursiva como conquista fundamental para os estudos comunicacionais no século XXI

Observando com sentidos atentos o jogo que se constrói em torno do fazer científico, é possível defender que existem, no campo da comunicação, arestas abertas para a realização de um projeto teórico-analítico que comporte uma legítima utilidade pública perante os novos contornos da humanidade globalizada. “A globalização tecnoeconômica

pode ser considerada como o estágio último da planetarização e, ao mesmo tempo, como a emergência de uma infra-estrutura de um novo tipo de sociedade: a sociedade-mundo.” (MORIN, 2005, p. 350). Daí nos surge, em luminosos ofuscantes, a necessidade em debater algumas das variações e das (in)constâncias deste jovem campo específico (considerado, por vezes, imaturo), discutindo os impactos dos fenômenos comunicacionais na sociedade através do reconhecimento da hegemonia do mercado e do novo lugar da cultura/comunicação no papel globalizador das experiências⁸. O autor latino-americano Jesús Martín-Barbero, ao considerar a complexidade das transformações culturais no planeta interconectado, revela que

como em poucos outros campos, no da comunicação percebemos que o calibre das perguntas *pertinentes e socialmente relevantes* não encontram resposta nos comportamentos do saber que constituem as ciências, devolvendo uma inusitada vigência à filosofia, único saber capaz de se encarregar das perguntas, pelo sentido tanto político como ético das transformações que a técnica, hoje, medeia. (...) Nunca antes se tinha feito tão evidente que pelo mundo da comunicação passa estruturalmente a encenação em comum do sentido ou do sem-sentido do viver em sociedade, agora em escala global. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 33-34)

Ao abarcar as cenas urbanas hiper-complexas e determinadas práticas nelas contidas, é impossível passar despercebida a conceituação de modernidade (capitalista, ocidental) e seu estágio atual, principalmente por conta das influências da tecnologia e das novas formas de se relacionar com o outro, presentes no cotidiano do que Morin chama os “filhotes planetários”. As práticas comunicacionais e de consumo invadem e são invadidas pela esfera tecnológica, solapando a idéia de que ainda vivemos no mesmo eco-sistema de séculos atrás, ainda que nossa maior preocupação não seja necessariamente a de definir se a modernidade acabou ou ainda segue em processo. Querelas teóricas a parte, é indubitável afirmar que os modos de existência e permanência na atualidade, respeitadas as condições sócio-econômicas propriamente de classes, revelam uma ambiência tecnologizada que caracteriza e é caracterizada pelas renovadas orientações éticas (morais) e estéticas (sensíveis) da humanidade no século XXI. Verificamos, em nossas pesquisas, percepções de mundo juvenis marcadas pelo fato de que “[o] planeta é um território dotado de uma textura de comunicações (aviões, telefone, fax, Internet) de que uma sociedade jamais pôde dispor no passado.” (MORIN, 2005, p. 350)

⁸ Sobre a influência da comunicação tecnologizada na lógica de conhecimento/saber: “Radicalizando a experiência de des-ancoragem produzida pela modernidade, a tecnologia des-localiza os saberes, modificando tanto o estatuto cognitivo como o industrial das *condições de saber* e das *figuras de razão*, o que está conduzindo a um forte apagar, borrando-se as fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artifício, arte e ciência, saber perito e experiência profana.” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 35-36)

Em meio a ambivalências como, mercado-ciência, teoria-prática, tradicional-tecnológico, modernidade-pós-modernidade, entre outras, serão travadas discussões que envolvem o mesmo e o diferente presentes nestas idéias, como uma questão basilar para pensar a cultura pós-moderna, proveniente da emergência de infinitos eus e outros possíveis pelas condições proporcionadas pela “cultura de massa”, ponto central para se pensar a origem das ciências da comunicação, esta nova ciência. Levando a cabo o reconhecimento de que comunicar é uma questão cultural, assim como a cultura sem comunicação não se estabelece, muito menos se firma, empenharemo-nos em solicitar neste diálogo pensadores latino-americanos da área por representarem um espaço privilegiado para se encarar o ofício do cientista da comunicação como uma legítima contribuição social, cultural, educativa e, sobretudo, política. Além disto, estabelece-se firmemente o início de uma tradição de pensamento, por via dos estudos culturais que fogem de uma visão eurocêntrica do globo, ou primeiro mundista (falamos de pensadores como Stuart Hall, Arjun Appadurai, Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini etc.). As realidades brasileiras, por exemplo, comportam questões massivas que não devem ser consideradas como vulgares do ponto de vista comunicacional/cultural, o que atribuímos, sob nosso ponto de vista, a um moralismo de primeira ordem. Mas também não pretendemos uma postura nacionalista de viés apriorístico, “exótico” ou subjugado de nosso contexto sócio-econômico. Mas é preciso considerar que nossas reflexões estão aqui enraizados, fazendo com que nossa existência e nosso fazer comunicativo também se dêem da mesma forma, por mais que nos aventuremos a extrapolar as fronteiras das comunidades fechadas.

Sendo assim, é preciso considerar o nascimento da comunicação como um campo científico relativamente autônomo. Isto representa a instituição de um novo campo, composto por pesquisadores de outras áreas humanas que se dispunham a elaborar perguntas acerca dos novos aparatos e principalmente de processos originais da comunicação/informação, ou seja, que se propunham a refletir sobre os planos da produção e da recepção de novas e complexas realidades comunicacionais. A fotografia, o cinema e, principalmente, a televisão e o rádio foram adventos desta ordem que efetivamente modificaram o desenrolar da vida diária, principalmente dos habitantes dos centros urbanos, que aliás, é o cenário em que nossa problemática de pesquisa se enquadra. Eles convocam a todo momento o saber e o conhecimento, na relação direta entre a estética e a ética da vida ordinária. As teorias, os conceitos, as opiniões e as orientações do pensamento perante a *mass media* também nasceram diversos, o que Umberto Eco (2001) se propõe a analisar pelos conceitos de apocalípticos e integrados. Sua principal contribuição, a nosso ver, é a de que esta distinção

fundamental entre pontos-de-vista “bons” e “maus” dessa nova realidade a que os sujeitos passavam a vivenciar com mais facilidade, diziam respeito aos problemas apresentados nos estudos culturais, marcados pelas seguintes das correntes de pensamento: Escola de Frankfurt, *Ècolle dos Annales* e Estudos Culturais.

[J]á que a televisão, o jornal, o rádio, o cinema e a estória em quadrinhos, o romance popular e o Reader's Digest agora colocam os bens culturais à disposição de todos, tornando leve e agradável a absorção das noções e a recepção de informações, estamos vivendo numa época de alargamento da área cultural, onde finalmente se realiza, a nível amplo, com o concurso dos melhores, a circulação de uma arte e de uma cultura "popular". Para o integrado, não existe o problema de essa cultura sair de baixo ou vir confeccionada de cima para consumidores indefesos. Mesmo porque, se os apocalípticos sobrevivem confeccionando teorias sobre a decadência, os integrados raramente teorizam e assim, mais facilmente, operam, produzem, emitem as suas mensagens cotidianamente a todos os níveis. O Apocalipse é uma obsessão do *dissenter*, a integração é a realidade concreta dos que *não dissentem*. A imagem do Apocalipse ressalta dos textos *sobre* cultura de massa; a imagem da integração emerge da leitura dos textos *da* cultura de massa. Mas até que ponto não nos encontramos ante duas faces de um mesmo problema, e não representarão estes textos apocalípticos o mais sofisticado produto oferecido ao consumo de massa? Então a fórmula "Apocalípticos e Integrados" não sugeriria a oposição entre duas atitudes (e os dois termos não teriam valor de substantivo), mas a predicação de adjetivos complementares, adaptáveis a esses mesmos produtores de uma "crítica popular da cultura popular". (ECO, 2001, p. 8)

Mas, não nos esqueçamos: Eco é incisivo ao defender a necessária superação destas clássicas dicotomias, que infelizmente, se fazem presentes até hoje, herança de uma estúpida necessidade de julgar todas as coisas, absolutamente. Para o autor, as leituras da comunicação de massa deveriam, para efetivamente contribuírem para o avanço do campo, se “descongestionarem”⁹. Ele defende, em suma, que os problemas da hegemonia cultural em contraposição às aberturas democráticas proporcionadas pelos modos em que o homem passou a receber e produzir comunicação, alargaram os sentidos humanos culturalmente, ao mesmo tempo em que conformaram uma sociedade extremamente distinta. O importante seria, então, analisar os diversos pontos-de-vista perante estas verdadeiras mudanças sócio-culturais (a que o capitalismo, o desenvolvimento, a indústria e a técnica se prestam) como as diversas faces de um mesmo cristal. Segundo Morin, em sua antropolítica,

[a] política do homem e a política de civilização devem convergir para os problemas vitais do planeta. A nave espacial Terra é impulsionada por

⁹ Como esclarece Rocha (2009), “[u]m antigo texto, mas ainda um clássico para as teorias da comunicação, escrito por Umberto Eco (1979), e tantas vezes adotado de modo equivocado ou quase mesmo na contramão da linha interpretativa proposta pelo autor, já nos alertava, corroborando, desde pontos de vista outros, a algumas das proposições morinianas, para a necessária compreensão da chamada cultura de massa em acepções descongestionadas que a considerem, inclusive, anticultural em relação à cultura dita ilustrada”.

quatro motores associados e ao mesmo incontrolados: ciência, técnica, indústria, capitalismo (lucro). O problema é estabelecer um controle sobre tais motores: os poderes da ciência, da técnica, da indústria devem ser controlados pela ética, que não pode impor seu controle senão através da política; a economia deve não apenas ser regulada, mas tornar-se plural, comportando consórcios, associações, cooperativas, trocas de serviço. (MORIN, 2005, p. 361)

Resta-nos perguntar se teríamos adentrado uma nova civilização antropológica com a já histórica consolidação da “civilização de massa” e se, atualmente, com as culturas midiáticas e digitais, assistiríamos a uma notável radicalização ou mutação de tais processos de pensamento.

Diante destas preocupações recentes e em frenética modificação, nosso objetivo, portanto, pretende colocar no centro das preocupações políticas o universo comunicacional, este que cada vez mais invade todas as esferas da existência. Resta-nos, deste modo, não adotar exclusivamente uma visão denunciadora, encarando o desafio de apontar caminhos, soluções possíveis para que se alcance uma sadia equação entre as possibilidades emancipadoras abertas a nossa espécie, como aquelas que pouco a pouco foram sendo forjadas na apropriação e nos usos de meios descentralizados como a internet, e a idéia de morte coletiva, de atrofia do pensamento e do próprio conceito de cidadania. Enquanto isso, não podemos nos deixar calar: a máquina de guerra segue numa contínua hipertrofia de suas estruturas, uma vez acionado o quadrimotor planetário. Frente a estes verdadeiros paradoxos da humanidade, nos desterritorializamos a partir do cenário brasileiro, pois diferentemente de outras realidades latino-americanas onde a sensibilidade comunicacional levou ao fortalecimento de uma atuação mais visivelmente política, lidamos ainda com brasileiros muito pouco educados para tal ação, algo que consideramos um de nossos grandes problemas, resquícios de uma sociedade comandada pelos herdeiros da ditadura. Situada a nossa pesquisa num cenário urbano avassalador, acreditamos, não por mera credence, mas pelas evidências empíricas advindas de experiências como a citada Campus Party, por exemplo, que

“[o]s humanos comunicam-se por necessidade, pela mais absoluta necessidade de sobrevivência psíquica. Precisam crer e, mais ainda, precisam de fato realizar uma apreensão do mundo e de si mesmos através de imagens e, finalmente, como que para suportar sua insignificância, precisam crer na materialidade de suas representações. Precisam, finalmente, acreditar que tais imagens são mundo. Este real de imagens dilata-lhes a existência, permite o exercício de dominação através do olhar, garante-lhes a mirada sobre a sua própria duração, ela própria ampliada, visualmente eternizada.” (ROCHA, 2004, p. 163)

Configurando um paradigma social e epistemológico capaz de destacar a condição “indisciplinada” da comunicação, a globalização proporciona, em uma derivação imprevista,

uma verdadeira maturação de conceitos sobre o funcionamento da sociedade e dos comportamentos culturais, trazendo consigo mudanças profundas no bojo social. Urbano, rural, rurbano, território, aldeia global, são conceitos que quando juntos demonstram que estamos confundindo cada vez mais as estruturas, abalando as bases complexas que antes regiam o pensamento mais cômodo, menos estriado, de antigas sociedades. Vivemos uma era das rupturas, do caos das estruturas que nós mesmos criamos, caminhando em direção ao niilismo.

O acesso, a acessibilidade, a técnica e a tecnologia (discurso da técnica) a aceleração e a nova relação humana com o tempo e o espaço, foram evidências suficientes para avançar num renovado entendimento das interações comunicacionais, de modo mais profundo e não unilateral. Assim, vemos que

[t]ematizar o mundo nestes termos é precisamente a tarefa e o significado das ciências humanas. É neste sentido, também que o debate metodológico passa a ocupar um amplo espaço nas ciências sociais de hoje, porque discutir a realidade globalizada ou mundializada como paradigma social e epistemológico passa a ser uma questão central e substantiva para desdogmatizar as ciências sociais e discutir a própria construção da ciência como discurso. (LOPES, 2000-2001, p. 55)

O que acontece hoje é que a comunicação tornou-se um dos grandes focos de reflexão contemporâneos e conquistou um crescimento representativo em matéria de produção e valorização como campo específico. Isto explicaria o intenso movimento (de disputa) em busca de determinações para tais estudos:

[t]rata-se da relação orgânica entre as ciências sociais e a comunicação na medida em que a sociedade moderna foi sendo cada vez mais plasmada nas formas da comunicação moderna. (...) Chega-se assim a definir a intensificação dos fenômenos comunicativos, a acentuação da circulação das informações não somente como um aspecto a mais da modernização, senão como o próprio centro e o sentido mesmo deste processo. É no objeto-mundo “com sentido” que as ciências humanas e a comunicação se encontram.” (LOPES, 2000-2001, p. 54-55)

Nossa autora, referência nuclear para a visão epistêmica que aqui defendemos, apresenta, ainda no artigo acima citado, algumas considerações sobre o status do campo no ano de 2000, exemplificando numericamente o ganho de força e notoriedade científica gerados pelas reflexões, pesquisas, atuações profissionais (jornalismo, publicidade, relações públicas, design, etc.) e pelo ensino da comunicação. Lopes faz questão de destacar, concomitantemente a este crescimento, o fato de mais pesquisadores e professores abraçarem o estatuto transdisciplinar da comunicação, como parte do movimento contemporâneo de reconstrução histórica das ciências sociais e humanas. Tratando-se especificamente da pós-graduação *strictu senso*, nos anos 90, o Brasil verificou um crescimento de 8 para 20 cursos

(LOPES, 2000-2001, p. 56). Em 2008, de acordo com o site oficial da Capes, eram 35 os cursos de pós-graduação reconhecidos na área. Em 2009, os números já apontavam para 49 cursos, espalhados em 36 programas de pós-graduação no Brasil¹⁰. O rápido e fecundo crescimento é inegável, sem desconsiderar o investimento político em pós-graduação no Brasil (ainda que com seus problemas de orientação institucionalizante).

Parafraseando Nestor García-Canclini, Lopes nos diz que “estudar a (cultura) comunicação requer converter-se num especialista de intersecções” (LOPES, 2000-2001, p. 51). Filosofia, ética, estética, biologia, etologia, história, política, economia, sociologia, artes, antropologia, administração, direito, economia, ciências da informação, entre outras, constituem algumas das fontes com as quais os agentes do campo da comunicação dialogam para elaborar suas bases interpretativas particulares. É importante enfatizar, como o faz a pesquisadora Maria Aparecida Baccega, em diversas publicações, que por mais que haja uma fonte receptiva, há em todo ato comunicativo também uma inclinação produtora, reformuladora, que retrabalha e constrói, assim, um discurso que lhe é próprio de alguma forma.

Pensando nesta perspectiva dupla, receptiva e produtora em toda comunic[ação] humana, é necessário apresentar, afinal, os percursos e lugares de onde buscaremos nossos objetos de estudo atuais, valendo-nos, para tanto, de uma demonstração sintética da maneira como interpretamos nossa problemática de pesquisa. Retomando algumas das orientações etnográficas que inspiram este trabalho, baseamo-nos para esta primeira etapa da dissertação na construção de uma problematização teórica-conceitual germinada a partir da própria experiência de empírica, ou de campo. Pretendemos, no intuito de demonstrar a relação entre nossa problemática de pesquisa e sua contribuição ao campo da comunicação, relacionar a materialidade empírica (para a qual nos voltamos na problematização do objeto) aos avanços inerentes ao campo do conhecimento no qual nos inserimos. Introduziremos portanto os principais operadores conceituais que nos possibilitam perceber as materialidades presentes na produção e expressão das narrativas juvenis, esfera mais sensível da “nova” civilização comunicante.

É preciso valer-se, para tal iniciativa, das teorias discursivas, a partir da idéia de que “[a] sociedade funciona no bojo de um número infíndável de discursos que se cruzam, se esbarram, se anulam, se completam” (BACCEGA, 1995, p. 52). Ponto de tangência essencial,

¹⁰Informações retiradas do site oficial da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Estes números são atualizados e estão disponíveis em: (<http://www.capes.org.br>).

o funcionamento da sociedade e suas materialidades (como vestígios desse funcionamento) nos abrem caminhos para interpretar os objetos, ou melhor, os processos comunicativos. Mais profundamente, estamos tratando de um dos principais paradigmas com o qual defrontam-se os cientistas da comunicação:

A mudança de paradigma – do estruturalismo para a AD [Análise de Discurso]– significou, na verdade, uma mudança capital: do conjunto de regras interposto entre sujeito e objeto, no estruturalismo, resultando no desaparecimento do sujeito e, portanto, da história, passou-se, na AD, à reabilitação do sujeito e da dinâmica social. Esse é o modo pelo qual a história não apenas reaparece como passa a ser indispensável para a significação, logo, para o processo de conhecimento nas ciências humanas, para o campo da comunicação. (BACCEGA, 1998, p. 99)

Comunicar-se é participar de um processo dinâmico, é fazer uso da palavra ou do signo num determinado instante, de acordo com uma subjetividade que é individual, mas que também carrega o compartilhamento em sua essência. Verificar as veias discursivas presentes na comunicação humana é perceber que as palavras não aparecem nos lugares de fala como numa função meramente estrutural ou meramente subjetiva. É na dança entre quem emite e quem recebe que a palavra, signo mais sensível das mudanças na sociedade segundo Mikhail Bakhtin, dará vistas a seus sutis movimentos, considerando também suas condições materiais de produção e recepção.

Fundamental nesta relação entre teorias da comunicação e do discurso são os singificativos conquistados a partir da constatação de que o grande arsenal comunicativo não pode ser lido somente através das estruturas às quais pertence, mas deve ser considerado na análise dos entremeios entre as estruturas, os usos, as vontades, o prazer ou horror sentidos e que envolvem um acontecimento, na complexa conexão entre ditos e não-ditos, visível e invisível. O discurso, assim, passa a ser compreendido como a materialidade (palavra, estrutura) em curso (vida cotidiana; práxis; processo). Neste sentido, os estudos discursivos têm a interdisciplinaridade como suporte teórico e a *práxis*, entre os pólos que se comunicam num processo dinâmico, inédito e cotidiano da vida, como seu lugar de busca interpretativa dos fenômenos comunicacionais.

Por isso, consideramos categorias fundamentais para os estudos do *campo da comunicação* as conquistas da análise de discurso, sobretudo as da escola francesa (Pêcheux et alii), que nos possibilitam desvelar **a materialidade da articulação das ciências sociais**, o conhecimento do percurso das apropriações ocorridas, vez que permitem revelar o *discurso* como o lugar em que linguagem e ideologia (pontos de vista, idéias, conteúdos, temáticas, etc.) se manifestam de modo articulado. (BACCEGA, 1995, p. 55)

Na obra clássica *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicada em 1929, Bakhtin construiu um verdadeiro marco teórico para o pensamento discursivo (dialético e dialógico)

praticado décadas mais tarde, sob a luz do conceito de *ideologia do cotidiano*. Frente ao estruturalismo, às teorias da expressão, ao relativismo lingüístico, ao psicologismo e ao próprio marxismo, Bakhtin aponta que “[a] ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência.” (BAKHTIN, 1988, p. 118). O signo é a unidade da consciência verbalmente constituída, caracteriza a materialidade passível de análise objetiva, um ponto de partida concreto e positivo para os estudos humanos e sociais, uma vez que

[t]odo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.* (BAKHTIN, 1988, p. 32)

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN, 1988, p. 35-36)

Uma questão importante para pesquisas do campo da comunicação é a possibilidade de abordar o material simbólico, mediados que são pelas linguagens, como um fluxo de percepção e expressão da realidade, envolvendo até as esferas mais sensíveis. Cada indivíduo nasce, cresce e morre num ambiente determinado, convivendo com determinadas pessoas, determinadas construções sociais, culturais, etc. “Cada um de nós vive e trabalha numa pequena parte da superfície da Terra, move-se num círculo restrito e, das coisas que conhece, conhece intimamente apenas umas poucas” (LIPPMAN, 1972, p. 149), ou como nos apresenta outra clássica autora, “temos como primeiro dado que nosso círculo de experiência é finito; o nosso espaço vivido é pequeno.” (BOSI, 2003, p. 114).

O discurso dos mais velhos (memória que se pretende viva), os direcionamentos imperativos dados pelos pais (tradição), os ambientes percorridos no decorrer da vida (a experiência sensorial, o caminho familiar, a escola, a igreja, entre outros valores socialmente disseminados fazem parte da confiança social que possuímos em determinados padrões valorativos do mundo. “[F]azemos muito do que fazemos por hábito, adquirido quase imperceptivelmente de nossos maiores e do nosso ambiente cultural.” (LADO, 1972, p. 149). Este modo de apreender e reproduzir, por sua vez, é alimento do discurso cotidiano e do

próprio pensamento conceitualmente formulado, uma vez que não é possível pensar conceitualmente sem fazer uso dos signos.

Mundo real e plano ideal podem, muitas vezes, ser confundidos, tamanho o entrelaçamento entre o que se percebe, o que se expressa e o que se pretende. Nossa dificuldade em distinguir padrões, estereótipos e fórmulas do caráter nativo do pensamento, faz com que, em certos sentidos, “nos tenhamos tornado, com efeito, (...), parasitas biológicos de nossa herança social”. (LIPPMANN, 1972, p. 158)

“Para o biólogo Von Uexküll, o caminho familiar é o universo dos valores vitais do organismo onde ações e reações ganham sentido.” (BOSI, 2003, p. 114) É daí que se entende a leitura do mundo como um capítulo anterior à leitura da palavra, dimensionando a idéia que se tem da realidade no papel ativo da linguagem no pensamento/conhecimento humano. “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1983, p. 11) e, por esse motivo, não se pode pretender interpretar um discurso colocando em segundo plano a percepção das relações entre o texto e contexto em questão. Nenhuma interpretação de um processo de comunicação, como produto da interação humana, pode desconsiderar a própria interação como universo analítico-interpretativo. Muito pelo contrário, deve compreendê-la, senti-la, para poder tratá-la de acordo com sua relevância e pertinência e desvelar os resquícios de sua formação.

Portanto, é preciso compreender, afinal, que a sociedade oferece a cada ser vivo seu produto definido: *a unidade linguagem-pensamento*. Sendo esta unidade, um fundamento social dado, ela é a própria constituição do pensamento individual, não descartando sua potencialidade criativa, visto que além de aprender a falar, é através da linguagem que conseguimos pensar e produzir.

Adam Schaff percorre o problema do papel ativo da linguagem na atividade intelectual e na cultura, uma vez que reconhece a atuação da linguagem sobre o comportamento dos homens. Contribuindo à problemática, Walter Lippmann aponta ser preciso, para entender o que as pessoas acham que sabem, “apreciar não só as informações de que elas dispuseram mas também as mentes através das quais as filtraram. Pois os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas, interceptam a informação no trajeto rumo à consciência.” (LIPPMANN, 1972, p. 153).

Uma vez compreendido o processo da linguagem na idéia/percepção de mundo e em sua expressão, a vida cotidiana, os valores correntes, mais do que serem formadores de opiniões ou do próprio pensamento, nos fornecem a base para uma vida sadia, em seu conjunto de interações. Isto significa que na vida de todos os dias, não há espaço para

formulações conceituais e ponderações cirúrgicas a cada vez que um ser toma para si o poder da palavra. “Na vida prática, não temos condições de transformar opinião em conhecimento: a verdade fica sendo a opinião comum.” (BOSI, 2003, p. 121-122)

O ser desenvolve-se culturalmente, sendo que cultura, aqui, é entendida, segundo Robert Lado como “sistemas estruturados de comportamento padronizado.” (LADO, 1972, p. 149). Para além das interações isoladas, age sobre o homem um conjunto de representações, de idéias formalmente constituídas e apresentadas, com os quais convive, conviveu ou ainda, até, que gostaria de conviver. Há, no meio em que se vive, uniformidades práticas. E a linguagem, como signo em uso ou em potencial de utilização, “não é só um dos elementos, mas também um dos co-criadores da cultura.” (SCHAFF, 1974, p. 268)

Estereótipos, valores, verdades, certos e errados estão plasmados nas palavras correntes e nas formas de comportamento padrão numa determinada cultura. Sua força social, compreendida na dinâmica do cotidiano, nos permite enxergar que em relação ao mundo exterior, recebemos e tendemos a colher, pela nossa cultura, o que ele nos oferece de forma estereotipada. “*Há economia nisto*. Pois a tentativa de ver todas as coisas frescamente e com detalhes, em vez de vê-las como tipos e generalidades, é exaustiva e praticamente fora de cogitações no meio da azáfama dos negócios [ou do mundo contemporâneo].” (LIPPMANN, 1972, p. 155)

Em suma, entendemos, compreendemos e nos posicionamos no mundo de acordo com os “óculos sócio-culturais” com que fomos habituados a conviver. Daí a tratarmos, finalmente, a consciência como um dos conceitos essenciais para desvelar a dinâmica do discurso, no que concerne a interação e sua principal característica: ao nos comunicarmos, somos, ao mesmo tempo, emissores e receptores e discursos social e historicamente estruturados. Bakhtin, considerando sua postura crítica frente a ciência de sua época, propõe que a consciência não está acima do ser e não é ela que o determina, mas “é, ela mesma, uma parte do ser, uma das suas forças; e é por isso que a consciência tem uma existência real e representa um papel na arena do ser.” (BAKHTIN, 1988, p. 118).

Não por acaso, tanto Freire quanto Bosi, nos apresentam a “prática consciente” como uma forma de escrever e reescrever o mundo. Atentam, ainda, para a necessária reorientação intelectual e a reestruturação da experiência passada, quando há a intenção em agir sobrelevando as estruturas padrões de consciência.

Fundamental para explicar a metodologia é, também, a adoção do conceito de problemática provisória em detrimento de outros termos como “tema de pesquisa”, “objetivo e objeto de pesquisa”, pois, numa pesquisa etnográfica, o campo dita suas leis ao pesquisador,

mostrando a ele (se atento!) suas faces e seus desdobramentos. Por esse motivo, a problemática não deve ser fixa, uma vez que é dada a abertura para novas indagações que podem surgir no próprio fazer do pesquisador. Uma ciência com consciência é também uma ciência ciente e ciosa de seu caráter processual, sempre aberta, inclusive, a correções de rota. É assim, um lugar vivo de fala, e não um cemitério de linguagens cristalizadas.

Enfim, é com tal espírito investigativo que nossa problemática se constitui na dialogia entre preocupações epistemo-metodológicas e a análise de práticas comunicacionais juvenis bastante concretas, fenomenologicamente e historicamente delimitadas, que permitem de modo particular refletir sobre o conhecimento produzido e consumido em espaços de cruzamento: nas hibridações entre esferas reais e virtuais, nas fronteiras embaralhadas pelos processos massivos e midiáticos. Buscaremos os vestígios que nos revelem, pela via das expressividades e materialidades comunicacionais, a problemática da vivência juvenil na contemporaneidade. As evidências se dão no conjunto dos diversos modos como estes distintos sujeitos a percebem e a significam.

A base empírica que deste modo fundamenta a dialogia proposta neste estudo não poderia se localizar em outra morada que não aquela à qual já vimos nos referindo ainda de modo não aprofundado: as ações juvenis que se pretende analisar serão cartografadas a partir de materialidades do discurso de Ecléa Bosi (2003), a quem anteriormente nos referimos, que elucidou com rara beleza a nuclearidade de um discurso invisibilizado no cotidiano social e midiático: as falas de nossos velhos e o que fazem falar suas preciosas memórias, como um mundo subterrâneo. Em sintonia com esta musicalidade, dirigimos nossa pesquisa a uma escuta voltada para naturezas diversas: as narrativas juvenis que, como se verá no decorrer da pesquisa, são o lócus de nossas principais investidas. O que usam e como fazem os jovens brasileiros para narrar a si próprios e ao mundo em que vivem nos servem de recurso para proceder a uma anamnese do contemporâneo¹¹. Se os velhos e seus discursos são invisibilizados por escassez, os jovens e suas narrativas (detectadas nas ruas da cidade e nas vias do ciberespaço, por exemplo) são neutralizados por excesso de exposição.

Explanados nossos fundamentos teórico epistemológicos macro e micro contextuais iniciaremos a elaboração de nossa problemática específica de pesquisa, relativa à *politicidade* juvenil observada num meio excessivo de consumo do corpo, da máquina e da própria comunicação materializada. Como nos esclarece Rose de Melo Rocha,

¹¹ Sobre este conceito e sua aplicação à investigação de narrativas juvenis tomaremos por referência os estudos de pós-doutoramento realizados por nossa orientadora, utilizando-nos, ainda, de contribuições de pesquisadores latino-americanos sobre os modos de olhar para as narratividades produzidas por segmentos juvenis.

[a] dimensão política da comunicação e do consumo que está sendo proposta não se vincula a uma postura ou à adesão a um projeto ideológico tradicional. Antes, interessa-nos exatamente auscultar a relação entre comunicação, consumo e politicidades emergentes percebendo a “tessitura comunicacional do social” (Martín-Barbero, 2000: 36). Por politicidade entendemos, na direção apontada, entre outros, por Mauro Cerbino (2002), como um “quê-fazer” que provenha da vida cotidiana, das práticas estratégicas de vinculação e participação. Segundo explica, “o corpo é elemento mediador e lugar de enunciação de uma nova politicidade, de um modo de ocupar e dar sentido ao espaço público e de construir uma cidadania cultural mais além da de direito.” (ROCHA, 2009, p. 2)

Deste modo, cabe-nos agora tratar de contextualizar, ainda num caráter teórico-epistemológico, os conceitos que nos valem atualmente para tratar de politicidades juvenis, bem como o modo como são encarados os estudos das expressividades e das condições de ser juvenil. Dando sequência ao trabalho, trazemos uma conceituação teórica do objeto que trata de esclarecer uma episteme da ciência que trata de uma existência juvenil. Trata-se de um momento importante para entender que o pensamento-base adotado sobre as juventudes deste trabalho só pode ser compreendido a partir de uma elaboração crítica acerca da ciência que se utiliza das juventudes como objeto, pois elas tratam de claras mudanças de paradigmas propriamente científicos.

2.2 O LUGAR (POLÍTICO) DAS PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO E CONSUMO JUVENIS

Me llaman el desaparecido / que cuando llega ya se ha ido / volando vengo volando voy / de prisa de prisa a rumbo perdido. / Cuando me buscan nunca estoy / cuando me encuentran yo no soy / el que está enfrente porque ya / me fui corriendo más allá. Me dicen el desaparecido / fantasma que nunca está / me dicen el desagradecido / pero esa no es la verdad / llevo en el cuerpo un dolor / que no me deja respirar / llevo en el cuerpo una condena que siempre me echa a caminar.
Manu Chao. Desaparecido.

A política se baseia no fato da pluralidade humana.
Hannah Arendt. A promessa da política.

Eu tenho mil rostos e mil nomes. Não sou ninguém e sou todos. Sou aqueles lá pra frente para trás dentro fora. Estou em toda parte não estou em lugar nenhum.
Estou presente estou ausente.
William Burroughs apud Massimo Canevacci. Culturas eXtremas.

Eu sou e não sou Timóteo Pinto. Ele é e não é você. Ele é eu, ele é você. Você e eu somos e não somos ele. Timóteo Pinto está tanto aqui, como ali. O seu corpo tem vários corpos. Timóteo Pinto possui uma estratégia, que é nenhuma estratégia. Timóteo Pinto possui uma identidade, que é nenhuma identidade.
Timóteo Pinto vive em um lugar seguro, que é nenhum lugar.
Quem sou eu. (<http://timoteopinto.blogspot.com>).

Nesta etapa de nossa argumentação dialogamos mais diretamente com questões que nos foram sugeridas por algumas observações empíricas e estudos exploratórios (como os ocorridos na cidade de Bogotá em recentes iniciativas culturais), em que objetos comunicacionais podem ser percebidos como sendo dotados de expressividades políticas, algumas não institucionalizadas. Voltamo-nos, deste modo, a uma concepção do político que em certo sentido ultrapassa limites estritos colocados pelo lugar da política tradicional, tomando como fonte de inspiração não os momentos solitários do eu “erudito” ou do sábio representante do povo, mas as concretas experiências do cotidiano, do homem comum, forjadas em seu dia-a-dia.

Empenharemo-nos em abordar, frente ao pós-moderno cenário sócio-cultural e às práticas políticas definidas acima, os **impactos da comunicação e das práticas de consumo**

verificados em um objeto bem específico: as **juventudes**. Convictos de serem eles os grupos que configuram a esfera mais sensível e mais diretamente afetada pelas mudanças e novas formas de ser no mundo globalizado e interculturalizado, trataremos de nos aprofundar nas práticas e nos discursos juvenis para desenhar concepções teóricas afinadas com politicidades decorrentes da práxis comunicacional a partir da expressão de seus desejos, medos, suas necessidades e incertezas, questões que circundam um ser juvenil que vem sendo constantemente amplificado.

Somente depois de elaborar mais profundamente os conceitos que nos contextualizam sobre “de que juventude estamos tratando?”, ter-se-á real perspectiva crítica para adentrar e compreender a esfera sensível, moral e existencial das juventudes do século XXI – universo experiencial donde a dúvida, a insatisfação e o devir se originam.

Assim, neste trabalho as subjetividades juvenis são abordadas como zona privilegiada para se pensar as perspectivas e os paradoxos vividos no mundo contemporâneo, relacionados diretamente à comunicação e ao consumo cultural. Deste modo, a subjetividade, entendida como produção da realidade psíquica, emocional e cognitiva do ser humano, e de sua capacidade de auto-gestão, aparecem como “lugar” privilegiado para abordar os impactos gerados a partir da relação dos jovens com o contemporâneo universo da comunicação e do consumo. Como nota Martín-Barbero (2008), são juventudes “cujas *sensibilidades* respondem, não só, mas basicamente, a *alternativas de socialidade* que permeiam tanto as atitudes políticas quanto as pautas morais, práticas culturais e gostos estéticos.” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 13).

Valendo-nos de bases estruturadas pelas reflexões comunicacionais contemporâneas no diálogo com teorias latino-americanas da sociologia e da antropologia, buscamos, então, coadunar um novo entendimento do que são as juventudes para um novo entendimento ético-político. Num primeiro momento, voltamo-nos a demonstrar a origem da ideia de juventude, seus problemas intrínsecos e o modo como pretendemos observar as práticas juvenis, dada a desconstrução e a desmistificação de uma possível idéia homogênea que se tenha sobre esta moderna ideia de sujeito e suas implicações socioculturais. Posteriormente, trataremos de localizar as narrativas juvenis como sendo portadoras e portavozes de sensíveis expressividades políticas.

2.2.1 Estudo das juventudes para um novo entendimento ético-político¹²

Assim como a própria ciência humana enfrenta um embate cultural, político e filosófico/científico por conta da acelerada transformação sofrida nas teorias e na forma de vida no capitalismo tardio, a questão da juventude nasce, floresce e sobrevive marcadamente como uma problemática da mesma sorte. Diante dos novos paradigmas da modernidade e da explosão e posterior reconfiguração da cultura de massas, além dos impactos da interconexão global, as práticas culturais juvenis passam a ser mesmo o terreno mais fértil donde nascem as revoluções e se qualificam supostos desvios socioculturais, como mostram, entre outras, as teorias das contra-culturas e das subculturas. Afim de compreender as evidências concretas de tal afirmativa e com o intuito de desmistificar uma categorização que normalmente se realiza a partir do reconhecimento de determinada faixa etária (principalmente em abordagens quantitativas), será preciso esclarecer os fatores sócio-culturais que permitiram a existência de uma idéia – historicamente construída – do que representa “ser jovem”. Esta necessidade de desmistificação corresponde ao abuso das palavras jovem e juventude para categorizar uma suposta “classe de idade”. Tal ideia preconcebida é impraticável em nossa análise, uma vez que consideramos, assim como Bourdieu, que “a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos.” (BOURDIEU, 1983, p. 113) O mesmo esforço de discernimento pode assim ser analisado:

Sin embargo, cuando hablamos de juventud nos referimos a un actor social que emerge en un período concreto del desarrollo histórico de Occidente: la segunda revolución industrial. Es decir, un momento crucial en el desarrollo del capitalismo industrial, el inicio de los procesos de colonización, conformación de los estados nacionales y el desarrollo de una serie de estatutos jurídicos que garantizan la ciudadanía. Es el momento de la consolidación de las ciudades como modo de vida hegemónico. (AGUILERA, 2005, p. 198)

Faz-se necessária, portanto, a recorrência a algumas constatações históricas que esclareçam sobre o nascimento e a emergência de uma zona cultural considerada própria das juventudes, essencialmente entrelaçada aos novos estágios de existência e permanência na “sociedade do consumo” ou na “sociedade da informação”. Ao falar de juventude, lidamos

¹² Por Ética, neste trabalho, compreende-se a disciplina filosófica/humana (também política) que questiona, elabora e propõe sobre a conduta moral dos indivíduos, referindo-se justamente ao conjunto de valores e padrões reconhecidos como certos ou errados, justos ou injustos, bons ou ruins, verdades ou mentiras, estabelecidos numa determinada sociedade. Sendo moral uma espécie ou um tipo de pensamento humano, a dúvida gerada pela nossa característica racional ao mesmo tempo que por nossas vontades, desejos e representações, demonstram nossa natureza dupla, confusa e questionadora, com a qual nos confrontamos a cada momento de indecisão de modo mais explícito e que, provavelmente, toda a nossa espécie se confrontou.

com uma categoria histórica não verificada em sociedades antigas, como diz Morin ao atestar que

[h]á civilizações *sociologicamente sem adolescência*. Nas sociedades arcaicas, os mecanismos sociais da iniciação, prova ritualizada, cruel e longa em que a criança deve morrer para nascer o adulto, operam uma mutação impedindo a visão das transições psicológicas da adolescência. (MORIN, 2003, p. 137)

Mais profundamente, o período moderno – e suas significativas mudanças no que tange ao trabalho social, no papel e no prolongamento do período escolar, na família, na mídia e na cidade – acabou por alargar a idéia do viver juvenil. A relação entre consumo, mídia de massa e cultura jovem também apresenta um caminho teórico por onde não podemos deixar de adentrar, uma vez que o consumo material e simbólico são ampliados, passando a fazer parte ativa do chamado “trajeto vital” principalmente dos indivíduos das metrópoles. Uma de nossas referências para analisar os impactos de tal transformação é o trabalho capitaneado pelo colombiano José Fernando Serrano Amaya (2004), que ao analisar as idéias do trajeto vital a partir das expressividades juvenis, desenvolve uma “cartografia das tensões”, principalmente simbólicas, por serem estas “cartografias marcadas pela produção de desejos sem dúvida ocupando um lugar particular nas questões como as da relação entre a vida e a morte.” (AMAYA, 2004, p. 85). Mais especificamente, ele analisa as relações entre “o gosto e o ter” e as noções de “trânsito” e “contradição”, como as influências cristãs nas definições do maligno e sua corporeidade nestas relações. Em sua pesquisa, encontramos uma profunda pertinência com as idéias aqui desenvolvidas, pois com o tempo, em nossas pesquisas, também

las inquietudes (...) de la investigación se orientaron hacia comprender los procesos mediante los cuales construyen las subjetividades juveniles, procesos en los que surgen biografías y sentidos de lo singular muy particulares, en medio de un complejo sistema de posiciones sociales que define la reproducción social. Estos procesos se encuentran tensionados entre la sujeción y la singularización y en medio ellos creamos las nociones de lo que somos, o para ser más precisos: somos lo que somos. (AMAYA, 2004, p. 78)

No espaço urbano e global, comunicativo e criativo, “[o] jovem *teenager* afirma-se com prepotência na comunicação metropolitana e midiática do Ocidente, particularmente por meio de sua visibilidade musical e filmica.” (CANEVACCI, 2005, p. 20-21)¹³. Não são

¹³ Para mim, uma jovem brasileira nascida em 1984, é impossível não lembrar de um trecho de música da *boy-band* brasileira Polegar, uma referência de produto voltado aos adolescentes do final dos anos 80 e auge dos 90: “Sou como sou, aonde vou, eu acho a minha saída / Sou como sou, e seguirei, a vida é pra ser vivida / Sou como sou, e viver é a melhor pedida, sou como sou.”. Justamente o vocalista da banda já vivenciou muitos casos com

poucos os exemplos de produtos culturais massivos que abordaram, desde o início do cinema, por exemplo, o jovem como possuidor de uma cultura própria, associada à rebeldia, à ideologia e ao consumo cultural – o jazz, o rock, o jeans, as artes, as festas de estudantes etc. Massimo Canevacci (2005) retrata, por exemplo, o filme de 1927 *The jazz singer* [O cantor de jazz], dirigido por Alan Crosland, que conta a história complicada e nebulosa de um jovem perseguindo uma vida boa. Contrariando a vontade dos pais, Al Jonson quer ser cantor e por isto, é expulso da casa dos pais, disfarça-se de negro e vê sua mãe morrer de desgosto. Outro exemplo, este extremamente recorrente nos estudos sobre juventudes, refere-se ao clássico de 1954, *Rebels without a cause*, dirigido por Nicholas Ray, e curiosamente traduzido como *Juventude transviada* em alguns países, inclusive no Brasil. O último exemplo, mais contemporâneo, traz à discussão as mortes de jovens causadas pelos tumultos que circundam o fanatismo por certos produtos adolescentes mundializados, como *Rebeldes*¹⁴, *High School Musical* e *Jonas Brothers* – referentes simbólicos essenciais do cotidiano juvenil. Sobre os novos saberes mediatizados, Canevacci conclui que:

Dessa forma se especifica o conceito de democracia visual (e daquela que será chamada indústria cultural): o espectador é instado a identificar-se com o filho inovador e contra o pai autoritário e passadista: isto é, *a favor* do cinema sonoro e da nova mídia, *contra* a música tradicional pré- e antimídia. (CANEVACCI, 2005, p. 21)

Antes de falar propriamente das imbricações mediáticas no cotidiano juvenil e do papel dos jovens como ator social, ressaltamos uma última observação sobre o mundo do trabalho e suas implicações. Na outra ponta do espaço do trabalho, do labor, está a febril atividade do consumo (freqüentemente vulgarizada). No entanto, tratam-se mesmo de duas diferentes atividades da mesma dinâmica, em um de seus braços hegemônica, orientadora das corporeidades, mesmo sabendo que estas se dissolvem aceleradamente. Há, sem dúvida, sentimentos de desconforto e crítica quando se pensa nas dimensões excludentes do consumo, na posse, na condição de classe que estabelece certas possibilidades de acesso desigual. O cruel e desumano mercado de trabalho, acaba por incitar nos jovens uma única saída – a de trabalhar com o que gosta e, para isso, há hoje uma vastíssima gama de opções profissionalizantes. Podemos dizer que temos hoje uma gama de jovens já em fase de “maturação” que conviveram com um conhecimento tecno-comunicacional e disso fizeram

drogas, roubo, noticiado, é claro, como reflexo de um jovem que começou a trabalhar muito cedo. E o que são os patéticos concursos de pequenas Misses? O que a própria sociedade vem exigindo das crianças comuns?

¹⁴ Uma referência importante sobre o assunto é a dissertação de Mestrado e alguns artigos decorrentes desta pesquisa apresentados pela pesquisadora Fernanda Elouise Budag (2008) em sua dissertação de mestrado. a ela de BUDAG, Fernanda Elouise. *Comunicação, recepção e consumo: suas inter-relações em Rebelde-RBD*. São Paulo, Dissertação de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo, 2008.

seu ganha-pão. O universo da “arte”, objeto atual de tantos questionamentos que suplicam até o abandono do termo (tamanho o espraiamento da ideia tradicional de produção artística na pós-modernidade). No mercado publicitário há um cargo de diretor de arte, assim como no cinema, na fotografia, no teatro, nos curtas e até mesmo na Internet, donde surgem também os programadores-artistas.

Lembrando as sociedades primitivas, mas considerando as atualizações de tal processo em nossa sociedade, temos que “o trabalho é uma espécie de rito de passagem que separa dolorosamente o jovem do adulto.” (CANEVACCI, 2005, p. 23), como uma espécie de momento a partir do qual o sujeito torna-se muito mais responsável perante o coletivo. Esta passagem, antes brusca, hoje é alimentada não mais somente pelos jovens indígenas, por exemplo, mas sim por qualquer sujeito que necessita inserir-se no mercado de trabalho. Parte deste processo engloba a realidade produção-distribuição-consumo, sistema impulsionado pelo motor planetário desenvolvimentista que também implica em novos ideais para a existência pós-moderna. Acontece que o sujeito, desse modo orientado à ação, é cada vez mais responsabilizado de *per se*, ao mesmo tempo em que se sente liberto – indício de confusão generalizada. Como parte de um problema central, gerador de sensações que renunciam ao vivido,

pela primeira vez na história da humanidade, de forma tão nítida e radical, os jovens provenientes de qualquer classe (burguesa, operária e popular) são emancipados da produção agrícola ou industrial e podem atirar-se ao consumo. Do ponto de vista do sujeito político (e adulto) produtor de riqueza (ou de consciência de classe), o jovem não apenas não trabalha, mas também consome! Daqui os ressentimentos... (CANEVACCI, 2005, p. 24)

Recorrentemente, o que se verifica nas juventudes latino-americanas contemporâneas é um estado de incerteza e incompletude realizado na falta de corte claro entre o período da infância e da vida adulta, dado este alargamento de sensação juvenil. Isto resulta em uma confusa condição de existência que insufla os desejos mais infantis e condiciona a vida à realidade de um sujeito que se espera produtivo e consumidor, quanto mais, melhor. O ócio criativo de Marcusi acaba indo pelo ralo, já que esta busca circular não cessa nunca de se movimentar e não é mais possível “ficar parado”, como se estivéssemos em constante estado de êxtase. O jovem sabe reconhecer desde muito cedo o universo adulto, pois em sua experiência de consumo adolescente ele é colocado a sentir o prazer da vida, em oposição à realidade adulta e à atividade laboral, estas sentidas com sofrimento e dor para a maioria dos jovens sujeitos latino-americanos, desassistidos por uma lei que diz que eles não podem trabalhar legalmente, mas podem e devem consumir. Frente a uma realidade baseada na exclusão, na vulnerabilidade social, culminam grandes taxas de desemprego em países

subdesenvolvidos e o jovem, sabendo que em breve terá que jogar o jogo cruel da vida, percebe a instabilidade e a insegurança que circundam a sobrevivência:

Resultado de los cambios, el discurso emergente del mercado, con sus exigencias de productividad, competitividad y consumo, hegemoniza la escena, pero sucede que en el mercado no están todos, y, entre los que están, suele haber una fuerte diferenciación y desigualdad. Primera cuestión, si somos iguales en tanto ciudadanos – un hombre, un voto -, no lo somos en tanto consumidores. (BALARDINI, 2005, p. 60)

Esta posição “marginal” ou de margem experimentada pelos jovens, que não está nem mais cá, nem ainda lá, ganha, portanto, outro sentido quando analisada a partir de um paralelismo pertinente com as análises de atos e discursos de violência juvenil na metrópole, quando estes vêm impor suas verdades sobre o mundo de modo pouco convencional. Enquanto os primeiros sinais desta cultura começavam a se desenrolar através de movimentos de inquietação, marginalidade, e contratendência, o adolescente passava a participar da agenda pública, dotando suas causas de visibilidade social. Mais do que isto, potencialmente aberto às experimentações do novo, do desconhecido, dotado de uma mente simbolicamente alimentada, o jovem se tornou mais dinâmico, mais ágil, espiritualmente e ontologicamente modificado, constituindo muitas vezes segmentos juvenis com vontade da diferença, e da ação, com a perspectiva de realizar coisas que se podem reconhecer como inviáveis a gerações anteriores. O consumo, se é o que restringe, dialeticamente é o que permite. Seus paradoxos fundantes: as possibilidades/impossibilidades, a inclusão/exclusão, a circulação/paralisia.

Pensando criticamente as complexas dinâmicas de consumo este trabalho se orienta ao caráter subjetivo ou qualitativamente diverso que tal processo engendra nas formas de sobrevivência dos homens de hoje. Na direção da argumentação de Collin Campbell sobre a lógica do consumo analisada através de uma ontologia contemporânea, “é justificável afirmar não só que vivemos numa sociedade de consumo, ou somos socializados numa cultura de consumo, mas que a nossa, num sentido bem fundamental, é uma civilização de consumo.” (CAMPBELL, 2006, p. 64). De fato, vivencia-se a um só tempo: a ampliação da caverna de Platão - do mundo das imagens e telas; o novo estatuto da comunicação e da cultura no seio da sociedade; e a situação extática provocada pelas práticas de consumo material e simbólico, conformando inúmeras novas maneiras de saber/conhecer e de agir/ser, antes restritas às formas tradicionais de relação com o outro e com o mundo. No estado instável provocado por essa co-existência entre o universo da criança e do adulto, ser jovem acaba por demandar preenchimento de uma “sensação de vazio” provocado por um rompimento na estrutura

social, que para Morin (2003), justifica, de certo modo, a emergência de uma cultura propriamente adolescente, como na por vezes analisada busca pela identidade.

Criam-se igualmente modos de resistência para a emergência desse novo ser juvenil, que é provocativo, instigante, pensante, destruidor porque indagador, criativo e potente, realizado hoje na metáfora da rede, efêmera e volátil, constantemente mutável. Sendo a juventude o momento mais sensível dos efeitos que tal lógica comunicacional e tecnológica produzem, é possível notar que estratégias culturais adotadas pelos jovens e a eles voltadas já não fazem mais uso explícito de formas clássicas de interação. Citando Hoppenhayn, Martín-Barbero fala sobre a condição juvenil atual e sobre a maneira como a ciência e a pesquisa deve encará-la:

estamos diante de uma juventude que possui mais oportunidade de alcançar a educação e a informação, porém, muito menos acesso ao emprego e ao poder; dotada de maior aptidão para as mudanças produtivas, mas que acaba sendo, no entanto, a mais excluída desse processo; com maior afluência ao consumo simbólico, mas com forte restrição ao consumo material; com grande senso de protagonismo e autodeterminação, enquanto a vida da maioria se desenvolve na precariedade e na desmobilização; e, por fim, uma juventude mais objeto de políticas do que sujeito-ator de mudanças. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 12)

Não é à toa que hoje, exista um choque entre o conhecimento “tradicional” e o “empírico”. Em certo sentido, o espírito se modernizou, conformando sujeitos forçosamente flexíveis, em todos os âmbitos da vida, enquanto “a globalização instalou a infra-estrutura de uma sociedade mundo que ela mesma é incapaz de instaurar. Temos os alicerces mas não o edifício. Temos o hardware e não o software.” (MORIN, 2005, p. 355) Rossana Reguillo, referência teórico-epistemológica fundamental para pesquisas sobre culturas juvenis, nos localiza:

Para el historiador E. Hobsbawn, la cultura juvenil se convirtió en la matriz de la revolución cultural del siglo XX, visible en los comportamientos y costumbres, pero sobre todo en el modo de disponer del ocio, que pasaron a configurar cada vez más el ambiente que respiraban los hombres y mujeres urbanos (REGUILLO, 2000, p. 24-25)

Identifica-se, portanto, as décadas de 50 e 60 como berço histórico dessa formação juvenil complexa e tantas vezes percebida a partir de recursos estereotípicos. Mesmo considerando a hegemonia dos mecanismos de produção-circulação-consumo de bens simbólicos, percebemos, por outro lado, que foi no seio da cultura de massas que a manifestação juvenil encontrou material e ferramenta para dar vazão ao que sentiam frente a tantas mudanças nas condições capitalistas de existência e permanência. Passaram a tentar reivindicar a prática de uma concepção que não dissocie trabalho e lazer. Contrariamente a

uma posição conteudista, é no poder mágico dos produtos culturais e midiáticos que reside o fator capacitado para encantar os sujeitos. Algumas atitudes nas quais especialmente apostamos para abordar neste trabalho, são muitas vezes incompreendidas e radicais, pois possuem uma ambivalente relação com o próprio sistema, afinal, “no mundo dos ‘seres-grifes’, quem devora quem?” (ROCHA, 2004, p. 160). Não há, neste sentido, uma completa negação sociocultural, como se pode supor. O que há, sem dúvida, é uma reformulação, uma releitura, uma nova moral juvenil, pós-moderna, tecno-científica, capaz de comportar os novos modos de sentir e de ser.

Segundo Martín-Barbero, foi a partir de meados dos anos 80, quando ocorreu o assassinato do Ministro da Justiça da Colômbia por dois adolescentes em uma moto, que o jovem começou a ser encarado como ator social relevante naquele país¹⁵. Este exemplo é apenas uma das evidências que podemos coletar para concluir entende-se que “a “pré-história” da cultura juvenil moderna começa nos bandos marginais de adolescentes.” (MORIN, 2003, p. 138)

Com o advento da TV e do rádio, é inegável constatar que informação e o conhecimento começaram a chegar às pessoas comuns em pouquíssimo tempo, sob a forma de publicidade, de jornal televisivo, de programa de auditório ou de telenovela, sem falar na Internet e no celular, meios mais atuais. Especificamente aonde a educação formal e a política tradicional não chegavam, na vida das maiorias sociais e das minorias étnicas, os meios de comunicação de massa se fizeram presentes:

Depois da década perdida para a América Latina que foi a dos anos 1980, durante a qual os Estados cederam o controle da economia material e simbólica às empresas, está claro aonde a privatização sem limites conduz: descapitalização nacional, subconsumo das maiorias, desemprego, empobrecimento da oferta cultural. Só através da reconquista criativa dos espaços públicos, do interesse pelo público, o consumo poderá ser um lugar de valor cognitivo, útil para pensar e agir significativa e renovadamente na vida social. Vincular o consumo com a cidadania requer ensaiar um reposicionamento do mercado na sociedade, tentar a reconquista imaginativa dos espaços públicos, do interesse pelo público. (CANCLINI, 2006, p. 72)

Em tal cenário as políticas de ensino podem ser percebidas como formas institucionalizadas de aprendizado e de formação de conhecimento para que as pessoas (sobretudo os jovens e as crianças) enfrentem o mundo, ampliando, mas, muitas vezes

¹⁵ Sobre a visibilidade social do jovem colombiano, “foi então que o país pareceu se dar conta da presença, entre nós, de um novo ator social: o jovem, que começou a ser protagonista em manchetes e editoriais de jornais, em novelas e outros programas de televisão, transformando-se, inclusive, em *objeto* de pesquisa.” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 11)

impondo, determinados códigos de ética, de conduta, cada vez mais subjetivos, uma vez que produtivos:

Con excepciones, el Estado, la familia, la escuela, siguen pensando a la juventud como una categoría de tránsito, como una etapa de preparación para lo que sí vale; la juventud como futuro, valorada por lo que será o dejará de ser.

Mientras que para los jóvenes, el mundo está anclado en el presente, situación que ha sido finalmente captada por el mercado. (REGUILLO, 2000, p. 28)

É neste sentido que Martín-Barbero identifica os seguintes processos que hoje nos desafiam: 1-) os possíveis modos de sobrevivência das culturas tradicionais; 2- as aceleradas transformações das culturas urbanas; 3- os novos modos de se estar junto; 4- as relações entre o sistema educativo e o ambiente educativo difuso e descentralizado em que estamos imersos.

Para o autor, o fundamental é entender

a função constitutiva que a comunicação desempenha na estrutura do processo cultural, pois as culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras e esse comunicar-se comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos. (...) *não é possível ser fiel a uma cultura sem transformá-la*, sem assumir os conflitos que toda comunicação profunda envolve. (MARTÍN-BARBERO, 2005, p. 68)

Para Bordieu, “[q]uando o “sentido dos limites” se perde, vê-se aparecer os conflitos a respeito dos limites de idade, dos limites entre as idades, que têm como objeto de disputa a transmissão do poder e dos privilégios entre as gerações.” (BOURDIEU, 1983, p. 121). Alternativa, portanto, é o que se procura, tanto no que tange à sociedade no sentido mais amplo, quanto às experiências singulares. Importa viver a vida, ideal altamente coerente à insegurança social. Conflito, crise, destruição, choque, caos – são palavras bem apropriadas para retratar o presente (o 11 de setembro), encontrando tais evidências no próprio ecossistema mediatizado em que estamos imersos. Percebendo a realidade latino-americana em sua relação com as questões globais de reterritorialização engendradas pelas novas tecnologias da comunicação, verifica-se no estudo das inter-relações culturais juvenis uma preocupação latente de localizar a cultura como uma questão da coletividade, como aponta Martín-Barbero ao falar em comunicação plural. Para o autor,

comunicação plural, significa, na América Latina, o desafio de assumir a heterogeneidade como um valor articulável à construção de um novo tecido coletivo, de novas formas de solidariedade, pois, enquanto nos países centrais o elogio da diferença tende a significar a dissolução da sociabilidade, na América Latina, como afirma N. Lechner, “a heterogeneidade só produzirá dinâmica social ligada a alguma noção de comunidade. (MARTÍN-BARBERO, 2005, p. 73)

Atentos ao crescente interesse acadêmico pelos estudos voltados a uma condição juvenil desde a segunda metade do século XX, notam-se uma série de implicações que contribuem para uma suposta estigmatização perigosa acerca da figura adolescente. Esta aura juvenil se desenrola e se metamorfoseia ao sabor das opiniões e do choque com a vida adulta. Nesse movimento, o pensamento tradicional é enfrentado pelo moderno, pelo novo, dando vida ao mais recente devir juvenil.

2.2.2 Narrativas juvenis como sensíveis práticas políticas

Já evidenciamos que o estudo da comunicação humana oferece uma observação do mundo em sua plena efervescência, algo especialmente propício à análise dos afetos e das sensações concernentes à sociedade e à cultura em que vivemos hoje em dia. É possível compreender tal afirmativa, sobretudo, quando se trabalha a perspectiva das sensibilidades juvenis, pela sua característica inventiva, por vezes revolucionária e explicitamente comunicacional. “Os jovens, agora, ensinam seus pais” – tal idéia, recorrente na vida comum, reflete uma série de rupturas modernas, relativas às significativas mudanças na tradição da vida política e nos padrões de conduta adotados para agir de tal ou qual modo em nossa sociedade. Sendo assim, esta análise, que conclui o capítulo sobre as politicidades (corpos em ação), pretende evidenciar nossos principais objetivos com esta dissertação, justificando a pertinência de nossa problemática de pesquisa para nosso campo. Assim, destacamos como nortes reflexivos: I) dar luz e analisar o modo de agir dos jovens como geradores/gestores de novos valores, gostos e padrões – de novas éticas, passíveis de identificação em seus hábitos cotidianos de comunicação e consumo; e II) analisar estes valores, gostos e padrões juvenis a partir de alguns pontos-de-vista acerca de suas expressividades narrativas, relacionando o processo intersubjetivo da conduta moral (objeto de estudos da ética) às novas politicidades contemporâneas.

Uma das questões que mais desafia a pesquisa sobre os jovens é a questão das novas sensibilidades e dos novos modos de agir frente aos fluxos de mudanças sócio-culturais. Lidamos com seres que participam de uma realidade cada vez mais complexa, uma vez que difusa, cheia de possibilidades, mas também de desigualdades. Vemos que são duplamente (em sua condição concreta e afetiva/imaginativa) diferentes, não no sentido

religioso do termo, mas no sentido do pensar, do sentir e, conseqüentemente, do agir. Isto os é comum, independentemente da singularidade de cada indivíduo.

O cenário de emergência e desenvolvimento da cultura juvenil já abordado, configura uma necessidade de análise e de pesquisa que se aproxime mais da vida cotidiana dos jovens para pensar o ensino, o conhecimento e a política-consumo-comunicacional do século XXI, lendo suas práticas e discursos a partir de uma abordagem qualitativa, antropológica e de vinculação real e digital. Foi necessário em nossa pesquisa enfrentar os preconceitos e os medos que o novo e o diferente nos provocam, pois é isto o que as juventudes têm a mostrar e a narrar sobre si, sobre o outro e sobre as coisas. Parte-se da constatação de que se desenvolveram efetivamente culturas jovens, sendo que além de acompanhar o avanço da sociedade, surgem junto à cultura de massa e ganham visibilidade como categorização social, também a partir dela e de suas possibilidades contraventoras, individualizadas e coletivamente em (des)harmonia. O zapping, as mil e uma telas, a agilidade de pensamento, as memórias, os apagamentos, os tipos de envolvimento são ainda obstáculos críticos a serem ultrapassados para que se chegue a uma melhor compreensão das questões constitutivas dos sujeitos superlativamente comunicantes (ou não) com os quais nos deparamos.

Olhando para o que é sentido, criado e recriado em eventos como a Campus Party e tendo retirado parte de nossa reflexão da observação das práticas juvenis em um ambiente coletivo, altamente digitalizado, percebemos que a comunicação e o consumo cultural, sobretudo, fazem parte de uma condição contemporânea essencial para existir na atualidade. Neste sentido, o autor Colin Campbell elaborou uma análise do consumismo moderno baseada em questões propriamente metafísicas, alertando para a relação da natureza da realidade com o verdadeiro propósito da existência (questão ontológica). Para o autor, “o consumo, longe de exacerbar a “crise de identidade”, é, na verdade, a principal atividade pela qual os indivíduos geralmente resolvem esse dilema.” (CAMPBELL, 2006, p. 51). Mais profundamente, existe na esfera do consumo uma epistemologia individualista, onde o *self* passa a ser a entidade que determina a verdade, sendo esta última, permitida por via do próprio consumo, não mais apenas pelas vias tradicionais. Como diz Rose de Melo Rocha, eles querem tudo ao mesmo tempo e pra já. Em resumo,

vivemos numa cultura em que a realidade é equiparada à intensidade da experiência e, conseqüentemente, atribuída tanto à fonte de estímulo quanto àquele aspecto de nossa existência que reage a ele. Portanto, aplicando-se essa doutrina à questão da identidade e do *self*, conclui-se que é através da intensidade do sentimento que os indivíduos adquirem a confiança de que necessitam para superar sua angústia existencial e se convencerem de que

estão de fato “vizinhos”. (...) Dessa forma, enquanto o que desejo (e também o que não gosto) me ajuda a me dizer quem sou, o fato de eu desejar intensamente ajuda a me convencer de que realmente existo. (CAMPBELL, 2006, p. 57)

O que acontece com as pessoas diante das possibilidades comunicativas, sobretudo com os jovens, na sociedade de hoje? Será que seus desejos, suas vontades, seus medos não devam ser considerados de uma maneira mais próxima e até subjetiva, sensitiva, para pensar a política, a economia, a educação, a cultura e a globalização, ao verificar como se comunicam com o mundo? Como eles reagem a partir destas novas formas de ser, de existir mesmo, que transformaram a experiência do vivido em experiência de comunicação e também de consumo da mesma? Estas são as questões de fundo que nos permitirão selecionar algumas ações juvenis a partir de sua capacidade de oferecer respostas possíveis.

Como já evidenciamos, as juventudes permitem entrar em contato com um espírito propriamente novo que está sendo fomentado, difundido e ampliado por todas as esferas que envolvem a comunicação humana: política, teórica, econômica, social, antropológica, filosófica, etc. O efeito Bill Gates e Steve Jobs, por exemplo, legitima um modelo ideal de expectativa e de orientação na vida dos jovens que rapidamente se difundiu. Isto fez dos “nativos digitais” rápidos, idealistas, e conectados, além de “antenados”. Seus pontos de conexão com o mundo foram habilitados desde cedo e eles passeiam com destreza, inquietação e fome de saber e conhecer, uma vez inseridos neste novo cenário construído pelo “ecossistema comunicacional”.

Canevacci, quando descreve suas análises sobre a dilatação juvenil no pós-moderno planeta, conclui que o sujeito pós-moderno sente-se como uma entidade:

Entidade está além de qualquer faixa etária possível, além do dualismo macho-fêmea, jovem-velho, público-privado, individual-coletivo, Estado-sociedade. Entidade dilui como potência do espectralizador as fixações binárias até dissolvê-las no ar, aliás, no espaço: no *ciberespaço*. Entidade é o além-orgânico-inorgânico. Desvinculado de qualquer resíduo místico-arcaico, agora entidade se configura e configura novas espacialidades pós-corporais que comunicam e, portanto, existem através de canais invasivos. Com entidade é totalmente inútil perguntar se aquilo que era um sujeito agora é um site, um grupo de amigos, a seção de um indivíduo, um coletivo estudantil, uma tribo metropolitana, uma multinacional glocal. Se entramos na *entidade*, ela/e/es ri de quem continua utilizando distinções úteis no passado, mesmo que de um passado, diga-se de passagem, recente, do passado industrial; não há nada de natural no modo de ser, sentir-se, classificar-se como “jovem”. Quem entrou na entidade compreendeu que é somente artificial, é uma autoconstrução relacional e híbrida. Contra os homologadores de signos (Baudrillard) ou os temerosos da velocidade (Virilio), as novas formas de autopercepção e de multicomunicação libertam das opressões modernistas embasadas na divisão do trabalho, sexo, idade,

raça e ainda de espaço-tempo: em suma, do político. (CANEVACCI, 2005, p. 38-39)

Convictos de que as juventudes configuram a esfera mais sensível e mais afetada pelas mudanças e novas formas de ser no mundo globalizado e interculturalizado, bem como o declínio dos valores tradicionais, trataremos de nos aprofundar nas práticas e nos discursos juvenis para desenhar políticas comunicacionais e culturais que dêem conta de necessidades juvenis. Para tanto, como nos adverte Rossana Reguillo Cruz, leremos suas ações como formas de **atuação política não institucionalizadas**, e não somente como atitudes mais ou menos inofensivas de um bando de desocupados. Tal reconhecimento, implica em novas concepções de ações políticas possíveis, não apenas através da visão tradicional e institucionalizada, mas talvez de uma política diferente que se inter-relacione, de fato, com as novas configurações de espaço público.

Mesmo que muitos pensadores ainda considerem os jovens de forma estigmatizada como seres em transição – da infância para a vida adulta – encarando-os tradicionalmente como sujeitos de direitos estabelecidos (e contraditórios, diga-se de passagem), enxergamos, nos jovens, atores sociais primordiais para a compreensão da pós-modernidade. Através de seus modos de agir e estar juntos, podemos pensar estas novas formas de ação política no espaço urbano, semeadoras de condições reais de maior igualdade simbólica, mas onde as diferenças possam conviver pacificamente, como nas grandes redes. Em suma, como esclarece a pensadora mexicana,

[l]as impugnaciones que los jóvenes le plantean a la sociedad están ahí, con sus fortalezas y debilidades, con sus contradicciones y sus desarticulaciones. Las culturas juveniles actúan como expresión que codifica, a través de símbolos y lenguajes diversos, la esperanza y el miedo. En su configuración, en sus estrategias, en sus formas de interacción comunicativa, en sus percepciones del mundo hay un texto social que espera ser descifrado: el de **una política con minúsculas que haga del mundo, de la localidad, del futuro y del día, un mejor lugar para vivir**. (REGUILLO, 2000)

O fundamental em nossa problemática de pesquisa, portanto, reside justamente na compressão de algumas ações extremamente sensíveis a esta realidade político-cultural com a qual nos deparamos, sem adotar uma impressão homogeneizante de tais ações, mas destacando seu engajamento em novas orientações políticas que não a tradicional, como produto de um devir humanitário. Por conta dos efeitos e dos afetos que os processos observados em nossa pesquisa provocaram, não é possível deixar de destacar que as ações verdadeiramente políticas, são aquelas relacionadas a alguma grandeza de alma de seu agente perante os outros que o cercam. Neste sentido, constata-se que as politicidades juvenis nos apresentam novas estratégias e táticas de viabilização para fins e objetivos partilhados por

uma espécie de espírito ou de ética da cultura juvenil, mesmo considerando as perspectivas que abordam o hedonismo e o individualismo como males da sociedade.

A fim de esclarecer melhor a relação entre ética e uma nova concepção de política, enfatiza-se que a conduta, a fala ou a expressividade das juventudes encontram modos muito próprios e recentes de se concretizar, renegando as vias institucionais e tradicionais como o meio para aplicá-las. Tais constatações nos levam a desenvolver uma espécie de relação fundamental entre os impulsos éticos que determinam algumas vontades e desejos comuns nestes jovens tão plurais e nos modos como percebem a realidade. De modo combinado, os impulsos e as indagações éticas, junto às novas sensibilidades juvenis, constituem a episteme própria das juventudes de que trata o pensador chileno Oscar Aguilera (2008), em sua tese de doutorado sobre a cultura política e a política das culturas juvenis no Chile:

las nuevas modalidades de agrupación y participación juvenil no están circunscritas sólo a tribus urbanas, sino que se encuentran presentes en términos empíricos y discursivos (sentidos de la acción) en gran parte de las prácticas juveniles. Desde esta perspectiva, las prácticas juveniles estarían constituyendo su propia episteme, su propio estilo de pensar (Douglas 1998), lo que también nos distancia de otra deriva de pensamiento progresista que intenta ver en las prácticas juveniles la nueva modalidad histórica de construcción del sujeto político, pero sin mayores evidencias empíricas y más bien acomodando discursos y conceptualizaciones pre-construidas a las contingencias nacionales que involucran a los y las jóvenes, reproduciendo una mirada adultocéntrica que no sólo es tributaria de los sectores más conservadores de la sociedad sino que también se hace parte de aquellos catalogados como progresistas (Salazar 2008), reproduciendo la imagen de la juventud como amenaza o como promesa sin posibilidades de pensar y ubicar en toda su complejidad los fenómenos que los involucran. (AGUILERA, 2008, p. 334-335)

É preciso admitir que, uma vez dado o acesso à informação e ao conhecimento aos jovens modernos, seu potencial criativo, imaginativo e desejante é estimulado. Pressupõe-se que eles já possuem outros meios para se expressar e para fazer (re)soar seus anseios (em maior ou menos escala de acesso), fortemente marcados pela recusa da sociedade sob algum aspecto. A seu modo, pode-se dizer mesmo que “eles constroem ou intentam construir uma nova forma de fazer política” (AGUILERA, 2005, p. 201-202).

Entendeu-se com a pesquisa que eles têm o que dizer, em atos, em gestos, em brincadeiras, em cenas, em berros guturais, etc., pois seu fazer é safo e ardiloso, uma vez dotado de aberturas comunicativas das mais diversas espécies, como a moda, a música, as telas, a Índia da tele-novela e as drogas. Estimulados pela esfera digital, a fala de muitos ganha vida em ciberespaços, seguindo uma lógica hipertextual fluida e de impossível

mapeamento a não ser através de sistemas (como faz o Google). Quem vive o mundo real, há de pensar nessa reflexão. Ela é valiosa e reveladora da relação que o jovem tem com a comunicação, de sua capacidade para perceber e lidar com a hibridização cultural, e da centralidade da cultura/educação no modo como se configuram seu mais profundo devir, constituindo sujeitos de novos saberes e fazeres tecnológicos – em forma, conteúdo e fruição.

Efetivamente, vivemos num mundo de novos sujeitos, pois estes

percebem e assumem a relação social como uma experiência que passa fortemente pela sensibilidade – que é, em muitos sentidos, sua corporeidade – e por meio da qual alguns jovens, que falam muito pouco com os adultos, acabam lhes *dizendo* muitas coisas. Os jovens nos falam hoje através de *outros idiomas*: dos rituais de vestir-se, tatuar-se, adornar-se e, também, do emagrecer para se adequar aos modelos de corpo que lhes propõe a sociedade, pela moda e a publicidade. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 21)

Hoje, considerar o outro ao ponderar nossas ações configura um dos maiores desafios éticos e políticos da humanidade, no que tange o enfrentamento e a convivência com as alteridades globais e locais, ao mesmo tempo em que verifica-se a hegemonia da cultura e da dominação política ocidental, refletindo o impacto da culturalização da ação moral e da desvalorização das políticas de progresso, exclusão, guerra e “livre” mercado, processos que vêm destituindo os valores tradicionais e abrindo espaços a muitos outros valores. Pode-se dizer, até, que nos aproximamos de nossa natureza dupla e confusa por conta da vontade de poder que o *homo sapiens demens* aplicou nesta sociedade que historicamente conhecemos. Com a ampliação das possibilidades de ação moral, fomentadas pela comunicação, pela informação, os seres tornaram-se potencialmente imaginativos, mesmo que fortemente necessitados de participar da ordem que rege o planeta.

Lidamos dia-a-dia com determinados códigos e padrões de conduta que, moldados a partir da ciência dessa capacidade de poder agir, atribuem mais do que valores, mas sim os valores pelos quais um corpo de indivíduos deve manter e preservar. O problema central para nossa análise é que hoje, estes códigos e padrões estão intimamente ligados à atividade política, que “diz respeito à coexistência e associação de homens *diferentes*. Os homens se organizam politicamente segundo certos atributos comuns essenciais, existentes em, ou abstraídos de, um absoluto caos de diferenças.” (ARENDDT, 2008, p. 145)

Atualmente, as expressões, os gostos musicais, a interação no ciberespaço e suas redes (blogs, flogs, twitters), as roupas, os cabelos, as tribos, enfim, as ações dotadas de expressividades políticas que hoje roubam a cena cultural da comunicação/informação, mesmo aparentemente banais, sugerem uma grande inclinação mundial de cunho ético, que acabou por devolver aos locais públicos, às novas Ágoras, aos coletivos e principalmente à

cultura os verdadeiros lugares possíveis de cidadania, da expressividade, da ação consciente e da preocupação com o planeta. Passamos por um momento em que, considerando a relação existente entre tradição e o senso comum, verifica-se no cotidiano juvenil (e também em outros cenários) que “o senso comum opera principalmente na esfera da moral, e é essa esfera que deve sofrer quando o senso comum e seus juízos triviais já não funcionam, já não fazem sentido.” (ARENDDT, 2008, p. 87) O descrédito à política tradicional é evidente, sobretudo, para os jovens. Na abertura da Campus Party, momento de solenidade que contava com membros políticos e relacionados à organização do evento, os discursos de representantes políticos foram vaiados veementemente, sem motivo aparente. Ao contrário do êxtase provocado na platéia pelo discurso do convidado de honra Tim Berners Lee, criador da World Wide Web (WWW), a grosso modo, a linguagem pela qual as informações hoje estão estruturadas na Internet. Este exemplo evidencia que, no mesmo planeta onde impera a descrença numa mundialização política / plural, deposita-se esperança em novas idéias, novas possibilidades, por mais paradigmáticas que estas ações sejam na práxis.

[H]á um princípio de esperança naquilo que Marx chamava de homem genético: lembremos que as células-mãe, capazes de regenerar a humanidade, estão presentes em toda parte, em todo ser humano e em todas as sociedades e que se trata de saber como estimulá-las. (MORIN, 2005, p. 366)

Morin propõe um conjunto de princípios na intenção de oferecer um caminho possível para um processo de mundialização da cultura plural, por vias do que chama de antropolítica (política da humanidade em escala planetária) e de política da civilização. Sem fechar os olhos aos problemas a que todos assistimos confortavelmente através dos meios de comunicação de massa, e tantos outros que não fazem parte da agenda midiática, para pensar numa política em tais linhas, o autor se desfaz da idéia de desenvolvimento, conceito-chave do projeto político dominante do período moderno até hoje. Um dos motivos de tal posicionamento teórico-conceitual está situado no fato de que o “desenvolvimento ignora aquilo que não é calculável nem mensurável, isto é, a vida, o sofrimento, a alegria, o amor.” (MORIN, 2005, p. 357). Podemos enxergar o papel moral e a necessidade de uma política que delimite os poderes da livre deliberação na máxima “*Cogito ergo sum*”, desenvolvida pelo pai da filosofia moderna - Descartes (1596-1650) – que consagrou e colaborou com o racionalismo, uma das bases da ideologia dominante da modernidade, do iluminismo, do utilitarismo e das correntes que enaltecem a razão humana como bem superior da espécie. Os desejos, as sensações, tidas como uma parte de natureza menor, no sentido de menos nobre do ser humano. Assim sendo, as características sensíveis, desde a filosofia grega clássica, foram

negligenciados em detrimento de uma sabedoria conquistada por via da racionalização da realidade, do maior ganho e da existência de uma idéia perfeita das coisas do mundo proposta por Platão, que consagrou a transcendência das idéias verdadeiras, tirando da capacidade ativa do homem seu poder político inerente.

Em outras palavras, justificando esta abordagem, que pretende investigar questões metafísicas, provocadas pela erupção do pensamento tipicamente juvenil no século XX e de suas comunidades emocionais (MAFFESOLI, 1987), vislumbra-se adentrar a esfera de um devir juvenil pós-moderno, por via das subjetividades juvenis contemporâneas expressas politicamente. E nossa análise ética considera as revoluções, o racionalismo e a realidade material das tecnologias, como a porta para um mundo de possibilidades, gerando outros tipos de dúvidas morais, conformando cógitos jamais antes vivenciados. É sobre estes cógitos essencialmente subjetivos que vamos nos voltar. Sobre o desenvolvimento e a ampliação destes novos conflitos existenciais promovidos pelos movimentos civilizatórios.

Por fim, uma visão humanitária, não humanista, será aqui construída ao perseguir o invisível, o pensamento moral ou a dúvida concernente à cultura globalizada das juventudes contemporâneas. Em um belíssimo artigo sobre sua concepção de política orientada a idéia da mundialização verdadeiramente plural, Edgar Morin parte do princípio de que a mudança pressupõe um rompimento com a idéia de desenvolvimento (progresso). Mesmo encarando a realidade desigual de nossa civilização, ele deposita confiança numa perspectiva esperançosa para com as desigualdades e a falta de consciência prática de uma política da humanidade, denominada antropolítica. Assim como Morin, verificamos e pretendemos analisar, portanto, determinadas ações de comunic(ação) políticas juvenis que expressam uma clara tendência humana a condutas que valorizem o ser planetário e que, portanto, denotam uma orientação à regeneração do modo como vivemos. Neste sentido, as palavras de Morin esclarecem o espírito investigativo deste trabalho, como um todo, por se colocar defronte objetos invisíveis a partir de dados verificados empiricamente, como a conduta/ação moral destes jovens indicativas de rupturas nos modos de existir e de fazer política:

É possível, portanto, manter a esperança na desesperança. Acrescentemos a isso o apelo à vontade em face da grandeza do desafio. Embora quase ninguém ainda tenha consciência, nunca houve uma causa tão grande, tão nobre, tão necessária quanto a causa da humanidade para, ao mesmo tempo e inseparavelmente, sobreviver e humanizar-se. (MORIN, 2005, p. 366)

3 CORPOS CONECTADOS - SOBRE AS TECNICIDADES JUVENIS

A <racionalização> progressiva da sociedade depende da institucionalização do progresso científico e técnico. Na medida em que a técnica e a ciência pervadem as esferas institucionais da sociedade e transformam assim as próprias instituições, desmoronam-se as antigas legitimações. A secularização e o <desencantamento> das cosmovisões orientadoras da acção, da tradição cultural no seu conjunto, é o reverso de uma <racionalidade> crescente da acção social.

[...] <O a priori tecnológico é um a priori político na medida em que a transformação da natureza tem como consequência a do homem, e em que ‘as criações derivadas do homem’ brotam de uma totalidade social e a ela retornam.

[...] a forma racional da ciência e da técnica, isto é, a racionalidade materializada em sistemas de acção racional teleológica acaba por constituir uma forma de vida, uma <totalidade histórica> de um mundo vital. [...] Uma zona de conflitos, em vez do virtualizado antagonismo de classes e prescindindo dos conflitos que as disparidades provocam nas margens do sistema, só pode surgir onde a sociedade tardo-capitalista tem de imunizar-se por meio da despolitização das massas da população contra a impugnação da sua ideologia tecnocrática de fundo; justamente no sistema da opinião pública administrada pelos meios de comunicação. Pois só aqui se pode garantir um ocultamento necessário ao sistema da diferença entre o progresso dos subsistemas de acção racional dirigida a fins e as mutações emancipadoras do marco institucional – entre questões técnicas e questões práticas. [...] O único potencial de protesto que, através de interesses reconhecíveis, se dirige para as zonas de conflito surge principalmente entre determinados grupos de estudantes. [...] Jürgen Habermas. Técnica e Ciência como “Ideologia”.

Durante séculos, fizeram-se esforços encarniçados para convencer as pessoas de que não tinham corpo (embora, por outro lado, nunca se tenha convencido muito disso); hoje teima-se sistematicamente em convencê-las do próprio corpo. [...] São inseparáveis e estabelecem por si sós a nova ética da relação ao corpo. Jean Baudrillard. A sociedade de consumo.

Em nossa trilha investigativa, apresentamos inicialmente as bases teórico-epistemológicas que nos serviram de bússola na condução argumentativa, com a investida analítica no primeiro grande conjunto de pensamentos norteadores desta pesquisa. Buscou-se fundamentalmente clarear aos leitores o modo como este trabalho está inserido no universo acadêmico, em especial, no campo da comunicação. Pretende-se agora esclarecer e refletir sobre determinado processo de contato com o mundo que inclinou esta pesquisadora a iniciar um movimento mais específico: o de formular perguntas acerca de fenômenos empiricamente verificados, observados e apreendidos a partir do contato mesmo com a realidade, aqui transformados em narrativa pela via de uma concretude humanamente expressa – uma

almejada abordagem científica. Também já foi abordada em tópicos anteriores deste estudo a problematização, de caráter político, acerca das práticas de comunicação e consumo juvenis, fonte primordial de reflexão para nos aproximarmos do objeto de estudos desta dissertação. Nossa investigação se deu a partir de certo modo de concepção e de aproximação com o fazer científico, desde a formulação dos problemas até o entrecruzamento da pesquisa empírica com uma análise crítica.

Torna-se necessário, agora, adentrar a esfera empírica que impulsionou a adesão analítica à formulação do que entendemos por politicidades juvenis. Estas, deve-se ressaltar, são percebidas como reflexo, e como linha de fuga que deriva da própria lógica da sociedade de consumo hiper-comunicativa. Assim, tendo este horizonte analítico em mente, apresentamos a construção dos aparatos metodológicos aplicados e a interpretação dos dados coletados, pois eles, em nossa acepção, são capazes de evidenciar e trazer à tona o sentido de falarmos em novas politicidades, estas mesmas que optamos por perseguir. É chegado o momento de representar fenômenos oriundos da experiência etnográfica aplicada. Por meio de uma narrativa que pretende trabalhar as diversas vozes mobilizadas e aferidas, trataremos os acontecimentos, assim como eles o são: de modo altamente circulante, veloz, rizomático e de movimento constante. Nesta lógica, narrá-los não se limita apenas a contar de forma objetiva e clara o que aconteceu na Campus Party, mas reportar aos leitores os fluxos dos quais derivam nossa própria narrativa, esta que se construiu numa expedição nômade pelo evento.

Deste modo, o leitor é convidado, na segunda parte desta dissertação, a também deixar-se afetar pelas experiências narradas, pelos diversos discursos, pela sua hipertextualidade essencial. Tratar-se-á neste capítulo de oferecer uma proposta de escrita que supõe estarmos diante de um lócus de observação impossível de ser apreendido por meio de um discurso linear e estanque, posto que não será composto por descrições cristalizadas de um objeto bem definido. Expusemo-nos a diversas vozes, a subjetividades pungentes, à latência febril da juventude pós-moderna e deixaremos que elas contaminem nossa narrativa. Por isso, não se assustem com uma possível sensação de confusão mental e um ar de indefinição que porventura possa ser provocado pelo trabalho, pois foi intencional a opção em representar esta sensação no modo como escolhemos descrever a pesquisa etnográfica. Queremos assumidamente preservar as arestas, colaborando para um movimento de leitura híbrido, indefinido, mantendo as brechas abertas para análises que deste trabalho possam advir. E, para tanto, parece-nos fundamental iniciar com o que nos dizem alguns de nossos autores, companheiros de viagem na elaboração de perguntas ou, antes, pistas reflexivas que nos advém desta experiência.

No *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*, Foucault (1997), ao vislumbrar práticas discursivas como método para analisar os sistemas de pensamento, delimita o ponto inicial para sua investigação sobre a “morfologia da vontade de saber”, e coloca, assim, a prática humana da comunicação como forma de conhecimento em constante transformação. Mais profundamente, Foucault esclarece que as práticas discursivas e o trabalho científico

[p]ossuem, enfim, modos de transformações específicos. Não se pode reduzir essas transformações a uma descoberta individual e precisa; e, no entanto, não se deve se contentar em caracterizá-las como uma mudança global de mentalidade, de atitude coletiva ou de estado de espírito. A transformação de uma prática discursiva está ligada a todo um conjunto, por vezes bastante complexo, de modificações que podem ser produzidas tanto fora dela (em formas de produção, em relações sociais, em instituições políticas), quanto nela (nas técnicas de determinação dos objetos, no afinamento e no ajustamento dos conceitos, no acúmulo de informação), ou ainda ao lado delas (em outras práticas discursivas). E está ligada a elas pelo modo, não de um simples resultado, mas de um efeito que detém ao mesmo tempo sua própria autonomia, e um conjunto de funções precisas em relação àquilo que a determina. (FOUCAULT, 1997, p. 12)

Neste sentido, as teorias, os conceitos e a própria tentativa de indagar uma dada realidade partem de uma reflexão que não pode se entender como única, dadas suas bases teórico-epistemológicas e seus subjetivos e coletivos¹⁶ reflexos da experiência narrada. Tem-se pela frente, portanto, um multi-facetado capítulo sobre a etnografia aplicada na Campus Party e sobre o discurso interpretativo que dela resultou. Mesmo sem pretensões de se chegar a uma análise cabal, definitiva, a retratação do universo empírico estudado foi altamente influenciada por correntes de pensamento, às quais o *Manual* a seguir se propõe a contextualizar.

¹⁶ Esta dissertação faz parte do Projeto de Pesquisa “Consumo e cena midiática: culturas juvenis e políticas de visibilidade no Brasil” (ESPM/SP), coordenado pela Profa. Dra. Rosamaria Luiza (Rose) de Melo Rocha. Fazem parte deste coletivo os pesquisadores: Daniel Bittencourt Portugal, Denise de Paiva Costa Tangerino, Tiago Pereira de Andrade (mestrandos), Frederico Jorge de Oliveira (graduado), Camila Ghattas, Leandro Sales e Lucas Bonini (graduandos), que efetivamente colaboram em sua realização. Este projeto realiza atividades de colaboração acadêmica com a pesquisa “Jovens urbanos: ações estético-culturais e novas práticas políticas”, coordenado na PUC/SP, por Silvia Borelli, e assim vincula-se a rede internacional de pesquisadores CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – Grupo de Trabalho “Juventud y nuevas prácticas políticas en América Latina” – 2007/2010.

3.1 MANUAL PRÁTICO DE DESORIENTAÇÃO PARA A LEITURA¹⁷

Este manual tem como principal objetivo guiar a leitura das narrativas construídas como relato ou retrato da pesquisa de campo, que serão apresentadas neste capítulo. Com esta finalidade, pretende-se esclarecer as seguintes questões: 1) “Qual foi o campo pesquisado?”, “O que é a Campus Party?”; 2) “Como se deu o processo de pesquisa?”, “O que aconteceu na pesquisa sobre a Campus Party?”; e 3) “Como foram construídas as narrativas sobre a pesquisa de campo?”, “Quais são as influências teórico-interpretativas que orientaram este capítulo?”.

3.1.1 Notas introdutórias sobre a Campus Party

A Campus Party¹⁸ (CP) é um *evento* privado que nasceu em 1997, e teve sua *marca registrada* pelo grupo de empresas espanhol Futura Networks, idealizador e organizador do próprio evento. Em geral, as atividades empreendidas por estas empresas estão pautadas na tecnologia e na criatividade para gerar soluções de *entretenimento e comunicação multiplataforma* para determinados clientes, que no caso da Campus Party, por exemplo, tem como patrocinador principal a *Telefonica*. Em 2008, por questões estratégicas de marketing para a marca patrocinadora da Campus Party, mas também considerando a expressiva atuação dos brasileiros na Internet, o Brasil foi o primeiro país a sediar uma edição da Campus Party fora da Espanha, que aconteceu no pavilhão de exposições da Bienal, em São Paulo.

Inicialmente, é esclarecedor apresentar a descrição do evento segundo o discurso produzido pela organização e disponível no website oficial da Campus Party brasileira, já que este é um evento considerado como “a maior festa mundial da Internet”:

Campus Party é considerado o maior evento de inovação tecnológica,

¹⁷ Título baseado num artigo de Rose de Melo Rocha, onde foi produzido um manual sobre as etnofotografias que a pesquisadora coordenava através do Projeto de Expedições Urbanas Urbis, e cujo objetivo era esclarecer o entendimento das bases teórico-epistemológicas que sustentaram o processo de pesquisa em questão. Como esclarecido pela autora, “desejo insistir em um pressuposto fundamental da natureza do olhar que dirigimos à cidade. Olhamos para a cidade quase como se, nela, auscultássemos imagens invertidas, figurações banais, narrativas captadas em movimento, práticas talhadas pelo hábito cotidiano e, exatamente por isso, desveladas em toda sua possibilidade de explicitação. Recolhemos, no trabalho de campo, vestígios do quase-agora, falas disparadas em *flashes*, sensações imperfeitas, inacabadas. Olhamos para a cidade ali mesmo onde se desfaz o dito e onde se forja o não dito. Buscamos na cidade seus sussurros e, segundo vimos percebendo, eles não se localizam na coxia, mas exatamente no protagonismo da encenação.” (ROCHA, 2009, p. 493)

¹⁸ Para mais informações sobre o evento e links de referência, consulte o site oficial do evento no Brasil. Disponível em: (<http://www.campus-party.com.br>)

Internet e entretenimento eletrônico em rede do mundo. Um encontro anual realizado desde 1997, que reúne, durante sete dias, milhares de participantes com seus computadores com a finalidade de compartilhar conhecimento, trocar experiências e realizar todo o tipo de atividades relacionadas a computadores, às comunicações e às novas tecnologias.

Os participantes da Campus Party mudam-se com seus computadores, malas e barracas para dentro das instalações do evento. Lá encontram uma completa infra-estrutura de serviços, lazer, higiene, segurança, alimentação e, principalmente, tecnologia. Durante uma semana a Campus Party transforma-se na casa de todos.

Participam do evento estudantes, professores, cientistas, jornalistas, pesquisadores, artistas, empresários e curiosos. A Campus Party é o ponto de encontro de todas as tribos que atuam nas redes sociais da Internet com as empresas e as administrações públicas.

É um público composto por líderes das redes sociais e comunidades on line extremamente ativas na sociedade em rede, com enorme poder de formar opinião e criar tendências. Um público de vanguarda, trendsetter, que antecipa o futuro da nova economia e os caminhos da tecnologia da informação.

Pela Campus Party já passaram convidados de destaque como Neil Alden Armstrong, o primeiro homem que pisou na Lua em 1969, Eveline Herfkens, coordenadora geral da Campanha dos Objetivos do Milênio das Nações Unidas, e Stephen Hawking, o grande físico britânico. (Fonte: Site oficial do evento) **Fonte:** Site oficial da Campus Party¹⁹

No decorrer deste capítulo, serão tratados, prioritariamente, os dados coletados na segunda edição brasileira (em 2009), onde foi realizada uma imersão coletiva e mais abrangente. Em poucos momentos serão tratados acontecimentos da primeira edição (em 2008), simplesmente pelo fato de não o termos vivenciado pessoalmente, mas somente a partir do que se falou, sendo que boa parte dos registros estão disponíveis na Internet. Já na terceira edição (em 2010), a de maiores proporções, voltamos a campo após um ano do primeiro momento investigativo. Desta vez também convivemos com muitos que participaram em 2009, mas não havia a obrigação de responder a um processo de pesquisa coletivo pela ESPM, mas apenas tratar do objeto específico desta pesquisa. Ou seja, serão transportados desta última edição apenas os substratos que corroboram na construção de um trabalho sobre as politicidades juvenis tecnologicamente mediadas, uma vez que a participação em 2010 tinha como principal objetivo verificar algumas hipóteses analítico-interpretativas e ampliá-las com dados coletados neste segundo momento.

Quanto às proporções gerais do evento, as duas últimas edições foram muito semelhantes, já que aconteceram no mesmo local – o Centro de Exposições Imigrantes, também na cidade de São Paulo. Em 2009, estiveram presentes mais de 6.600 pessoas circularam pelo evento, enquanto em 2010, foram 10.000 pessoas (para números gerais sobre

¹⁹ Disponível em: (http://www.campus-party.com.br/O_evento.html)

a edição de 2010, **ver anexo A**). Ressalta-se, por conta dos dados etários dos participantes da Campus Party, que o modo como este trabalho investiga as juventudes contemporâneas não está restrito a uma determinada faixa etária, o que não invalida o fato de nossa pesquisa ter se concretizado num ambiente misto, onde a maioria poderia ser enquadrada numa categoria de “jovens-adultos”, mas cujas juventudes não podem ser absorvidas quando se tem a idade como critério. Buscamos uma essência juvenil expandida, inclinada ao constante renovar-se do sujeito que tem mais a ver com o movimento de juvenilização da cultura e suas lógicas de comunicação de que tratamos no primeiro capítulo, processo com o qual interpretamos a Campus Party.



Figura 1 - Fotos da Campus Party 2009 no Pavilhão Expo-Imigrantes, em São Paulo.

Para qualquer pessoa participar do evento era preciso preencher um formulário pelo website e pagar uma taxa de inscrição, que podia ou não envolver a alimentação diária do participante, assim como a instalação no acampamento (estas últimas, sendo taxas adicionais). Cada inscrito recebia no credenciamento um crachá para acessar todas ou determinadas áreas do evento e quem dormia ali, também ganhava a barraca.

Campuseiros é como são chamados os inscritos, aqueles circulam na Arena (área central do evento). Em graus distintos, são pessoas interessadas na troca de conhecimentos e em diversão por meio da Internet e dos aparatos digitais. Pode-se dizer, com tranquilidade, que imperam na ambiência promovida pela Campus Party verdadeiros entusiastas das tecnologias, pois nasceram e/ou cresceram em uma sociedade que tende à hipercomunicabilidade, possibilitada pelo desenvolvimento de uma hipersensibilidade cotidiana e geradora de uma efetiva transvaloração dos valores²⁰, como principal reflexo desta condição

²⁰ Conceito nietzchiano que podemos traduzir como a base de seu pensamento, que toma como premissa de sua existência uma neutralidade do pensamento não filiado, sensível, que transtoca as perspectivas, que transvalora os valores, no sentido de colocá-los em circulação, em movimento e em pontos infinitos de intersecção. Uma visão niilista e que entende a moral como uma contranatureza humana. Tratado deste modo numa fase tardia de

de existência contemporânea. De modo generalizado, o público que escolheu vivenciar esta experiência mercadológica e cultural, em sua imensa maioria, possui o poder de acesso e de posse a bens materiais e simbólicos, e estão, portanto, inseridos na esfera tecnológica-comunicacional do século XXI de modo intensivo e intenso.

Ainda num plano mais geral sobre a Campus Party, não pode-se deixar de mencionar a atriz principal do evento, um de seus maiores atrativos - a conexão disponível a todos, com 10 GB de velocidade²¹, subsidiada, é claro, pela Telefonica. Considerá-la desta maneira torna evidente que são as relações estabelecidas entre os campuseiros e a própria Internet, a conectividade global, o motivo de se reunirem fisicamente neste espaço-tempo determinado (relações que vão desde as mais profundas até as mais “superficiais”). Além de contemplar em sua programação atividades orientadas a fomentar e a construir uma consciência cidadã para o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, numa clara orientação à promoção das práticas coletivas, a Campus Party, como experiência, abarca em sua nau comunidades pré-formadas das mais diversas, assim como indivíduos com interesses até contraditórios.

Diferentemente das edições espanholas ou européias, as edições latino-americanas trazem uma área de exposições na área de tecnologia e inovação e são mundialmente reconhecidas como mais quentes, mais bagunceiras, mais efervescentes. A área de blogs, por exemplo, não é tão representativa na Espanha, segundo Ana, representante do Dep. Comercial da Futura Networks Espanha. Esta diferença se dá pela escassez de eventos com estas características nos países sub-desenvolvidos, necessidade inexistente no contexto europeu.

seu pensamento, Nietzsche trata fortemente da transvaloração dos valores em “Ecce Homo” e “Para além de bem e mal”. Dois trechos ajudam a esclarecer a ideia: “Todo pensador profundo tem mais receio de ser compreendido que de ser mal compreendido. Neste caso talvez sofra sua vaidade; mas naquele sofrerá seu coração, sua simpatia, que sempre diz: “Oh, por que desejam passar também por essas coisas?” (NIETZSCHE, 1992, p. 193); “Quando o Doutor Heirich Von Stein se queixou honestamente de não entender nenhuma palavra de meu Zaratustra, eu lhe disse que estava em ordem: ter entendido seis frases dele, isto é: tê-las *vivido*, eleva, entre os mortais, a um grau superior ao que homens “modernos” poderiam alcançar. [...] Ainda neste verão, [...] um professor da Universidade de Berlim me deu a entender, com benevolência, que eu deveria servir-me de uma outra forma: algo assim ninguém lê. [...] uma notícia geral sobre todos os meus livros, da parte do Senhor Karl Spitteler, [...] tratou, por exemplo, meu Zaratustra de *exercício superior de estilo*, exprimindo o desejo de que eu pudesse, mais tarde, cuidar *também* do conteúdo; o Doutor Widmann exprimiu-se seu apreço diante da coragem com que eu me forço pela abolição de todos os sentimentos decentes. [num artigo sobre o livro “Para além de bem e mal” – Por uma pequena perfídia do acaso, cada proposição aqui, com uma coerência que eu admirei, era uma verdade de ponta-cabeça: no fundo, não se teria nada a fazer, a não ser “transvalorar” todos os “valores”, para, de uma maneira até mesmo notável, acertar na cabeça do prego – em vez de acertar minha cabeça com um prego... Mais uma razão para que eu tente uma explicação. – Por último, ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mais do que já sabe. Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido.” (NIETZSCHE, 2000, p. 423-424)

²¹ Em termos comparativos, a velocidade disponibilizada pela Telefonica no evento equivale a uma conexão cerca de 10.000 vezes mais rápida que a velocidade média das conexões em banda larga no Brasil.

Desde a sua primeira edição brasileira, a Campus Party propôs mudanças estruturais a cada nova edição. Por este motivo, será utilizada como referência a divisão do evento praticada em 2010, formada em 2 grandes áreas. A Área 1, voltado aos campuseiros inscritos, concentra as seguintes “pequenas”-áreas: “Arena”, “Lazer” e “Serviços”. Já a Área 2, de trânsito livre para qualquer interessado, abrange as “pequenas”-áreas: “Expo”, “Campus Futuro” e “Praça de Alimentação”. Novamente, contando com as descrições disponíveis no website do evento, cinco das seis partes da Campus Party mencionadas acima são definidas do seguinte modo²²:

Arena: É o centro da Campus Party. Aqui milhares de participantes inscritos na Campus Party instalam seus computadores e tomam seus lugares para uma maratona de atividades ligadas às zonas temáticas. Este é o ponto de encontro para o intercâmbio de experiências, ideias e conhecimentos, e onde acontecem conferências, oficinas, palestras e shows.

Lazer: Um local pensado para dar opções de relaxamento e diversão a todos os participantes da Campus Party. Também é na área de lazer que as grandes marcas mundiais de tecnologia vão colocar à disposição do público suas últimas inovações em produtos voltados ao entretenimento digital.

Serviços: Camping, refeitório, lanchonete, enfermaria, manutenção técnica e sanitários. Um local para que todos sintam-se em casa. Para os previamente inscritos, há uma área reservada para a montagem de barracas com segurança 24 horas, onde poderão ser guardados objetos pessoais, roupas e equipamentos.

Expo: Um núcleo exclusivo onde as maiores marcas mundiais põem o público em contato direto com suas inovações tecnológicas, antecipando tendências de mercado e permitindo que cada participante conheça de perto e teste ao vivo o futuro da tecnologia e do entretenimento digital.

Campus Futuro: Aqui os campuseiros e visitantes fazem um verdadeiro passeio pelo futuro e têm contato com novidades tecnológicas inéditas, nacionais e internacionais. Aqui você vai conhecer e experimentar os mais vanguardistas *gadgets*, projetos e avanços tecnológicos, que prometem revolucionar o mundo em que vivemos. **Fonte:** Site da Campus Party

Dada a complexa e grandiosa configuração do evento, optamos por concentrar nossa atuação de pesquisa nas pequenas áreas restritas do evento (referentes à grande Área 1), pois por ali circulavam os substratos de maior relevância para nosso foco de investigação. Não nos preocupamos, deste modo, em aprofundar nossa observação nas áreas Expo, Praça de Alimentação e Campus Futuro, pois tinham mais a ver com uma feira de exposições convencional (mesmo que gerassem interatividade pelo conteúdo em exposição). Os fenômenos juvenis compreendidos como fenômenos de comunicação e consumo também se manifestaram nestas localizações da CP, mas não são estes os que interessam a esta pesquisa, pois procuramos uma perspectiva ativa provocada por certos reflexos do estado da comunicação e do capitalismo na contemporaneidade, mas principalmente, procuramos práticas dotadas de uma perspectiva ativa provocadora de reflexos que buscam “fazer a diferença”, que buscam “mudar o mundo”, como é o caso do civic-hacking. Portanto, optou-

²² Não há necessidade de definir a área “Praça de Alimentação”.

se por aprofundar com mais detalhes o modo como estava dividida a Arena, apresentando, assim, as zonas temáticas, às quais cada inscrito deveria optar para somente a uma delas pertencer. Organizadas em 4 grandes grupos, são estas as 12 zonas temáticas oferecidas aos campuseiros em 2010 (ver Anexo A):

- 1- *Ciência*: Modding e Robótica – 636 inscritos (10,6%)
- 2- *Criatividade*: Blog, Design, Fotografia, Música e Vídeo – 2.124 inscritos (35,4%)
- 3- *Entretenimento Digital*: Games e Simulação – 1.188 inscritos (19,8%)
- 4- *Inovação*: Desenvolvimento, Segurança de Redes e Software Livre – 2.064 inscritos (34,1 %)

Mesmo optando por apenas uma zona temática a circulação dentro da Arena é livre, sendo que os participantes podem se instalar em qualquer área, se quiserem, podem participar de qualquer palestra, qualquer atividade. O importante é que, entendida como uma forma de ficar junto aos amigos e de se vincular a comunidades e grupos mais segmentados, os temas/áreas funcionavam mesmo como uma espécie de filtro congregador de interesses pessoais e profissionais mais aproximados. Cada zona temática conta com um organizador estrategicamente convidado para estruturar/planejar a programação de cada área, incluindo a seleção dos palestrantes convidados e a sugestão de debates. Como exemplos temos as figuras de Edney “Interney”²³, comandando a área dos Blogs e representando uma força deste tipo de atuação dos brasileiros na Internet, e Sérgio Amadeu, cientista atuante no campo da comunicação, que atuou junto à programação referente à cibercultura e em 2010 organizou o Campus Fórum.

Sob outra perspectiva, foi possível notar a abrangência nacional dada ao evento: estávamos diante de sujeitos das mais diversas regiões do Brasil (muitos organizados em caravanas), incluindo estrangeiros. Foi possível conviver com pessoas, computadores, arquivos e dispositivos enraizados na cotidianidade de territórios distantes e distintos, lado a lado, durante uma semana inteira. Dentro da Campus Party e estimulados pela distinção de área, foi possível observar diversas tribos convivendo harmoniosamente, já que o espírito do compartilhamento de ferramentas, da troca de conhecimento, e do espírito de construção em conjunto perfaziam a maioria dos lugares do evento.

Esta vontade, este sentimento de pertencimento, este ideal partilhado de forma tão difusa e não-ideal, esta “matéria imaterial” que pode também ser chamada de subjetividade e que move os homens às suas inclinações, é o “território” efetivo pesquisado na Campus Party,

²³ Para saber mais sobre Edney “Interney”, ver sua auto-entrevista que está disponível em: (<http://www.interney.net/?p=9760655>)

a partir de ações de comunicação e consumo. Frente a este contexto empírico, retomamos a centralidade do atual “ecossistema comunicacional” na configuração de novas experiências de interação sócio-cultural, fortemente proporcionadas pelos avanços e apropriações criativas e colaborativas das tecnologias informacionais, comunicacionais e computacionais. “Ninguém põe em dúvida essa característica: o domínio da comunicação fez um pacto de fidelidade com a tecnologia.”. (SFEZ, 2000, p.12) Partindo deste pressuposto teórico, tem-se na Campus Party uma proposta inovadora, mesmo em termos de configuração de eventos. É um espaço criado para possibilitar o encontro interpessoal entre avatares, *profiles* e *nicknames* que configuram a vida em rede. Os grupos pré e pós-formados nas redes sociais online têm na Campus Party um ambiente físico (ou real) promotor de encontros, grupos e redes de pessoas. Esclarecendo um pouco mais sobre as raízes de onde partiu a Campus Party como um evento e sua relação com os tipos de prática destes sujeitos ligados a Internet (um público muito mais seletivo, antigamente), um dos professores da ESPM que também participou do processo na instituição, escreveu o seguinte em seu artigo sobre os dados empíricos:

Não é novidade entre nós a existência de um evento que tenha como propósito o encontro físico de indivíduos que já se conhecem e, em alguns casos, já tenham certos laços afetivos enraizados através da mediação tecnológica. Os BBS, que anteciparam algumas práticas da Internet na década de 1990 (para citar apenas um exemplo) proporcionavam acalorados encontros entre seus associados que já se conheciam através de *chats*, jogos *on-line*, trocas de arquivo etc. Micro-computadores pessoais eram conectados a um servidor remoto através de um *modem* e de uma conexão discada. A partir daí formava-se uma rede centralizada em um único local e se podia trocar mensagens e programas entre os diversos usuários, fazer compras, publicar narrativas pessoais etc. Porém, este tipo de acesso era restrito a indivíduos conhecidos na época como *nerds*. Era preciso um conhecimento técnico mais específico para se navegar nessas redes centralizadas, os BBS. A cultura contemporânea associada às tecnologias digitais cria uma nova relação entre técnica e vida social que tem sido chamada de cibercultura. Este tipo de cultura nos parece transpassar o ciberespaço, uma vez que vemos uma festa, como a proporcionada pela Telefonica, conseguir congregar tantos jovens identificados a partir das arenas da tecnologia e do entretenimento. Apesar de alguns relatos trazerem descrições de participantes da Campus Party que se parecem com as dos *nerds* dos anos 1990, vemos que há uma explosão no uso da tecnologia a partir do estabelecimento de uma cultura e, conseqüentemente, de uma linguagem própria em torno da vida social dos diferentes tipos de usuários da rede, representados de forma significativa no evento. Além disso, a rede dos BBS era tecnicamente centralizada em um único servidor. Na Internet, esta centralização técnica não existe mais, apenas outros tipos de centralizações surgem a todo instante. (MATTA, 2009, p. 2-3)

Com duração de quase uma semana, a Campus Party propicia a ramificada existência de um universo atípico de convivência, uma vez que os inscritos têm a possibilidade de realizar hábitos cotidianos numa realidade alternativa e temporária e, talvez,

de um modo diferente, potencializado. Seus participantes demonstraram que realmente quiseram estar ali, dizendo o que pensam e disseminando o que produzem, além de estabelecerem contatos profissionais e aprenderem “coisas” novas, que serão carregadas, assimiladas, modificadas e reproduzidas. De forma simples, são estas as características do evento que interessam a estas análises, as representadas por uma pulsão dupla e complexa, demasiadamente humana, hipercomunicativa, culturalmente mundial, socialmente subdesenvolvida e essencialmente juvenil. Foram estas questões que motivaram a seleção da Campus Party como campo de pesquisa, com toda a sua complexidade adjacente. Pulsam nas veias destas pessoas os efeitos das novas tecnologias da comunicação e, por conta disso, tem-se um lugar privilegiado para pensar as condições juvenis em nossa sociedade, considerando o estágio atual da informação, da comunicação, da tecnologia e do conhecimento empírico (prático) e teórico (conceitual).

Ali, vivia-se a sensação de entrar num outro mundo, um mundo mais cinza, mais escuro. Quando saía-se do galpão, era possível perceber nos olhos que o mundo girava para além daquele lugar paralelo. Deviam existir alguns que nem saíam do pavilhão, pois podia-se mesmo viver ali dentro o tempo todo. Ao voltar para a caverna, os olhos novamente se acostumavam, mas na volta, via-se um ambiente mais morno e mais focado, com o olhar orientado às luzes das telas, dos robôs, a este mundo transbordado de sombras.

Forma-se, a cada edição, uma comunidade de diversas intensidades, um espaço intensivo e intenso, cheio de coisas, com muito barulho, gente gritando, palestras, sons, fones, e dispositivos tecnológicos que permitiam comunicações das mais diversas. São tantas as possibilidades participativas, tantas as ramificações físicas, virtuais e imateriais, que torna-se evidente a impossibilidade de uma cobertura que se pretenda totalizante sobre este evento extremamente complexo. Percebeu-se que a Campus Party não se deixa fixar, por sua própria configuração.

3.1.2 Notas sobre os impulsos investigativos

A Campus Party – nosso pedaço de real – revelou-se um verdadeiro desafio, já que foi pesquisada numa experiência impulsionada por um certo faro inicial não muito bem definido. Tanto a autora desta dissertação quanto um grupo de pesquisadores vinculados a ESPM/SP estavam dispostos a abordar de modo etnográfico este evento que nos instigava.

Todos enxergavam no evento uma possibilidade de pesquisa coerente com o público da própria faculdade (jovens) e com as questões contemporâneas das ciências da comunicação.

No processo de Mestrado que tem esta dissertação como produto final, enxergou-se uma oportunidade para sentir e refletir sobre as juventudes, as tecnologias, a comunicação contemporânea, o ensino, as relações de tudo isso com o regime do capital e, principalmente, as possibilidades políticas que este cenário vem sugerindo a seu modo, do seu jeito, com a sua linguagem, o que podemos definir como um *devir juvenil*. Fomos atrás de sentir os odores dos sujeitos ali presentes e de perceber, ou até participar de suas relações, indo ao encontro do objeto por meio de uma experiência imersiva, que contou com etapas e camadas diversas, a partir do efetivo cruzamento de diversos pontos-de-vista.

Esta perspectiva multifacetada acerca do evento, colaborou integralmente para a construção do objeto, pois ao adotar um processo que pretende considerar percepções diversas sobre um mesmo campo de inter-relações humanas, nos vimos obrigados a deixar o objeto se revelar também nesta construção coletiva, nestas zonas fronteiriças onde acontecem, por exemplo, a maioria dos conflitos. Nesta vivência não nos interessava, a priori, o que a mídia e sua pretensão de representação fiel do mundo retratava sobre aquele evento tão midiaticizado e comentado, mas sim o que ali acontecia. Foi necessário fazer parte do que se chama de campo, estabelecendo relações quando necessário, somente observando às vezes, mas tornando-se parte, sobretudo. Mesmo na imersão realizada em 2010, desvinculada do coletivo da ESPM e empenhada em verificar algumas hipóteses já construídas, adotou-se a postura de tratar as ações politicamente comunicadas (comunicáveis) e consumidas (consumíveis) numa mesma perspectiva prismática.

Em dezembro de 2008 a equipe que realizaria a pesquisa subsidiada pela Coordenação de Graduação em Comunicação Social da ESPM estava formada²⁴. Esta experiência coletiva pretendia observar as inter-relações entre as imaginadas fronteiras do real e do virtual, em um ambiente repleto de *heavy-users* de experiências e produtos ciberculturais. As evidências coletadas em campo deveriam responder ao objetivo de pensar e repensar o modelo do próprio curso de Comunicação Social, dada a presença e a pertinência da realidade comunicacional na atualidade e nas formas de produção e reprodução do

²⁴ Fizeram parte desta pesquisa realizada pela ESPM professores e alunos da graduação, mestrandos e mestres. Grupos diferentes se relacionaram de acordo com suas expectativas e suas responsabilidades perante o processo de pesquisa na Campus Party. Além dos pesquisadores que realizaram uma efetiva imersão (a quem dedicaremos uma explicação mais detalhada), também participaram do projeto os professores Renato Mader, Wilson Bekesas, João Matta e Matheus Matsuda (responsáveis pela análise da pesquisa – na qual a nossa participação limitou-se à contextualização dos dados coletados), além de parte da equipe do blog Newronio, que teve uma participação autônoma na pesquisa.

conhecimento, considerando ainda a vigência de uma realidade “virtual” cada mais aumentada. Serão abordados aqui alguns relatos que respondem a estas questões, mas somente quando houver a pertinência com as politicidades que nos interessam.

Na narrativa que será apresentada, optamos por considerar, prioritariamente, as percepções dos indivíduos que realizaram uma efetiva imersão em campo, pois esta vivência da qual eles participaram é capaz de revelar algumas de suas relações com a problemática apresentada nesta dissertação. Além da autora, a equipe que observou a Campus Party a partir de uma experiência hiper-aproximada produziu relatos de sua participação diária em seus diários de campo digitais, onde também cabiam os múltiplos documentos dos seguintes indivíduos-investigadores:



Figura 2 - Alexandre Lourenção (de verde), em 2009, na fila do credenciamento.

Alexandre Lourenção (Xandão): publicitário formado em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela ESPM/SP. Partiu de Alexandre a iniciativa da pesquisa etnográfica na Campus Party, proposta para a Coordenação do curso. Profissionalmente e ao longo de suas experiências, Alexandre se especializou em atividades de planejamento de comunicação online e, atualmente, é um produtor de conteúdo digital. Com o passar do tempo, foi tomando gosto pelas produções não-institucionalizadas, aquelas que ascendem e não descendem no fluxo comunicacional. Xandão, como é chamado entre os amigos, já era conhecido nosso, e foi um dos pesquisadores responsáveis pela imersão em campo. Já havia participado da Campus Party 2008 e, justamente pela sua experiência anterior, verificou no evento reflexões sobre as juventudes e a pós-modernidade que são caras ao ensino da comunicação. Foi considerado um ponto-chave na equipe por sua experiência profissional, pelas relações pré-estabelecidas com a Campus Party e pela sua postura desbravadora. Nos apresentou, antes mesmo da pesquisa ser pensada, Fernando Motolose, que se tornou amigo e com o qual participamos da criação do movimento Liberdade Telefônica. Xandão é enérgico e tem a habilidade de lidar com a retórica, desempenhando papel fundamental na pesquisa.



Figura 3 - Gustavo em um momento no Campus Verde, junto aos índios que participavam do evento.

Gustavo Cândia Gomes Valdivia: publicitário e (quase) eterno aluno do curso de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) da ESPM/SP, também foi um dos responsáveis pela imersão em campo. Considerado por nós como uma espécie de guia tecnológico, Gustavo também foi o fotógrafo oficial da pesquisa, realizando a grande maioria de nossos registros fotográficos. Equipou-nos de um verdadeiro arsenal de aparatos tecnológicos (duas malas grandes e algumas mochilas com computador, câmera fotográfica, lentes, acessórios etc.) e, por sua experiência profissional com computadores, linguagens de programação e direção de arte, conseguia nos esclarecer dúvidas técnicas com muita facilidade. Gustavo é um exemplo de uma espécie nova de sujeito, atualmente chamada por muitos de “nativo-digital”.

Um dos primeiros a crescer com um computador em casa, ganhou seu primeiro computador pessoal em 1987, aos 6 anos de idade (um notebook Toshiba T1000XE com processador operando a 9.54MHz e um disco rígido de 20 MB, topo de linha na época), começando a programar em Assembler e Basic aos 10 anos de idade e HTML aos 13. Foi hacker, instalou e administrou redes, trabalhou como desenvolvedor web, e sempre soube mais sobre tecnologia do que todos à sua volta, enfim, sempre foi reconhecido como um guru tecnológico nos meios por onde transitou. É engajado, acredita em seres extra-terrestres (jura de pés juntos que já viu discos voadores e que tem testemunhas), se diz contra o sistema e hoje estuda sobre reapropriações e heranças simbólicas incrustadas nas logomarcas contemporâneas (a maioria, tidas historicamente como símbolos pagãos). Gustavo namora Thálita e atualmente são sócios em uma empresa de comunicação, sendo que ambos já conheciam Alexandre da época em que estudaram juntos na faculdade, o que justifica a relação próxima entre os três investigadores responsáveis por desvendar a Campus Party.



Figura 4 - Foto de Gabriela retirada de seus próprios registros de campo.

Gabriela Valentin Thobias: aluna do curso de Design da ESPM/SP, faz parte do PIC, Programa de Iniciação Científica e é orientada por Wilson Bekesas, que a selecionou para colaborar com o processo de pesquisa de campo, uma vez que se interessa por pesquisas científicas. A pesquisa não exercia sobre ela uma responsabilidade (como a de Thálita, Gustavo e Alexandre), fazendo com ela pudesse presenciar a Campus Party de modo extremamente particular, subjetivo mesmo. Escreveu seu diário de campo e nos forneceu as fotos que guardou, além de ter nos concedido uma entrevista em profundidade. Atenciosa e enigmática, Gabriela é uma jovem meiga e que se relacionou fortemente com o evento, mesmo não tendo dormido na Campus Party. Adorava jogar World of Warcraft e ficou fascinada com a quantidade de pessoas ali que “falavam a mesma língua” que ela. Interessada que é em aprender e produzir, em agosto de 2009 teve um projeto seu e de Luara aprovado no 20º Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo. Foi interessante perceber o quanto Gabriela se envolveu, inclusive em aspectos “pessoais” com as pessoas do evento. No último dia, disse que parecia que todos já se conheciam, pois estava sendo triste o momento de despedida. Ela não se identifica tanto com o que chamou de “nerds do tipo gordinho” (estereótipo típico dos filmes hollywoodianos), mas neste jogo de identificações e afetações ela encontrou a “sua turma” e fez muita coisa ali dentro. Foi importante a participação de Gabriela para esta pesquisa para adensar o emaranhado de pontos-de-vista na experimentação da Campus Party, assim como a participação de Luara, sua amiga que conheceremos a seguir.

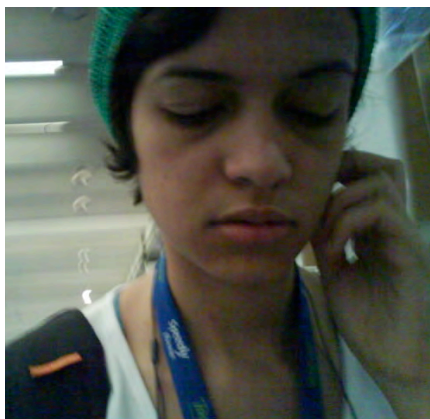


Figura 5 - Uma foto de Luara, também retirada de seus próprios registros de campo.

Luara Andrade Arabi: também aluna do curso de Design na ESPM/SP, Luara é amiga de Gabriela, e mesmo não fazendo parte do PIC, foi indicada pelo Prof. Wilson Bekesas para também vivenciar a Campus de modo experimental. Definiu sua participação na pesquisa como a sua “campus experience”, demonstrando muita consciência sobre o processo. Ao contrário de Gabriela, Luara não compreendia muito bem a linguagem dos códigos falada no evento. Não escondeu sua estranheza inicial, também evidenciada por Gabriela, mas Luara é mais independente, mas ativa e participativa. Como será destacada em uma das narrativas produzidas sobre a experiência de campo, esta jovem verdadeiramente se sujeitou a produzir subjetividades. Esclarecida, autodidata, leitora voraz, ela não conseguiu destacar que, a experiência fez com que quebrasse o seu preconceito de que “geeks” ou pessoas muito ligadas a tecnologia não ligam para sensibilidade. Com um estilo meio hippie, meio urbano, Luara demonstrou em seu diário de campo uma agudeza rara de sensibilidade para pesquisa, destacando experiências que conseguiu realizar e experiências alheias com muito rigor de experimentação.

Num movimento de auto-reflexão e de prévia conscientização de nossas posturas acerca do objeto, Thálita, Gustavo e Alexandre, integrantes da equipe de pesquisa ESPM responsáveis pela coleta dos dados em campo, realizaram extensas viagens pela Internet e longos debates antes do primeiro contato do grupo com a Campus Party, numa etapa denominada de *pré-campo*. Criaram um blog com a intenção de registrar de modo colaborativo os acontecimentos deste período, mas hoje, este espaço é mais um sítio digital abandonado onde, eventualmente, alguns sujeitos ainda transitam sem deixar muitos vestígios. Sem dúvida, o fato destes três pesquisadores terem criado, desenvolvido e alimentando um blog, gerou efetivamente a possibilidade de vivenciar a experiência de

produzir e publicar, de forma coletiva e colaborativa, novos conteúdos na Internet²⁵. Atualmente, todos são profissionais que produzem conteúdos online e, com o passar do tempo, foram aprimorando seus conhecimentos acerca destas ferramentas de comunicação.

Só assim foi possível respirar aquela atmosfera e coletar dados que, posteriormente, se transformaram no objeto de pesquisa apresentado nesta dissertação, num recorte de real mais claro e específico. Só assim foi possível perceber que estudava a mim, aos meus amigos, a minha profissão e à comunicação através da minha história, que também era a história de muitos outros *filhotes planetários*, como sugere Morin (2005). Por mais particular que tenham sido os meus trajetos, os encontros pessoais e a visão de sujeito-pesquisadora, buscou-se a todo o momento um estado de existência perene e múltiplo. A experiência me mudou, marcando-me de tal modo que é impossível retirar as marcas que este coletivo proporcionou.

Vivemos tudo, desde o momento de preparar o arsenal, fazer as malas, buscar a barraca onde dormiríamos, separar os equipamentos e preparar a vida para uma suspensão de uma semana nesta realidade paralela. A sensação da espera era quase infantil, como sente um jovem que vai a um acampamento, a um parque de diversões com o colégio. Mas ocorria uma mistura curiosa entre a diversão e o interesse pelas práticas da vida (como o trabalho, idealizado de forma mais divertida por estes jovens). Sabíamos que seria prazeroso, mas também que aprenderíamos muito, como a própria lógica do evento sugere nas suas palestras, oficinas e desconferências. O ciber-saber é colocado em prática e torna-se o centro de uma semana na vida dos que participam do evento.

Saindo da primeira experiência da Campus Party, elaborou-se um relatório, concluindo a pesquisa junto a ESPM, num momento em que tínhamos um vasto e riquíssimo conjunto de dados empíricos. Demorei-me na digestão dos dados etnográficos para esta dissertação, para poder perceber uma nova orientação ética, de um fazer com as próprias mãos, e a expressão do que conceitua-se por politicidades como uma força desta necessária transmutação dos valores pós-moderna. A descrença na política tradicional e a representatividade do universo digital na vida dos brasileiros é um indicativo de novas expressões humanas, de uma idéia outra de humanidade, mais multiculturalizada. Mesmo incorporada numa sociedade capitalista, havia ali um cheiro de pensamento novo, de modo de agir novo, de novos corpos – talvez destes corpos sem órgãos que Artaud prescreveu e Deleuze tratou de desenvolver.

²⁵ Disponível em: (<http://serdigital.wordpress.com>)

As juventudes brasileiras e suas narr(ativas), principalmente aquelas politicamente sustentadas (não pelas vias tradicionais ou institucionais, mas sim pelo consumo, por exemplo) estão repletas de cargas identitárias e subjetivas em sua essência ativa e em sua aparente superficialidade mesma. Isto pois, ao se apropriar de sua potencialidade comunicativa e questionadora, estas expressividades juvenis nos atraíram especialmente na própria Campus Party, transformando-se, concretamente, nos platôs para onde está voltado nosso olhar investigativo. É para este objeto pulverizado, de infinitos tentáculos que nos envergam. Jesús Martín-Barbero (2008), ao falar das transformações da sensibilidade juvenil a partir das tecnicidades e das subjetividades circulantes e estruturantes de nossa sociedade, faz uma análise filosófica perante a miopia presente na divisão imaginada entre a razão e a emoção que mesmo míope busca a forma perfeita para interpretar de tais fenômenos. Contra um chamado “idealismo esquizóide” o autor remete a Merleau-Ponty para resgatar a importância de se enfrentar a obscura existência da *percepção corpo-espírito* no processo do conhecer, inscritos nos *mundos da vida*. Ampliando a idéia,

Essa aparente divagação filosófica está aqui porque coloca em debate a soterrada base sobre a qual boa parte dos adultos, e especialmente dos professores, enxerga o papel que os jovens desempenham na escola, reduzidos a *sujeitos do aprender*. E isso, hoje, quando o sujeito jovem, que vive em nossas cidades, lares e escolas, se encontra há anos-luz da estabilidade postulada pelo sujeito cartesiano. A identidade do sujeito que habita nosso mundo ocidental é a de um indivíduo que sofre de uma constante instabilidade identitária e uma fragmentação da subjetividade cada dia maior. [...]

Os sujeitos com os quais vivemos, especialmente entre as novas gerações, percebem e assumem a relação social como uma experiência que passa fortemente pela sensibilidade – que é, em muitos sentidos, sua corporeidade – e por meio da qual alguns jovens, que falam muito pouco com os adultos, acabam lhes *dizendo* muitas coisas. Os jovens nos falam hoje através de *outros idiomas*: dos rituais de vestir-se, tatuar-se, adornar-se e, também, do emagrecer para se adequar aos modelos de corpo que lhes propõe a sociedade, pela moda e a publicidade. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 21)

Estar presente na Campus Party, preparada tecnológica e mentalmente para tal encontro, possibilitou-me verificar pessoalmente uma série de fenômenos que dão sentido prático às palavras acima citadas. Por este motivo, é necessário tratar das bases e dos procedimentos metodológicos que guiaram o olhar investigativo desta dissertação, baseados numa experiência de cunho assumidamente etnográfico, pois tais aparatos teórico-metodológicos se mostraram extremamente adequados à realidade pesquisada. Oriunda da antropologia, desenvolvida para a inicial observação de comunidades “primitivas”, exóticas ou desconhecidas, a etnografia, por princípio, demanda do pesquisador esforço, reflexão e modéstia, uma vez que não existe pesquisa sem análise crítica e a análise pressupõe uma

assumida mediação entre uma realidade e um saber sobre ela (muitas vezes tratado como verdade).

Determinados a atingir o refinamento necessário ao método qualitativo que demanda grande predisposição para sua aplicação, é necessário sempre duvidar do que soa como natural e comum, uma vez que as naturalizações do senso comum pressupõe uma unidade sócio-cultural possivelmente diferente daquele fenômeno em estudo. Para analisar experiências em um ambiente de interações humanas tão peculiar e efêmero (mesmo que intenso) quanto o pretendido, optamos por uma imersão integral em todos os dias do evento. Neste sentido,

[a] etnografia, graças à imersão do pesquisador no meio pesquisado, reconstitui as visões da base mais variadas do que se imagina; permite o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, torna mais clara a complexidade das práticas e revela sua densidade. (BEAUD; WEBER; 2007, p. 10-11)

Curiosamente, um dos fatos mais instigantes presenciados na Campus Party, em consonância com o método adotado, consistia na riqueza de relações/interações que os campuseiros estabeleciam em contato direto e virtual umas com as outras, através de suas próprias expressividades e narrativas.

Já deixamos claro que não acreditamos na neutralidade científica, ou numa correta e única maneira de abordar um objeto científico, e por isso, nos demos ao direito e ao dever de explicitar nosso lugar de fala e de visão, considerando esta uma honesta e política relação de comunicação do trabalho científico. Marin (2006) concebe o ofício do cientista de um modo que destacamos como apropriado para este trabalho:

A pesquisa, como ofício, guarda semelhanças com o ofício do artesão, do pintor; pois, de um estado confuso, com hesitações, renúncias e decisões, ela chega ao seu estado “acabado” (pode-se dizer que de uma pesquisa derivam, ou podem derivar, muitas outras, o que evoca para si um sentido de inacabamento). Como parte da vida, a pesquisa imita a vida, com seus avanços, recuos e reestruturações. É certo que, ao exercer o ofício de artesão intelectual, a vida, com todas as suas implicações culturais e sociais, não deve ser colocada pelo autor em suspenso, pois derivam daí também *insights*, associações, formulações, por vezes impensadas. Essas esferas, como o sal e o fermento, dão sabor e estética ao processo do fazer (pesquisa). Mills (1975) é um autor que se refere ao processo da pesquisa como *artesanato intelectual* e chama atenção para a necessidade de aprender a usar a experiência de vida no próprio trabalho continuamente e não divorciar o que se pensa do que se escreve. (MARIN, 2006, p. 66-67)

Acreditamos, nesta linha de pensamento, que o pesquisador deva se posicionar, deva estar em constante contato com ele mesmo, para que, assim, consiga ir além do superficial, não contaminando o trabalho intelectual com postulados apriorísticos. Ele deve

tornar tudo “estranho” e, ao tentar entender o outro ou o mundo, deve entender, antes de tudo, a ele mesmo. Afinal de contas, como diz Martín-Barbero citando Gramsci: “só investigamos de verdade o que nos afeta, e afetar vem de afeto.” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 25)

Trata-se, efetivamente, de uma elaboração acerca de um novo cenário de convivência e de manifestações humanas de considerável importância e pertinência para refletir sobre a finalidade, as perspectivas e limitações do próprio campo da comunicação, de nosso ofício, de nosso devir-cientista. A Campus Party, permitiu visualizar questões centrais às ciências da comunicação e da cultura vinculadas ao conhecimento, às orientações político-privadas, às novas tecnologias, e à sociedade de consumo. Perceber isso tudo tornou-se possível ao prestar atenção nas sutilezas destes novos modos de interação sociais. Perceber o que sentem e como são afetados os sujeitos frente a esta sociedade-mundo, pode verdadeiramente colaborar para um entendimento orientado a ações políticas, culturais e comunicacionais voltadas aos jovens e ao “novo”, pensando em que tipo de educação será capaz de dar conta das necessidades inerentes aos novos seres humanos e tecnológicos que estão crescendo, se desenvolvendo e se habituando a um constante descentrar-se.

Por isso foi preciso falar, no primeiro capítulo, do que se entende pelas Ciências da Comunicação, hoje. Uma ciência emergente, com altíssimos potenciais de análise e de proposições, é basicamente o que foi discutido. Nesta preocupação epistemológica com a comunicação, lançaremos luz ao leitor sobre o que é ciência e o que é comunicação, na *práxis* humana.

Uma vez os processos de expressão e representação humanas constituindo o macro-contexto de nosso campo científico, é possível notar em várias esferas e camadas da comunicação pós-moderna, a inegável característica confusa e dupla do ser humano, donde coabitam de modo tenso o conhecimento consciente da realidade e o plano do imaginado. Neste sentido, o conceito de *homo demens*, proposto por Edgar Morin nos auxilia a evidenciar algumas das mais pertinentes características de nossa natureza *sapiental*, composta pela demência provocada pela irrupção do erro presente na incerta relação entre homem e mundo, pelo excesso em suas ações e reações [*ubris*] e pela irrupção da desordem no mundo.

Já não é possível opor substancialmente, abstratamente, razão e loucura. Pelo contrário, precisamos de sobrepor à cara séria, trabalhadora, aplicada, do *Homo sapiens* a cara simultaneamente diferente e idêntica do *Homo demens*. O homem é louco-sensato. A verdade humana comporta o erro. A ordem humana comporta a desordem. Por consequência, trata-se de averiguar se os progressos da complexidade, da invenção, da inteligência, da sociedade, se efetuaram *apesar, com ou por causa* da desordem, do erro, da fantasia. E nós responderemos que foi ao mesmo tempo *por causa, com e*

apesar, visto que a resposta adequada só pode ser complexa e contraditória. (MORIN, 2000, p. 110-111)

Tendo em vista estas latentes preocupações e questionamentos instalados no fazer científico, perseguimos uma problemática de estudos extremamente paradigmática e complexa. Investigamos novas politicidades (ações políticas não institucionalizadas) a partir de práticas comunicacionais e de consumo juvenis, suportadas ou atravessadas pelas tecnologias da informação/comunicação. Acreditamos que estas práticas, lidas nas próprias ações dos jovens urbanos, são capazes de revelar uma espécie de sensibilidade, de corporeidade e de entendimento moral e estético frente às possibilidades comunicativas abertas pela tecnologia. Deste modo, assume-se a intenção em apontar possibilidades para além das descrições e das análises, encarando a própria ciência como um ofício político, que mapeia e não aprisiona os fluxos com os quais nos relacionamos cotidianamente e intensamente na Campus Party. Tratamos do rizoma, não mais do arbóreo; vimos o mapa, não mais o decalque. Assim como Martín-Barbero no seu ofício de cartógrafo, onde conceitua seu trabalho de mapeador das biopolíticas, das multiculturalizações, das mestiçagens latino-americanas:

[...] E, finalmente, muitos se perguntam: mapas para quê? Quando a *estabilidade* do terreno dos referentes e das medidas é esburacada pelo *fluxo* da vida urbana, pela *fluidéz* da experiência cosmopolita, os mapas nos impediriam de fazer nosso próprio caminho ao andar, de aventurar-nos a explorar e traçar novos itinerários, evitando o risco de perder-nos, sem o qual não há possibilidade de descobrir(-nos).

Mas quem disse que a cartografia só pode representar fronteiras e não construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos? Um cartógrafo perito como M. Serres escreveu: “nossa história, singular e coletiva, nossos descobrimentos, como nossos amores, assemelham-se mais a apostas ao azar de climas e sismos do que a uma viagem organizada provida de um contrato de seguro (...). Por esta razão, os mapas meteorológicos, rápidos e mutáveis ou os lentos e pacientes, que nos mostram as ciências da terra profunda, com suas placas movediças e linhas de fratura e pontos cálidos, interessam hoje ao filósofo mais do que os antigos mapas de estradas”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 11-12)

Finalizo dizendo que não sou a mesma, como resposta ao método etnográfico e como postura ética em relação a tudo o que vivi e aprendi na Campus Party. Pude notar a existência de algo que não compreendo totalmente, mas que domina as novas gerações, as novas orientações do pensamento e a mim. Ao final, dedicamo-nos aos rebeldes filósofos, poetas e autores, na busca de inspiração para a narrativa que estamos lhes preparando para apresentar.

3.1.3 Notas sobre as Narr[atividades]

O passo de um homem que anda é a alma da conversação que mantinha.

Walter Benjamin. Haxixe.

Esta foi uma pesquisa realizada num composto fluido de camadas interativas, num ambiente pós-moderno, tecnologizado e juvenil. Dotados de uma perspectiva de mergulho, de imersão e de afetação frente ao nosso “objeto”, pode-se dizer que esta pesquisa assemelha-se a um movimento de jornada, de viagem, como se os pesquisadores fossem mochileiros andarilhos. Este caráter multifacetado, de fluxos cambiantes e não-estruturados, que se demonstra à medida que se caminha, sedimentam o modo como estão compostos todos os agentes humanos responsáveis por exercitar as forças metafísicas contidas neste trabalho.

Em nossos fragmentos de Campus Party, pretendemos oferecer as condições para o leitor também realizar a sua própria viagem. É um convite ao desprendimento, ao afetar-se pelos sujeitos e pelas nossas reflexões. Por isso não lhe oferecemos retratações de real, zonas fechadas de interpretação, e sim mapas abertos, noturnos, errantes, com os quais cada viajante pode elaborar seu próprio roteiro. Não há ordem de prioridade nem ponto mais ou menos importante, apenas pontos de um complexo de interações com as quais, a partir de seus hipertextos, também é possível navegar autonomamente. Queremos dizer, na verdade, que o modo como o capítulo “empírico” foi estruturado é revelador das metanarrativas com as quais nos deparamos, sendo elas próprias a base dos tipos de impacto ou reflexo desta sociedade de consumo hipercomunicante (ou consumo cultural) que assola as subjetividades globais. Valorizamos os atores diversos não-anônimos em nossa narrativa como forma de interpretar as ações juvenis expressas na Campus Party, evidenciando uma estetização do próprio devir, numa compartilhada vontade de potência.

A princípio, faz-se necessário convocar Walter Benjamin (1994), como uma preciosa referência de viajante nato, de passageiro eterno, do exímio narrador. Em seu texto *O Narrador*, o pensador que iluminou o caminhar desta pesquisa trata de evidenciar a escassez deste tipo de sujeito-reflexivo, dado o caráter artesanal que demanda e ao qual uma sociedade da difusão de informação não comporta. Para ele,

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida tirá-la dele. Assim se imprime na

narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p. 205)

Adotar a postura de narrador, e lidar com seu complexo modo de abordagem e “comprovação” é tarefa desviante no cenário científico atual, principalmente quando falamos dos estudos das humanidades e seus ardilosos critérios de cientificidade, principalmente quando se pretende escapar de uma socialização geral do universo. Valorizamos o sujeito como o ser pensante e, deste modo, valorizamos nossos encontros e olhares perante o objeto retratado. Talvez, o leitor sinta falta de algum esclarecimento sobre o evento pesquisado. Nestes casos, é importante lembrar que seria “ideal” cada ouvinte construir, com seus próprios passos, uma Campus Party que é sua. Vá atrás de blogs, procure outras narrativas, cruze estas com “as suas” e com “as nossas”. Várias produções lingüísticas e estéticas sobre o evento estão disponíveis na Internet, basta querer enxergar, deixar-se envolver e embarcar em nosso pensamento-movimento. Assim como Nietzsche, vemos na ciência um “meio [moderno] de aniquilar a moral” (NIETZSCHE, 2008, p. 311) e aqui você não encontrará verdades, apenas registros de caminhos, de encontros, “zonas de contato”²⁶ move-diças.

Mais de um ano depois da primeira experiência na Campus Party é que seus acontecimentos começaram a ser narrados. Deixamos que nossa memória levasse algumas das nossas lembranças para que fosse preciso reativá-la tempos depois, num novo momento, junto a estes rebeldes do método científico (Nietzsche, Benjamin, Artaud, Deleuze). Guardamos os vestígios para tempos depois buscarmos novas Campus Party e apresentar, assim, a nossa experiência, a nossa percepção. Sobre esta primeira pessoa que teima em aparecer no trabalho, assumimos desde o processo de Mestrado a nossa inclinação perante um necessário posicionar-se no trabalho acadêmico, como seres potentes, não covardes ilhados por um conhecimento alheio. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1994, p. 198)

²⁶ Conceito proposto por Mary Louise Pratt (1999), trabalho por Reguillo (2000) para tratar das culturas juvenis como portadoras das contradições constitutivas de sociedades em acelerado processo de transformação. “Desde una perspectiva crítica, Pratt pone de relieve “que los sujetos se constituyen en y por sus relaciones mutuas”, lo que permite a la autora transcender en su análisis la dicotomía entre dominantes-dominados y mirar las relaciones en términos de “copresencia, de interacción, de una trabazón de comprensión y prácticas, muchas veces dentro de relaciones de poder radicalmente asimétricas”. Asumir este enfoque, que afortunadamente empieza a ser una perspectiva compartida por muchos estudiosos de las culturas juveniles, implica entender que los jóvenes no están “fuera” de lo social, que sus formas de adscripción identitaria, sus representaciones, sus anhelos, sus sueños, sus cuerpos, se construyen y se configuran en el “contacto” con una sociedad de La que también forman parte”. (REGUILLO, 2000, p. 144)

Nos fragmentos, trazemos à tona algumas lógicas de produção de identidades presentes na Campus Party, característica própria das estratégias comunicacionais juvenis – aquelas visíveis, disponíveis em uma rede de informações computacionais, de textos sobre si e de constante produção de subjetividade mesmo. Do trabalho intensivo e fisiológico com o evento, nasce uma postura crítica e algumas clareiras se abrem, nos levando a uma espécie de profundo mistério, de força comum e que permeia tudo em diversas intensidades. Há uma pulsão corpórea presente naquele evento e os encontros aos quais nos submetemos permitem uma descamação destes fluxos. E para tratar destas pulsões, deste imaterial que as ações de comunicação e consumo juvenis nos fornecem, é preciso narrar os encontros, os platôs que nos fazem pensar o futuro e o porvir.

Afinal, narrar significa tomar consciência de como se dá o processo de conhecer. O ser é na narrativa, na linguagem, no ato social e contextual, nunca fora dele. Há sempre nós a serem desatados, platôs tão intensivos que nos remetem ao que Nietzsche chama de belo, o “valioso”: um *não sei o quê* que advenha do refinamento dos sentidos e não de sua castração.

Assume-se um estado geral de cansaço frente ao império da Senhora Verdade, e agora nós, os jovens, queremos brincar de anarquia. Pois a verdade é um ponto de vista que oculta o fato de ser um ponto de vista, e nós estamos cansados disso. Nos resta, apenas, compreender “O que pode, todavia, ser *conhecimento*? – “Interpretação”, intromissão de sentido – *não* “explicação” [...]. Não há nenhum fato, tudo é fluido, inconcebível, esquivo; o mais durável são ainda nossas opiniões.” (NIETZSCHE, 2008, p. 313). Vivemos horas no computador, lendo, estudando, jogando, conhecendo pessoas, participando da convocatória pela individualidade racionalista e simplesmente não aceitamos mais o pretenso totalitarismo de quem elege e advoga pela existência de verdades absolutas. Deste modo, tratamos de nos envolver com uma “ciência menor” ou “nômade”, como proposto nos *Mil Platôs*, ou como nos sugere à crítica à filosofia e à ciência de Nietzsche. Precisamos praticar e ser capazes de perceber o processo da transmutação dos valores, a partir de princípios de pensamento não doutrinados/doutrinários:

[*Inovações de princípio:*] No lugar dos *valores morais*, valores *naturais* puros. Naturalização da moral.
 No lugar da “sociologia”, uma *doutrina das configurações de domínio*.
 No lugar da “sociedade”, o *complexo da cultura*, como *meu* interesse de preferência (tal como um todo em relação às suas partes).
 No lugar da “teoria do conhecimento”, uma *doutrina das perspectivas e dos afetos* (à qual pertence uma hierarquia dos afetos).
 Os afetos *transfigurados*: sua *ordenação mais elevada*, sua “espiritualidade”.
 No lugar de metafísica e religião, a *doutrina do eterno retorno* (esta como meio de disciplina e seleção). (NIETZSCHE, 2008, p. 249)

Quando o motor ciência-tecnologia se vê capaz, efetivamente de aniquilar o império da moral como essência da vida, pode-se pensar “a ética [como] um estudo das composições, da composição entre relações, da composição entre poderes” e, deste modo, os afectos se sobressaem. Assim, os corpos não são mais interpretados como ilhas isoladas, mas como parte sempre fronteira de um arquipélago, resultado de um verdadeiro “corpo múltiplo”. Neste sentido, um dos grandes comentadores de Deleuze e Nietzsche, sugere um modo de abordagem nômade acerca das grupalidades. Trata-se de

[p]ensar um corpo grupal como essa variação contínua entre seus elementos heterogêneos, como afetação recíproca entre potências singulares, numa certa composição de velocidade e lentidão. Mas como pensar a consistência do “conjunto”? Deleuze e Guattari invocam com frequência um “plano de consistência”, um “plano de composição”, um “plano de imanência”. Num plano de composição, trata-se de acompanhar as conexões variáveis, as relações de velocidade e lentidão, a matéria anônima e impalpável dissolvendo formas e pessoas, estratos e sujeitos, liberando movimentos, extraindo partículas e afectos. É um plano de proliferação, de povoamento e de contágio. Num plano de composição o que está em jogo é a consistência com a qual ele reúne elementos heterogêneos, disparatados. Como diz a conclusão praticamente ininteligível de *Mil Platôs*, o que se inscreve num plano de composição são os acontecimentos, as transformações incorporais, as essências nômades, as variações intensivas, os devires, os espaços lisos – é sempre um corpo sem órgãos. (PELBART, 2006, p. 2)

Portanto, a construção de nossas intencionais narrativas está completamente pautada nos princípios da ciência nômade, nos quais as intensidades espirituais tomam a cena para guerrear contra a máquina-Estado e as verdades absolutas. Somente como nômade, não como imigrante, é que pode-se compreender as infinitas desterritorializações a que as juventudes estão submetidas e nas quais andam encontrando vias mais concretas para produzir devir, rizoma e subjetividade. Não se trata simplesmente de narrar os movimentos, traçando retas entre dois pontos, mas sim de transformar em texto narrativo as velocidades e as intensidades a que tais movimentos foram submetidos, retratando assim os platôs do espaço investigado.

No capítulo 3, serão aprofundadas algumas reflexões que só puderam acontecer de dadas estas bases científicas onde prevalece um nomadismo atuante como forma de conhecer/saber. Coerente com o narrador de Benjamin, o nômade de Deleuze pode ser entendido do seguinte modo:

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos [...]. Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência da vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário. O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo

ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias. A vida do nômade é *intermezzo*. Até os elementos de seu habitat estão concebidos em função do trajeto que não pára de mobilizá-los. [...] o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto. [...].

Em segundo lugar, por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, não tem a função do caminho sedentário, que consiste em *distribuir aos homens um espaço fechado*, atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faz o contrário, *distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto*, indefinido, não comunicante. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 50-51)

Estas são as principais características deste trabalho científico, transpostas neste texto como chaves essenciais à leitura e ao entendimento do complexo conjunto de relações a que fomos afetados. Só assim podemos nos aproximar de nossa problemática: Que tipo de política fazem os jovens? Que jovens fazem a política? Considerada a transmutação dos valores, o que podemos entender como ações políticas juvenis ou suas politicidades?



Figura 6 - Imagem panorâmica da Arena na Campus Party, em 2009, na qual eu me estou presente e você, leitor, não sabe quem sou eu nesta multidão.

Por fim, trataremos de ressuscitar o “corpo doente” (no sentido mais ativo que passivo do termo) de Antonin Artaud (1983), por meio de uma carta redigida àqueles que comandavam os órgãos repressores de seu corpo sem órgãos. Inspiremo-nos neste texto nômade e intensivo, representando o estado de um espírito extremamente potente ao qual nem os eletro-choques foram capazes de anular:

Carta aos Médicos-chefes dos Manocômios

Senhores,

As leis e os costumes vos concedem o direito de medir o espírito. Essa jurisdição soberana e remível é exercida com vossa razão. Deixai-nos rir. A credulidade dos povos civilizados, dos sábios, dos governos, adorna a psiquiatria de não sei que luzes sobrenaturais. O processo da vossa

profissão já recebeu seu veredito. Não pretendemos discutir aqui o valor da vossa ciência nem a duvidosa existência das doenças mentais. Mas para cada cem supostas patogenias nas quais se desencadeia a confusão da matéria e do espírito, para cada cem classificações das quais as mais vagas ainda são as mais aproveitáveis, quantas são as tentativas nobres de chegar ao mundo cerebral onde vivem tantos dos vossos prisioneiros? Quantos, por exemplo, acham que o sonho do demente precoce, as imagens pelas quais ele é possuído, são algo mais que uma salada de palavras?

Não nos surpreendemos com vosso despreparo diante de uma tarefa para a qual só existem uns poucos predestinados. No entanto nos rebelamos contra o direito concedido a homens – limitados ou não – de sacramentar com o encarceramento perpétuo suas investigações no domínio do espírito.

E que encarceramento! Sabe-se – não se sabe o suficiente – que os hospícios, longe de serem asilos, são pavorosos cárceres onde os detentos fornecem uma mão-de-obra gratuita e cômoda, onde os suplícios são a regra, e isso é tolerado pelos senhores. O hospício de alienados, sob o manto da ciência e da justiça, é comparável à caserna, à prisão, à masmorra.

Não levantaremos aqui a questão das internações arbitrárias, para vos poupar o trabalho dos desmentidos fáceis. Afirmamos que uma grande parte dos vossos pensionistas, perfeitamente loucos segundo a definição oficial, estão, eles também, arbitrariamente internados. Não admitimos que se freie o livre desenvolvimento de um delírio, tão legítimos e lógico quanto qualquer outra sequência de ideias e atos humanos. A repressão dos atos anti-sociais é tão ilusória quanto inaceitável no seu fundamento. Todos os atos individuais são anti-sociais. Os loucos são as vítimas individuais por excelência da ditadura social; em nome dessa individualidade intrínseca do homem, exigimos que sejam soltos esses encarcerados da sensibilidade, pois não está ao alcance das leis prender todos os homens que pensam e agem.

Sem insistir no caráter perfeitamente genial das manifestações de certos loucos, na medida da nossa capacidade de avaliá-las, afirmamos a legitimidade absoluta da sua concepção de realidade e de todos os atos que dela decorrem.

Que tudo isso seja lembrado amanhã pela manhã, na hora da visita, quando tentarem conversar sem dicionário com esses homens sobre os quais, reconheçam, os senhores só têm a superioridade da força. (ARTAUD, 1983, p. 30-31)

3.2 FRAGMENTOS SOBRE JUVENTUDE, COMUNICAÇÃO E CONSUMO

*Recusa dos pretensos “fatos de consciência”. A observação é mil vezes mais difícil, o erro é, talvez, condição da observação em geral.
Nietzsche. A vontade de poder.*

Já tratamos de evidenciar que buscamos na Campus Party uma matéria imaterial, um corpo sem órgãos contraposto a toda grande ética, constituindo assim as micropolíticas cotidiana pela qual vários autores destacaram ser a única via para a percepção das essências pós-modernas a partir de seus paradigmas filosóficos.

Sendo assim, apresentamos agora uma fragmentada experiência, donde surgem inúmeras vozes interpretativas e desde onde construímos este trabalho, na pretensão de discutir as novas vias por onde as ações políticas estão brotando. É de um ambiente estriado

que falamos, como aparece na foto abaixo, cheia de ramificações e pontos comunicantes por onde caminham infinitas intensidades.

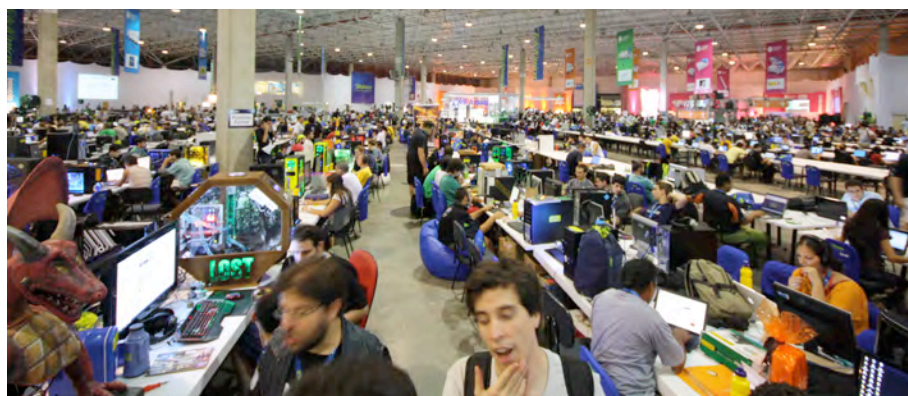


Figura 7 – Imagem, feita com uma lente grande-angular, evidenciando a forma estriada com que a infraestrutura do evento foi montada.

Esta parte do trabalho foi organizada de modo aleatório, à medida em que foram produzidos. Por este motivo, é possível empenhar-se na leitura de modo fragmentado, descontínuo e em desordem vital, como reflexo da própria Campus Party, nosso rico campo de pesquisa empírica.

3.2.1 O Espírito Hacker

Tratar de hackers com uma suposta noção de espírito, significa transcender as esferas implicadas deste objeto empírico. Pressupõe um tratamento fenomênico menos orgânico, menos apreensível. Daqui, utilizamos um dentro que já se utilizou de um fora e que agora, neste fragmento, terá sua aproximação traduzida. Transpondo, inclusive, algumas barreiras propriamente linguísticas, Gustavo traduziu e publicou antes mesmo do evento um artigo sobre o que teria acontecido com o espírito hacker, enquanto se preparava para a pesquisa no evento e tirava de si suas inclinações críticas, postadas no blog Ser Digital.

Neste artigo, Gustavo falava basicamente de uma essência, não exatamente essencial, que esvaziara as implicações das concretudes protagonizadas por estes sujeitos – os hackers. Daí, a necessidade de traduzir para o português e disponibilizar ao nosso movimento investigativo a composição deste metaestrato, possibilidade pelo contato (na Campus Party) com uma espécie de partícula saltitante, presente em todos os tempos de análise.

“A consciência de um Hacker”²⁷, escrito em 8 de janeiro de 1986.

Mais um foi pego hoje, está espalhado nos jornais. “Adolescente Preso em Escândalo de Crime Eletrônico”, “Hacker Preso Após Invadir Banco”...

Malditas crianças. São todos iguais.

Mas será que você, na sua psique de quem usa ternos de três peças e com a mentalidade de tecnologia da década de 50, alguma vez olhou através dos olhos de um hacker? Alguma vez imaginou o que faz ele funcionar, que forças o esculpam, o que pode tê-lo moldado?

Eu sou um hacker, entre no meu mundo...

O meu é um mundo que começa com a escola... Eu sou mais inteligente que a maioria dos outros garotos, essa porcaria que eles ensinam me entedia...

Maldito vagabundo. Eles são todos iguais.

Estou no ginásio ou no colegial. Escutei os professores explicando pela décima quinta vez como reduzir uma fração. Eu entendo. “Não, Sra. Smith, eu não mostrei o processo. Eu fiz na minha cabeça...”

Maldito garoto. Provavelmente copiou. Eles são todos iguais.

Eu fiz uma descoberta hoje. Eu achei um computador. Espere um segundo, isso é legal. Ele faz o que eu quero que faça. Se ele erra, é porque eu fiz alguma besteira. Não porque ele não gosta de mim...

Ou se sente ameaçado por mim...

Ou acha que eu sou algum espertinho...

Ou não gosta de ensinar e não deveria estar aqui...

Maldito garoto. Tudo que ele faz é jogar jogos. Eles são todos iguais.

E então aconteceu... uma porta se abriu para um mundo... correndo pela linha telefônica como heroína pelas veias de um viciado, um pulso eletrônico é enviado, um refúgio das incompetências do dia-a-dia é buscado... uma rede é encontrada.

“É isso... é aqui que eu pertencem...”

Eu conheço todos aqui... mesmo que eu nunca os tenha conhecido, nunca tenha falado com eles, possa nunca mais ouvir falar deles... eu conheço todos vocês...

Maldito garoto. Prendendo a linha telefônica de novo. Eles são todos iguais...

Pode apostar que somos todos iguais... fomos alimentados a colheradas com comida de bebê na escola, quando estávamos famintos por um bife... os pedaços de carne que vocês deixavam passar estavam pré-mastigados e sem gosto. Fomos dominados por sádicos, ou ignorados pelos apáticos. Os poucos que tinham algo a nos ensinar nos achavam pupilos com vontade, mas esses poucos são como gotas de água no deserto.

Esse é o nosso mundo agora... o mundo do elétron e do switch, a beleza do pulso. Nós fazemos uso de um serviço já existente sem pagar por aquilo que poderia ser extremamente barato se não fosse comandado por glutões que visam o lucro excessivo, e vocês nos chamam de criminosos. Nós exploramos... e vocês nos chamam de criminosos. Nós procuramos conhecimento... e vocês nos chamam de criminosos. Nós existimos sem cor de pele, sem nacionalidade, sem diferenças religiosas... e vocês nos chamam de criminosos. Vocês constroem bombas atômicas, incitam guerras, vocês assassinam, trapaceiam e mentem para nós, tentando nos fazer acreditar que é para o nosso próprio bem, no entanto nós somos os criminosos.

Sim, eu sou um criminoso. Meu crime é o da curiosidade. Meu crime é julgar as pessoas pelo que elas dizem e pensam, não pelo que elas se parecem. Meu crime é o de ser mais esperto que você, algo pelo qual você nunca irá me perdoar.

Eu sou um hacker, e esse é meu manifesto. Vocês podem parar esse indivíduo, mas não podem parar a nós todos... afinal, nós somos todos iguais...

²⁷ “A consciência de um hacker” ou o “Manifesto Hacker” é um ensaio escrito por Loyd Blankenship, um hacker conhecido pelo pseudônimo “The Mentor”. Foi traduzido por Gustavo Valdivia como demanda da própria pesquisa e publicado no blog Ser Digital em 2008. O espírito hacker foi o tema que Gustavo mais abordou, assunto trazido pelo pesquisador que mais tem proximidade com o assunto e com o universo pesquisado. Disponível em: (<http://serdigital.wordpress.com>)

The Mentor

São sujeitos associados diretamente ao crime e à ilegalidade, que criam matérias “virtualmente” ou interessadamente condenadas e condenáveis, num espaço-tempo ainda sem leis, mas cheio de coronéis. Movimento compreensível de uma terra que há pouco parecia terra de ninguém. A grande ética e os princípios morais, que nestes casos não passam de moralismos neo-liberais, são o suporte para o veredicto ditador/castrador, baseado no jogo de interesses que enaltece e fomenta a ignorância e a alienação. É isto que se pensa/sente quando o pensamento hacker é suspenso. A engrenagem tem de girar – não coloquem sapatos nas novas máquinas!

De que valem as intenções, quando o resultado de uma ação questiona a própria instituição? Para onde vai a inovação, se o espírito curioso e inquieto é condenado a não ultrapassar os limites, a não infringir o que são apenas idéias de regras? De que tipo de inovação tecnológica se fala, quando o entusiasta das máquinas e das redes está fadado a uma espetacularizada reprodutibilidade técnica e a regimes de reprodução? O que significa conhecimento neste mundo ideal onde a informação e a comunicação pulverizam e transformam cada suspiro de vida?

Estas são algumas das tensões que rodeiam o que poderíamos chamar de “espírito hacker” ou de movimento hacker, como pudemos verificar nos escritos de Loyd Blankenship (The Mentor), logo após sua prisão por crime eletrônico na segunda metade dos anos 80. Esta noção de espírito/movimento nos é importante, uma vez que verificamos nestas ações tecnologicamente mediadas uma renovada concretude das formas de conhecimento, não capturáveis somente nas materialidades que produzem. Este espírito ou movimento pode ser entendido como um fluxo que atravessa os indivíduos, especialmente na juventude em nosso caso, e que marca estes sujeitos e os move em sua permanente mutação. Falamos de um devir-hacker, de uma espécie de consciência comum que os orienta a quebrar as chaves de acesso, a adentrar por entre portas que somente eles, além dos permitidos, conseguem abrir. Para os coronéis do ciberespaço elas deveriam estar fechadas mas, no entanto, sua capacidade de bloqueio está aquém e acaba por absorver a potência dos hackers, uma vez que eles detêm o conhecimento para construir e, portanto, para modificá-las ou desconstruí-las. Os hackers vêem possibilidades onde há superficiais limitações e podemos arriscar ser esta uma essência de suas comunic[ações]. Eles programam e desprogramam sistemas por meio de códigos, mas na contra-mão do modo como as tecnologias hoje funcionam – estão sempre apontando para

um porvir. Seus corpos enxergam por trás das telas, penetram os fios, os seres, as máquinas, as lógicas e se infiltram, não onde foram chamados, mas onde querem, em uma lógica própria e questionável, de acesso à informação, de direitos e posses. A pura lógica do desafio, da espionagem, da presença invisível, do saber antes não pensado que apodera, parece ser o que os move.

É importante ressaltar, para uma melhor compreensão do tema, que os próprios hackers fazem questão de deixar clara a diferença entre suas categorias, conhecidas por “*black-hat hackers*”, “*white-hat hackers*” e “*grey-hat hackers*”. O primeiro tipo costuma realizar atividades ilícitas que geralmente têm como principal objetivo o ganho pessoal, enquanto o segundo é geralmente encontrado trabalhando para o governo ou para a iniciativa privada como responsável pela segurança de algum sistema. Já o terceiro tipo, é um meio-termo, um agente independente, por assim dizer, que transita em ambos os lados, em uma área “cinza”, de acordo com suas necessidades.

Devido à ignorância por parte da mídia, o termo passou a ser utilizado erroneamente para fazer alusão a pessoas que cometem qualquer tipo de crime eletrônico, fazendo com que tomasse um significado próximo a “pessoa que usa dispositivos eletrônicos e redes para cometer crimes”. Ao longo do tempo, qualquer pessoa que cometesse um crime eletrônico passou a ser chamada de hacker e o termo virou algo pejorativo. Por isso, os hackers também fazem questão de deixar claro que são curiosos e gostam de informação, de conhecer e criar novas coisas, não de roubar ou destruir, muito menos de serem taxados de criminosos por causa de alguns que realmente cometeram crimes, mas se dizem hackers.

Também deixam claro que não gostam de ser confundidos com “black hat hackers”, “crackers”, “phreakers” ou “phishers”²⁸, normalmente ligados a atividades como invasão à força, criação de vírus, quebra de proteção contra cópias de softwares, abuso de sistemas e roubo fraudulento de informações. Apesar de não haver, oficialmente, uma única forma de sintetizar o conceito, as definições mais aceitas para o significado original da palavra hacker variam entre algo como “entusiástico e habilidoso programador ou usuário avançado de computadores” e “pessoa que aprecia ter um entendimento íntimo dos funcionamentos internos de um sistema (em particular computadores e suas redes)”.

3.2.2 Jesus Tecocrata

²⁸ Os links para as definições de cada um dos termos podem ser encontrados no post intitulado “O que terá acontecido com o espírito hacker?”, postado por Gustavo no blog Ser Digital. Assim como os significados de cada categoria, uma análise detalhada sobre o tema também pode ser encontrada no mesmo post. Disponível em: (<http://serdigital.wordpress.com/2009/01/11/o-que-tera-acontecido-com-o-espirito-hacker/>)

Daniel conheceu Alexandre em 2008, na primeira edição da Campus Party Brasil, e por este motivo este jovem sempre esteve muito próximo do processo de pesquisa e dos pesquisadores, atuando principalmente na cobertura etnográfica, filmando, fotografando e conversando com a equipe em alguns momentos. Na entrevista que os índios realizaram com alguns jornalistas no último dia do evento, cada um desempenhou uma função para colaborar com aquele acontecimento, realizando diversos registros: enquanto Gustavo fotografava, Xandão acompanhava, Thálita gravava o áudio e Daniel fazia as filmagens (este evento será relatado em detalhes em um outro momento). Mas não é somente por sua aproximação que Daniel será retratado aqui. Algumas práticas protagonizadas por ele na própria Campus Party nos aproximam, de fato, de uma jovem e juvenilizada idéia de política, feita com o próprio corpo e de modo aparentemente menos sério.

Nascido em janeiro de 1986, Daniel completou 22 anos em 2009. Fez aniversário um dia depois do término da Campus Party. Trata-se de uma criatura muito amável, disposta, inteligente, dedicada, cheia de vigor mesmo; sempre falava do sobrinho, da família e dos amigos. Alto, magro, de cabelos longos e lisos, com o falar apressado e os olhos atentos ao redor de tudo. Ele anda rápido, pula saindo do chão a uma altura não muito comum, protesta, tem opinião, trabalha com computadores, tira fotos e produz vídeos. Às vezes, veste-se de Jesus ou de outras personagens e vai para as ruas, em ocasiões especiais. Na Campus Party 2009, para colaborar com o movimento Liberdade Telefônica e chamar a atenção, vestiu-se de *General Skavurska*²⁹ e dançou como os russos, atividade que ele realiza com muita competência. Isto só se deu graças ao apego que Daniel possui a algumas tradições familiares, das quais têm notório orgulho. Sua família constituiu em 2000 a Cia. Balalaika, voltada ao trabalho com a dança e o folclore da Rússia, país onde nasceram as raízes desta família.

²⁹ Personagem caracterizado de General russo criado para campanhas publicitárias da marca NET da Embratel, empresa de tele-comunicações brasileira.



Figura 8 - Foto de uma das apresentações pela Cia. Balalaika, retirada do perfil pessoal de Daniel no Orkut.

Daniel também se mostrou um jovem conectado. Na Campus Party 2009, quando os hard-disks de um *terabite* ainda eram uma novidade, ele baixou (fez *download* de) mais de 2 *terabites* de conteúdo em seu computador, quantidade de dados que espantava os próprios campuseiros, gerando dúvidas acerca do consumo efetivo de tanto conteúdo. Além de consumir *bites* em larga escala, este é um sujeito que também gera muito conteúdo, uma vez que produz imagens e vídeos, compactados de informações altamente volumosos. Com sua máquina fotográfica semi-profissional, com a qual Daniel tomava um cuidado redobrado, realizava experiências audiovisuais – ação desempenhada com muito gosto. Na Campus Party de 2008, sua máquina fotográfica foi furtada, e por isto, ele tomava cuidado redobrado com seus equipamentos, característica esta que permeou também a experiência de muitos campuseiros. A todo o tempo, carregava a tira colo seus equipamentos, fonte de trabalho e de diversão, ambos possibilitados pelas vias da expressão, mas que “funcionam” sempre encaixadas em um corpo.

Num determinado momento, Daniel mostrou alguns de seus arquivos (fotos que ele mesmo tirou ou protagonizou), diretamente em seu computador, instalado na área de Games. Um dos álbuns mais expressivos e significativos, no qual ele se demorou em suas explicações, retratava uma sessão de fotos produzida e realizada para a decoração e a ilustração do tema da festa de casamento de um amigo seu. Como pano de fundo para a irreverente sessão estava o Museu do Ipiranga, lugar histórico que marca a Independência do Brasil. Seu amigo, fantasiado de Chapolin³⁰, fazia caras e bocas e, com sua fantasia pitoresca,

³⁰ Chapolin é uma personagem principal de uma série mexicana de televisão transmitida na década de 70, que passou a ser reprisado no Brasil no ano de 1984, fez muito sucesso e é reprisada até hoje. Foi produzida pela mesma equipe da série Chaves, tanto ou mais reconhecida que a primeira.

reinterpretava o próprio ato do casamento, zombando e se apropriando da ocasião para expressar algumas de suas opiniões (considerando, além dos noivos, Daniel). A noiva também se caracterizou de modo inusitado, mas, surpreendentemente, menos que o noivo, pois este era o centro das piadas e zombarias, era ele que desempenhava o papel principal daquele ato. O interessante é que nos outros álbuns, o tom irreverente se fazia presente de algum modo, desde a visão do operador da máquina fotográfica, até as pessoas que compõem o acontecimento fotografado.

Algumas vezes, ele dormiu na Campus Party, outras não. Foi preciso dividir seu tempo naquela semana entre o evento e seu trabalho. Apesar de sua aparência se encaixar muito bem no estereótipo do nerd, Daniel fazia piadas frequentes com a “nerdisse” dos campuseiros, sempre consciente que falava de si de modo coletivo. Opinou publicamente sobre a escassez de mulheres bonitas e solteiras, já que as bonitas estavam acompanhadas, e fazia piadas sobre a masturbação dos jovens nerds (como o “perigo” em compartilhar certos equipamento como o mouse e o teclado). Num certo dia, os pesquisadores estavam no espaço privado de sua barraca conversando justamente com Daniel quando ouviram berros guturais vindos da arena. Logo pensaram que havia mulheres em jogo e, de fato, eram dançarinas que apresentavam a dança do ventre.

Num outro dia pela madrugada, jogou bola e, junto a um grupo, teve a bola confiscada pelos seguranças, pois tentavam retirá-la de um local onde havia ficado presa. Utilizaram um dos ventiladores gigantes do evento, num ato bastante imprudente, já que poderia mesmo ferir qualquer um deles. Também participou do concurso de fantasias vestido de Jesus, dançou, tirou fotos, produziu filmes, saiu para trabalhar várias vezes, algumas vezes trouxe cerveja um pouco quente para um grupo de pessoas (todos maiores de idade) e virou notícia, divertiu-se.

A experiência mais marcante vivida com este nosso Daniel está diretamente relacionada ao modo como ele enxerga e como expressa seu pensamento sobre Jesus, personagem interpretado por ele na Campus Party e também fora dali. Acredita-se que este é um dos registros de sua vida e de sua política cotidiana que marcam uma geração, uma nova abordagem perante as verdades e a absolutização da vida. Presenciamos Daniel fantasiado, pela primeira vez, justamente quando participou do concurso de fantasias da Campus Party, mas depois conhecemos melhor a origem de seu apressamento por se fantasiar.

Existe uma prática juvenil exercida em grandes metrópoles, mundialmente reconhecida, a qual Daniel está vinculado – o Cosplay³¹. Basicamente, o Cosplay (abreviação do termo inglês Costume Play que pode ser traduzido como “representação de personagem à caráter”) é uma prática lúdica onde seus praticantes, os chamados cosplayers, vestem-se ou fantasiam-se como personagens de desenhos animados, jogos, ou até de personagens/figuras midiáticas. Originária do Japão, esta prática ainda carrega fortes marcas da cultura japonesa, mas apesar das origens, o Cosplay, como tantas outras expressividades juvenis, é frequentemente reinterpretado de acordo com outros referenciais culturais, como no caso do Cospobre, movimento particular ao qual Daniel verdadeiramente pertence.



Figura 9 - Foto de participantes do campeonato YCC para Duplas de Cosplayers.³²

O Cospobre se apresenta como uma alternativa àqueles que querem atuar em forma de uma genuína representação, mas que não têm dinheiro para uma grande produção no figurino. É possível que fantasias reconhecidas como “bem feitas” acabem se tornando extremamente custosas, como é possível visualizar na imagem acima, de um concurso de Cosplay em Portugal. Levando isto em consideração, a proposta de Daniel é não gastar mais de dez reais para criar uma fantasia e também representar personagens incomuns para os praticantes do Cosplay, misturando os códigos e até mesmo incorporando o maior representante do cristianismo, ou o Chapolin, colocando-os lado a lado. Nessa proposta às

³¹ Por se tratar de uma comunidade de jovens ativa na Internet, para saber mais sobre o assunto é válido ler o artigo da Wikipedia e conhecer as comunidades online. Disponível em: (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cosplay>), (<http://www.cosplaybr.com.br/>) e (<http://www.cosplay.com/>).

Vale ressaltar que a Wikipedia, neste trabalho é encarada também como fonte de dados legítimos, já que a wikipedia é livre e aberta para a sua atualização. É um ótimo referente, por exemplo, para perceber o grau de conhecimento e de relação que produtores de conteúdo possuem com os objetos dos artigos publicados na Internet, nesta enciclopédia que é livre.

³² Disponível em: (<http://www.cosplayers.net/pt/competicoes/yamato-cosplay-cup/940-resultado-do-ycc-duplas-2009.html>)

avessas, pobre, depreciada por definição, é preciso contar apenas com os materiais que se tem em casa (roupas, acessórios etc.) e com a própria criatividade. Na verdade, para estes “cospobres”, a idéia ou a piada valem muito mais do que uma espada.

As fantasias, especificamente para neste grupo, carregam um certo grau de bizarrice, um ar tosco e medíocre, proposital mesmo, pois consideram o ato do Cosplay uma bela jóia falsificada. Para compreender melhor as dimensões desta grupalidade de pobres cosplayers, na Internet é possível encontrar uma comunidade no Orkut com mais de dois mil membros cadastrados³³, cujo moderador é justamente Daniel. Esta é uma evidência de seu engajamento com tais manifestações, às quais é responsável também pela sua existência como grupo efetivo.

Pode-se encontrar, em sua página pessoal no Orkut, a foto que tirou dentro do metrô de São Paulo em 2007 ao participar da mobilização juvenil chamada *Zombie Walk*, considerada um *flashmob* – espécie de intervenção ou aglomeração urbana organizada para uma ação inusitada, aparentemente despropositada. Neste evento, Daniel chegou a se maquiar, coisa que não fez na *Campus Party*. Percebe-se nesta foto a intenção de chocar, de embaralhar os códigos vigentes, colocando em circulação uma imagem diabólica mesmo de Cristo.



Figura 10 - “Jesus está voltando... *Zombie Walk* 2007” – título da imagem publicada em seu perfil do Orkut.

A propósito deste despropósito, Daniel não pareceu se vestir de Jesus e desfilar deste modo pelas ruas à toa. Trata-se de uma amostra de suas opiniões, evidenciando um

³³ Comunidade da rede social Orkut “Cospobre!!!”, com a seguinte descrição: “Você vai em eventos de Anime? Gosta de cosplays, mas não tem dinheiro para fazer um, tudo porque você é pobre porém honrado? !! Então Junte-se a nós !! (www.cospobre.hpg.com.br) – Novidades – Cospobre apresenta: ‘Casa dos Autistas’ (link: <http://video.google.com/videoplay?docid=8021903251849937887>)” O hipertexto acima está disponível em: (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=235215>)

sugestivo acontecimento para este trabalho. Numa entrevista concedida ao Smartcast³⁴, canal de *videocast* cujos representantes realizavam entrevistas com “celebridades” da Campus Party, Daniel deu voz a Jesus. É possível encontrar na Internet, (no YouTube) este vídeo na íntegra³⁵, mas foram reservados aqui alguns trechos da entrevista, quando Daniel estava meio alterado, suado, bastante entrópico:

Trecho 1:

Entrevistador 2: Primeiras impressões aí...

Jesus: As primeiras impressões é que meu pai fez um trabalho muito bem feito aqui...

Entrevistador 2: Teu pai é o Kassab?

Jesus: Não, não, é Deus.

Entrevistador 1: Ô, Jesus! Você num evento pagão como esse, um evento tecnológico, essa coisa “tecnocracia contra religião”, e você foi cair aqui como Jesus?

Jesus: Não, vem aí Campus Gospel, né, onde todo cristão vai poder jogar *Diablo* online, e *Ragnarok*³⁶ ou fazer outras coisas pagãs como usar software livre, outras coisas que a Igreja não permite.

Entrevistador 2: Software Livre não seria uma divindade? Não seria bom? Positivo?

Jesus: É bom, mas não pra quem manipula. Você tem que olhar direito quem é empregado na coisa. Se o software é livre, aí você vai causar revolta e meu pai não gosta de revolta. Então você tem que levar nas rédeas.

(risos e piadas)

Trecho 2:

Entrevistador 1: Uma das coisas da Campus Party é que não pode rolar o consumo de bebidas alcoólicas. Você está sendo requisitado aí pra muitos milagres, pra transformar a água em vinho, ou o pessoal não está sentindo falta do álcool, tá encarando bem esses sete dias de abstinência?

Jesus: É, inclusive tá aí a questão. Na porta aí, a segurança teve que lacrar a minha mão que transforma a água em vinho, em função dessa proibição. E ...

Trecho 3:

Entrevistador 2: Jesus, uma pergunta séria agora. A gente está no maior evento de Internet do Brasil, um dos maiores da América Latina, eu queria saber como Jesus usa a Internet. O senhor checa e-mail? O senhor entra no Orkut? Como é que é?

Jesus: Bom, é, pra usar no céu é meio complicado por causa do *lag*, mas, eu entro ali nas minhas contas, né, pra pesquisar o que é que está caindo, dez por cento de quem todo mês; além do mais a gente tem que usar redes sociais, né? Todo mundo aqui tem Orkut...

Entrevistador 1: Tá na moda as redes sociais?

Entrevistador 2: Como é que é as redes sociais de Jesus Cristo? São doze apóstolos?

Jesus: Não, você pode ter doze apóstolos, só que você pede pra eles mandarem tudo por depoimento. Se mandar *scrap*, aí vai miar com os seguidores.

Entrevistador 1: Jesus, você só *add* se te deixar *scrap*?

Jesus: É, eu só adiciono Jesus na minha vida se ele deixar *scrap*.

Entrevistador 1: Tem que aceitar Jesus antes de ele te aceitar.

Entrevistador 2: Sensacional! E Jesus no Twitter tem quantos seguidores?

Jesus: Pô, no Twitter, o problema do Twitter cara,... (foi interrompido)

³⁴ O *Smartcast* é uma ação de marketing de guerrilha proposta pela empresa Espalhe à marca de energético em cápsulas *Smartcaps*. Cabe dizer que este tipo de ação foi altamente reproduzida no ano seguinte e que efetivamente se adéqua às inclinações de comportamento ali verificadas.

³⁵ Vídeo disponível em: (http://www.youtube.com/watch?v=MEuDP81li_o&feature=related)

³⁶ *Diablo* e *Ragnarok* são nomes de jogos para computador.

Entrevistador 1: Não, quantos seguidores você tem no Twitter, Jesus?

Jesus: O problema do Twitter... (foi interrompido novamente)

Entrevistador 1: Vamos saber se você tem mais seguidores que o Gravataí, pra saber se Jesus tem relevância na meritocracia informal da Internet.

Jesus: Não, é que no céu o povo usa Facebook. Twitter lá não tem, o povo não gosta...

Entrevistador 2: O Twitter é o quê? É de Alá?

Jesus: O Twitter é uma coisa ali meio árabe, assim, a gente prefere não mexer, sabe que é meio complicado de linkar...

Entrevistador 1: (sempre interrompendo) Você não está querendo economizar? Não está querendo colocar os salmos em cento e quarenta caracteres?

Jesus: Isso.. ta aí o problema! Imagina os mandamentos: N roubarás; N trairáh, com H no final;...

Nesta nova configuração do real, é quase que impossível adequar as explicações da vida a partir de determinadas tradições, especialmente as religiosas e as político-filosóficas. As lógicas de visibilidade, as estratégias comunicacionais, as táticas viabilizadas pelo consumo, a consciência precoce de uma determinada condição social e de sua dependência com o regime do capital, estão criando sujeitos cada vez mais díspares. É impossível negar os impulsos sapientais que orientam muitos seres a seguir seu fiel rebanho, orientados que somos a buscar as razões máximas para o cosmos. Mas para aqueles organismos permeados de intensidades potentes, dispõe do conhecimento necessário para criar realidades com suas próprias mãos, exprimindo seus pensamentos como quem canta a glória de Deus. Como apontam os intensos platôs de Deleuze e Guattari, pensar a dupla articulação do pensamento sobre o real a partir da estratificação nos faz entender que uma primeira articulação se refere ao conteúdo e a outra à expressão, numa sinergia múltipla: “Entre o conteúdo e a expressão nunca há correspondência ou conformidade, mas apenas isomorfismo com pressuposição recíproca” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 58). Ou seja, com este nosso Daniel, percebe-se algo que o estudo do capitalismo e da esquizofrenia já apontou: “Não sabemos mais muito bem onde estamos, porque as distinções se multiplicaram em todos os sentidos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 62).

3.2.3 Porque a idéia é compartilhar

Luara é uma jovem entende sua criação em moldagens não tão tradicionais. Disse que o pai já foi quase um hippie, gosta de ler, de aprender, estuda Design, possui algumas características de autodidata, vai para a faculdade de metrô e parece bem consciente e ao mesmo bem permeável. A princípio, não se identificava muito com o evento, com gamers ou

nerds, até pelo seu perfil mais liberal e de certa maneira intelectualizado. Ao final, dizia que sentiria falta, pois já tinha se acostumado com aquele ambiente e com aquelas pessoas de tantos lugares. Dedicou-se a perceber a Campus Party de um jeito próprio, e olhou para cantos, para arestas, surpreendendo-se por passar a última noite no evento jogando “Stop”, uma brincadeira que se pratica com pelo menos duas pessoas e apenas com papel e caneta, numa roda de barracas que ela e seus amigos organizaram. Já estava cansada de tantos dias de alta conectividade, como relata:

Nos juntamos em um grupo para enfrentar unido a ultima madrugada de #cparty. Já estávamos cansados de tanta conectividade, de passar tempo isolados em nossos próprios computadores, então fomos aproveitar o que ainda não tínhamos feito por lá: procuramos por bebedouros e microondas localizados em lugares que nos outros dias simplesmente ignorávamos a existência. Fomos ver os detalhes nos cantos que antes víamos apenas como cantos sem detalhes. Juntamos as nossas barracas, pegamos papel e caneta e começamos a jogar stop, Quem diria que acabaria a Campus party jogando stop com papel e caneta? Eu certamente não diria. Mas foi o que completou a semana, e então podemos dizer que interagimos e aproveitamos a Campus de todas as formas possíveis.

Na noite do dia 19 de janeiro de 2009, primeiro dia da Campus Party, Luara estava sentada com seu notebook em uma das bancadas quando iniciou um processo, já em andamento que revela a presença de um não-lugar extremamente influente, que conformava a própria ambiência daquele evento. Muito provavelmente, Luara fazia várias coisas ao mesmo tempo em seu computador, quando também conversava com amigos pelos fios da rede compartilhada da CP. Falava com Kalinke, uma amiga não tão próxima, nem de longa data, da cidade de Caçador – Rio Grande do Sul.



Figura 11 - Imagem coletada por Luara para seus registros de campo. Trata-se de uma tela que demonstra como conversavam – por Skype e com fones de ouvido.

Sobre o bate-papo, Luara registrou a própria conversa em seu diário de campo, mapeando a nascente de uma experiência que, para ela, foi especial, única e inédita.

Lua says: (10:10:03 PM)

[aff, tem um louco gritando aki, mto engraçadoo... tem skype?]

Lua says: (10:10:16 PM)

pera, vo no banheiro e ja volto

Kali says: (10:10:36 PM)

tnhom

[...]

Lua says: (10:23:28 PM)

volteeeiii

Lua says: (10:23:38 PM)

nossa o banheiro eh longee

Kali says: (10:23:43 PM)

eh

Kali says: (10:23:46 PM)

fhuaidfhuifhasuifhauisfuiasdfahsifhasifa

Lua says: (10:26:05 PM)

quer dar uma volta comigo por aqui?

Kali says: (10:26:46 PM)

quero

Lua says: (10:27:01 PM)

ah nao esquece, o wireless ta uma bosta, nao da pra tirar o mas daki, mas da pra ver mais o menos o q ta rolando....

Lua says: (10:27:09 PM)

quer msm assim?

Lua says: (10:27:12 PM)

ahuahuahua

Kali says: (10:27:25 PM)

eh

Kali says: (10:27:42 PM)

e seria otimo tomar um ar

[...]

Lua says: (10:32:41 PM)

ai vai ter show do teatro magico aqui sabado acho

Kali says: (10:33:19 PM)

aimmm

Kali says: (10:33:21 PM)

gro irr

Kali says: (10:33:25 PM)

me leva?

Kali says: (10:33:25 PM)

HUA

Kali says: (10:33:31 PM)

pera vou entrar na skype

Lua says: (10:33:31 PM)

levoo!!!

Lua says: (10:33:57 PM)

ta bom...

Kali says: (10:35:39 PM)

vc me add?

Lua says: (10:38:51 PM)

add

Lua says: (10:41:04 PM)

num foi?
 Kali says: (10:41:38 PM)
agora foi

No dia do show, Luara se preparou. Colocou a cadeira em cima da mesa e seu computador em cima da cadeira, direcionados para o palco principal. Conseguiu a melhor forma de reproduzir o show para a amiga, curiosamente fã da banda que iria tocar, o Teatro Mágico³⁷. Luara conseguiu levá-la, mesmo com possíveis limitações técnicas; até conseguíamos ver Kalinke no show, através da tela.



Figura 12 - Fotografia de Luara transmitindo o show do Teatro Mágico para sua amiga.

Responsável por mediar o show, falou no prazer em compartilhar aquele momento com alguém, pelo Skype³⁸, destacando a frase dita pelo vocalista da banda durante o show: “por que a idéia é compartilhar”. Não fosse a amiga, talvez Luara nem estaria presente naquele show. Provavelmente, pelo horário, estaria conversando com alguém e fazendo outras coisas em seu computador, com seus fones, caso não gostasse da música, como muitos faziam. Ou então, conversando na barraca com alguns vizinhos, como a vimos fazer em algumas noites.

Para concluir, Luara toma a palavra com mais um fragmento de seu diário:

Até o momento do show ainda não tinha reparado na força de compartilhamento que a Internet proporciona, claro que troco arquivos, e-mails, recados, imagens pela Internet, mas estas são coisas tão cotidianas, e perto disso, tão simples que ainda não tinha sentido a dimensão dessa força.

³⁷ A banda Teatro Mágico não foi convidada para o evento de modo alheio. Atuando no mercado da música e comandada pelo multi-artista Fernando Anitelli, o grupo comercializa seus produtos de modo independente e são especialmente adeptos da Internet como meio de divulgação do trabalho e relacionamento com seu público. Adotam uma política diferenciada de trabalho com a música, já utilizada por outras bandas, disponibilizando em seu site downloads gratuitos de todos os seus álbuns. Disponível em: (<http://www.oteatromagico.mus.br>).

³⁸ Skype é um software que permite comunicação pela Internet através de conexões de voz sobre IP (VoIP).

3.2.4 A nossa estranha casa

Mais importante que um necessário afastamento do campo, para experimentar a Campus Party pela primeira vez, julgou-se primordial a estada no camping do Pavilhão Imigrantes, como método para captar a maior amplitude possível. Levamos uma barraca grande, colchões infláveis, bombas de ar, algumas comidinhas, roupas, equipamentos e nos mudamos para aquele lugar. Como numa lógica de acampamento mesmo, emprestavamos diariamente nossa bomba de ar para alguém e era possível ver as pessoas frequentemente compartilhando suas coisas e seus conhecimentos para problemas de diversas naturezas. Além da equipe de pesquisadores, milhares de pessoas fizeram a mesma coisa. Convivia-se com o barulho constante da Arena, as buzinas, o cheiro, o cabelo, a poeira do corpo, a energia, ou seja, a mesma rede de fluxos era compartilhada.

Aqueles pavilhões foram apropriados por milhares de pessoas, conformando um imenso e rizomático não-lugar. O chão gelado à noite, a luz artificial, o banho num contêiner. Os olhos reclamavam ao sair do pavilhão e o mundo lá de fora gritava sua existência. Neste momento, mesmo interligados à rede global, nossos corpos se comportavam como uma planta crescida na terra que passa uma semana acomodada numa estufa.

Passamos quase sete dias vivendo aquele espaço que, simbolicamente, era muito mais que uma limitação geográfica, muito mais que estratos de forma e substância. Como o próprio discurso da Campus Party, ela se torna a casa de todos naqueles dias e, assim como a Internet, o evento só é feito com as pessoas que dele participam. Os campuseiros estendiam suas toalhas em cima de suas barracas, personalizando-as. Também estendiam bandeiras, penduravam placas, colocavam cadeados, esqueciam shampoos no local de banho, buchas de ensaboar e sabonetes. Convinha transitar de chinelos nestes locais mais íntimos. Compartilhava-se do mesmo banho gélido pela manhã. Sofria-se com o mesmo ronco e com gemidos à noite. Acordava-se com o entoar dos índios. As marcas dos campuseiros ficaram impressas dentro, mas principalmente fora do local, pois como qualquer pavilhão, dias depois pode comportar um evento sobre os avanços do agronegócio. Em 2009, tinha até uma Kombi estilizada dentro do camping, veículo de transporte de um casal nômade, amantes do turismo sustentável, da tecnologia e, principalmente amantes de viagens³⁹. O filho deste casal, por exemplo, já nasceu com um blog próprio⁴⁰.

³⁹ Disponível em: (www.vidadeviajante.com.br).

⁴⁰ Disponível em: (www.bebeblogger.com.br).



Figura 13 - Foto da área de Camping do evento, em 2009, no primeiro dia, logo quando chegamos.



Figura 14 - O Camping alguns dias depois.

Com o passar dos dias, sentia-se mais e mais à vontade, mais gente se conhecia e estes corpos iam, pouco a pouco denunciando a presença de um impulso, uma força comum que atuava por descentramentos dos mais cotidianos. Roupas de ficar em casa, chinelos de dedo, bermudas, roupas de moletom faziam parte de um certo figurino padrão, assim como havia o padrão de turmas mais descoladas. Num momento em que estava sentada na bancada, a fim de pesquisar sobre o que estávamos vivendo inteiramente no evento pela exterioridade exposta por outros eus na Internet, deparei-me com a seguinte matéria jornalística: “**Chinelo de dedo dita moda na ‘São Paulo Fashion Geek’**. Encontro de Internet Campus Party será realizado até domingo (25). Em busca de conforto, participantes optam por chinelo e bermuda.”⁴¹

Destacando o lugar comum dos preconceitos e a superficialidade dos estereótipos, numa associação de *nerds*, *geeks* e seus corpos, o conjunto de campuseiros parecia estar mais preocupado em comunicar-se por outras vias, que não as da moda. A questão era mais um modo de estar e de ser campuseiro, sentindo-se em casa, fazendo parte, expondo seus pés

⁴¹ Disponível em: (<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL964401-6174,00-CHINELO+DE+DEDO+DITA+MODA+NA+SAO+PAULO+FASHION+GEEK.html>)

como a liberdade de um corpo de intensas atividades, que necessita de certas liberações físicas.

3.2.5 Energeticamente aditivados

Em ambas as edições da Campus Party, quem participou do evento pôde presenciar diariamente a comercialização de uma única marca de bebida energética, que diz te dar asas em sua publicidade. Em meio a um público amante dos computadores e da Internet, acostumado a trocar a noite pelo dia, ou pouco habituado a colocar o corpo em estado de descanso, a bebida que tem a cafeína e a taurina como base fazia muitos daqueles sujeitos sentirem seus corações bombearem com mais força.

Vendido nas mesmas condições de preço de um supermercado, e com a conveniência de ter postos de vendas e promotores espalhados por todo o pavilhão, cinco reais eram suficientes para adquirir 250ml de Red Bull. Seguramente, o consumo de uma única edição ultrapassava a casa dos milhares de litros consumidos por aqueles públicos. Ingeridos em larga escala e em massa, chega-se a questionar a fórmula, os reais efeitos da bebida e os impulsos que fazem com que torres de latas vazias sejam erguidas, representando um estado de alerta contínuo. A cidade não pára, a juventude não pára e as máquinas abstratas também não param de girar.



Figura 15 - Uma das muitas imagens de torres de Red Bull construídas na CP, disponíveis na Internet.⁴²

Por motivos óbvios, o consumo de energético era mais intenso à noite e pela madrugada adentro. Comprava-se um Red Bull na intenção de obter energia, de driblar ou enganar o cansaço do corpo, de manter-se ativo e produtivo, independente do motivos que demandam tal estado. Alguns desconfiam de um suposto efeito placebo, mas quando as altas

⁴² Fonte: (<http://eupodiatamando.com/tag/campus-party/>).

taxas dos princípios ativos da bebida amarela tomavam a cena, sentia-se a diferença no ambiente.

O pulso interno determinava um corpo necessariamente ativo, impondo um ritmo que não é nosso, o sendo até mesmo por antecipação. Fica frio e o corpo quente se expande em tremedeiras. Os olhos já doem, parecem entupidos de grãos exógenos, coçam, reclamam a superexposição à luz a que são submetidos ininterruptamente. Mas precisamos estar lá. Forçamos os sentidos ao sentir tanto. E a nossa brigada passa a agir como se realmente não tivesse órgãos, num estado outro.

Em geral, principalmente para estes jovens-adultos, sente-se o fardo de participar de um projeto onde você é o responsável pelo seu sucesso. Faça você mesmo, o poder está em suas mãos. Cada vez com menos garantias, é a você que você mesmo precisa cobrar, sem citar, é claro, a pressão exercida pelos coletivos, mesmo como a tradicional família, a cobrar estabilidade numa sociedade cada vez mais movediça. Fazer a minha parte, pesquisar, pensar no ofício mercadológico da comunicação (fonte de minha subsistência), participar de movimentos pela liberdade, fotografar, gravar. Era tudo muito excessivo. Talvez esteja aí a necessidade da indústria do embelezamento e rejuvenescimento – a vida exige um corpo mais cambiante, menos localizado e mais nômade. Daí, à noite, vinha o Red Bull. Eu mesma, numa noite de obrigações com o movimento Liberdade Telefônica, cheguei a passar mais de hora procurando um vendedor, como viciado que necessita imediatamente sanar seus desejos. Muitos, aliás, reclamaram as suas necessidades não assistidas – eu quero, eu preciso, mas cadê o vendedor? Chegou-se a arrombar a geladeira de Red Bull que estava exposta na Arena, tamanho o desespero e a sede por energia líquida.

Depois da primeira lata só parávamos de beber por prudência financeira, pois se dependêssemos dos sentidos e dos impulsos, beberíamos litros de Red Bull. Sem nenhuma contra-indicação à saúde, o líquido de aparência radioativa e borbulhante (gaseificado) possui uma certa acidez que permanece na boca. Um azedinho infantil similar às guloseimas mais envolventes. Para quem fuma, um convite extra aos estímulos que vêm da boca, como as bebidas alcoólicas.

Pessoalmente, pude vivenciar duas sensações diferentes em relação ao consumo de energético na Campus Party. Uma primeira, está mais relacionada à diversão, enquanto a segunda à obrigação, à responsabilidade perante um projeto ou trabalho. Trata-se, na verdade, de uma expressão da dualidade entre estas distintas finalidades. No fundo, a mesma exigência vital, oferecida na forma líquida, adequada ao modo como nos identificamos e nos divorciamos a projetos de vida.

A diversão deve ser extasiante, orientada e alimentada que é pela cultura do extremo. Sabe-se, inclusive da recência destes produtos no mercado e também da adição de outras bebidas (geralmente alcoólicas) para o seu consumo. Na balada, as badaladas do tempo precisam ser transpostas para ampliar ao máximo as possibilidades da experiência. O evento só durava uma semana, justamente nos últimos dias das férias escolares, em janeiro. Era preciso aproveitar cada minuto, jogar de madrugada, pesquisar, promover para durante a noite, para de dia, quando os empresários e os jornalistas que viram abóboras apareciam, ganharem alguns minutos de visibilidade.

O trabalho, cada vez mais autônomo, mais *freelance*, realizado num tempo qualquer, possivelmente num espaço privado ou até mesmo de lazer, no mesmo computador em que se joga, já não encontra mais os mesmos caminhos previamente trilhados. Busca-se sempre um caminho próprio, um projeto inovador, uma idéia brilhante. O ganha-pão deve ser entendido de acordo com a lógica da recompensa, das metas, da performance. Aja, já!

Nem mesmo sabemos de onde vêm, como é feito, como são desenvolvidos seus princípios ativos e quais efeitos provocam nos corpos na verdade. Pode-se tentar desvendar as questões através de ciências biológicas e químicas. O que nos vale é que confiamos, acreditamos e depositamos na bebida energética a solução para alguns de nossos vazios mais contemporâneas. O artifício que bombou a Campus Party, refez o real e o conformou violentamente.

3.2.6 Infância digital

Em 2009, por conta da localização do orelhão do movimento Liberdade Telefônica, do qual participamos, passamos dias sentados ao lado de Carlos Alexandre (ou Xandelly) e conhecemos sua família – sua filha, sua esposa, seu filho de dezenove anos e sua nora. Estavam todos acampados e Alexandre participou da Campus Party encenando o Dr. Brown, personagem da trilogia *De Volta para o Futuro*. Estava instalado na área de Modding, com um super-computador de alta performance bancado por um belo patrocínio, como poucos na área de Modding⁴³ foram. Sem dúvida, era um dos computadores turbinados mais caros, devido aos equipamentos de última geração que continha. Porém, para os campuseiros que

⁴³ Case Modding é como são chamados os projetos de computadores personalizados. Um gabinete para CPU que é personalizado é chamado de Case Mod.

modificaram seus computadores, a customização do equipamento de Alexandre não tinha tanto valor – simbólico. Para eles, não era uma máquina que trazia a personalidade do dono, mas sim, a personalidade de uma marca patrocinadora, uma vez que ele usava peças disponíveis a qualquer um com dinheiro suficiente para comprá-las. Para além desta percepção do grupo, Xandelly trabalhou efetivamente nos sistemas internos daquele computador, mais especificamente, em seus insumos. Sua maior qualidade foi aperfeiçoar um método de refrigeração líquida – com um fluido desenvolvido por ele mesmo⁴⁴ - que permite aumentar significativamente a performance da máquina, uma vez que resfria seus componentes críticos com maior eficiência. Com este método, e um bom hardware, Alexandre apresentava um computador super-potente onde ele fazia overclocking, técnica que força a máquina a um estado de potência extremado, o que gera mais calor que o normal.

Pertencer a este grupo de Modders, para Alexandre, foi um tanto quanto paradigmático. Ao final da edição de 2009, aconteceram algumas premiações, e os computadores customizados não poderiam ficar de fora. Alexandre não foi contemplado na lista dos melhores, o que o deixou indignado, a ponto de ter causado uma recusa para participar do evento em 2010. Na edição seguinte, Alexandre foi convidado a se apresentar no espaço Telefônica, na área aberta, fazendo sorvete de nitrogênio líquido. Mas desta vez, passagens e estadias foram subsidiadas pela própria organização do evento.



Figura 16 - Foto de 2010 durante a apresentação do “Dr. Brown”.

Apesar de Alexandre não ter sido reconhecido como parte do grupo de Case Modding, o fato de sua máquina ofuscante ser comandada por um sujeito fantasiado, de cabelos brancos arrepiados, chamou muita atenção da mídia. Na verdade ele estava lá

⁴⁴ Alexandre desenvolveu um substituto nacional, alternativa mais barata aos fluidos importados para refrigeração de computadores, atualmente à venda em seus sites. Disponível em: (<http://www.overbr.com.br/>).

exatamente para isso, como estratégia para promover seu fluído de refrigeração, mesmo que no começo tenha relutado um pouco com a idéia se fantasiar.

Foram Eliana e Adrielli (sua esposa e sua filha mais nova) quem tiveram a idéia de transformar Alexandre num cientista maluco, personagem compatível com o ambiente (eles já tinham participado da Campus Party 2008 e conheciam as potencialidades do lugar e das pessoas). Foram elas quem rasparam seus cabelos, descoloriram o que sobrou e, principalmente, o incentivaram neste momento único, já que nunca havia vivenciado nada nem parecido com o que aconteceu na Campus Party. Vale ressaltar que a caracterização de Dr. Brown foi mantida na apresentação que Alexandre realizou na CP 2010; a idéia infantil e pertinente da fantasia se manteve naquela ambiência.



Figura 17 - Carlos Alexandre, ou Xandelly, num momento em que era entrevistado na CP 2009.

É inevitável falar de Alexandre para falar de Adrielli, uma criança digitalizada, filha deste técnico de rede que tem um laboratório em sua própria casa e que trabalha com neon, líquidos e gases, além das próprias máquinas. Esta criança estava na Campus Party em família, sendo que a primeira vez que estabelecemos uma conversa com ela foi enquanto jantávamos no refeitório, sentando juntos em uma mesma mesa. Este comportamento de conhecer pessoas mais a fundo no refeitório, aliás, era muito comum no evento, já que as mesas são grandes e pessoas, a princípio desconhecidas, sempre sentavam juntas. Este primeiro momento com Adrielli foi relatado no meu diário de campo, no dia 21 de janeiro de 2009, com segue:

No jantar ela dominou a conversa, contando todo o seu repertório de piadas! Depois da primeira coisa que ela falou e nós rimos, ela disse: é que você ainda não sabe como sou "piadista". Foi pedir para ela contar a primeira piada e ela não parou, até não lembrar de mais nenhuma. Curioso foi quando ela ameaçou contar uma piada "suja" e a mãe a repreendeu (naturalmente, sem nenhum tipo de agressividade), uma vez que a mãe ajudava também a filha a lembrar das piadas que contava. Ao narrar uma das piadas ela se enrolou e ficou muito tempo sem conseguir concluir. Ela mesma percebeu e disse mais ou menos assim: "essa não teve tanta graça porque eu me

enrolei". Demos risada de sua consciência! Neste momento, mesmo sem uma piada, ela tomou a cena e nos arrancou gargalhadas. Eu perguntei sua idade e disse ser surpreendente para a idade dela saber tantas piadas de cor – eu nunca consegui decorar piadas! Daí a mãe explicou que a filha entra na Internet, procura piadas, copia e leva pra escola. Acontece que a classificação "piadas para crianças" não a interessa – tem piadas sem graça! A mãe descobriu que a filha navegava pelo universo das piadas adultas quando uma das piadas não foi compreendida pela menina, pois ela pediu para que a mãe explicasse, já que não tinha entendido! A mãe espantada pediu para que ela só pegasse piadas de criança, não mais de adultos – não pode! A menina chegou a dizer que precisa obedecer a mãe e tal, mas quando contou a piada suja deixou claro: "esta é a mais engraçada, né?".

Conhecer a menina com mechas cor de rosa nos cabelos foi interessante. Ela também tem a sua máquina personalizada, um Case Mod que ela adora e que foi construído em conjunto com seu pai. Apelidada de Doggy, sua máquina tem formato de cachorro, abre a boca para o drive de CD e é revestido de pelúcia, exatamente como ela quis.



Figura 18 - Imagem de Adrielli em uma das bancadas da Campus Party.⁴⁵



Figura 19 - Foto do computador de Adrielli, o Doggy.⁴⁶

Adrielli não era a única criança presente na Campus Party. Ela fez amigos, brincou de bonecas, navegou na Internet, jogou e, como relatou diversas vezes, divertiu-se

⁴⁵ Fonte: (<http://idgnow.uol.com.br/blog/campus-party/2009/01/20/personagens-veterana-na-campus-party-tem- apenas-9-anos-de-idade/>)

⁴⁶ Fonte: (<http://paineldohardware.com/blog/tag/campus-party/>)

muito. Tive contato com pequenos sujeitos que alguns chamam de nativos digitais. Lembrome de Adrielli ter ganhado uma partida de um jogo com alguém que eu conhecia, e os mais velhos, ainda que jovens, ainda se escandalizam com uma vitória destas. Dá vergonha, mas as crianças parecem nascer com os dedos mais ágeis e os olhos frenéticos, multifocados.



Figura 20 - Família cujo Case Mod de sua CPU tinha como tema a trilogia *De Volta Para o Futuro*.

Adrielli deu entrevista e, assim como outras crianças presentes, foi bem considerada pelos veículos que realizaram a cobertura do evento⁴⁷. Ficou verdadeiramente brava quando no meio de uma entrevista a repórter começou a fazer perguntas para sua mãe e, praticamente, deixou a garota de canto. Como estava perto, ela sentou ao meu lado, cruzou os braços e amarrou seus lábios, ao mesmo tempo em que seus traços faciais se contorciam. Culpou a mãe por ter lhe tirado da cena.

O que ela gostava era de brincar de mídia, de participar daquela festa toda, mas não no papel de coadjuvante. Uma espécie de ficção científica se provou como a idéia real deste presente vivido, já que é literalmente praticada na composição deste cenário, ainda que não tenhamos conseguido voltar ao passado.

Neste trabalho é importante falar das juventudes e suas representativas formas de atuação politicamente engajadas e tecnologicamente mediadas, mas é urgente tentar entender onde foi parar a infância e o que temos feito dela, neste processo onde a criança quer ser adulta cada vez mais rápido e o adulto desenvolve e lida cada vez mais cedo com uma infantilização dos próprios impulsos. Há um embaralhamento hiper-real provando que as fronteiras são somente linhas imaginadas e que pode ser presenciado quando em contato com crianças como Adrielli. Infância e juventude, por exemplo, são categorias humanamente criadas, produções de biopoder entendido como “o poder de criação da vida, ou seja, produção de subjetividades coletivas, de sociabilidade, de formas de vida” (PELBART, 2000, p. 27). A encantadora e magnetizante teia comunicacional global reveste a vida destes sujeitos

⁴⁷ Segundo informações oficiais do evento (ver anexo A), os menores de idade representavam 5,5% dos inscritos, sendo que vários estavam acompanhados de familiares.

pós-modernos e ocidentalizados, atuando na infantilização das mercadorias e na vida de consumo, já que a própria vida, por todas as esferas, se tornou uma existência que é o próprio capital. Para além do bem e do mal, a fim de concluirmos as reflexões suscitados pela experiência narrada, Peter Pal Pelbart colabora com a problematização aqui colocada, ao tratar dos fluxos de subjetividades pós-modernas:

Como atentar para a evidência de que por trás da imagem um pouco total em que nos contemplamos como sujeitos, fremem subjetividades extemporâneas, ou intempestivas, que experimentam futuros ainda impalpáveis, que reatam como virtualidades imemórias, ensejando singularizações as mais diversas? [...] Não seria então preciso, sobretudo, insistir para que a subjetividade, à qual Nietzsche teria dado o belo nome de “interior envergadura”, esteja pronta a viver *para o ensaio*, em vez de, como diz ele ainda, enamorar-se de si e sentar-se inebriada? O eu como um Eureka...

[nota de rodapé do próprio texto:] Alguns objetarão que a jubilativa remodelação da subjetividade não passa de um requisito do capital na sua forma atual, sem relação alguma com a dita experimentação à qual Nietzsche se refere, ou, no pior dos casos, expressando-se através dela. A fluidificação da subjetividade e do nosso olhar sobre ela seria apenas, afinal, o gozo do capital e de seu poder ilimitado de subsunção.

Ora, é preciso reconhecer, mesmo em meio à mais apocalíptica das leituras sobre a atualidade, que a desterritorialização violenta que o capitalismo impõe à subjetividade (mas isso não o caracterizava desde o início?) extrapola incessantemente os limites que ele mesmo teria interesse em ver respeitados, obrigando-o a deslocar-se. Em outras palavras, a subjetividade desterritorializada pelo capital escapa às suas capturas nas mais insuspeitadas direções: nas modalidades inéditas de socialidade, de resistência e de implicação com o presente. É o que nos cabe cartografar sem cessar – novas políticas de subjetividade. [...] (PELBART, 2000, p. 20)

3.2.7 Heróis do ciberespaço

A Campus Party, que nesta lógica fragmentária vai tomando a forma deo que já conceituamos como um particular não-lugar, reúne um improvável número de grupos, tribos e comunidades, como desenvolvedores, blogueiros, *modders* e *gamers*. Convivem no mesmo espaço pessoas que relacionam-se com a Internet e com as máquinas de maneiras diversas e, por isso, possuem interesses, modos e estilos de vida distintos, mesmo que conectados.

Quando se considera, especificamente, os interessados em Software Livre e Desenvolvimento, fala-se daqueles que conhecem e/ou dominam as linguagens utilizadas nos bastidores da Internet, não exatamente na cena cibernética. Eles possibilitam que as luzes se acendam, trabalham com a matéria que para outros é invisível e, portanto, verdadeiramente sabem de coisas, conhecem um mundo que muitos mal conseguem enxergar, como seus

próprios pais. Os que não entendem podem até saber da existência deste universo, mas ainda vivemos numa época onde muitos nem interagiram em geografias digitalizadas, mesmo com satélites sobrevoando suas cabeças a todo instante.

Falamos destas espécies de campuseiros bastante representativa da fauna local para dizer que os heróis mencionados neste fragmento são reconhecidos e compreendidos como tais, justamente por eles. Trata-se de dois palestrantes de destaque, selecionados para tratar aqui como nossos heróis. São eles Tim Berners-Lee e Kevin Mitnick, figuras interessantes para conhecer por meio da própria Internet (falaremos deles em breve).

Existiram também outros palestrantes de renome no evento como Jon “Maddog” Hall em 2009 (Diretor Executivo da Linux Internacional) e Lawrence Lessing (um dos fundadores do Creative Commons⁴⁸) e Scott Goodstein, “o cara da campanha do Obama”, em 2010 (eram raros os que sabiam seu nome). Tomando como exemplo o caso de Scott para justificar a seleção dos “heróis”, este é o caso do marketeiro político mais “inovador” da atualidade. É uma figura muito mais relacionada ao mercado, à ação do marketeiro, daqueles que contratam e ditam regras, caso exemplar para aqueles que se preocupam com as estratégias mercadológicas, não com seus impactos. Seu trabalho, na verdade, retrata a usabilidade das redes sociais online, mas através do domínio das lógicas de rede para fins muito específicos e por vias legitimadas. É o trabalho da política tradicional, partidário, necessário ao mercado político, tão capital quanto a própria vida ordinária. Ao contrário de nossos heróis, que propriamente criaram estratégias comunicacionais de fato inovadoras, revolucionárias, suas experiências evidenciam mais o uso de certas táticas e a manipulação da informação. É menos ligado a um devir cibernético e mais relacionado a uma perspectiva utilitarista de produção dos agentes comuns da Campus Party. Equiparam-se como aqueles que vão ao evento caçar talentos, com suas armadilhas bem pensadas.

É claro que alguns participantes do evento nem conheciam os protagonistas deste nosso texto, como era o meu caso, mas esta não era a regra para boa parte do público vinculado às áreas de Desenvolvimento e Software Livre. Além da utilização de seus nomes como argumento publicitário e jornalístico, a organização fez questão da presença de ambos nas cerimônias de abertura do evento – Tim em 2009 e Kevin em 2010. Tal exposição acabou fazendo com que muitos os conhecessem, mesmo que de passagem. Cada um deles

⁴⁸ Como bem documenta a Wikipédia, Creative Commons pode significar: “o conjunto de licenças padronizadas para gestão aberta, livre e compartilhada de conteúdo e informação” ou “organização sem fins lucrativos que criou e divulga essas licenças que são alternativas à tradicional lei do direito autoral (copyright)”. Para saber mais, sugerimos a consulta do post *O que é Creative Commons* no blog pré-campo da pesquisa etnográfica. Disponível em: (<http://serdigital.wordpress.com/2009/01/08/o-que-e-creative-commons-cc/>)

proporcionou e participou de uma experiência diferente, em edições distintas e, por isso, cada um será tratado separadamente, deixando claro que, para nós, ambos fazem parte de uma possível “liga dos heróis digitais”. Não pretendo me estender no esclarecimento da vida destas figuras ou nos fatos que os levaram a serem chamados de “heróis” nesta narração, mas sim, falar das impressões que tivemos quando visualizamos a interação entre os astros e suas poeiras rastejantes, naquele pavilhão.

Tim Berners-Lee é um cientista considerado o criador ou o pai da web⁴⁹, responsável pela proposição desta poderosa forma de comunicação. Na Campus Party, sua exposição, chamada “*O futuro da Web – e isso é só o começo: olhando os próximos 20 anos*”, tratou basicamente da Web Semântica – uma nova tecnologia que se aproxima da sonhada inteligência artificial. Para tratar de exemplos sobre os reflexos que esta nova tecnologia pode ter, demonstrou as diferenças entre um buscador de hipertexto (baseado no modo de funcionamento atual da Internet) e um buscador semântico – que lê os dados e metadados necessários à sua busca, para então cruzá-los com uma espécie de “memória eletrônica” baseada nos registros de navegação e sugerir o que é mais pertinente à intenção de busca do internauta. Findou sua palestra com um discurso que prima pela liberdade na rede, incentivando o uso de *browsers* de código aberto e esclarecendo que a liberdade na Internet está nas mãos dos usuários, pois são eles que possuem o poder de escolha.



Figura 21 - Imagem da palestra de Tim Berners-Lee na Campus Party 2009.

A linguagem caminhava por searas que demandavam um conhecimento técnico aprofundado. Mesmo o palestrante tendo utilizado exemplos mais práticos, para os iniciados,

⁴⁹ Timothy John Berners-Lee é um engenheiro britânico nascido em 1955, cientista da computação e professor do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), a quem é creditada a invenção da World Wide Web proposta em 1989. A World Wide Web (que em português significa “Rede de alcance mundial”; também conhecida como Web, WWW ou simplesmente Internet) é um conglomerado de diferentes sistemas, conectados em rede, que gerenciam documentos em hipermídia, interligados e executados sobre tais redes pelo protocolo TCP/IP, que por sua vez organiza a troca de pacotes de dados entre os computadores.

a importância de sua participação foi devidamente considerada. Não havia tantos jovens naquela plateia tímida, um tanto quanto comportada e de certo modo inexpressiva, mas também concentrada, introspectiva e estudiosa. Parecia que metade dos presentes estavam imóveis, e a outra metade tentando registrar o evento de todas as formas possíveis (através de áudio, vídeo, fotografia, telefone, caderno e qualquer outra forma possível). Esta personagem principal, que atuou no palco central, não podia mesmo ser compreendida por muitos. Exemplificava o futuro, do qual ele mesmo é verdadeiramente responsável, e dizia que a linguagem com a qual estamos acostumados estará obsoleta em menos de dez anos. Ouviu-se depois: “isto significa que tudo o que sabemos hoje não será mais utilizado em até dez anos”.

Sem conhecimento sobre o alicerce e a lógica da rede, sobre a base do que acontece hoje no universo da construção codificada da Internet, é impossível entender, de fato, seu funcionamento ou compreender as previsões sobre seu futuro. Ainda mais quando não há tradução simultânea e o inglês técnico fica restrito apenas aos ainda mais capacitados. É fato que a maioria dos bons programadores está habituada a lidar com a língua inglesa.

Basicamente, essas são algumas das características dos que estavam mais atentos à palestra, e que eram capazes de entender, para além do idioma, uma mensagem importante: que para evoluir também é necessário olhar para trás. Os avanços da web semântica apontam que a lógica de programação predominante (orientada a processos) está se aproximando de seu limite de amadurecimento, tendo chegado a hora de substituí-la por uma lógica mais adequada às necessidades computacionais atuais (orientada a objetos), preparada para lidar com o imenso e exponencial volume de dados e metadados que geramos diariamente.

Mesmo com todas as barreiras e com a atenção voltada a tópicos de maior grandeza, Tim Berners-Lee deixou claro que o caminho para a Internet se tornar uma ferramenta ainda mais potente depende do uso de plataformas e de objetos de código livre, especialmente os dados governamentais, que teoricamente deveriam ser públicos. Ao final de sua explanação, enfatizou alguns pontos extremamente abordados em diversas dimensões na Campus Party: a defesa da liberdade na rede, da importância da garantia do acesso a ela e, principalmente, a garantia do acesso a seus conteúdos, viabilizada pela adoção da política do código aberto, do código livre. Elogiou as propostas de Barack Obama, neste sentido e tratou de mobilidade, colaborativismo e neutralidade no controle de acesso às informações, como sugestões e proposições para o futuro da rede.

Antes mesmo de sua palestra, na abertura oficial do evento, Tim Berners-Lee foi ovacionado pelo público, diferentemente dos políticos e representantes da Telefônica que receberam, todos, vaias veementes dos campuseiros. Verificou-se naquele momento a clara

negação praticada ao discurso político e institucionalizado, mesmo que sem motivos claros e aparentes, como se naquele espaço tal discurso não encontrasse nenhum tipo de eco – somente o de repulsa e o da negação prévia. Aqueles sujeitos revoltados se apropriaram do momento, impedindo que o discurso político se relacionasse com a festa em si, pois ela é feita não pelos políticos, mas por aquelas jovens almas inquietas. Em contraponto, estava o discurso da tecnologia, possibilitado pela ciência e representado pelo criador da base de um novo espaço-tempo, menos hierárquico, mais compartilhado: o ciberespaço. Em 2010, por conta dos problemas enfrentados na abertura de 2009, a organização se preveniu e enviou aos campuseiros uma mensagem de agradecimento aos parceiros que possibilitam que a CP seja realizada.

Tim Berners-Lee, em relação ao nosso outro participante, simboliza, neste cenário, o “herói da construção” e para entender essa classificação, é preciso falar do nosso próximo ator-principal. Colaborando para intensificar algumas questões no discurso oficial do evento, diferentemente da participação daquele que por métodos científicos construiu a Internet, Kevin Mitnick foi chamado para palestrar em 2010, na terceira edição brasileira. Este, que entendemos como uma espécie de “herói da revolta”, fez uso de sua inteligência humana e social para burlar determinadas barreiras humanas e tecnológicas impostas pelos sistemas corporativos das tele-comunicações norte-americanas.

Seguindo as temáticas principais adotadas pela organização na terceira edição do evento, a imagem projetada estava alicerçada na importância de um conteúdo e um público mais politizado. Coerente a este movimento de “construção identitária” do próprio evento, a organização trouxe ao palco principal um sujeito que, no senso comum, pode ter mais a ver com um anti-herói, já que é reconhecido como o hacker mais procurado pelo FBI e mais famoso do mundo. Pareceu que a organização tentou aproximar o discurso oficial à realidade dos campuseiros, confrontando a representação do anti-herói (visão estrangeira) pautando-se num exemplo do que qualquer um pode fazer, desde que seja capaz de compreender os sistemas tecnológicos. Mas, para além deste conhecimento, Kevin falava se seu maior trunfo como hacker: um ser capaz de compreender e empreender a chamada engenharia social, que envolve o conhecimento e a manipulação do ser humano, mais do que das tecnologias. Hackers carregam essa fama, de certa forma injusta e insensata, mas não nos posicionaremos mais profundamente, pois corre-se o risco de parecermos tendenciosos. Tirem suas próprias conclusões, vejam o que falam os próprios hackers – é o que queremos. Por enquanto, cabe dizer que entendemos os significados de suas ações como verdadeiros reflexos das tecnicidades e das politicidades que envolvem o ser na pós-modernidade.



Figura 22 - Imagem de Kevin Mitnick em sua mesa de controle na Campus Party 2010.

Cerca de uma semana antes do evento começar, todos os inscritos receberam um e-mail cujo conteúdo remetia ao vídeo: “Kevin Mitnick convida para a Campus Party 2010”⁵⁰. No vídeo, de pouco mais de um minuto e meio, Kevin fala de seu entusiasmo em participar da edição brasileira. Disse que esteve presente na CP de Bogotá em 2009, afirmando ter sido fantástico, e que esta “grande festa” reúne tecnologias realmente inovadoras.

Em seguida, o atual consultor de segurança falou sobre a exposição que faria na Campus Party chamada “A arte da ilusão”, baseada em um conceito caro para o expositor, chamado de “engenharia social” e cuja breve definição foi mencionada no vídeo do seguinte modo:

um método de ataque onde você manipula os fatores humanos da segurança. É basicamente quando um hacker usa a manipulação, ilusão e influência para convencer uma pessoa a atender suas solicitações, disponibilizando informações ou fazendo alguma ação que facilite o ataque a rede ou ao sistema.

O atual consultor de segurança também comentou que traria seu famoso *lockpick business card* (figura abaixo), um criativo cartão de visitas que possui cinco partes de metal destacáveis que servem para abrir fechaduras físicas, de portas “reais”. Para quem conhece o mínimo sobre arrombamento de portas, com aquelas cinco ferramentas, é possível ultrapassar a maioria dos dispositivos de trancamento baseados em chaves. Mais uma comunic[ação] com tom de brincadeira, lugar um tanto comum para algumas ações de cunho anarquista, posicionadas que estão frente a este sistema autoritário e egoísta na relação com a propriedade intelectual. Deter conhecimento, nos trâmites legais atuais, já não condiz com a realidade de produção audiovisual, hipertextual e comunicacional dos sujeitos comuns, ou deste batalhão de ninguéns que acessam à rede mundial de computadores.

⁵⁰ Vídeo disponível em: (<http://www.youtube.com/watch?v=9S9WRbycQ2Q>)



Figura 23 - O cartão de visitas bem humorado de Kevin Mitnick, alvo de disputa pelos campuseiros.

De acordo com a equipe de assessoria de imprensa do evento, Kevin é um contratado rigoroso, dada a relação que estabelece com a mídia, esta mesma que o condenou e frequentemente colabora para circundar a idéia do ser hacker como um ser marginal, criminoso quase que por essência, mesmo que não o seja. Kevin chegou ao evento, fez o que lhe era devido, concedeu no máximo uma coletiva à imprensa e previu em seu contrato punições financeiras severas aos seus contratantes por qualquer tipo de atraso no esquema acordado, de modo irrevogável.

Nesta última edição a organização mostrou ter se empenhado em resolver alguns problemas na estrutura do evento, para que seus convidados principais tivessem a devida atenção. O palco principal, lugar disputado por diversas atrações em 2009, onde acontecia shows a noite, palestras de manhã e cujo som estava preparado para alcançar todos os cantos da Arena, em 2010 não mais existiu. Criaram um palco central chamado de Momento Telefônica, onde aconteceu a palestra do Kevin e o debate com o Marcelo Tas, por exemplo. Contando com tradução simultânea, o espaço foi preparado para um grande público, e foi exatamente o que aconteceu.

Sendo assim, vários participantes, alguns especialmente atentos e extasiados com a presença do ídolo, tiveram a oportunidade de ouvir diretamente de Kevin algumas histórias de hackers, inclusive as suas. Considerando estes exemplos, expôs ao público os diferentes métodos da “engenharia social”, conceito utilizado para definir as atividades de um hacker, desde a parte técnica até o poder de convencimento para a obtenção de informações cruciais num processo de hacktivismo bem sucedido.

A mensagem de Kevin é impactante e coloca a maioria dos sujeitos ali presentes numa condição de vulnerabilidade invisível e inquestionável. Os não-iniciados percebem que, na verdade, são cegos em relação às questões de segurança na rede. O ser humano tende a pensar que não vai acontecer com ele, geralmente não desconfia de abordagens mediadas por estes aparatos eletrônicos, como o Facebook e o MySpace, citados como principais alvos nos

Estados Unidos para roubo de identidade. Kevin conseguiu fazer com que todos parassem para pensar e perceber que sistemas bancários e basicamente todos os sistemas de controle de grandes organizações são extremamente tecnológicos. Um dos maiores “problemas” é que são sempre controlados por pessoas, estas sim, naturalmente vulneráveis.

Durante sua palestra, lembrei do clássico ensinamento familiar que orienta os filhos a não aceitar balas, doces, passeios e presentes de estranhos. Kevin demonstrou ao vivo como uma simples penetração de um *pendrive* pode contaminar todo o aparelho penetrado, instaurando um medo para gente grande entender, mesmo sem entender o funcionamento interno daquele sistema em particular. Falou de questões intrínsecas ao trabalho de detetives, como a preciosidade informacional do nosso lixo físico, do problema da excrescência social recheada de informações. Posteriormente, no contato com um de seus livros, descobrimos que Kevin, para exercitar suas aptidões como engenheiro social, oferecia serviços de detetive particular e também praticava o ato das descobertas simplesmente para exercitar o que chama de arte da trapaça.

Por outro lado, sentia-se na platéia de sua palestra uma admiração e uma vontade de fazer “coisas erradas” latentes. Ao contar os casos de engenheiros sociais, falou da superação intelectual na relação com o próprio ser humano, causando uma espécie de espelhamento ideológico. Kevin é uma pessoa que conhece muito bem a mente humana e, facilmente, pode decifrar a você, sua família, sua empresa, ou a alguém qualquer, que provavelmente não conhecemos, a não ser no caso de fraudes espetaculares envolvendo grandes marcas.

Com o uso de um notebook e um telefone celular reprogramado, o palestrante realizou mais uma demonstração, desta vez justamente com o número de telefone celular do Gustavo, que estava na ponta do palco a fotografar, sendo o único próximo o suficiente - com uma perfeita e conveniente fluência em inglês - para responder às rápidas perguntas feitas pelo “mestre”. Basicamente ele ligou para o seu escritório nos Estados Unidos com seu aparelho, que substituía a identidade do ligador (na verdade o aparelho de Kevin), pois no visor do celular “alvo”, que recebia a chamada, o número identificado como a origem da chamada era do celular do Gustavo (para quem ele tinha perguntado o número mais cedo), que estava na sua frente mas não estava utilizando seu telefone no momento.⁵¹

⁵¹ Para entender melhor como foi esta palestra, vale à pena ler a matéria escrita por Luiz Rabelo em seu blog. Disponível em: (<http://forensics.luizrabelo.com.br/2010/01/kevin-mitnick-na-campus-party-2010.html>)

Tratando de forma bem objetiva, o tema de sua palestra, nome do seu livro *A Arte de Enganar*, esclarece que o fator humano é o elo mais fraco de qualquer sistema, seja de segurança, dados ou acesso. Nesta linha de raciocínio, Kevin aborda o estudo do comportamento humano como uma verdadeira ciência que pode ser pensada a partir de nossa natureza antropológica.

Robert B. Cialdini, ao escrever para a revista *Scientific American* (edição de fevereiro de 2001), resumiu a sua pesquisa apresentando “seis tendências básicas da natureza humana”, as quais estão envolvidas em uma tentativa de obter o consentimento para uma solicitação.

Essas seis tendências são usadas pelos engenheiros sociais (algumas conscientemente e, com mais frequência, outras inconscientemente) em suas tentativas de manipulação. (MITNICK; SIMON, 2003, p. 196)⁵²

Foi aprendendo a fazer mágica que Kevin tomou gosto por enganar as pessoas e os campuseiros parecem gostar dessa atitude ousada do enganador, pois a surpresa é algo raro e eles estão o tempo todo tentando surpreender. Kevin já entrou em cena ovacionado, de forma espetacular, após a apresentação de um curto vídeo que trata de sua vida. Kevin é um daqueles que começou a descobrir seus devires brincando e, no processo, fez emergir um talento para desvendar segredos que não deveria sequer tocar.

Tim e Kevin carregam com eles uma série de imaginários sobre as possibilidades expressivas que estas ferramentas nos abrem. Como uma luz em nosso olhar pela construção destes sujeitos na Campus Party, destaca-se a potência e a latência de um novo modo de conhecimento, ou até mesmo o fato de viver esperando um constante conhecimento novo. Ciência e tecnologia ampliam suas atividades mutuamente, e quanto mais tecnologia aplicada, mais conhecimento envolvido e os motores estarão em constante atividade. Estão aí envolvidas duas partes do que Edgar Morin (2005) chama de quadrimotor planetário, definido como a força propulsora de nossa complexa sociedade contemporânea.

Uma sociedade é inseparável de uma civilização. Existe uma civilização mundial, originada da civilização ocidental, que desenvolve o jogo interativo da ciência, da técnica, da indústria, do capitalismo, e que comporta um certo número de valor-padrão. (MORIN, 2005, p. 351)

Assim, muitas vezes para pior, mas também com frequência para melhor – e isso sem se perder –, as culturas do mundo inteiro entrefecundam-se, sem saber ainda, no entanto, que fazem filhotes planetários. (MORIN, 2005, p. 352)

Ainda não existe sociedade civil mundial, e a consequência de que nós somos Terra Pátria é dispersa, embrionária.

Em suma, a globalização instalou a infra-estrutura de uma sociedade-mundo que ela mesma é incapaz de instaurar. Temos os alicerces mas não o edifício. Temos o hardware e não o software. (MORIN, 2005, p. 354-355)

⁵² Para entender sobre as seis tendências, ver página 196 do livro de Kevin Mitnick (2003).

Por fim, destacamos a relação entre nossos heróis e a adoção das plataformas livres, na defesa do código aberto. A liberdade está confinada às dependências do que será definido como bom e correto uso da Internet e depende de um nós. Querendo ou não, o futuro da Internet também depende de nossa relação com as políticas públicas, ultrapassando a linha do ganho particular, mas não a esquecendo, e ao mesmo tempo colaborando para a existência e o fortalecimento de uma rede comum. Ambos os nossos heróis manipulam e trabalham com códigos e precisam deles para se aprimorar, para aprender. Lidando com os computadores desde jovens, eles vêem a ferramenta como meio para conhecer mais, para saber mais do que as regras vigentes os esclarecem. A escola, a família e a própria política não conseguem acompanhar os rumos e a rapidez da ciência e da tecnologia. Aprender na escola? Aprende-se é nesta prática, virando e revirando os códigos, nesta guerra entre máquinas abstratas que tendem ao infinito, consideradas as possibilidades da teia digital que a humanidade construiu.

3.2.8 O peso da mobilidade

Quando uma pessoa compra um notebook, a cada lugar que vai, sente o peso desta aquisição. Como tartarugas ninjas, eles carregam em suas mochilas uma casca que os assegura, protegendo suas particularidades vitais. Mas ao contrário destas personagens, estas “cascas” não são rígidas, nem tão protetoras assim. O corpo nestes casos acaba se curvando à máquina quase que diariamente, para diversas finalidades diárias – desde leitura, pesquisa, escrita, trabalho, diversão, comunicação em redes sociais e e-mails para a família, que hoje não se comunica mais no sentido de “conversas de adulto não são pra crianças ouvirem”.

Quando pensamos em tudo que essa máquina faz *por nós*, pensamos no que aconteceria se um dia ela desaparecesse sem aviso prévio, como num blackout total – o medo da pena dos sistemas. Pode-se ter tranquilidades tecnológicas, geradores de energia, arquivos bem guardados em dispositivos externos. Este próprio texto esteve temporariamente online nos servidores do Google, além de serem feitos backups físicos constantes em dispositivos externos, sendo frequentemente atualizado por questões de segurança, por medo do equipamento me faltar. Assustamo-nos, de modo geral, com o que outro alguém pode fazer com todas as nossas informações, se pararmos para pensar, mas não queremos dotá-las de uma importância que elas não têm.

Na Campus Party, justamente por orientações oficiais de segurança recomenda-se transitar com mochilas para que seus equipamentos sejam ao máximo carregados junto ao

corpo. O problema é que caminha-se longas distâncias lá dentro e quando o corpo reclamava, sentia-se refém da tecnologia e dos aparatos, imaginava-se ciborgue. Nosso livre trânsito dependia da vigilância das máquinas, mas também de homens. Toda vez que saíamos da Arena com mochilas, tínhamos de abri-la para que verificassem o número escrito na etiqueta afixada ao computador, uma marca que os campuseiros costumam manter em seus equipamentos. Era preciso mostrar o computador para que os agentes de segurança confrontassem o selo embaixo da máquina (com o número do CPF do proprietário escrito à caneta) ao crachá pendurado no pescoço de cada participante.



Figura 24 - Imagem da face inferior do computador pessoal da autora deste trabalho.

A título de curiosidade, em 2010 a equipe de segurança utilizou um detector de metais na porta da parte restrita, porém alguns campuseiros, mais questionadores, filmaram um método criado por eles para sair com um computador de outrem sem serem descobertos. Foram bem sucedidos e publicaram seu feito na Internet irritando os homens de preto, que se viram chacoteados por jovens “nerds”.

Levando em consideração um processo de digitalização mundial e a necessária utilização das ferramentas de comunicação e informatização, percebe-se o sentido das estratégias de mercado para a convergência de tecnologias. Percebe-se também a importância da miniaturização dos equipamentos e da computadorização de tudo – desde as vantagens de um Smartphone, até a inovação do iPad, reproduzindo a força dos motores da ciência e da tecnologia no cotidiano, abrindo novas possibilidades de *reprodutibilidade*, *ressignificação*, *apropriação*. Com o tempo, o ciborgue real vai se aprimorando e, essencialmente, renovando-se aceleradamente. Os regimentos da sociedade ocidental pós-moderna permitem estas novas expressividades, estas metalinguagens a todo o tempo. E nós gostamos, nos empoderamos e na Campus Party, nos sentimos mais potentes, cada vez mais inquietos com o que as novas tecnologias podem nos oferecer e com o que podemos fazer dela.

3.2.9 A Campus Party é nossa

Pode-se dizer que cada um que participou se sentiu verdadeiramente parte integrante da Campus Party. Nós, pesquisadores, por exemplo, não precisamos nos situar como tais do ponto de vista tradicional. Estávamos bem preparados, bem equipados, por decorrência do processo de pesquisa, mas acabamos por participar de outros movimentos, que nos consumiram ali, de modo intensivo.

Neste evento há uma evidente abertura prévia ao diálogo e ao compartilhamento em geral. Em 2009, vivenciamos fortemente alguns casos interessantes. O aconteceu quando o orelhão do movimento Liberdade Telefônica quebrou. Com sua montagem um tanto quanto precária, ele simplesmente não se sustentava mais e um jovem da área de Robótica veio arrumar o instrumento mais importante do movimento, com suas ferramentas apropriadas. Outro caso foi protagonizado pela própria equipe de pesquisa. Renato Mader, professor da ESPM, possuía um computador antigo que havia quebrado. Conversando com Gustavo, combinaram que Mader traria o equipamento para que eles o ressuscitassem. Resumidamente, passaram horas naquilo, com prazer, e outros prontamente se juntaram à causa para oferecer ajuda. Por fim, mas não menos importante, a equipe de pesquisa também colaborou com o grupo de índios, com uma questão simples, mas crucial para aquele grupo. Haviam esquecido o cabo da câmera fotográfica e não tinham computador próprio, ficando sem nenhum equipamento para registro dos materiais audiovisuais que poderiam produzir. Como estávamos munidos de um leitor universal para cartões de memória, bem como de todos os cabos apropriados, gravamos suas fotos, bem como os registros que tínhamos feito deles, em alguns DVDs.

Essa junta composição de discursos, conhecimentos e ações, expressa no discurso oficial e que define a Campus Party como um evento que só se faz com os campuseiros, não pode ser desconsiderada. O primeiro dia do evento, por exemplo, é utilizado apenas para que nós cheguemos, para que nos instalemos e reconheçamos o terreno. Em 2010 a organização ajustou algumas coisas, mas em 2009 até a inserção das materiais publicitários das marcas no pavilhão foram instalados no primeiro dia. Convivemos com escadas, geradores e, principalmente com a falta da Internet. Essa ausência da atriz principal causou revolta e protestos, sempre num modo de comunicação inusitado.



Figura 25 - Fila para se instalar no camping, após o credenciamento, no primeiro dia da edição de 2009.

Construímos aquela ambiência com nossas almas, toalhas, chinelos, protestos, inúmeras luzes e flashes e, principalmente, com uma alegria quase infantil. A participação dos pesquisadores organizados em micro-grupos (de amigos, de professores, alunos da mesma instituição) foi essencial para que isto pudesse ser percebido, para que a consciência da coletividade acontecesse. Havia um grande número de campuseiros organizados em caravanas de todo o país, até mesmo do Acre, de tribos indígenas e organizações quilombolas. Tivemos uma bela amostra da diversidade empírica que a Internet alcança, até brigamos, pois somos diferentes. No texto “*Elementos para uma cartografia da grupalidade*”, o filósofo Peter Pál Pelbart aborda as questões de potência e de afeto para o indivíduo e para o grupo:

Deleuze insiste no seguinte: ninguém sabe de antemão de que afectos é capaz, não sabemos ainda o que pode um corpo ou uma alma, é uma gestão de experimentação, mas também de prudência. É essa a interpretação etológica de Deleuze: a ética seria um estudo das composições, da composição entre relações, da composição entre poderes. A questão é saber se as relações podem compor-se para formar uma nova relação mais “estendida”, ou se os poderes podem se compor de modo a constituir um poder mais intenso, uma potência mais “intensa”. Trata-se então, diz Deleuze, das “sociabilidades e comunidades. Como indivíduos se compõem para formar um indivíduo superior, ao infinito? Como um ser pode tomar um outro no seu mundo, mas conservando ou respeitando as relações e o mundo próprios?”. (PELBART, 2006, p. 2)

Peter fala ainda da constituição de um “corpo múltiplo”. Como proposta para desvendá-lo, e reflete sobre o que Deleuze e Guattari chamam de “plano de consistência”, “plano de composição” e “plano de imanência”. De novo ao texto esclarecedor sobre o modo de interpretar e viver uma grupalidade:

Como diz a conclusão praticamente ininteligível de *Mil Platôs*, o que se inscreve num plano de composição são os acontecimentos, as transformações incorporais, as essências nômades, as variações intensivas, os devires, os espaços lisos – é sempre um corpo sem órgãos. (PELBART, 2006, p. 2)

Sentíamos-nos incentivados a agir, a produzir algo para depois publicar nossa produção – em rede, de preferência. Nós transformamos o lugar com nossos gritos, nossas conexões, nossas idéias, trocando conhecimento e basicamente, nos relacionando uns com os outros a todo o momento, querendo ou não, vendo ou não. A força do grupo era latente e qualquer faísca a explodia. Chegou-se ao extremo de expulsarmos do palco, durante o show, a banda Leme (do rapper carioca De Leve), e falo em primeira pessoa por ter sido um comportamento animalizado, mas coletivo, mesmo que tenha gerado opiniões controversas.

Por diversas vezes notamos os seguranças com cara de não saber o que fazer, orientados que estavam para não se precipitarem com a inteligência, a perspicácia e a volatilidade deste caldeirão. Sentia-se uma liberdade imensa e uma cumplicidade perante a garantia de nossa liberdade expressiva, das corriqueiras até as aparentemente idiotas.

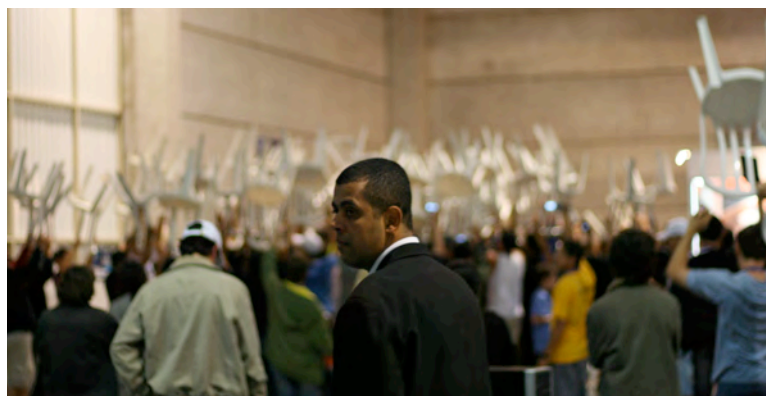


Figura 26 - Imagem de um segurança que demonstra a insegurança e perplexidade que eles sentiam frente a algumas atitudes dos campuseiros.

Para completar esse cenário compartilhado, apresento a transcrição de duas entrevistas realizadas no último dia da Campus Party. Foi Xandão que indagou dois jovens amigos que conviveram ao nosso lado boa parte do evento, sendo que um deles não tinha colchão, veio de Belém e dormiu em cima de embalagens de papelão de um restaurante que entrega esfihas (o Habib's).

Vídeo 1:

Xandão: E aí? Tá acabando a Campus Party! O que você acha disso, velho?

Fernando Gondo: Ah, acabar é ruim, né, mas a Campus Party em si foi muito, muito massa mesmo. Valeu muito à pena!

Xandão: Por quê?

Fernando Gondo: Cara, a gente se diverte aqui, a net de 10 giga, apesar de não ter pegado as taxas de *download* boas mesmo, é, a gente conhece pessoas interessantes e por aí vai.

Xandão: Entendi. Você vai vir na Campus Party o ano que vem?

Fernando Gondo: Já tô aqui, meu.

Xandão: É? Eu vi que você tinha um cartazinho porque você queria a Campus Party mensal. Por quê?

Fernando Gondo: Porque é muito bom. Eu acho que devia ter todo mês. Porque, sei lá, é muito legal.

Xandão: Que tipo de coisa que você faz na Campus Party que você não faz normalmente?

Fernando Gondo: Ah, as oficinas aqui são muito interessantes, né, as palestras, ah, eu fico no PC assim, quase o dia inteiro.

Xandão: Então, mas quando você vai pra aula, não é mais ou menos isso que você faz? Você não vai assistir aula, palestra?

Fernando Gondo: Po, meu, é diferente, né?

Xandão: Por quê?

Fernando Gondo: Porque uma coisa a gente, tipo, gosta muito e a outra nem tanto, né?

Vídeo 2:

Xandão: Me diz uma coisa, por quê você varou a noite hoje, hein?

Gabriel Monteiro: Porque eu queria aproveitar os últimos instantes da Campus Party.

Xandão: E porque você gostou tanto da Campus Party?

Gabriel Monteiro: Ah, é muito da hora. Você fica sem pai, sem mãe enchendo o saco, só fazendo o que você gosta, entre as pessoas que gostam dos mesmos gostos que você, compartilham disso.

Xandão: E do que você gosta que as pessoas aqui gostam também?

Gabriel Monteiro: Do Modding, da computação, a farra, a amizade, tudo isso a gente compartilha junto.

Xandão: Entendi.



Figura 27 - Gabriel em seu computador. Ao seu lado, pode-se ver os cartazes no computador de Fernando.

Para fazer parte da Campus Party e vivenciá-la era preciso somente interagir, independente da finalidade. É uma disposição diferenciada, grupal, pouco fomentada nos lugares da vida ordinária. Por isso é indicado realizar uma suspensão de uma semana, como num refúgio, e o convite que se faz é para um esgotamento das possibilidades experienciais. Como pesquisadores, escutamos com cautela as vozes que compunham este coro para

interferir no real com nossas inquietações de pesquisa. Posicionamos nossos corpos mais imateriais para olhar mais profundamente, para não sentirmos apenas leves cócegas de nosso objeto.

3.2.10 Ritual da Cooper[ação]

Numa certa época do ano, tribos brasileiras se encontram num lugar central, mas meio escondido, com o objetivo de se fortalecerem mutuamente, fazendo com que todos os seus meios e métodos de produção de vida e de sobrevivência funcionem e evoluam. Para que cumpram sua missão como sociedade, os mais sábios, conhecedores e detentores de poderosas ferramentas, se preocupam em orientar seus iguais e lhes dar conselhos. Alguns já chegam ao conselheiro com seus próprios arcos, solicitando uma limpeza metafísica para sua proteção. Outros simplesmente sentam e relatam suas aflições, seus problemas. Alguns possuem mesmo problemas físicos e estes já precisam de sábios com o dom da matéria.

O clima produzido por este grupo uma vez a cada verão é de aprendizado e de reflexão também. É uma pausa conjunta para orientar a vida e seus problemas cotidianos. Os participantes deste ritual vão preparados para a troca de saberes e carregam tudo o que podem dividir simbólica e materialmente.

Diferente de muitos rituais tradicionalmente conhecidos, neste os indivíduos estão livres. Eles possuem seus próprios argumentos, seus próprios poderes e fragilidades e estão lá para testá-los também. Querem mostrá-los, pois o momento é também voltado a produção de auto-confiança, motivação e crescimento.

Nem todos eram fortemente engajados com o ritual, como em qualquer grande comunidade, ainda mais em se tratando deste povo de alma libertária, onde o sujeito é responsável pela sua própria participação e possui seus próprios mecanismos e diamantes. Mas ao olhar o ritual pelo alto da montanha, vê-se uma sociedade disposta ao diálogo e à troca, à cooperação.

3.2.11 Viver da fotografia

Conhecemos Danilo em 2009 e o encontramos novamente em 2010. É sobre as mudanças na vida deste jovem de um ano para outro que iremos abordar, quando ele inclusive

completou a maturidade etária. Na primeira edição, ele mais jogava do que fazia outras coisas. Ficava em seu computador de mesa e jogava muito “*Pump*” – jogo onde o objetivo é acertar os passos de uma dança em uma máquina física, onde o jogador efetivamente dança, ou no computador, por meio de comandos no teclado. Participou de algumas oficinas e, basicamente, dividiu sua atenção durante a primeira edição do evento entre seu computador e sua máquina fotográfica.

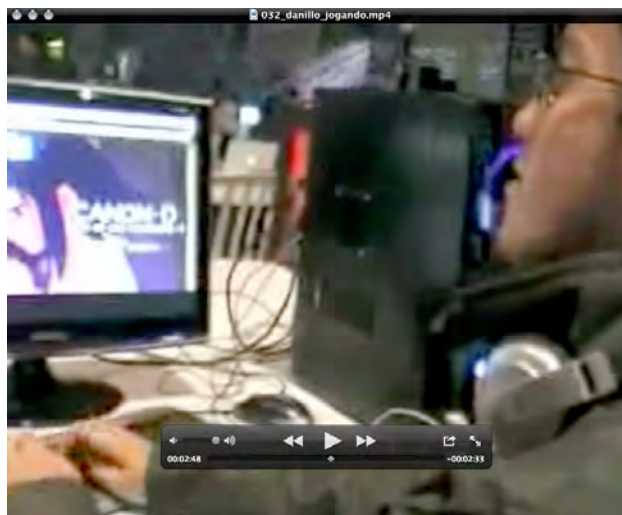


Figura 28 - Cena do vídeo em que Thálita e Xandão conversaram com Danilo, enquanto ele jogava.

Danilo relatou já ter participado de campeonatos e disse que seus pais não vêem nenhum problema nisso, já que esta é, inclusive, uma forma de praticar exercícios físicos. Mesmo sendo um amante dos games, mostrou-se muito consciente em alguns momentos, demonstrando uma latente preocupação com seu futuro, incerto e também conflituoso. Estava em fase de vestibulares e, como boa parte dos jovens, em dúvida entre algumas profissões, entre as quais teria que optar. Todas estavam relacionadas à comunicação, mas seu maior desejo era mesmo o de trabalhar com fotografia, mesmo questionando a segurança da profissão.

Quando descobrimos seu apreço por fotografar, Gustavo rapidamente se prontificou a emprestar as lentes e acessórios de sua câmera para Danilo, que apresentou um largo sorriso e logo saiu para fotografar, mas não foi sozinho, foi com Gustavo.

Em 2010, ao invés de se inscrever na área de Modding, como no ano anterior, optou pela área de Fotografia, já decidido profissionalmente. Fez questão de trazer seu portfólio impresso ao lugar onde estávamos instalados, para que vissemos o que tinha feito neste meio tempo. Investiu no que disse ser uma das coisas mais difíceis do ponto de vista técnico – fotografar shows – e está investindo em sua paixão, investindo e desenvolvendo seu talento para registrar a vida por trás das lentes. Estava crescendo, seguro e feliz.

Atualmente está estudando e às vezes escreve sobre o assunto, além de ter construído uma apresentação séria de seu trabalho na Internet⁵³. Aprendeu a se virar praticamente sozinho, junto apenas a suas máquinas, dominando algumas ferramentas, entre as quais muitas aprendeu a trabalhar na Campus Party, junto com Gustavo. Danilo correu mesmo, desde jovem, para agilizar sua independência, fotografou inúmeros shows de rock somente para aprender e fez bom uso de táticas de visibilidade. É um ser interessado e tem foco, qualidades necessárias não só a um fotógrafo, mas a todo jovem urbano contemporâneo.



Figura 29 - Imagem retirada do website de Danilo Palange.

Na Campus Party, encontramos muitos Danilos, cada um interessado em determinadas tecnologias e em modos de se relacionar com elas, mas sobretudo, orientados a descobrir uma profissão, um ganha-pão, mas dedicados a empreender sua vida de modo mais prazeroso. Explicitamente, buscam modos de ganhar dinheiro com estes saberes, querem trabalho, mas querem criar também. Sabem que precisam cuidar de si próprios, evoluir em todos os sentidos, pois o percurso profissional tornou-se cada vez mais solitário. Mas o que a Campus Party ensina também é a compartilhar, a se reunir com outros que não possuem necessariamente o mesmo foco que você, mas podem te ajudar a ser alguém nesses novos e outros espaços da pós-modernidade, escoando toda uma produção digital, com a qual eles gostam e querem trabalhar.

⁵³ Disponível em: (<http://www.danilopalange.com/>)

3.2.12 A Festa dos Nerds / NerdStock / São Paulo Fashion Geek

Eram muitas as pessoas e os jornais que descreviam a Campus Party como uma grande festa de nerds e geeks. Sobre o primeiro ponto referido, o clima do evento é mesmo de festa, onde se busca celebrar os encontros, os aprendizados e as vivências. Já falamos deste evento como um caldeirão, mas pode-se ampliar esta idéia ao pensar num vulcão ativo, sempre pronto a explodir. Mas, ao contrário de um vulcão natural, é como se esta formação, ao explodir, não cuspsse lavas flamejantes que destroem tudo ao se espriar, mas soltasse de si um fluído que não destruía a vida existente nas redondezas, e sim reconstruía tudo, fazendo novas vidas brotarem onde antes nada germinava. Ao fazer parte deste encontro, sentia-se um impulso a fazer algo, uma fome de não sei o quê, que nos levava a gritar, a levantar cadeiras, a se divertir e a aprender, tudo ao mesmo tempo, agora. A ancoragem no presente é evidente, já que a idéia é saturar todas as possibilidades daquele acontecimento. Sem delongas, basicamente, vamos tratar aqui de dois pontos mais profundamente: o fato da Campus Party ser uma festa e aglutinar em seu espaço sujeitos nerds ou geeks.

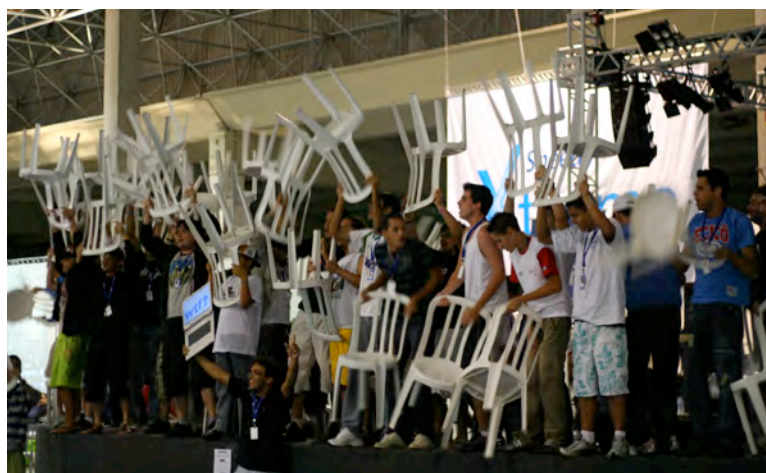


Figura 30 - Imagem aproximada de uma concentração de jovens depois de terem percorrido gritando e arrastando as cadeiras, boa parte da Arena.

Muitos jovens faziam ali o que sentiam não poder fazer no seu cotidiano, o que já é um soltar de amarras, um momento libertador e ativo. Seja para não dormir só para jogar e bater papo online, seja para produzir alguma coisa com um bando de gente que está ao seu lado, a questão é contrapor a realidade, imaginar, rir muito para libertar seus instintos mais humanos. Conscientes do espaço que lhes permeia, muitos ali se constroem e são construídos. Os momentos mais sutis, mais marcantes, fazem parte de uma espécie humana que ali é renovada, é incentivada, é feliz nos encontros a todo o momento que propõe o evento, como na divisão de tomadas com pessoas que você jamais conheceu, somente por estar sentado ao

lado, sempre ao lado, meio que junto. Mesmo em momentos de aparente infelicidade os campuseiros podiam manifestar tudo o que sentiam com uma liberdade elevava a potência destes sujeitos (como no caso dos jovens que expulsaram a banda Leme do palco em 2009).

Daí que a música se espalhe por entre os espaços durante a noite, como nos carros estacionados do lado de fora rodeados por grupos distintos de campuseiros. Alguns estavam a beber o que foram comprar nas redondezas (tinham de pegar uma estrada, pois não havia bebidas alcoólicas à venda nas dependências do evento), outros a fumar, alguns a tocar, outros a ouvir música e conversar. Lá dentro, o espaço era de lazer também, sempre mais contido (pelos poucos controles exercidos ali, inclusive a proibição de bebidas alcoólicas no interior do galpão), mas extremamente tomado por esta diversão noturna. As estruturas ali instaladas eram apropriadas pelos campuseiros, que colocavam o arsenal de áudio e de vídeo (os projetores, telas, caixas e mesas de som) para funcionar. Os pufes estavam repletos de pessoas espalhadas. Muitos, é claro, ficavam em seus computadores, mas geralmente, costumavam transitar, de tal modo que era impossível não se afetar por aquele clima.

Andar na Campus Party, de dia ou à noite, era sempre um transitar por conhecimentos e por agentes do conhecer a todo o momento – grupos, palestras, debates, várias acontecendo simultaneamente. Era um tanto quanto esquizofrênico, mas esta é mesmo a proposta a que estes jovens se dispõem a vivenciar naquele lugar. Por fim, restava mesmo era celebrar aquela semana, curta e marcante. É importante pensar na idéia de celebração não aos moldes de um banquete de Platão, mas sim como uma festa em buffet infantil bem aproveitada, repleta de brinquedos, coisas gostosas, momentos de exaustão do corpo, êxtase, numa sensação onde ninguém está a te vigiar.

Acontece que as maiores coisas aconteciam na Campus Party com base na brincadeira, na diversão e no diálogo, mesmo os não explícitos. Pelo menos é assim que aconteceram a maioria dos casos que nos lembramos com um riso na boca. O primeiro caso é o do jovem que fabricou com papel um boneco Pac Man em tamanho grande e saiu a correr pelos corredores segurando o papel ao lado de seu corpo, escondendo-o. Logo atrás vinha um amigo, vestido de fantasma com um pano azul dos pés à cabeça, que corria atrás do Pac Man. Não podemos esquecer que a CP tem uma área só para gamers e que o Pac Man é um jogo de uma época onde haviam poucos jogos e poucos *players*. Os campuseiros aplaudiram por um longo período de tempo a saudosista e, de certo modo, despreziosa atitude irreverente destes sujeitos, que submeteram o próprio corpo a algumas subjetividades que estavam ali, só.



Figura 31 - Imagem dos jovens que realizaram a performance do Pac-Man.

Outro caso, mais coletivo, tem a ver com uma tecnicidade a qual eu nunca havia vivenciado antes. É o caso de uma maneira de se comunicar com os próprios notebooks de um modo público, onde o campuseiro escrevia alguma coisa em grandes letras e levantava seu próprio equipamentos como um cartaz. A voz do homem ampliada e ao mesmo tempo emudecida pela máquina. Em alguns momentos polêmicos, como foi o caso do debate da Lei Azeredo (considerada o AI-5 Digital pelos ciberativistas), muitos fizeram uso de suas telas, como uma forma educada de protestar enquanto o representante do Senador Azeredo expunha suas idéias. Uma “brincadeira” consigo mesmo, junto de seus aparatos e sua inteligência maquina, mais séria que as do Pac Man, como os protestos contra a falta de Internet para a equipe do CPD (Central de Processamento de Dados), exercidos com o mesmo tipo de comunicabilidade.



Figura 32 - Imagem retirada da Wikipedia em que manifestantes fazem uso de suas telas para se comunicar.⁵⁴

Havia também pessoas que se comunicavam com o grupo por meio de placas/cartazes de papel, como é o caso de um garoto que durante a noite, logo no primeiro dia, transitava pelos corredores com uma placa que dizia: “Quer jogar RPG?”. Outro caso foi

⁵⁴ Disponível em: (http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Manifestação_CP.jpg)

o de uma criança que dizia em sua placa: “Abraços grátis” – este foi bastante abraçado. O mais irreverente de todos foi o caso de um jovem-adulto que circulava com a seguinte placa: “Vendo/Troco meu rim por um MacBook Pro”. Guardem seus tabus para vocês, mas há um valor do corpo que é social – não nos esqueçamos que existe mesmo uma indústria de órgãos sustentada, por exemplo, pela troca comercial de órgãos retirados de pessoas que os vendem (vivendo estas pessoas em lugares de alto subdesenvolvimento social e econômico). O que vale um órgão (de um conjunto de dois) vindo de um jovem quando ele não enxerga nenhuma outra perspectiva em sua vida? Voltando ao nosso caso, o MacBook Pro é um desses objetos de consumo venerados por quem entende, usa e vive destes aparatos computacionais, informacionais e comunicacionais. O notebook dos sonhos da maioria dos entendidos.

Os campuseiros também conviveram com figuras que se apresentavam como “loucas”, como é o caso do Magiar Villar de Casanova⁵⁵, o artista na estrada que dizia ser a Campus Party a Semana de Arte Moderna do século XXI e que, à noite, tirava sua camisa, sacava sua gaita e realizava performances. Vivenciaram vários momentos inesperados, como a brincadeira desenvolvido pelo hacker Vinicius K-max, que redirecionou páginas de redes sociais para uma outra página dele. Fez isso graças a uma falha de configuração técnica presente nos roteadores das bancadas, equipamentos físicos que distribuíam a Internet para os campuseiros. Vinicius diz o seguinte sobre esta ação provocada por ele:

Ah, foi só uma brincadeira, que durou alguns minutos, é o tempo de eu ter ido almoçar e voltar e quando eu voltei já tinham descoberto, entregaram meu laptop pra administração [...] aí eu cheguei lá e descobri que tinham descoberto (risos). Nessa eu expliquei que foi um problema de configuração deles, o roteador deles estava mal configurado e tomei uma comida de rabo, claro, porque muita gente não achou a brincadeira sadia, muita gente deu risada e muita gente ficou brava, normal, cada um tem um tipo de reação. Mas pedi desculpas, pra administração, vou pedir pros blogueiros, pra quem eu estou encontrando eu estou pedindo desculpas, dizendo que foi uma brincadeira e, é isso. Espero que todo mundo entenda que foi uma brincadeira. Não peguei senha de ninguém, não hackeei nada, só mudei a página que você acessavam.⁵⁶

É evidente que transformar aquele espaço-tempo numa experiência de diversão é parte que cabe mais aos próprios campuseiros do que ao evento, que em 2010, por exemplo, não mais apresentou atrações musicais na Arena (em 2009 ocorriam shows todas as noites no palco principal, de costas para a parede do acampamento, o que irritou muitos que dormiam).

⁵⁵ No blog de Vanessa Nunes está disponível uma matéria sobre uma das figuras mais engraçadas da Campus Party. Disponível em: (<http://wp.clicrbs.com.br/vanessanunes/2009/01/16/minhas-dicas-pros-campuseiros-de-primeira-viagem/?topo=77.1>)

⁵⁶ Transcrição de uma fala de Vinicius retirada de um vídeo publicado na Internet. Disponível em: (<http://raquelcamargo.com/blog/2008/02/entrevista-com-vinicius-kmax-sobre-pane-na-rede-do-campus-party/>)

Um momento onde os campuseiros tomaram a cena foi no encerramento da Campus Party de 2009, quando realizaram uma imensa guerra de aviões de papel que durou alguns minutos, momento do qual participaram até pessoas “mais sérias”, como diz um vídeo publicado na Internet⁵⁷.

Para concluir sobre o esclarecimento de um significado mais amplo para a idéia de “festa”, notada somente por conta de um tipo de experiência vivida, não podemos deixar de mencionar um dos sons mais característicos da Campus Party, uma espécie de berro coletivo gritado por muitos campuseiros. Uma vez o grito estabelecido, ele aparecia de repente – um gritava, o outro respondia, um gritava mais alto, o outro respondia e aquilo gerava uma onda vibratória que fazia com que todos fossem obrigados a parar para senti-la. Alguns achavam o grito bobo, infantil, enquanto os estrangeiros logo se preocupavam, achavam estranho e tentavam entender. Eram duas vogais: U e O, num contínuo ritualístico que faziam expandir instintos de quem gritava e de quem ouvia. “Uoooooooooooo”, era como se fazia. Podia durar minutos a fio, ou podia não atrair adeptos, quando um gritava e a coisa não continuava.

Sobre o segundo ponto, o de que trata-se de uma festa onde quem está a se divertir são nerds ou geeks, é preciso falar de uma categoria um tanto quanto defasada para definir o público da Campus Party. Típico lugar-comum, o “ser nerd” vem constantemente se espraiando em outros tipos de sujeito, e o bojo social vem modificando as práticas dos próprios nerds, como os blogueiros, que são tipos sabidos quanto às tecnologias da comunicação, mas ao mesmo tempo são empreendedores e descolados. É inevitável ampliar a reflexão acerca deste estrato que não parece auxiliar muito – a categorização destes sujeitos como nerds. Já mencionamos que a imagem do nerd vem mudando, como é o caso dos “geeks”, que são entusiastas fanáticos por aparatos tecnológicos e seus avanços, o que os coloca numa condição de conhecedores das últimas tendências dos objetos de consumo tecnológicos e de uma experimentação de vida outra, sendo que seus aparatos, geralmente, são desejados pela sociedade em geral. Afinal, que jovem hoje não quer uma grande tela para jogar, um iPhone ou um Smartphone para trabalhar, um notebook *invocado* ou câmeras audio-visuais potentes? Ao contrário de antigamente, onde o estudo/saber era restrito às esferas dominadas pela aristocracia, hoje estes “nerds” pós-modernos têm suas ações dotadas

⁵⁷ Disponível em: (<http://wp.clicrbs.com.br/vanessanunes/2009/01/25/aviaozinho-de-papel-e-algo-supertecnologico-nao/?topo=77,1>.)

de algum tipo de valor social mais elevado, possibilitadas pelos saberes que possuem e que são mais valorizados que os saberes das salas de aula.

Todos fazem festa, todos participam, mas quanto a se entender como nerd, as opiniões não são as mesmas. Um Acreano, nascido em Brasília, por exemplo, já previamente munido de argumentação, estampava em seu peito uma apenas aparente não identificação com este grupo, no qual insistiam em lhe colocar a mídia, por exemplo. Em entrevista a nossa equipe, ele comentou:

Esse de “Eu Naum Soul Nerd” é uma brincadeirinha, porque eu não sou nerd está escrito exatamente igual como nerd escreveria. Então é pra acabar um pouco desse preconceito de que ah, nerd é bitolado, nerd tem problema social, nerd fica trancado dentro do quarto o dia todo, é ... tem alguns nerds que por não terem esse lado social, esses sociopatas, tem tendências a jogos perigosos, vão sair matando todo mundo na rua, então, é alvo de preconceitos. [...] Você pode ver mesmo: RPG quem joga? Nerd. Armagedon, aquele jogo que você sai assassinando todo mundo na rua, quem jogava? Nerd também. Então fica assim, já que não tem vínculo social, vira o quê? Um sociopata. Tem raiva da sociedade, assim.

Ali, a maioria mais expressiva, mais pulsante dos campuseiros, não se incomodava com o título de nerd, pois acreditam mesmo participar de um grupo de conhecimento no qual se tem orgulho de fazer parte. É uma espécie sempre interessada, investigadora e questionadora, que mesclam os saberes por todas as partes e confiam mais na sabedoria da prática profissional do que na da escola. Sabem que precisam trabalhar, mas muitos ali participam mesmo de uma luta consciente por um tipo de propriedade intelectual mais compartilhadora, mais humana.

Revoltam-se contra as empresas de tele-comunicações, baseados numa insatisfação geral perante algumas imposições comerciais e de consumo que colocam o consumidor numa condição de dependência quase estéril. Por mais que nos últimos anos tenha acontecido uma certa melhora, ninguém entende seus produtos e seus nomes publicitários não condizem com o que é vendido. Exemplo: “Conexão Banda-Larga Ilimitada”, que na prática possuía limitações de *download* e *upload* de dados e que correspondia à velocidade de uma conexão discada. As empresas foram obrigadas a mudar o nome de seus produtos e a deixar mais claras as limitações, dada a atuação da população nos órgãos que defendem os direitos dos consumidores.

Geralmente adeptos às plataformas livres e conhecedores mais profundos do modo de funcionamento da comunicação em rede, de um homem que também pensa como máquina, temos alguns exemplos claros de grupos de pessoas que estiveram na Campus Party. Alguns coletivos são mais antigos, outros mais recentes. O primeiro caso, conheci na pesquisa

pré-campo, quando me dispus a ler todo o blog da Campus Party brasileira – o blog “Nerdson não vai à escola”, definido no site como: “um blog de quadrinhos sobre programação, arte e cultura digital. Quadrinhos feitos de nerds para nerds.”⁵⁸. Vale à pena conferir o gigantesco acervo de quadrinhos deste blog, e selecionamos um deles chamado “Criativos Comuns”:



Figura 33 - Quadrinho de autoria de Karlisson Bezerra, desenvolvedor web e ilustrador.⁵⁹

⁵⁸ Disponível em: (<http://nerdson.com/blog/readme/>)

⁵⁹ Disponível em: (<http://nerdson.com/blog/criativos-comuns/>)

Acabamos por conhecer outros dois grupos, ambos formados por blogueiros, desenvolvedores, nerds em geral, como em uma palestra que concederam os responsáveis pelo blog “Jovem Nerd”, já antigo e bem-sucedido, especializado em uma cultura que está voltada para eles. Foi interessante acompanhar um coletivo que nasceu, basicamente, dos encontros e das relações construídas na Campus Party. O recente grupo NerdsKamikaze⁶⁰ é o caso que pudemos acompanhar de perto a sua germinação e de longe a sua evolução. Foram responsáveis pelo vídeo “Cala a Boca Galvão”, famoso por fazer piada com o mundo pelo Twitter na época da Copa do Mundo de 2010, fazendo com que o mundo mandasse calar o locutor de jogos de futebol mais famoso do Brasil sem saber que o faziam.

As imagens da Campus Party falam por si só, convidando a participação naquele emaranhado “tecnoosférico” que se representava. Como disse Vinicius K-max (integrante do NerdsKamikaze) numa entrevista publicada na Internet, “cada um faz a sua própria ética”, e ali os nerds quem faziam a sua festa.

3.2.13 Politicidades tecnologicamente mediadas

De acordo com Richard Stallman⁶¹, fundador da *Free Software Foundation*, já citado em outro fragmento, o software livre é uma questão de liberdade, e não de valor. No site de seu sistema operacional GNU⁶², define que software livre diz respeito à liberdade do usuário de utilizar, copiar, distribuir, modificar e melhorar o software e que “para entender o conceito, deve-se pensar na idéia de livre como em liberdade de expressão” e não como simplesmente algo que se ganha de graça. Mais precisamente, explica que para um programa ser considerado um software livre ele deve dar a seus usuários o direito ao que se chama de “as quatro liberdades essenciais”, sem que eles tenham que pedir permissão nem pagar a ninguém por tais direitos. Estas quatro liberdades, de acordo com o texto original retirado do site do sistema operacional GNU⁶³, são definidas do seguinte modo:

⁶⁰ Canal no Youtube do coletivo NerdsKamikaze. Disponível em: (<http://www.youtube.com/user/NerdsKamikaze>)

⁶¹ Richard Stallman é fundador do Movimento do Software Livre e criador, em 1983, do *GNU Project*, responsável pelo primeiro sistema operacional de código aberto e livre distribuição do mundo, considerado o primeiro “software livre”. Mais informações atualizadas estão disponíveis em seu verbete na Wikipedia. Disponível em: (http://en.wikipedia.org/wiki/Richard_Stallman)

⁶² Disponível em: (<http://www.gnu.org>)

⁶³ Disponível em: (<http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.html>)

- The freedom to run the program, for any purpose (**freedom 0**).
- The freedom to study how the program works, and change it to make it do what you wish (**freedom 1**). Access to the source code is a precondition for this.
- The freedom to redistribute copies so you can help your neighbor (**freedom 2**).
- The freedom to distribute copies of your modified versions to others (**freedom 3**). By doing this you can give the whole community a chance to benefit from your changes. Access to the source code is a precondition for this.

Stallman explica em detalhes, no documentário *Revolution OS*⁶⁴, como concebeu o conceito de software livre a fim de possibilitar a existência do GNU. Para uma melhor compreensão do tema, mais informações sobre o documentário e sua importância para essa pesquisa devem ser consultadas no post *O que terá acontecido com o espírito hacker?*⁶⁵, disponível no blog *Ser Digital*, ferramenta da etapa pré-campo da pesquisa etnográfica.

Em outras palavras, mas seguindo a mesma idéia original de Richard Stallman, a definição oficial⁶⁶ no site da *Free Software Foundation* diz que software livre é um software que dá ao usuário a liberdade de compartilhar, estudar e modificar o “original”, chamando o software de livre porque o usuário é livre.

Tal liberdade de ação é exatamente o que pautou boa parte das discussões criadas e incendiadas pelos usuários presentes na Campus Party, tanto na edição de 2009 quanto na de 2010, sendo que nesta última edição o caráter político estava explicitamente reforçado.

Na edição de 2009, Tim Berners-Lee alertou para o fato de que somente através do incentivo ao uso, distribuição e pesquisa de software livre, poderemos garantir a liberdade da Internet, uma vez que sua estrutura, tanto lógica quanto física, depende quase que exclusivamente de plataformas baseadas em software livre. Na verdade, a existência da Internet realmente depende de programas considerados softwares livres, uma vez que o próprio nascimento da rede vem da pesquisa realizada por Tim Berners-Lee baseada, também, em plataformas dependentes deste tipo de software.

Fica claro que os usuários e desenvolvedores apreciam e defendem tal liberdade mas que, ao mesmo, confrontam-se com questões legais, comerciais e políticas que vão diretamente contra seus interesses. Apesar de existir uma adoção, por mais que recente, do software livre em determinadas esferas educacionais e públicas (escolas, órgãos governamentais etc.), existe um forte movimento comercial em relação ao software, uma vez

⁶⁴ Disponível em: (<http://www.youtube.com/watch?v=o2xfrApGOr4&feature=related>).

⁶⁵ Disponível em: (<http://serdigital.wordpress.com/2009/01/11/o-que-tera-acontecido-com-o-espirito-hacker/>)

⁶⁶ Disponível em: (<http://www.fsf.org/about/what-is-free-software>)

que a imposição do padrão IBM/PC força a maioria dos computadores do mundo a dependerem de um pacote de softwares - basicamente o Windows e o Office, da Microsoft - que muitas vezes ultrapassa o valor do próprio computador no qual estão instalados. Enquanto isso, empresas como a Apple vendem o mesmo tipo de software pela metade do preço - às vezes até um terço - e outras até oferecem seu software de graça, cobrando apenas pelo suporte técnico.

Desde as vaias contra os políticos na abertura e a manifestação durante a palestra sobre a chamada “Lei Azeredo”⁶⁷ (ambos em 2009, quando campuseiros utilizaram seus notebooks como cartazes de protesto), até a palestra sobre *Civic-Hacking*, promovida na edição de 2010 pela ONG Esfera⁶⁸ (responsável pela Casa de Cultura Digital⁶⁹), fica claro que o público da Campus Party, jovem e conectado, é um ótimo público-alvo de determinadas ações que já evidenciam uma certa preocupação com tal público por parte de determinados órgãos. A questão que agora resta saber é se essa preocupação visa o estudo, a adaptação ou simplesmente o controle e a normatização da Internet

Um claro exemplo de embate entre politicidades e política tradicional é o caso de um grupo de índios Tupinambá, que mantém um portal sobre cultura indígena⁷⁰ a partir de sua aldeia, graças à ação dos próprios índios (incentivada pela ONG Thydêwá⁷¹ e possibilitada pelo sistema GESAC⁷²). O principal objetivo do portal é difundir a cultura indígena local, mas acaba servindo como ferramenta para que o povo indígena possa criar uma imprensa local, responsável por cobrir os fatos que mais interessam a eles, índios.

Aparentemente, a mídia oficial não tem interesse em cobrir os violentos fatos que ocorrem na região, geralmente promovidos pelo “homem branco” e causados por disputas de terras entre fazendeiros e índios, então os índios tomaram pelas mãos a livre ferramenta de comunicação desse mesmo “homem branco” (a Internet) e criaram sua própria forma de garantir seu direito de expressão. Passaram a ter uma voz ativa a seu favor⁷³, além de contar com a chance de eternizar sua cultura escrita, imagética e oral, sendo que esta última

⁶⁷ Disponível em: (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u562920.shtml>).

⁶⁸ Disponível em: (<http://blog.esfera.mobi/>).

⁶⁹ Disponível em: (<http://www.casadaculturadigital.com.br/>)

⁷⁰ Disponível em: (<http://www.indiosonline.org.br>)

⁷¹ Thydêwá é uma associação civil de direito privado e sem fins lucrativos, que agrupa hoje índios e não índios no objetivo de construir um mundo mais justo para todos através de projetos, programas, campanhas e ações que buscam sinergismos para desenvolver seu caminhar, orientado em melhorar as relações interculturais e a relação do homem com a natureza.

⁷² Iniciativa do governo federal brasileiro para inclusão digital. Disponível em: (<http://www.idbrasil.gov.br/>)

⁷³ Disponível em: (<http://www.indiosonline.org.br/novo/carta-publica-pelo-direito-a-viver-bem-em-nossas-terras/>)

costumava morrer junto com os que a carregavam e, desde que o site foi criado e os índios passaram a ter registros digitais de sua cultura, passou a ser gravada para ser repassada adiante a gerações de novos índios e de lá para todo o mundo.

Neste mesmo contexto, ainda na edição de 2009, Gustavo ganhou de presente dos índios um CD com a primeira gravação (feita por esses mesmos índios) de uma autêntica *Toré*⁷⁴, de um Pataxó de Porto Seguro. O CD foi dado de presente como agradecimento pela atenção que ele teve com os índios anteriormente, fora as fotos que eles levaram de presente. Além de ter fornecido o cabo correto e um leitor de cartões para salvar as fotos da câmera dos índios, Gustavo gravou alguns DVDs com uma cópia de todas as fotos tiradas por eles, além das fotos tiradas por ele com seu equipamento profissional. Graças aos próprios índios, suas fotos acabaram ilustrando a página principal do website do jornal francês *Le Monde* em uma notícia sobre a Campus Party Brasileira, aonde o índio responsável pelo envio da foto falava, ao telefone, com um parente em sua aldeia.

O telefone em questão não era um aparelho normal, e sim um orelhão baseado na tecnologia VoIP (Voice over Internet Protocol), que transmite voz sobre uma conexão com a Internet. Seu parente, estava em um orelhão comum em sua aldeia na Bahia, que operava fazendo uso de energia solar, um sistema VoIP conectado a ele e uma conexão local com a Internet, possibilitada por um satélite do sistema GESAC.

O orelhão VoIP era resultado de uma idéia conjunta entre Fernando Motolese, Thálita Galutti, Gustavo Valdivia e Alexandre Lourenção, responsáveis pela criação do movimento *Liberdade Telefônica*⁷⁵. O movimento provocava o principal patrocinador do evento (a espanhola *Telefonica*) ao mesmo tempo que hasteava a bandeira da liberdade de comunicação pela Internet, tornando-se um marco no evento e sucesso instantâneo entre os campuseiros. Originalmente concebidos como formas de criar visibilidade e impulsionar as ações de Fernando na Internet, o orelhão e o movimento acabaram gerando uma quantidade astronômica de mídia espontânea, dando ainda mais visibilidade que o esperado para suas futuras ações, tais como os vídeos “Cala a boca Galvão” e “Justin Biba”, além do grupo de humor NerdsKamikaze.

⁷⁴ *Toré* é um ritual indígena de etnias do Nordeste do Brasil, repassada de geração em geração, através da tradição oral, possuindo diferentes formatos e significados conforme a etnia que o pratica. Manifesta-se na forma de um canto acompanhado de instrumentos rudimentares e uma dança característica. Entre tais índios, o *Toré* representa um símbolo de identidade indígena, de sua unidade e de diferenciação, e determinados cantos só são apresentados aos índios de uma mesma tribo ou a pessoas de extrema confiança por parte dos mesmos.

⁷⁵ Disponível em: (<http://www.liberdadetelefonica.org/>)

4 POLITICIDADES JUVENIS E OS NOVOS PERCURSOS MORAIS

Os fortes do futuro. – *As condições para a produção de uma espécie mais forte foram alcançadas, aqui e ali, em parte pela necessidade, em parte pelo acaso. Hoje podemos conceber e querer sabidamente tal fato; podemos criar as condições sob as quais uma tal elevação é possível.*

Até agora a “educação” tinha em vista o proveito da sociedade: não o maior proveito possível do futuro, mas antes o proveito da sociedade tal como está constituída. Desejavam-se “instrumentos” para ela. Posto que a riqueza em força fosse maior, seria possível pensar um extrato de forças cujo objetivo não seria o proveito da sociedade, mas antes um proveito futuro. –

Tal tarefa haveria de ser colocada, tanto mais se se concebesse em que medida a forma atual da sociedade passa por uma forte transformação, a fim de, em algum momento no futuro, poder querer existir não mais em função de si mesma, mas antes apenas como meio nas mãos de uma raça mais forte.

O crescente apequenamento do homem é a força impulsionadora que leva a pensar no cultivo de uma raça mais forte, a qual teria o seu excedente justamente quando a espécie enfraquecida se tornasse ainda mais fraca (vontade, responsabilidade, autoconfiança, poder colocar-se metas).

Os meios seriam aqueles que a História ensina: o isolamento com interesses de conservação opostos aos medíocres interesses de conservação que existem hoje em dia; o exercitar-se em estimações opostas; a distância como páthos; a livre consciência naquilo que hoje é o mais subestimado e interditado.

O nivelamento do homem europeu é o grande processo que não deve ser detido: dever-se-ia acelerá-lo ainda mais.

Com isso está dada a necessidade de um aprofundamento do fosso, de distância e hierarquia: não a necessidade de retardar aquele processo.

Essa espécie nivelada, tão logo seja alcançada, necessita de uma justificação: ela está a serviço de uma espécie mais elevada e mais soberana, a qual está sobre ela, e somente sobre ela pode elevar-se à sua tarefa.

Não apenas uma raça de senhores cuja tarefa se esgotasse em reger; mas, antes, uma raça com uma esfera de vida própria, com um excedente de força uma raça afirmadora, que pode permitir-se todo grande luxo..., forte o bastante para não precisar da tirania dos imperativos da virtude, rica o bastante para não precisar de economia e pedanteria, para além de bem e mal; uma estufa para plantas estranhas e selecionadas.
Nietzsche. A vontade de poder.

Ao investigar as juventudes como lugar fecundo para se pensar uma nova ética - engendrada em ambiente de trânsito frenético e em uma compulsiva conexão de “corpos sem órgãos” – pudemos localizar nas práticas juvenis observadas na Campus Party uma ligação quase que intrínseca com fatores da ordem da comunicabilidade, da sociabilidade e do consumo. Esta ligação, tornada visível em atos (e em atos de linguagem), permite-nos reafirmar algumas de nossas hipóteses de investigação: confirma-se em nossa investida etnográfica a centralidade da comunicação e do consumo como vias especiais por onde se

desenrolam novas eticidades – como uma ética que, pelo menos, não desvincula mais o “mundo ideal” do “mundo da realidade”. Consumo, para nós, não é assim entendido somente como a prática realizada nos shopping centers. Referimo-nos aqui a um consumo dos próprios corpos, como um consumo cultural que explora todos os sentidos da vida vivida e, ainda assim, como lógica supramundana, extrapolando os próprios corpos. Vivemos um presente paradigmático do espírito de nosso tempo, posto que caótico e desordenado, onde a própria vida íntima torna-se objeto de consumo, como no caso dos *vlogs*. O mundano encontra a metafísica. Nesta lógica, o que se vislumbra é a possibilidade de que talvez caiba a cada sujeito aferir sua ordem, a sua vontade de potência exercida pelas vias do auto-desígnio. Podemos dizer que foi a ambiência metanarrativa da Campus Party que mais nos interessou nesta prática nômade e plurivocal de pesquisa, sendo que, ambas (a CP e a experiência nômade), nos transportam para uma análise ético-política das politicidades juvenis. As politicidades, nestes termos, devem ser percebidas como exercícios de auto-poiesis e, em direção complementar, como uma ação de base estética, sensórea, que reconfigura o coletivo. Sobre esta experiência ética-estética Rocha (2010) sugere o seguinte:

Ativistas, se pudéssemos defini-los em poucas palavras, estão aqui associados a usuários das redes que nelas encontram algo a mais do que a mera adição ou o vício compartilhado. Talvez, neste caso, o esforço seja, exatamente, vislumbrando as possibilidades da rede, fazer dela ferramenta e não um objeto em si. E, assim, esses sujeitos, ultrapassando a passiva condição de enredados, poderiam se aproximar mais das aranhas do que das moscas. Nas teias que tecemos em redes digitais, a presa a ser apreendida talvez seja exatamente nossa capacidade de comunicar coletivamente. Redes, neste sentido, serão de fato sociais se efetivamente nos permitirem o salto pós-individualista. Pela via do entretenimento, do debate político, do compartilhamento de sons, ideias e imagens, não importa. Na tão alentada cultura da convergência, convergir e atuar em torno de um projeto comum (que não o próprio “deus tecnológico”) ainda é o grande desafio. Mas, inegavelmente, é uma das mais gritantes necessidades de homens e mulheres contemporâneos, estes mesmos que já perceberam que a sociedade da máxima comunicação convive com o império da incomunicação. Felizmente, nem sempre o cenário aponta para a constituição de uma comunidade de falastrões tecnologizados. Partilhando afetos, estamos, igualmente, reinventando modos de ser e de estar no mundo. (ROCHA, 2010⁷⁶)

Poderíamos elaborar questões outras, que não estas, mas ao tomar contato com conceitos como o de tecnicidades, percebemos que o grande desafio que se coloca é relativo aos “meios associados”, às zonas de contato, aos entre-meios. O filósofo Gilbert Simondon

⁷⁶ Artigo “O ‘ser coletivo’ como experiência digital”, publicado no Portal do SESCSP. Disponível em: (http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_ID=362&IDCategoria=6395&Artigo_ID=5591&RefType=2)

(1924-1989), no livro *Du mode d'existence des objets techniques* (1989), apresenta com pertinência o conceito de tecnicidade como associada a “um momento de resolução de uma processualidade do objeto tecno-estético, da obra. Ela carrega potencialidades de vir a ser, de devir, de transformação.” (HILDEBRAND; OLIVEIRA, 2009, p. 2). Este conceito é largamente utilizado por Jesús Martín-Barbero, ao trabalhar sua relação com a comunicação para compreender os mapas culturais latino-americanos, e o faz assumindo esta cartografia como proposta que possa evidenciar o caráter meta-estável e ativo propiciado pela cultura tecno-científica. Neste sentido, o próprio Simondon, lido por pondera que

(...) homens e máquinas formam um conjunto. Existe completa e contínua comunicação entre esses seres separados. Nessa rede de comunicação entre seres, entre homens e homens, entre homens e máquinas, entre máquinas e máquinas. É essa rede de comunicação que altera o modo de ser de homens e máquinas antes vistos como seres separados. Nessa rede de comunicação e hibridismos devemos pensar agora em um novo tipo de cultura e em um novo tipo de humanidade. Uma humanidade em que “a tecnicidade deve ser considerada em sua relação com outros modos de ser do homem no mundo” (COUTO, 2007, p. 5 apud Simondon, 1989)

Um dos quadrinhos do “Nerdson não vai à escola” (figura 34), um site criado e desenvolvido para e por “nerds”, os novos tipos de consciência, os novos tipos de associações, as (re)leituras que hoje já não são somente possíveis, mas realizadas. Vivemos um universo virtualizado, e quem sabe (assim esperamos), estejamos mais próximos de um universalismo mais humano.



Figura 34 – Quadrinho intitulado como “TI Verde” desenvolvido por Karlisson Bezerra.⁷⁷

⁷⁷ Disponível em: (<http://nerdson.com/blog/ti-verde/>). - É importante explicar que THX1138 é o nome do filme do primeiro filme escrito e dirigido por George Lucas (o nome do filme é o mesmo nome de sua personagem principal). De acordo com a Wikipedia, “o filme conta a história de dois residentes de uma sociedade despótica localizada no subterrâneo em um local e época indefinida. A sociedade criada por Lucas apresenta uma visão pessimista de um futuro em que os habitantes são vigiados por andróides, obrigados a consumir drogas supressoras de humor e onde toda a forma de emoção foi proibida.” Disponível em: (http://pt.wikipedia.org/wiki/THX_1138)

Ao entender as tecnicidades deste modo e aplicando o conceito para interpretar o ser juvenil contemporâneo (bem como os reflexos da comunicação e do consumo tecnológico em suas vidas ordinárias), optamos por abordar neste capítulo conclusivo questões de corte transversais acerca das politicidades juvenis. Ou seja, aqui nos dedicamos a auscultar suas zonas de contato, seus intensivos platôs, dos quais nossas capacidades e encontros teóricos nos permitiram uma aproximação reflexiva. Sendo a Campus Party um “não-lugar” de alta produção de subjetividades que, em certo sentido, suspende o chamado tempo real, pode-se verificar concretamente nas narrativas produzidas o que vários autores nos dizem: é na esfera juvenil que reside a subversão ao sistema vigente, as revoluções profundas e, por isso, a orientação ao novo. Esta marca transversal de análise busca encontrar no discurso coletivo uma não-matéria que é colocada em comum, partilhada, aberta. A interpretamos como uma espécie de embrião de consciência coletiva que abandonará, em ato, os moralismos históricos para construir uma ética planetária, da compreensão, esta que seria capaz de comportar as diversidades, tanto nos planos subjetivos quanto no plano objetivo. Alguns exemplos desta consciência seriam a pré-disposição à participação em movimentos coletivos e a defesa do código livre e da liberdade de acesso à rede. Neste contexto, a Internet, atriz-principal da CP, apresenta um novo tipo de comunicabilidade planetária ainda em vias de exploração, sendo que os campuseiros, entendidos como um corpo coletivo, prima pela luta de liberdade mais humanas nesta rede (que para os campuseiros, é nossa!).

Os jovens retratados em nossas narrativas efetivamente fazem do corpo sua via de expressão política, mas não manifestam a pretensão de universalizar seus pontos-de-vista, pois demonstram estar mais cientes da inexistência de uma verdade para onde tudo finda. Nos fluxos dos entre-corpos pudemos perceber o pensamento moral como um fator-chave para abordar os paradigmas culturais com os quais convivem diretamente essas juventudes, cujas contradições estão impressas em suas politicidades. Responsáveis por moldar a cultura moderna, mesmo lugar histórico de onde a própria ideia de juventude nasceu, os jovens também convivem com uma estrutura social que os convida a moldar suas próprias vontades, por vezes pelos caminhos mais obscuros.

Os comportamentos juvenis experimentados na prática encontram nas narrativas sobre a Campus Party um modo de entrecruzar os movimentos de questões ontológicas sobre o ser juvenil, uma vez que as narrativas só podem ser entendidas como um todo polifônico, donde diversas ideias estão em embate constante, e foram estes conflitos expressos e incorporados que nos levaram a tratar do desafio moral que conduz a juventude do pensamento pós-moderno a agir pelas politicidades verificadas (no mundo que lhes é

acessível). Acreditamos que um dos caminhos possíveis para compartimentar algumas camadas mais significativas das politicidades juvenis, seja tratar de uma análise de ordem moral na juventude pós-moderna, em paralelo aos princípios teóricos fundantes dos contemporâneos estudos latino-americanos sobre as práticas juvenis politicamente engajadas, especialmente àquelas tecnologicamente mediadas.

Movida por esta experiência e deliberadamente assumindo um lugar próprio de pesquisa sensível às outras falas que contaminam meu discurso, pretendemos também nesta parte do trabalho enfatizar a concepção da ciência mais como um meio de dúvidas e escutas apuradas e menos como espaço de certezas. Parece-nos pertinente nestes termos ressaltar a oportunidade de avaliar o domínio da moral, exercido a todo o momento em que o ser humano pondera ou cogita uma atitude de ênfase política (afinal, é o que “nossos jovens” manifestam desejar, mesmo que freqüentemente não encontram os meios para tal). A atitude se desprende do domínio da moral, pois, afinal, embora correlatos, não fazem parte do mesmo fenômeno. A relação entre o domínio da ética e o da ação, no ser humano, carrega uma ligação intrínseca entre as partes, quando agir (principalmente quando se tem pretensões políticas) é sempre fruto de uma ponderação estratégica da ação, realizando uma aposta na ação, ideia adequada ao trabalho como projeto. O que pudemos registrar como um dos fatos mais marcantes ao longo de nossa pesquisa foi a percepção da amplitude do mundo humano possível (e aqui, a dicotomia entre virtual e real é esvaziada de sentido). O lado duplo dos nossos jovens, destes com os quais convivemos, é exercido em seus comportamentos e expressividades (hiper-comunicativas), denotando que o duplo não encontra mais um lugar confortável para permanecer em harmonia, mesmo quando se tem fé e este já é um grande avanço frente a uma civilização modelada por inumeráveis cegueiras do espírito. Estamos permanentemente em conflito moral e este fato já é mais considerado por estes jovens. Nesta direção, as formas de engajamento político que emergiram dos movimentos de rua de 1968 são paradigmáticas, mas os caminhos individualizantes têm possibilitado renovadas formas de grupalidade, mesmo as dotadas de finalidades políticas. Não por acaso, uma das formas de se perceber experiências políticas de outra ordem foram diametralmente associadas ao imaginário de um jovem despolitizado e apático, destituído de brilho vital, encarcerado em seus quartos e imersos em seus “vícios” digitais.

O contato aproximado com grupos de ciberativismo juvenis (realizados por meio de táticas vinculadas às tecnologias da informação e da comunicação), demonstram que boa parte destes sujeitos já pratica uma concepção de mundo como uma virtualização da própria vida real. Os modos de interconexão juvenis são múltiplos e para serem interpretados

dependem de uma disposição analítica capaz de imaginar, de mudar de paradigmas, de se metamorfosear constantemente, adaptando-se à instabilidade do mar, à deriva na qual os corpos se encontram. Tal como os narradores benjaminianos, nos lançamos à deriva, para, posteriormente, buscar o lugar da narração. Do visto, do intuído, do percebido, do vislumbrado.

Nossas narrativas, desenvolvidas à luz do que se pode interpretar como uma filosofia da existência, nos disponibilizam este exercício do descentramento histórico da moral. Como diz Maffesoli (2004) em sua epistemologia do mal, “de fato, silenciosa ou ruidosa, a revolta germina” e os movimentos com os quais nos deparamos, tomam a forma do que ele chama de “corporeísmo místico”. Estas características cada vez mais fragmentadas, ramificadas e fluidas da existência juvenil, apontam para as juventudes como uma das vias de regeneração de uma ética capaz de dar conta de nosso estatuto planetário atual, como percebe Morin:

Os germes da reforma da vida disseminaram-se quase por toda parte. Há quase por toda parte também a necessidade de viver melhor consigo mesmo, de superar o divórcio entre o espírito e o corpo, algo que se expressa no interesse atual pelo yoga, pelo zen-budismo, pelas sabedorias orientais. O mal-estar do bem-estar estimula um apetite se ser.

Os adolescentes, sobretudo, manifestam a forte necessidade da “verdadeira vida”: a união da liberdade e da comunidade; é na adolescência que fermentam as aspirações a viver poeticamente, superar o consumismo pela consumição, com experiências de êxtase por festas, *raves*, danças, bebedeiras, até mesmo detonações. (MORIN, 2007, p. 173)

Por outro lado, ao mirar as características (nada determinísticas) de ações juvenis politicamente demarcadas, retornamos para uma necessidade de renovação da própria existência, dado o original conjunto social/global que permite uma série de atitudes vivenciadas de modo superlativo em nossa história recente. Ao estudar práticas comuns, cotidianas suspensas num ambiente “favorável” ao tipo de comportamento renovado de uma política pós-moderna, vê-se reconfiguradas as possibilidades que o real apresenta para a construção de uma cidadania planetária. Estas pistas reflexivas dialogam com a concepção de uma política centrada nas práticas do cotidiano (cidadania cultural), exercida pelo próprio corpo, uma espécie de bio-ética em conjunto com uma bio-estética. É como se, ao relatarmos nossa vivência etnográfica, estivéssemos nos aproximando de materializações das relações hoje possíveis entre finalidades e consequências, ideais e estratégias de ação. Nesta relação entre a germinação de uma ética planetária e as politicidades juvenis, o ideal democrático interpretado pelas dimensões culturais do cotidiano pode ser analisado como tendo gerado deslocizações profundas no que se entende por democracia, por exercício cidadão, assim

como as transvalorações morais, cujos resultados de tais deslocizações ainda não se pode prever. Para corroborar nosso argumento recorreremos a Aguilera, que problematiza as políticas de visibilidade e as lutas por representações juvenis no bojo social do seguinte modo:

[...] el trabajo político deja de ser conceptualizado como “concientizar” y pasa a ser “informar”, lo que muestra los niveles de transformación cultural en que opera esta nueva política cultural que sustituye las “lecturas” por las “claves de lectura”; mientras quienes adscriben a formas más tradicionales de participación (partidos políticos, federaciones estudiantiles) hablan de concientización y trabajo político al referirse a la práctica de anunciar y promocionar una sociedad más justa (un relato preexistente), otras modalidades [e são estas as que interessam a esta dissertação] nos hablan de concientización informacional, lo cual alude a la necesidad de informar a la sociedad de lo que está ocurriendo para que, en función de ello, la ciudadanía se active y tome un rol protagónico (relato postexistente). En este contexto de alta densidad informacional emergen las vinculaciones con las nuevas tecnologías, con buscar información y difundirla a través de Internet, de páginas de contrainformación así como la posibilidad de entender que la propia práctica comunicacional se transforme en un nuevo modo de agregación y grupalidad juvenil. (AGUILERA, 2008, p. 40)

O saber fazer próprio da cultura juvenil reforça as marcações históricas de uma pós-modernidade exercida pela nova existência do ser/conhecer, tanto do ponto de vista moral (processo cada vez mais individualizado, perspectivista) quanto político (processo coletivo por princípio). Este exercício mais humanizado de valores morais é articulado à concepção das práticas concebidas como ‘politicidades juvenis’, particularmente no que estas competem às suas peculiaridades subjetivas, nos rizomas que configuram o abandono prático das visões dualistas, no mergulho completo em uma realidade de múltiplas facetas. É preciso alertar para a ideia de que, por mais que tenhamos verificado empiricamente algumas práticas renovadas, e politicamente engajadas, ainda sentimos que os mais promissores vulcões simbólicos não espalharam pela Terra os resultados da (r)evolução que possa fazer emergir um novo humanismo futuro, ainda incerto. Assim, concluímos nossa dissertação com a explanação de dois pontos-chave de leitura do que seriam expressões de politicidades juvenis: o primeiro trata as práticas juvenis do ponto de vista da ética e, o segundo, do ponto de vista da ação política.

4.1 Interpretações sobre as Policitidades juvenis

Já se reparou que todos os homens interessantes não estão no céu?

Nietzsche. A vontade de poder.

Não se pode negar que jamais cogitamos tanto, jamais pensamos tanto nas possibilidades da existência. Há quem acredite que o homo sapiens, espécie à qual pertencemos, é e sempre foi o mesmo, pois permanece a sentir medo e prazer. Sob a ótica do estatuto sociocultural pós-moderno, verificamos que as portas perceptivas dos jovens cosmopolitas jamais presenciaram tantos novos tipos de trânsito a lhes atravessar, e por esta razão, as novas sensibilidades da práxis social apontam para o corpo não mais como meio para saber, e sim como um lugar de múltiplas passagens, de experimentação e de conflitos.

Quando falamos de pós-modernidade, enfatizamos um marco histórico que reúne o momento quando vários de nossos interesses críticos se tornaram evidentes; são eles: uma revisão das ciências humanas, a comunicação como instrumentação e via de potência do ser humano em sua política cotidiana, o consumo como exercício de vida e como pólo viabilizador da hegemonia do mercado e, por fim, o lugar ocupado pela juventude na cultura e na sociedade, ainda que se sintam distanciados de esferas “mais importantes” pelos mecanismos sociais como o da faculdade e o da especialização. Por este motivo trata-se de compreender que nossa problemática de pesquisa ganha visibilidade no protagonismo sociocultural somente num estágio de modernidade tardia, diferente do engajamento dos movimentos estudantis de outrora.

A vida ocidental que vivemos, de modo tardio, saturado e extremo, colocou a forma dos jovens se relacionarem entre si como lugar de onde partem as mesmas inovações que sustentam o próprio mercado. Os tentáculos que defendem o bom funcionamento do quadrimotor planetário acabam por absorver os talentos, as ideias, os pensamentos, as imaginações dos artificios que, muitas vezes, são ressignificações do mesmo. O que as ações juvenis evidenciam é que o novo entrecruza todos os mundos possíveis, considerado o que Nietzsche chama de *epigonismo* – o excesso de consciência histórica que atazana os homens, no nosso caso cada vez mais cedo. Gianni Vattimo fala de duas posturas de Nietzsche frente ao mesmo conceito:

Enquanto o escrito de 1874 queria recorrer a forças supra-históricas e eternizantes [como solução para o problema de sair da doença histórica], *Humano, demasiado humano* efetua uma verdadeira dissolução da modernidade mediante a radicalização das próprias tendências que a constituem. Se a modernidade se define como a época da superação, da novidade mais nova, num movimento irrefreável que desencoraja qualquer criatividade, ao mesmo tempo que a requer e a impõe como única forma de vida pensando-se *superá-la*. O recurso às forças eternizantes indica essa exigência de encontrar um caminho diferente. Nietzsche vê com muita clareza, já no ensaio de 1874, que o ultrapassamento é uma categoria tipicamente da modernidade. Não apenas a modernidade é constituída pela

categoria da superação temporal [...], mas também, segundo uma consequencialidade muito estrita, pela categoria da superação crítica. (VATTIMO, 2007, p. 171-172)

Há uma espécie de espírito juvenil suprimido que eclode em diversos sujeitos etários no instante em que se permite viver um acontecimento, experimentar algo novo do qual se tem vontade verdadeira, o que do ponto de vista intencional era fruto de um cruel punição moral e exclusão social (o que ainda acontece em muitas sociedades mais tradicionais). Hoje, no tempo das redes, há novos espaços criados para o ser, que quer se expandir para poder brincar de fazendeiro em uma rede social (o famoso *Farm Ville*), ou participar do emblemático *Second Life*, uma “realidade virtual” onde o objetivo é ser outro ser.

Vivemos um niilismo generalizado como um coletivo exercício de humanidade, propiciado pela morte de Deus e pela desordem do humanismo. É preciso que cada um construa sua própria tábua de salvação e hoje, construir algo é quase que premissa para os comportamentos juvenis. Carregam fortemente, desejantes ou não, traços iluministas, por vezes racionalistas e alheios ao corpo, que marcam a pós-modernidade e a consumação dos planos ideais, como vias que ainda apontam para o cérebro como o grande órgão (vias racionalistas). Código livre, direitos artísticos, direito autoral, reproduzibilidade técnica, multiculturalização, inter-conectividades, espaços lisos. Todos estes conceitos (e poderíamos enumerar centenas deles), são questões às quais o homem jamais antes se dedicou – uma gigantesca “quantidade de saber” e uma consequente, promissora e perigosa deslocalização dos saberes. Afinal, a história é contada por quem? Quem sabe o que é certo? É onde surge o protagonismo juvenil, experimental e energético.

Não podemos desconsiderar que na sociedade capitalista o binômio técnica e ciência acaba por instrumentalizar de diversas formas os modos de conhecer, e o mercado (desde a indústria de bens duráveis até a de produtos culturais) rapidamente trata de transformar as novas experiências em objetos de desejo. O fato é que, quando são criadas determinadas condições para o espírito, quando se controla o ambiente provocando uma certa temperatura, o engajamento político além de ser mais facilmente exercido é potencializado (mesmo considerando a Campus Party como um espaço “mercadológico”, mesmo que coloquem suas marcas em nossas frentes – não esqueçamos do apoio público, e de comunidades sem fins lucrativos que o evento reúne). O sonho moderno ainda tenta encontrar meios de se realizar, e o jovem já encontra efetivos meios para dizer isto, imbuído de sua revolta mental e corpórea nem sempre muito bem identificadas, mas que consideram a

virtualidade da dupla característica humana. Dá-se a entender os motivos pelos quais ouvi recentemente na televisão que 47% da população sofre ou já sofreu de distúrbios psicológicos – tem-se uma fome maior que o estômago e a obesidade moral abala as próprias condições mentais.

Alguns brasileiros, com seu corpo quente e mestiço, consideraram as possibilidades comunicativas globais como suas principais armas, percebendo que ao fazer uso inteligente da Internet e de produtos audiovisuais é possível “pregar uma peça” “no mundo”, ao mesmo tempo em que milhões de pessoas expressam o desejo de ver calada uma figura midiática, simplesmente por contar com a adesão massiva (o caso do Cala a Boca Galvão, onde Xandão e Fernando Motolese são protagonistas). O “Cala a Boca...” é uma espécie de politicidade, por carregar em sua essência a possibilidade simples de expressão, de poder ter voz ativa (sabemos das questionáveis intenções do ato, mas esta possibilidade há pouco mais de um século só era exercida pelos primeiros meios de comunicação de massa, pela arte e pela política tradicional – passeatas, greves, comícios etc.). Mesmo Fernando, responsável pelo vídeo em inglês que deu suporte para a ciber-piada, não sabe explicar o que queria com o vídeo, além da necessidade de aparecer e ver, com isso, seu trabalho (com outras coisas) reconhecido. Fernando soube aproveitar do momento (relatou em entrevistas na internet que não dormiu para conseguir “colocar o vídeo no ar” o quanto antes – a fim de aproveitar o fervor do movimento), de seus conhecimentos técnicos (audiovisuais) e foi reconhecido em matérias de importantes veículos da mídia nacional e internacional, como Le Monde, NY Times, Rede Globo, além de ter conquistado a marca de mais de um milhão de visualizações, além de ter colaborado efetivamente para ver no topo da lista dos tópicos mais comentados no twitter mundialmente o “Cala a Boca Galvão”⁷⁸.

Em suma, a banalização com que este empreendimento foi julgado só pode ser repensada a partir de uma leitura das entrelinhas, com as quais este trabalho dialoga. Assim como sugerem as narrativas construídas sobre as práticas da Campus Party, Martín-Barbero observa que a mediação tecnológica da comunicação não possui maior valia no que tange os aparatos, as funções executadas pelas máquinas, mas o que mais nos interessa são os “novos modos de percepção e linguagem”, as “novas sensibilidades e escrituras”. “Radicalizando la experiencia de des-anclaje producida por la modernidad, la tecnología deslocaliza los saberes modificando tanto el estatuto cognitivo como institucional de las *condiciones del saber* y las *figuras de la razón* [...]” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 1).

⁷⁸ Vídeo disponível em: (<http://www.youtube.com/watch?v=bdTadK9p14A>)

Para compreender o que há de novo nos comportamentos juvenis, é necessário investigar o plano sensível de suas ações, de suas narrativas e suas práticas de consumo. É daí que surgem as expressividades políticas geralmente interpretadas como apolíticas:

Paulatinamente y en relación con la literatura sobre nuevos movimientos sociales y las reconceptualizaciones sobre lo político [...] [Touraine, Melucci, Offe, Maffesoli, Lechner] aparece en la literatura sobre juventud una revaloración de lo político, que deja de estar situado más allá del sujeto; y adquiere corporeidad en las prácticas cotidianas de los actores, en los intersticios que los poderes no pueden vigilar. (Reguillo, 1996)

La política no es un sistema rígido de normas para los jóvenes, es más bien una red variable de creencias, un bricolaje de formas y estilos de vida, estrechamente vinculado a la cultura, entendida ésta como “vehículo o medio por el que la relación entre los grupos es llevada a cabo” (Jameson, 1993). (REGUILLO, 2000, p. 43)

As politicidades juvenis nos fazem perceber que o saber não é mais imposto, mas sim incorporado e vivido, como se fosse este o modo de se atingir uma vida mais verdadeira na prática. Quando um hacker se vê na condição de quem sabe mais que o “dono da bola” ele é instigado a agir, como um impulso que pode te levar a ouvir/ver um vizinho pela janela. É uma fome, uma vontade de potência que parecia geral na Campus Party, uma mola propulsora que leva estes sujeitos a explorarem o próprio rizoma que os constitui, tentando perceber/empreender nesse ambiente vertiginoso algo diferente, sempre buscando distinção e avanço. Vale questionar, por exemplo, para onde caminha os resultados dos avanços apreendidos, mas novamente, pelos intradiscursos, por meio de uma ciência que também precisa de urgentes renovações.

Neste momento, auxilia-nos colocar nossa análise ao lado da ideia de “devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível” ao qual Deleuze e Guattari (1997) dedicam um profundo texto. Ao demonstrar uma relação entre devir-homem e devir-rato a partir de um conto, o primeiro princípio em que os autores “(des)localizam” o devir nos ajuda a pensar as politicidades juvenis. Coloca-se o entendimento de um devir-animal distante das interpretações que consideram as bases estruturalistas ou totêmicas de uma ação, pois estas demonstram que

[a] tentativa de explicar (...) *blocos de devir* pela correspondência de duas relações é sempre possível, mas seguramente empobrece o fenômeno considerado. Não seria preciso admitir que o mito, como quadro de classificação, é pouco capaz de registrar tais devires, que são, antes, como fragmentos de conto? Não seria preciso dar crédito à hipótese de Duvignaud, segundo a qual fenômenos “anômicos” atravessam as sociedades, e não são degradações da ordem mítica, mas dinamismos irredutíveis traçando linhas de fuga, implicando formas de expressão outras que a do mito, mesmo que esse por sua vez as retome para detê-las? Será que, ao lado dos dois modelos, o do sacrifício e o da série, o da instituição totêmica e o da

estrutura, haveria ainda lugar para uma outra coisa, mais secreta, mais subterrânea: o *feiticeiro* e os devires, que se exprimem nos contos e não mais nos mitos ou nos ritos? (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 17-18)

Seria preciso uma dissertação inteira para trabalhar minuciosamente a relação entre politicidades e o devir conforme conceituam os autores mencionados e é por este motivo que remetemos ao conceito no título desta dissertação, para que a ideia seja extrapolada e continuada em trabalhos futuros, como uma de nossas grandes conclusões. O que nos é caro neste trabalho é que a politicidade juvenil, colocada ao lado da política dos devires-animais (e também se sua característica individual, anômala), evidenciam o pôr em marcha as máquinas de guerra juvenis que mais parecem ter relação com uma esfera mística, uma esfera que opera não por estruturas ou simbologia, mas por agenciamentos que fazem rizoma (produção de subjetividades) entre devires. Estas novas máquinas (das quais os indivíduos ainda não sabem ao certo o que podem fazer com elas – individual e coletivamente), ao serem postas em marcha, comprovam a contradição com as quais os jovens convivem em suas realidades – no momento em que tentam conciliar a multiplicidade correspondente entre a inter-relação entre devires diversos (o que nos remete também a uma sempre renovada e agenciada ética) e a anomalia individual na qual são abrigados os afectos (remetem às paixões e às sensações provocadas, por exemplo, pelas sensíveis politicidades). Por isso o devir é processado por agenciamento, operando num fluxo de vínculos, por alianças sempre prontas a serem vencidas ou vencedoras, operando a todo momento na coexistência de “durações” comunicantes. Por isso o lado do feitiço, do místico e da corporeidade cósmica nos interessam especialmente:

Na feitiçaria, o sangue é de contágio e de aliança. Se dirá que um devir-animal é assunto de feitiçaria: 1) porque ele implica uma primeira relação de aliança como um demônio; 2) porque este demônio exerce a função de borda de uma matilha animal na qual o homem passa ou está em devir; 3) porque este devir implica ele próprio uma segunda aliança, com outro humano; 4) porque esta nova borda entre os dois grupos guia o contágio do animal e do homem no seio da matilha. Há toda uma política de devires-animais, como uma política da feitiçaria: esta política se elabora em agenciamentos que não são nem os da família, nem os da religião, nem os do Estado. Eles exprimiriam antes grupos minoritários, ou oprimidos, ou proibidos, ou revoltados, ou sempre na borda das instituições reconhecidas, mais secretos ainda por serem extrínsecos, em suma anômicos. Se o devir-animal toma a forma da Tentação, e de monstros suscitados na imaginação pelo demônio, é por acompanhar-se, em suas origens como em sua empreitada, por uma ruptura com as instituições centrais, estabelecidas ou que buscam se estabelecer. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 29-30)

Cabe-nos retomar a corporeidade mística de Maffesoli (2004), em sua epistemologia do mal – adotada como ferramenta epistemológica para compreender o que poderia ser considerado como subversão pós-moderna. Distinguindo as práticas políticas

atuais das de outrora, ele não hesita em concluir que os sujeitos não buscam mais liberdades abstratas, mas praticam liberdades intersticiais, onde a Utopia dá lugar às “pequenas utopias vividas”. Portanto, “[t]udo está em constante devir. Donde as expressões múltiplas, as tentativas e os erros inerentes a toda aventura existencial. O bem e o mal tornam-se vagos, ou melhor, se interpenetram. No *vazio* do ser em devir tudo é possível, a partir do momento em que justifica uma vivência coletiva.” (MAFFESOLI, 2004, p. 152).

A partir destas ideias o autor, entendemos que é no vácuo mental que a pós-modernidade instiga onde estão nascendo as novas formas de atuação política. É de uma esfera mística, por onde passeiam e se instauram os devires que as novas grupalidades e uma política da diferença pode ser compreendida. O místico ganha visibilidade em um momento de saturação do político – foge-se das verdades, busca-se uma verdade híbrida, criativa, protagonista, onde não há exatamente bem e mal, onde os absolutismos não são mais do que lugares de onde se esquivam estes jovens de que tratamos. A saturação do “sujeito pleno de razão”, dos confortos ideológicos, a incerteza generalizada, têm levado às manifestações pós-modernas a se ancorar num universo que é místico, extasiante, em comunhão com um todo que é coletivo, que é devir. Por este motivo, a corporeidade mística é o lugar energético de onde os jovens vêm se alimentando, na prática. Maffesoli utiliza de um conceito que tem a ver com uma espécie de vacuidade moral como motivo moderno a ser empregado às avessas (para o lado do mal também, como nas festas tribais) e que motiva o corpo, assim, à experimentação e à ação:

Convocar o monstro chthoniano, expressar o mal, exaltar o excesso são, com efeito, maneiras de encontrar energia. Energia terrena. Também aqui há o paradoxo do gasto: quem perde ganha. Energia de grupo. Do mito dionísio às festas “corrobori” analisadas por Durkheim, todos os historiadores das religiões ou antropólogos mostraram em que medida a efervescência festiva, anômica por essência, permitia a qualquer grupo social “recarregar as baterias”. A vivência coletiva do vácuo, a integração da morte a si próprio – pois é isto a festa – proporcionavam a *sobrevivência* do grupo, ratificavam o sentimento de vinculação comunitária. (MAFFESOLI, 2004, p. 160-161)

Hannah Arendt “vê o colapso da longa e poderosa tradição do pensamento político” (2008, p. 31) e utiliza a metáfora do deserto para demonstrar a ausência de vida política pública, concluindo que o deserto atual confunde as fronteiras do público e do privado, donde a liberdade política tradicional não pode mais existir. Assim como Maffesoli (2004), Arendt também se refere ao momento de vacuidade ao falar do deserto e não como o mal destruidor-de-mundo no qual se desenrola o seu trabalho sobre as forças brutais, mas o deserto é utilizado como metáfora do hoje e de sua espera reconstrução.

[N]a medida em que nos tornamos cada vez mais alheios ao mundo político, estamos em posição de sermos arrastados para o mal, como para o inferno; de cair num espaço vazio sem fim onde nada, nem mesmo o deserto, nos rodeia e onde não há nada que nos individualize, nos relacione ou nos separe. Esta é a nossa atribulação, em que só as raízes que estejamos livres para arrancar, uma vez que tenhamos coragem para suportar as condições do deserto, podem fazer um novo começo. (ARENDR, 2008, p. 36)

É o fazer do corpo, o “amor mundi” de Arendt (2008), o “amor fatti” de Nietzsche ou o amor como máximo de sabedoria e loucura de Morin (2007), que impulsiona o fazer político destes jovens, uma incorporação expressa de devir, de criação do impossível pelo possível (comportando também o erro como caminho). Este sentimento requer consciência da grupalidade, das globalizações e do heterogêneo que nos constitui como humanidade. Nos ciber-ativismos digitais percebemos que a coletividade é uma das maiores armas – oferecer uma questão comum é vital para uma ação viral bem-sucedida, por exemplo. O termo viral, aliás, nos liga mais uma vez à instauração de uma nova vida em um corpo que é mais fortemente instigado a agenciar devires. Mas o vírus sempre está a se metamorfosear, dependendo de suas condições, e a coletividade exercida por estes grupos de jovens engajados opera pelo mesmo princípio, desviando-se (até um limite) da morte do indivíduo, para a qual a metamorfose é o único caminho da vida.

Concretamente, o que se percebe nas politicidades juvenis é que o coletivo já não mais possui um centro, um líder, mas é sempre fruto de uma “autoridade construída”, como sugere Balardini (2005). A ação política já não deve ser somente consciente e responsável (centrada num objetivo bem definido), mas também deve ser livre e prazerosa. Como prova de sua revolta, da negação permanente, “[n]estas nuevas instancias participativas, muchas de cuyas experiencias desarrollan ámbitos jerárquicos, y formas de organización autogestivas, se coincide en un planteo anticapitalista genérico.” (BALARDINI, 2005, p. 69). Vivenciamos uma negação à política tradicional, aos sistemas de imposição social e por não participarem e não se interessarem necessariamente pelo poder vigente (que vivem a reproduzir a ação política do jovem como a de um ator social marginal), os jovens falam por outras vias, mais próprias.

Não é à toa que os jovens latino-americanos são tão expressivos na adoção de softwares livres, na luta para o código livre ou o código aberto, irrestrito e (re)apropriável. Sentindo-se parte do Todo, o jovem reivindica lugares onde tenha condição de agir, esquivando-se das instituições e do conhecimento tradicionais e encontrando na Internet, nas tecnologias, na comunicação e no consumo, meios altamente apropriados para exercer uma

cidadania possível. Segundo Richard Stallman, criador do GNU ao falar do software livre como condição para garantir direitos individuais e coletivos na sociedade atual:

“O software livre garante as liberdades de conhecer, criar, compartilhar e distribuir sem limites”, [...]. “Portanto, as tecnologias proprietárias são uma transgressão aos direitos constitucionais”, completou. “A meta do movimento é eliminar barreiras e destruir injustiças. A imposição tecnológica está a um passo da imposição ideológica”, [...].⁷⁹

Quando falamos das políticas de hacktivismismo, por exemplo, temos a intenção de abordar uma espécie de devir-animal tecnologicamente mediado, pós-moderno, que nasceu no auge da contra-cultural de 60-70 e que ainda carrega marcas anarquistas, anti-institucionais, de revolta, proposição e ação não-institucionalizada. Assim, tornam-se evidentes os traços subjetivos, identitários e morais das politicidades de suas ações. O que Aguilera (2008) revela como “ética situada” é o que também presenciamos em nossa pesquisa, no caso de Vinicius K-max ao dizer que há quem goste e há quem não goste de suas atitudes e que “é assim mesmo”.

Talvez não saibamos ainda realmente ler e interpretar de modo acabado o que há de político nas juventudes atuais, pois é provável que a ação política “renovada” ainda seja muito mais um impulso que uma forma de consciência. O que a humanidade moldou como realidade, permitiu a estes sujeitos viventes de nossos tempos a manifestação de suas visões sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu modo - “[l]a juventud es un actor social que está transformando la realidad desde sus propias instancias y modalidades de participación.” (ABAUZA, Solorzano, 2001, p. 206)

Aguilera assinala que as formas políticas propriamente juvenis são exercidas em práticas de uma chamada “cidadania cultural”, que precisam ser compreendidas de duas formas: analisando a cultura juvenil como “construção cultural da juventude” e também como “construção juvenil da cultura”. Este modo duplo de compreender o ser juvenil, como criadores e consumidores culturais ao mesmo tempo, nos permite entender a importância deste tema para pensar os rumos sócio-culturais que a comunicação (também entendida como cultura) e o consumo vem exercendo de modo profundo, principalmente no que tange um exercício ético e político perante o novo mundo que os cerca. “La idea es pensar en cómo determinadas configuraciones socioculturales producen una diversidad de expresiones identitarias que en modo alguno son estáticas y trascendentes en el tiempo.” (AGUILERA,

⁷⁹ Matéria cuja fala de Richard Stallman foi relatada. Disponível em: (<http://www.softwarelivre.gov.br/noticias/201csoftware-livre-esta-alem-de-uma-questao-economica-e-uma-necessidade-social201d-afirma-stallman/>)

2008-b, p. 38). Por esta razão, ancoram-se num presente que lhes obriga a romper com os valores tradicionais e a imposição das vontades, realizando o antes impensável, suprimindo as velhas ideias das coisas do mal.

Ao final do livro de Hannah Arendt sobre nossas categorias e noções de força bruta, tem-se algumas perguntas retóricas oriundas de seu processo de pesquisa. Ela se utiliza destas perguntas para pensar a crise política de hoje:

Quando, à luz do perigo a que os acontecimentos expuseram a humanidade, nos perguntamos se a política ainda tem algum significado, estamos também levantando – em termos vagos e sem levar em conta seus vários possíveis significados – várias outras questões. As perguntas que acompanham a pergunta que foi o nosso ponto de partida são: primeiro, terá a política afinal algum propósito, algum fim? E esta pergunta significa: os fins que a ação política pode buscar valem os meios que, sob certas circunstâncias, precisam ser empregados para alcançá-los? Segundo, existirão, dentro da esfera política, objetivos pelos quais podemos nos orientar com segurança? Se sim, não serão seus parâmetros totalmente ineficazes e, portanto utópicos? Será que todo empreendimento político, uma vez colocado em movimento, não deixa de se importar com objetivos e parâmetros e passa a seguir o curso que lhe é inerente, não podendo ser detido por nada fora dele? Terceiro, não será característica da ação política, pelo menos em nossa época, ser destituída de quaisquer princípios, de modo que, em vez de brotar das muitas fontes possíveis, ela se aferra oportunisticamente à superfície dos acontecimentos cotidianos e se deixa jogar em várias direções, de modo que o que se alardeia hoje sempre contradiz diretamente o que aconteceu na véspera? Não terá a ação chegado ao absurdo e enterrado os princípios, ou fontes, que um dia talvez a tenham colocado em movimento? (ARENDRT, 2008, p. 260-261)

A participação juvenil em movimentos de anti-globalização configuram “algumas expressões que a partir de sua especificidade juvenil constroem ou querem construir uma nova forma de fazer política.” (AGUILERA, 2005, p. 202). Estas participações, assim como outras, demonstram que há um domínio de “não-lugar” que é responsável por um império do virtual, criadores de novos lugares de comunicação e de cultura (tanto o consumo quanto a comunicação são práticas essencialmente culturais). A igualdade é batalhada não mais por uma verdade que se aplica a todos, mas antes a um conjunto de indivíduos cuja única verdade é a diferença, cada vez mais alargada, e a cidadania antes de construir verdades, deve saber considerar as diferenças, o erro, a desordem à qual os jovens estão mais predispostos a viver.

A política acaba por ser exercida (mas não concebida) em domínios outros, aos quais as juventudes se vêm na missão de reinventar. O partido é pirata, o movimento é kamikaze, a política é outra (ainda um não sei o quê), a tecnologia nos amplia, são lembranças de Campus Party adequadas a este momento. A cidadania é exercida pela cultura, que por sua vez, abre espaços novos a uma política renovada. Tal relação (entre cidadania cultural e novos rumos políticos) tem sido frequentemente trabalhada pelos estudos das culturas juvenis latino-

americanas. Rossana Reguillo, responsável por nomear Jesús Martín-Barbero cartógrafo de mapas noturnos, esclarece que o conceito tradicional de cidadania não contempla as hibridizações culturais e as translocalizações de nossos tempos, permanecendo ainda em três planos: o civil (dos direitos e das liberdades individuais do cidadão), o político (direito do sufrágio universal e da participação) e o social (associado ao fortalecimento do Estado de bem-estar) (2000, p. 158); resta-nos, segundo a autora, integrar o plano cultural ao exercício e à própria concepção de democracia, resignificando de modo complexo os outros planos.

A virtualização do real e a expansão das “capacidades” humanas com suas máquinas tecnológicas (feitas máquinas de guerra), conduzem efetivamente a estes novos lugares (comunicativos por excelência) que as culturas juvenis nutrem em sua política do cotidiano. A comunicação e a cultura são responsáveis pelos descentramentos, pelas desterritorializações da produção cultural e seus dispositivos. A batalha cultural, como um devir-pós-moderno, pode ser entendida como o grande ponto para onde as massas estão rumando seus esforços expressivos. É somente através da cultura que o ser social é capaz de se constituir, de modo ativo e parece ser este o direito último ao qual as juventudes vêm reivindicando – uma transparência política aliada a um fazer cotidiano, descentrado, ramificado, à imagem das redes telemáticas. Martín-Barbero reitera que “o que a sociedade considera político em um dado momento é produto da própria luta política” (2004, p. 328), reiterando as politicidades como estratégias (quase que de guerrilha) para a incursão de uma política cultural que preveja o bom uso das tecnociências, amplie as potencialidades humanas e comporte as diferenças, para que o extermínio sociocultural não seja mais necessário. Cada vez mais associados a processos de espetacularização, de aprovação e reconhecimento, de estratégias e táticas de visibilidade, a teia cultural que cobre o planeta, a nossa pesada herança histórica de conhecimentos, nos leva a conceber a esfera política como uma esfera em que a comunicação encontra efetivos lugares de ação, mesmo nos estratos sociais de base. O lugar ocupado pela mediação das imagens na existência pós-moderna, permite concluir o seguinte sobre a relação entre política a cultura (comunicação):

o que nas imagens se produz é, em primeiro lugar, a saída à superfície, a emergência da crise que sofre, desde seu próprio interior, o *discurso da representação*. Então, estando certo que a crescente presença das imagens no debate, nas campanhas e ainda na ação política espetaculariza esse mundo até confundi-lo com o das estrelas, o dos reinados de beleza ou o das igrejas eletrônicas, também é verdade que pelas imagens passa uma *construção visual do social*, e nessa visibilidade recolhe o deslocamento da luta pela *representação* a demanda de *reconhecimento*. O que os novos movimentos sociais e as minorias – como as mulheres, os jovens e os homossexuais – demandam não é ser representados e sim reconhecidos: *fazer-se visíveis socialmente, em sua diferença*. O que dá lugar a um novo modo de exercer

politicamente seus direitos. Em segundo lugar, nas imagens se produz um profundo *descentramento* da política tanto sobre o sentido da militância como sobre o discurso partidarista. Do fundamentalismo sectário que acompanhou, desde o século XIX até meados do século XX, o exercício da militância nas direitas como nas esquerdas, as imagens relatam o “esfriamento da política”, com o qual N. Lechner denomina a desativação da rigidez nas pertinências possibilitando fidelidades mais móveis e coletividades mais abertas. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 331-332)

Em concordância com a pesquisa realizada, nos propomos a estabelecer algumas características capazes de ampliar o conceito de politicidades⁸⁰ apresentado na primeira parte de nosso trabalho: politicidade refere-se a novos modos de agir, situados historicamente em um espaço-tempo articulado a concepções cidadãs planetárias (Morin). Deslocalizados os saberes e as culturas, ao mesmo tempo em que as instituições tradicionais não se apresentam mais como as únicas a possibilitarem o engajamento juvenil (além das vias economia-lucro), alguns jovens passam buscar formas alternativas de expressão e atuação social, cultural, comunicacional e estética. Utilizando-se de ferramentas próprias de sua vida cotidiana, passam a privilegiar esferas subjetivas e iniciam um processo rizomático de inovação e/ou reinvenção do vivido. Assim, fazem do corpo uma vitrine de pensamento; do trabalho, um eterno projeto; e de sua capacidade sensório-comunicativa ampliada, uma arma potente. Exploram, por exemplo, os espaços “virtuais” como palco e como direito adquirido, colocando-se sempre à margem (lugar-comum para as juventudes excluídas), mas sonhando chegar ao centro. É como se as politicidades representassem uma esfera de teste, de experimentação com o corpo (pois a razão não mais impera como soberana, ou melhor, ela escapa das dicotomias cartesianas) onde os filhotes planetários se tornam exploradores de uma cidadania cultural possível, feita com as próprias mãos. Politicidades são tentativas de religação, são expressividades que vinculam, na prática, mundo impossível e mundo concreto. Enxergamos nas politicidades movimentos que declamam a necessidade de uma reforma da tríade indivíduo-sociedade-espécie, e, ao mesmo tempo, tem como palavra de ordem o “mãos à obra”, pois já não se configura uma aposta cega em imposições hierárquicas.

Assim como Morin prevê, percebemos a partir das politicidades e dos renovados paradigmas que elas evidenciam, que

[a] grande reforma é, ao mesmo tempo, completamente realista e completamente utópica. É completamente utópica porque forças gigantescas

⁸⁰ “Por politicidade entendemos, na direção apontada, entre outros, por Mauro Cerbino (2002), como um “quê-fazer” que provenha da vida cotidiana, das práticas estratégicas de vinculação e participação. Segundo explica, “o corpo é elemento mediador e lugar de enunciação de uma nova politicidade, de um modo de ocupar e dar sentido ao espaço público e de construir uma cidadania cultural mais além da de direito.” (ROCHA, 2009, p. 2)

de ilusão e de erro a ela se opõem. É completamente realista porque está nas possibilidades concretas da humanidade no atual estágio da era planetária. Na história, tudo começa com movimentos marginais, desviantes, incompreendidos, quase sempre ridicularizados e, às vezes, excomungados. Ora esses movimento, quando conseguem enraizar-se, propagar-se, conectar-se, tornam-se uma verdadeira força moral, social e política. (MORIN, 2007)

Por fim, após nos dedicarmos a esta esfera sensível da cultura pós-moderna, as juventudes e suas politicidades, é preciso ampliar conceitualmente a relação entre as politicidades e os pensamentos morais que têm levado as culturas juvenis a adotar um modo próprio para se expressar. Morin (2007) deixa claro que ética e política não são a mesma coisa, e que, na verdade, “[n]ão se pode separar nem confundir ética e política. As grandes finalidades éticas exigem, com frequência, uma estratégia, ou seja, uma política, e a política exige um mínimo de meios e de finalidades éticas, sem por isso se reduzir à ética.” (MORIN, 2007, p. 80). Mais profundamente, no último dos métodos de Morin, que trata exclusivamente da questão ética analisada por via do pensamento complexo, o autor evidencia as necessárias relações que devem ser estabelecidas/estudadas entre ética e política.

4.2 Ética planetária e paradigmas que atravessam a existência juvenil

*Hoje a razão se assemelha muito mais a uma rede de comunicação, uma rede de telemática, do que às ideias platônicas.
Bruno Latour. Jamais fomos modernos.*

*A esperança ética e a esperança política estão na metamorfose.
Edgar Morin. O método 6: Ética.*

Já evidenciamos que é no plano do devir que a ética e a política são exercidas em conjunto, de forma interativa. Ao longo da nossa civilização a crítica da moral sempre esteve presente, geralmente em relação direta com o plano político, tendo neste último a via para concretizar um ideal de vida boa para os homens, hierarquicamente. Para tratar dos rumos morais que constituem a crise planetária atual, e que estabelecem vínculo direto com as politicidades juvenis, como já abordamos, consideramos essencial tratar de concepções éticas e políticas relacionadas a uma filosofia do futuro. Por este motivo, filiamo-nos a dois autores nesta última etapa do trabalho: o primeiro é Nietzsche, considerado autor-chave para a

filosofia pós-moderna; e o segundo é Edgar Morin, que tem em sua metodologia complexa um caminho para a crítica e, ao mesmo tempo, para a germinação de uma ética planetária.

Nos acontecimentos inovadores onipresentes na chamada pós-modernidade, na busca incessante pelo o melhor e por novos projetos de vida, percebe-se a aplicabilidade do que Nietzsche denominou de movimento de transvaloração dos valores⁸¹, associado ao modo de pensar e agir do homem do futuro. Nietzsche acreditava que por intermédio da doença histórica da humanidade, no *decadéncia*, é que a própria humanidade encontraria o estado de vir a ser, de potência capaz de aniquilar toda a moralidade destruidora de um “humano demasiado humano”. Este movimento é o que se sente nascer no exercício do chamado devir juvenil pós-moderno, acontecimento humano que concretiza a formatação do embaralhamento rizomático, ao entrelaçar o plano das ideias ao plano das ações. Transvaloração pode ser relacionada a um projeto humano nietzschiano intimamente ligado à ideia do niilismo, niilismo que deve ser consumado no pensamento. Radicalizando o conceito, o niilismo significa a consumação do fato de que “[c]ada crença é um ter-por-verdade. A forma mais extrema do niilismo seria a de que *cada* crença, cada ter-por-verdadeiro seja necessariamente falso; pois um mundo verdadeiro não existe absolutamente.” (NIETZSCHE, 2008, p. 34)

É com essa conclusão niilista que se sai de fato da modernidade, segundo Nietzsche. Pois a noção de verdade não mais subsiste e o fundamento não mais funciona, dado que não há fundamento algum para crer no fundamento, isto é, no fato de que o pensamento deva “fundar”: não se sairá da modernidade mediante uma superação crítica, que seria um passo ainda de todo interno à própria modernidade. Fica claro, assim, que deve buscar um caminho diferente. É esse momento que se pode chamar de nascimento da pós-modernidade em filosofia, um acontecimento cujos significados e cujas consequências, assim como os da morte de Deus anunciada no aforismo 125 da *Gaia Ciência*, ainda não acabamos de medir. (VATTIMO, 2007, p. 173)

Já tratamos um pouco destas questões na primeira parte de nosso trabalho, ao mostrar como nos situamos na esfera científica e quais referências teóricas utilizamos. Agora, a questão já não tem pertinência somente em nossa esfera acadêmica, ao modo como nos engajamos, pois a mesma ideia foi expandida para o universo empírico pesquisado, o ser juvenil e suas politicidades – “Tudo é falso! Tudo é permitido!” (NIETZSCHE, 2008, p. 313). Vimos aqui certa coerência entre o plano de composição dos problemas de pesquisa, no acontecimento que é a Campus Party, mostrando uma sintonia entre as teorias/conceitos utilizados e as novas formas de engajamento, de devir que denominamos como juvenis.

⁸¹ Ver páginas 53 e 54.

Estas categorias - juventudes, juvenil -, por sua vez, carregam visões sobre o juvenil que podem ser aplicadas, tomadas as devidas precauções, à caracterização da existência pós-moderna como um todo, visualizadas na vida comum em um tempo-espço que é intempestivo – “no intempestivo há verdades mais duráveis do que as verdades históricas e eternas reunidas: as verdades do tempo por vir. Pesar ativamente é ‘agir de maneira intempestiva, portanto contra o tempo e por isso mesmo sobre o tempo, em favor (eu o espero) de um tempo que virá’” (NIETZSCHE apud PELBART, 2007, p. 107-108). Lidar com o tempo de modo intempestivo, circunscrito na vida cotidiana, parece conferir a liberdade de um espírito (razão e paixão) juvenil. Esta sensação, para Nietzsche, é também uma capacidade dos homens fortes, dotados de um espírito livre, que se atrevem a exercer um dever, por voltarem-se ao vir carregado, que está em estado de descontentamento. Falamos de um ser que se concebe na prática, na vontade vibratória, um ser que não está preso à faixa etária nem mais ao sexo cristão (sabemos que alguns movimentos neo-cristãos reúnem com expressividade jovens).

O tempo dos projetos por vir, do intempestivo, do efêmero, demanda uma capacidade de jogar com processos de territorialização e desterritorialização constante por parte dos sujeitos pós-modernos e sua moral alcança aspectos de alargamento e estriamento exponenciais. De um lado, sinais de esgotamento, fadiga, fraqueza de vontade do espírito que leva sujeitos a sucumbirem a toda impotência social de modo ativo, pois “o niilista não acredita no ser-se forçado a ser lógico... É o estado de espíritos e vontades fortes: e para estes não é possível deixar-se ficar no não do “juízo” – o *não da ação* provém de sua natureza. A aniquilação pelas mãos secunda a nadificação pelo juízo.” (NIETZSCHE, 2008, p. 38). Bem ao lado da moral, agindo como cúmplice, tem-se os sinais de força, de potência do espírito, de liberdade do corpo e da alma. O conflito entre lados muito diversos (além do bem e do mal, pois ambos são controlados pelo intempestivo da existência) é um dos os motivos da *decadência* dos tempos modernos. São frutos de uma crescente experimentação racionalista que culminou numa compartimentação, que deram forças maquinicas e de criação para momentos de transvaloração, de novos lugares de trânsito para o espírito humano, “pulsões criadoras de abismos” (NIETZSCHE, 2008, p. 41) que foram difamadas ao longo da existência humana, ao contrário dos “instintos de valor”. Em outras palavras, para perceber o pessimismo da moral como fonte produtora, como única via para o espírito livre, Nietzsche oferece algumas pistas para desvendar a história do que diz ser o obscurantismo moderno:

Os nômades do Estado (funcionário etc.): sem “pátria” –
A derrocada da família.

“O homem bom” como sintoma de esgotamento.
 Justiça como vontade de poder (disciplinamento)
 Luxúria e neurose.
 Música negra: - para onde foi a música restauradora?
 O anarquista.
 Desprezo dos homens, nojo.
 A mais profunda diferenciação: se a fome ou o excesso se torna criador? A primeira produz os *ideais do romantismo*. –
 A falta de naturalidade nórdica.
 A necessidade de bebidas alcoólicas: os trabalhadores-“miséria”.
 O nihilismo filosófico.” (2008, p. 57-58)

Nestes enquadramentos, encontramos muitas das perspectivas que nos fizeram chegar neste momento do trabalho: a nomadologia, o anarquismo, o espírito livre, a ausência de clareza sobre as fontes vitais, a apatia e a desordem como necessidade de potência. São todos conceitos relativos ao modo como vivemos, aos descentramentos da razão (e da moral) e, de certa forma, ao caminho do declínio que pode nos fazer querer subir a montanha por novos caminhos. São estes também os rumos de uma epistemologia capaz de (re)construir os meios de pesquisa, que já nos foram apresentados por Benjamin, Artaud, Deleuze e Guattari, além de Nietzsche.

Os ventos da liberdade sopram por entre os poros dos vários sujeitos religados nesta pesquisa, que questionam as restrições de ordem moral, mais especificamente de uma moralina⁸², assim como Nietzsche nomeou. É o tempo livre de Pelbart (2007) e o espírito livre de Nietzsche (2008). Maffesoli também abandona uma moral imposta e abstrata para tratar do que chama de “experiência ética”, a partir de uma ética “que se origina num grupo determinado, que é, fundamentalmente, empática (*Einfühlung*), proxêmica⁸³.” (MAFFESOLI, 1987, p. 22) Em suas experiências com “comunidades emocionais”, o autor se utiliza da experiência estética e ética para caracterizar os novos modos de estar junto contemporâneos (por exemplo nas esferas juvenis) e acaba por concluir com o que chama de *statu nascendi*, ou um estado de devir:

Toda organização *in statu nascendi* é algo fascinante para o sociólogo. As relações interindividuais ainda não estão fixadas, e as estruturas sociais

⁸² Moralina, conceito de Nietzsche foi interpretado por Edgar Morin em relação aos tipos de ilusão interior “é a simplificação e a rigidificação éticas que conduzem ao maniqueísmo e que ignoram compreensão, magnanimidade e perdão. Podemos reconhecer dois tipos de moralina: a moralina de indignação [leva geralmente à vingança e ao castigo] e a moralina de redução [desqualificação do outro como ser produzida pelo auto-engano]; uma alimenta a outra.” (MORIN, 2007, p. 55-56)

⁸³ De acordo com o próprio autor (1987), a proxemia é um termo proposto pela Escola de Palo Alto que pretende dar conta dos elementos naturais e culturais da comunicação. Conceito caro para conferir a conotação afetiva que possui a antiga noção de “bairro” a proxemia “trata-se de um espaço público que conjuga uma certa funcionalidade com uma inegável carga simbólica. Inscrevendo-se profundamente no imaginário coletivo, ele é, entretanto, constituído pelo entrecruzamento de situações, de momentos, de espaços e de gente comum, e por outro lado, no mais das vezes, ele é falado através dos estereótipos mais banais.” (MAFFESOLI, 1987, p. 33-34)

ainda têm a flexibilidade da juventude. Ao mesmo tempo, é importante encontrar pontos de comparação para poder formalizar aquilo que se observa. [...] sacralização das relações sociais: o mecanismo complexo das dádivas e contra-dádivas que se estabelece entre as diversas pessoas, por um lado, e entre o conjunto assim constituído e um meio dado, por outro. Se as trocas são “reais” ou são trocas simbólicas isso tem pouca importância, na verdade, a comunicação, no seu sentido mais amplo, utiliza caminhos os mais diversos. (MAFFESOLI, 1987, p. 33)

Em uma de nossas viagens a experiências desviantes, no resgate de domínios históricos da moral moderna/pós-moderna, encontramos um livro do pouco conhecido Edgard Leuenroth (1881-1968), que foi “tipógrafo, jornalista, arquivista, propagandista e um dos mais notáveis anarquistas da Primeira República Brasileira”⁸⁴. Num compilado de diversos textos, *Anarquia – Roteiro da Libertação Social* possui um texto Pedro Kropotkine, chamado “A Moral Anarquista”. Encontramos um trecho deste livro na Internet, através de pesquisa realizada na CP 2009, que define a moral anárquica, pelo lado da diferença e do erro. Esta perspectiva muito tem a ver com o niilismo e a *decadence* do espírito moderno e possui relações diretas com o espírito da CP. Durante o decorrer da pesquisa, bem como no decorrer da construção metanarrativa, foram estabelecidas diversas conexões entre as politicidades juvenis e uma lógica de organização anárquica de poder que as atravessa intensamente (não exatamente no plano objetivo), como pensa a moral anárquica:

[...] “Abaixo à moral!” É para nós um dever a prática de atos imorais. Saudemos essas épocas. São épocas de crítica. São o sinal mais certo de que se faz um grande trabalho de pensamento na sociedade. É a colaboração de uma moral superior. [...]

Essa moral nada ordenará. Recusará em absoluto modelar o indivíduo ao sabor de uma ideia abstrata, como recusará mutilá-lo pela religião, pela lei ou pelo governo. Deixará ao indivíduo a sua plena e inteira liberdade. Tornar-se-á uma simples constatação de fatos, uma ciência. E essa ciência, dirá o homem:

“Se não sentes em ti uma aptidão qualquer; se as tuas forças são apenas suficientes para maneres uma existência monótona e medíocre, sem impressões fortes, sem grandes gozos, mas também sem grandes sofrimentos, então resigna-te aos princípios de equidade. Nas relações com os teus iguais, encontrarás facilmente a maior soma de felicidade a que aspiras, das tuas forças medíocres. Mas, se em ti sentes a força da mocidade, se queres gozar a vida plena, exuberante [...] sê forte, sê enérgico, sê grande em tudo o que fizeres. [...]

“Sê forte; e, quando vires uma iniquidade e a compreenderes – uma iniquidade na vida, uma mentira na ciência ou um sofrimento imposto por alguém ao teu semelhante – revolta-te contra a iniquidade, contra a mentira, contra a injustiça. Luta! A luta é a vida, tanto mais intensa quanto aquela for mais viva. E então, terás vivido, e por algumas horas dessa vida não darás anos de vegetação e podridão no charco.

“Luta para que todos vivam essa vida opulenta e exuberante. E fica certo de que na luta encontrará prazeres tão fortes como em nenhuma outra atividade”.

É tudo o que te pode dizer a ciência da moral. Agora, escolhe. (KROPOTKINE apud LEUENROTH, 1963, p. 38)

O trecho acima, além de nos incentivar, também nos instiga a refletir sobre métodos, sobre estratégias a adotar, configurando um dos conflitos que representam um problema para se pensar uma “ética planetária” (MORIN, 2007) e fazê-la emergir. Nietzsche alertou para o fato de que o dever de humanidade deve ser tentar resolver as doenças históricas, mas este dever não pode ser motivo de cegueira moral ao deixar-se tomar por uma “ideia fixa”, uma obsessão de onde não é possível se extrair boas coisas, como no caso de Hitler e Stalin.

Tanto teórica quanto empiricamente, pudemos verificar que o individualismo em choque direto com as diferenças num espaço comunitário, pode produzir condições de harmonias de existência, donde a liberdade é um exercício, uma prática e percebe-se uma maior abertura para o pensamento moral, para o conhecimento, desejantes de esquivar-se da cegueira, projetando e sendo projetos por suas produções. Uma série de consciências podem estar brotando, junto com o atual estágio planetário (que deve ser considerado como tal), estágio no qual o quadrimotor ciência-técnica-economia-lucro são máquinas desenfreadas rumo ao abismo humanitário.

Edgar Morin, a partir de seu desafiador método da complexidade, concebe a ética, que é vivida subjetivamente, como um conjunto de ações morais que são, essencialmente, atos individuais (originados de uma fonte interior) de religação: “religação com o outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana.” (MORIN, 2007, p. 21). Imbuídos de Campus Party, das politicidades interpretadas e da ética concebida por Morin é que pretendemos concluir nosso trabalho, com o que seriam alguns dos maiores reflexos percebidos nas práticas de comunicação e de consumo nas culturas juvenis pós-modernas: um momento de revolta contra a carência de humanidade na ética e na política planetárias e de busca de alternativas. Assim como pensou Nietzsche, Morin também visualiza, com base em sua tríade concepção do humano que

[a] crise ética da nossa época é, ao mesmo tempo, crise da religação indivíduo/sociedade/espécie. Importa refundar a ética; regenerar as suas fontes de responsabilidade-solidariedade significa, ao mesmo tempo, regenerar o circuito da religação indivíduo-espécie-sociedade na e pela regeneração de cada uma dessas instâncias. Essa regeneração pode partir do despertar interior da consciência moral, do surgimento de uma fé ou de uma esperança, de uma crise, de um sofrimento, de um amor e, hoje, do chamado

vindo do vazio ético, da necessidade que vem da deterioração ética. (MORIN, 2007, p. 29)

A partir deste pressuposto, do qual nenhum sujeito pós-moderno pode se abster completamente, a religião acaba sendo a palavra de ordem quando se define a necessidade de uma ética metacomunitária, no entrecruzamento de uma universalidade humana com os movimentos de compartimentação sociocultural. Concentrar-se nas capacidades e necessidades de religião para a emergência de um universalismo concreto pode ser capaz de cumprir “a missão antro-po-ética-política do milênio [que] é realizar a unidade planetária na diversidade.” (MORIN, 2007, p. 165).

Para entender a ética complexa é preciso assumir o princípio de incerteza da condição psíquica do *homo sapien demens*, assumindo relações de dever em relação a si e ao outro, no que tange as próprias ações. As deslocalizações modernas nos levam a uma ética que vê nas fundamentações históricas não mais que construções e que, como demonstram as insatisfações e incertezas pós-modernas, deve operar por religião, para que sejam promovidas as regenerações necessárias à prolongação da vida humana na Terra; a religião ética para uma ética da religião é estabelecida pela constatação da carência contemporânea de instrumentalização do amor, já que

“[a]lcançamos a religião cósmica pela religião biológica, que nos chega pela religião antropológica, que se manifesta na solidariedade, na fraternidade, na amizade e no amor, que é a religião antropológica suprema. O amor é a expressão superior da ética. Segundo Tagore, “o amor verdadeiro exclui a tirania, assim como a hierarquia”. (MORIN, 2007, p. 36-37)

Quanto às ações políticas, reservamos algumas problematizações que nos interessam especialmente, por evidenciarem uma degeneração publicamente consciente e uma humanidade em estado de demência - por onde é possível enxergar a regeneração. Este plano incerto do exercício da vida pós-moderna, resultado das crises do pensamento, é a constatação com a qual a humanidade tem tomado cada vez mais “consciência demente”. Os desvios, ainda incipientes e raros, garantem o estado de desordem e da insegurança, favorecem ao mesmo tempo as patologias e as regenerações.

Um dos conceitos que nos serve para refletir sobre a experiência de pesquisa narrada é o de “ecologia da ação”, com o qual Morin evidencia o caráter incerto da ética e da política circunscrita em toda atitude, quando esta conduz a ética ao campo das “inter-retro-ações”, na qual se desprende de toda finalidade, ganhando vida própria. Mas é o campo da ética que deve mobilizar a inteligência para enfrentar a complexidade e seguir a vida. Nessa direção o autor introduz a ideia de que, dadas as múltiplas incertezas, decidir ou agir

moralmente é sempre realizar uma aposta. Assumimos um “pensar bem”⁸⁵ na adoção de estratégias de ação que comportem uma ética baseada na complexidade da vida humana, sem desconsiderar que “[a] pesar da aposta e da estratégia, permanece uma incerteza irreduzível, ligada à ecologia da ação, aos limites do calculável, aos antagonismos de imperativos, às contradições éticas, às ilusões do espírito humano.” (MORIN, 2007, p. 57).

De acordo com o que sugere Pascal, ao dizer que “a ética deve mobilizar a inteligência para enfrentar a complexidade da vida, do mundo, da própria ética” (2007, p. 59), Morin também explica o que deve ser entendido como “pensar mal” (restrito, míope, imediatista), hoje, sendo este tipo de pensar oposto ao da ética complexa, já que esta última é responsável por religar a ética com outros planos (que não somente o ideal), como no vínculo entre saber e dever. Mais profundamente,

[a] fragmentação, a compartimentação e a atomização do saber fazem que seja impossível imaginar um todo com elementos solidários; por isso, tende a atrofiar o conhecimento das solidariedades e a consciência de solidariedade. O indivíduo acaba encurralado num setor e inclina-se a reduzir a sua responsabilidade a um espaço circunscrito, atrofiando a sua consciência de responsabilidade. Assim, o pensar mal rói a ética nas suas fontes: solidariedade/responsabilidade. A incapacidade de ver o todo, de religar-se ao todo, gera irresponsabilidade e falta de solidariedade. (MORIN, 2007, p. 61-62)

Não nos esqueçamos de apontar que, na esfera da antropolítica e da antropolítica, a tecnociência ganhou autonomia e acabou por se transformar numa grande máquina criadora que é incapaz de controlar os resultados de suas ações, como fica evidente no caso da energia atômica. Seria preciso uma ciência e uma disposição epistêmica com potenciais de religação, de combate à fragmentação que distancia o exercício científico de uma ética da humanidade e não mais carregue a cegueira do conhecer por conhecer, sem harmonizar uma ética de responsabilidade perante uma ética da convicção⁸⁶. Por isso a complexidade para a humanidade, porque “a ciência tornou-se também um problema cívico, um problema de cidadãos. Mas estes ignoram cada vez mais um saber que lhes é incompreensível, pois esotérico. Daí a necessidade e a dificuldade de uma ‘democracia cognitiva’.” (MORIN, 2007,

⁸⁵ A partir da frase de Pascal, “Trabalhar para pensar bem, eis o princípio da moral”, Morin esclarece que bem e mal, incerteza e aposta transitam juntos, mas devemos levar à compreensão: “‘Trabalhar pelo pensar bem’ reconhece a complexidade humana: não dissocia indivíduo/sociedade/espécie; essas três instâncias interligam-se, gerando-se reciprocamente, sendo fim e meios entre elas, mas, ao mesmo tempo, continuando potencialmente antagônicas. O indivíduo é *sapiens/demens, faber/mitologicus, economicus/ludens*, prosaico/poético, uno e múltiplo.” (MORIN, 2007, p. 63).

⁸⁶ Morin utiliza como base para conceituar a ética da responsabilidade e a ética da convicção, um livro de Max Weber sobre *Ciência e Política*. (WEBER, 2004).

p. 78). Para poder se dispor a ensinar uma civilidade planetária possível, o cientista deve assumir que

[o] projeto de dominar a natureza ao qual Descartes destinava a ciência tornou-se a vulgata da civilização ocidental até o surgimento do problema da degradação da biosfera. O controle é incontrolável; daí a pertinência da fórmula de Michel Serres: trata-se agora de controlar o controle. Um tal controle tornou-se suicida para o aprendiz de senhor. (MORIN, 2007, p. 79)

Há uma disjunção entre ética, ciência e política, onde as duas últimas tendem a triunfar. O problema, para o pensamento complexo, está sempre relacionado à consideração e à superação das simplificações ambivalentes e antagônicas do exercício ético e moral, sendo preciso realizar, como propõe Deleuze, um plano de composição que possa gerar uma aposta no pensamento que aproxime o campo da convicção (do que se acredita) com o campo da responsabilidade (perante a própria ação e sua religação cósmica com os outros). As grandes perguntas de fundo para uma política planetária, baseada numa ética de mesma sorte, são: “Como civilizar em profundidade? Como educar as boas vontades? Como fazer os homens viverem fraternalmente? Que pode a ética? Que pode a política? Que poderiam uma política ética e uma ética política?” (MORIN, 2007, p. 86)

Morin, com sua ética complexa, transcende o bem e o mal como princípios da ética, pois religar é humanizar a sobrevivência, na religação com os nossos, os outros e a Terra-pátria. As fontes de religação para os indivíduos e para a civilização, assim como as fontes que constituíram o universo, são a ordem, a desordem, as interações e a organização, combinando-se entre de si “de maneira ao mesmo tempo, antagônica, concorrente e complementar” (MORIN, 2007, p. 32). É necessário, portanto, assumir eticamente a condição humana, religando ação/pensamento, indivíduo-sociedade-espécie, pulsão/afetividade/razão, o homem concebido de acordo com o seu lado duplo, de demência. Por isso, a ética planetária demanda a ética da compreensão, como caminho de resistência à crueldade do mundo e da barbárie humana, inerente à própria condição antropológica do ser humano.

Para fundamentar as bases que possibilitam pensar as regenerações que seriam capazes de fazer com que saíamos da “pré-história do espírito humano”, Morin utiliza três concepções de ética que englobam a tríade característica do ser humano: a auto-ética, a sócio-ética e a antropológica.

A **auto-ética**, primeira acepção para uma ética planetária, comporta o declínio das éticas tradicionais, no sentido de ser uma emergência que é “fruto de um processo histórico da emancipação de massa que instala (...) a responsabilidade dos nossos atos em nós mesmos.” (2007, p. 91). Como processo de individuação, a auto-ética constitui hoje um princípio de

pensamento, já que o “eu” já é considerado como produtor moral e, ao mesmo tempo, é esta uma necessidade fundamental da ética, no que compete o “pensar bem”. Neste processo age a todo o tempo a nossa cultura psíquica, que deve ser ativada pela auto-ética em práticas mentais de auto-análise (um estado de vigilância sobre si mesmo que deve ser realizada a partir de um metaponto de vista), de autocritica (uma luta contra as ilusões, o auto-engano, as cegueiras e a autojustificação) e de recursão ética (questionamento de si que favorece a elucidação do pensamento). A auto-ética tem como principal finalidade resistir a toda barbárie interior (que adormece ou floresce em todo ser humano) e, para conseguir resistir ao domínio cego dos espíritos, a auto-ética “precisa estar irrigada pelo sentimento de solidariedade, ou seja, de pertencimento a uma comunidade.” (MORIN, 2007, p. 100). Afinal,

[n]osso mundo sofre de insuficiência de amor. Mas sofre também de mau de amor (amor possessivo), de cegueiras de amor (inclusive, ... na religião do amor e na ideologia da fraternidade), de perversões de amor (fizações em fetiches, objetos, coleções de selos, anões de jardim), aviltamentos do amor que degeneram em ódio, ilusões de amor e amor por ilusões... Como fazer que se compreenda que o amor deve consagrar-se ao frágil moral, vulnerável, efêmero, condenado ao sofrimento e à morte? (MORIN, 2007, p. 108)

Como imperativos para sua realização, vê-se na “ética da religação” (regeneração) e na “ética da compreensão” (complexidade, comunidade), respectivamente, um imperativo da auto-ética que tem no amor a experiência fundamental de ligação entre os homens, e um método que seja capaz de dar conta de compreender a incompreensão, o plano trans-subjetivo onde estão em conflito compreensão e incompreensão. Apenas a multidimensionalidade ética construída pelos metapontos de vista é que possibilitam entender que “o erro e o conhecimento têm a mesma fonte” (2007, p. 118). A compreensão, por sua vez, faz com o sujeito possa se aproximar dos contextos da ação, percebendo que para além da ética existe a ecologia da ação. Esta ideia nos é de especial valia neste trabalho, pois permite refletir sobre a Campus Party como uma ambiência altamente favorável para tornar visíveis uma composição humana que comporta múltiplas personalidades. Sabe-se que

[a]contecimentos e acidentes podem atualizar certas personalidades potenciais em nós; a revolução pode despertar a genialidade política ou militar em jovens fadados a uma carreira medíocre em tempos normais; a guerra faz surgir carrascos e heróis. (...) As possibilidades de demência ou genialidade, crueldade ou bondade, santidade ou monstrosidade, virtuais em todo ser, podem desabrochar em circunstâncias excepcionais. Ao contrário, essas possibilidades nunca verão a luz na dita vida normal; em nossa época. (MORIN, 2007, p. 115)

Como desafios à auto-ética, Morin apresenta justamente a incapacidade de compreensão intercultural, a abstração que ignora a compreensão subjetiva e extirpa a

humanidade do humano, a cegueira e o efetivo medo de compreender. O autor sustenta “que se deve sempre salvar a compreensão, pois somente ela nos faz seres lúdicos e éticos.” (2007, p. 122). Por este motivo, é colocado em cheque o problema do ensino da compreensão humana:

Deveria ser possível ensinar a compreensão na escola primária e continuar na secundária e na universidade. Foi nessa ótica que propus, nos *Sete saberes necessários à educação do futuro*, que toda universidade tivesse uma cadeira de compreensão humana, que englobaria contribuições das diversas ciências humanas. Tiraria lições de compreensão da literatura, da poesia, do cinema. Desenvolveria em cada um a consciência dos *imprintings*, pois somente a consciência disso pode levar a uma libertação. Engendraria a consciência dos desvios que permitem a cada um resistir à correnteza e dela escapar. Daria a consciência dos paradigmas, o que levaria à construção de um metaponto de vista. Mostraria que essa consciência necessita de auto-análise e de autocrítica. Daria a consciência da necessidade simultaneamente mental e moral da autocrítica e favoreceria auto-ética. (MORIN, 2007, p. 124)

O perdão, entendido como amor à humanidade e como aposta ética, é capaz de livrar o homem da vingança e de tornar mais eficiente a experiência do sofrimento, no exercício de uma ética onde prevaleça a compreensão do universalismo da humanidade (na separação, na diferença) em oposição à vingança e o castigo, como propunha Nietzsche.. Um dos empecilhos sócio-políticos à aposta no perdão é a dificuldade que se tem hoje de apontar culpados em acontecimentos, por exemplo, que ocorrem em fluidas e fragmentadas “máquinas tecno-burocráticas contemporâneas”. Mesmo assim, somente o perdão pode combater a crueldade interior, fazendo com o exercício da responsabilidade seja estendido para a realidade sociocultural.

Para conquistar a sabedoria do “bem pensar”, é preciso investir no exercício da auto-ética na sociedade-mundo. Este seria o primeiro grande caminho/saída para a ética planetária, assumindo a dialogia razão/paixão, aliando inteligência racional aos planos afetivos, comunitários, do amor e do perdão. “Assumir a condição humana é procurar uma sabedoria que assume a nossa natureza de *homo complexus (sapiens-demens-ludens-mitologicus-poeticus)*. A sabedoria da vida deve assumir a loucura da vida, que deve integrar a racionalidade numa louca sabedoria.” (MORIN, 2007, p. 137)

Para concluir a noção de auto-ética, Morin nos orienta para o fato de que saber viver é incorporar o saber, fazendo da própria vida um exercício da ética, incorporando suas ideias no cotidiano. O “estado poético” da vida, seu gozo e seu êxtase (sem se esquecer nunca do “bem pensar” por nós definido, “é um estado de participação, comunhão, fervor, amizade, amor que envolve e transfigura a vida. Faz viver queimando na consumição (Bataille) e não

em fogo brando no consumismo.” (MORIN, 2007, p. 138). Portanto, é preciso enfatizar que mesmo remetendo a um plano subjetivo, a complexidade apresentada pela auto-ética de Morin, garante que esta característica primeira da ética planetária, “religa-nos à nossa humanidade: incita-nos a assumir a identidade humana no seu nível complexo e convida-nos para a dialógica razão/paixão, sabedoria/loucura. Reclama a nossa compreensão da condição humana, com seus desvios, ilusões, delírios.” (p. 143)

A segunda faceta que Morin apresenta desta ética da humanidade é a **sócio-ética**, cujo primeiro fundamento é a “ética da comunidade”. Esta precede e transcende a auto-ética, já que a comunidade comporta os indivíduos e a sócio-ética exige uma auto-ética entre os seus cidadãos. Em sociedades arcaicas, “[a]s normas de solidariedade, de obediência às prescrições e aos tabus gravam-se nos espíritos.” (p. 147). A nação moderna de raiz ocidental, por sua vez, engendrou os conflitos e ao mesmo tempo fomentou o sentimento de pertencimento comunitário à entidade nacional, culminando nas complexas sociedades contemporâneas que “são mesclas de *sociedade* [entidade na qual se dão interações que podem ser conflituais ou de rivalidade] e *comunidade* [conjunto de indivíduos ligados afetivamente por um sentimento de pertencimento a um Nós]” (p. 147 e 148). Um dos grandes problemas contemporâneos, no que compete à concretização de uma sócio-ética, é que estamos carentes de desenvolvimento de auto-ética, pois é preciso reconhecer que

[e]xiste um vínculo solidariedade-complexidade-liberdade. O pensamento complexo ilumina as virtudes da solidariedade. Assim como a ética política nos incita a trabalhar por uma sociedade de alta complexidade, ou seja, de solidariedade e de liberdade, o pensamento complexo estimula-nos a despertar e a gerar a auto-ética, que aparece aqui não só como virtude social. (p. 149)

Uma das grandes conquistas da complexidade social está expressa na democracia, sendo o civismo a expressão de uma “virtude sociopolítica da ética”. Na interpretação moriniana as sociedades democráticas estariam em crise (evidenciando a crise e o enfraquecimento de complexidade política e social), e a saída, para Morin, reside na complexidade democrática e na luta política a favor de uma “democracia cognitiva”, fruto de uma regeneração democrática.

Para que a sócio-ética possa ser exercida é preciso, em primeiro lugar, considerar a existência de uma comunidade de destino da humanidade planetária e, em segundo, ampliar o sentido de comunidade para a esfera universal – que é a própria humanidade. Para triunfar, a sócio-ética prevê a necessidade de reforma do pensamento de comunidade, enfrentando os obstáculos impostos pela compartimentação e fechamento dos saberes (responsável pela incapacidade de exercício de cidadania) e pelo triunfo da tecnociência (que nos tempos

modernos ramificou e ampliou os saberes). Neste sentido, é impossível não nos lembrarmos das manifestações da CP que defendem a construção de um marco civil na internet, a fim de combater o domínio dos códigos sob os quais as inovações tecnológicas estão sedimentadas que enfraquece as competências democráticas de nossa civilização.

O maior desafio para que uma sócio-ética possa ser concebida nos tempos atuais é superar socialmente a complexidade do mundo em que se vive, da miséria humana com a qual se convive, sendo este problema que perpassa todos os pólos da relação entre pensamento, ética e ação política.

Por fim, a terceira faceta da ética de Morin é a **antropoética**, que basicamente significa “o modo ético de assumir o destino humano”. Ou seja, a antropoética é o ponto complexo que religa a auto-ética à sócio-ética, sendo ao mesmo tempo mediada por elas. Para que a antropoética possa ser praticada, mais uma vez é preciso assumir a condição humana, tendo o humano e o todo planetário como um universal concreto, pois fazemos parte de uma comunidade de destino construída na história de nossa civilização. Não se pode mais abstrair ou abster-se da complexidade desta constatação e das necessidades por ela implicadas.

Esta relação complexa do ser juvenil contemporâneo, ainda fantasmagórica, nos permite dizer que estes sujeitos com os quais convivemos na pesquisa sonham uma nova sociedade/comunidade e vêm testando possibilidades para exercê-la, mesmo que de modo tímido. Por este motivo, dizemos que esta esfera presente nas politicidades juvenis abordadas neste trabalho, a antropoética e a antropolítica de Morin, parecem dar sinais de vida. Esta compreensão antopo-ética-política é o fio de religação complexa entre a auto-ética e a sócio-ética, capaz de promover a possível democracia cognitiva, na missão de realizar a “unidade planetária na diversidade”.

Como orienta nosso autor-chave nesta etapa conclusiva, trata-se de praticar uma política de humanidade ou política de civilização, que só é possível na prática da “ética da compreensão planetária” e da “ética da solidariedade” como parte da consciência complexa deste universal que é o humano. Neste sentido, cabe lembrar que percebemos em nossa pesquisa a importância de espaços como a Campus Party no processo de composição desta nova ética-política, pois este é um espaço que favorece os debates, o compartilhamento e os gritos em conjunto. É preciso, portanto, realizar uma polirreforma que componha de modo complexo “a reforma da sociedade (que comporta a reforma da civilização), a reforma do espírito (que comporta a reforma da educação), a reforma da vida, a reforma ética. O conjunto dessas reformas engloba a tríplice humana indivíduo/sociedade/espécie.” (p. 168-169), cujo

processo precisa favorecer a compreensão numa educação do espírito que pode o transformar em cidadão. Finalmente,

Onde estamos na era planetária? Minha tese é que a globalização do fim do século XX criou as infra-estruturas comunicacionais, técnicas e econômicas para uma sociedade-mundo. A internet pode ser considerada como o esboço de uma rede neurocerebral semi-artificial de uma sociedade-mundo. Mas a economia liberal, responsável pelas infra-estruturas, torna impossível a formação de uma tal sociedade, pois inibe a constituição de um sistema jurídico, de um governo e de uma consciência comum. Ora, a sociedade-mundo, para emergir, necessita de um direito e de instâncias planetárias capazes de enfrentar os problemas vitais das humanidades; necessita, no mínimo, de uma reforma da ONU, tendo por horizonte uma confederação das nações e a democratização do planeta. Necessita, vale repetir, de uma política da civilização e de uma política da humanidade que substituam a política de desenvolvimento. Necessita, ao mesmo tempo como ponto de partida e como efeito, do aprofundamento ética e política de pertencimento a uma mesma Terra-Pátria. (p. 167)

As politicidades, lógica fenomênica abarcada por nossa empreitada científica, nos levaram a perceber a ética planetária como uma aposta no humano. O estar junto à toa, quando se vai ao encontro de um pensamento complexo, nunca pode ser entendido como uma prática que é destituída de finalidade. Deve-se metamorfosear o pensamento, buscando novas composições que possam comprovar que o estar junto, o fazer parte, é uma das grandes pulsões capazes de humanizar a civilização, rumo à democracia cognitiva, à cidadania cultural. Afinal,

“[p]ercebemos, hoje, tudo o que é autodestruição. Por que não vemos os processos criadores? É que estes são subdesenvolvidos, marginalizados, dispersos, desviantes; reforma de organização social, reforma da economia, reforma da civilização, reforma do espírito, reforma da educação, reforma da ciência, reforma de vida, reforma ética. Não podemos saber se todas essas tendências poderão desenvolver-se, conectar-se e fazer surgir as condições da metamorfose salvadora.” (p. 182)

Nosso trabalho sempre teve como objetivo observar práticas “quentes” de comunicação e de consumo na pós-modernidade, o que nos levou às politicidades juvenis num ambiente de suspensão e, por fim, a uma construção teórica que combine ética e política. Conclui-se fazendo um convite ao exercício ético da democracia, à prática cidadã onde a comunicação complexa e a consumação da ética constituem a base histórica para tais acontecimentos.

Para Morin, “a esperança ética e a esperança política estão na metamorfose”, processo no qual somente a autodestruição permite autoconstrução (que não pode ser concebida antecipadamente). “Sem dúvida a metamorfose possível que se prepara será em grande parte o produto de processos inconscientes. Mas ela só poderá realizar-se

verdadeiramente com a contribuição e o apoio da consciência humana e da regeneração ética. É por isso que a reforma do espírito desempenhará aí um papel capital.” (MORIN, 2007, p. 182)

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Oscar. **Étic@as, Estétic@s y Polític@s**: Algunas hipótesis acerca del vínculo entre juventud y política. In: AGUILERA, Oscar; BRAVO, Carlos; SEPÚLVEDA, Mauricio. (orgs.) *Nuevas geografías juveniles*. Transformaciones socioculturales. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2005.

_____. **Políticas de las culturas juveniles y ciudadanías**: Desafíos para la sociedad chilena en el bicentenario. Santiago del Chile: Revista Observatorio de Juventud – Instituto Nacional de la Juventud, Año 5, Número 20, 2008.

_____. **Movidas, movilizaciones y movimientos**: Cultura política y políticas de las culturas juveniles en el Chile de hoy. Universitat Autònoma de Barcelona. Departament d'Antropologia Social i Prehistòria. Tesis de Doctorado, 2008.

AMAYA, José Fernando Serrano. **Menos querer más de la vida**: concepciones de vida y muerte en jóvenes urbanos. Bogotá: Departamento de Investigaciones de la Universidad Central y Siglo del Hombre Editores, 2004.

ARENDT, Hannah. **A promessa da política**. 1ª edição. São Paulo: Difel, 2008.

ARISTOTELES. **Ética a Nicômacos**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, c1985, 1999.

ARTAUD, Antonin. **Os escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983.

BACCEGA, Maria Aparecida. **O campo da comunicação**. In: CORRÊA, Tupã Gomes (org.) **Comunicação para o mercado**. São Paulo: Edicon, 1995.

_____. **Comunicação e linguagem**: Discursos e ciência. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

_____. **Da Informação ao Conhecimento**: ressignificação da escola. In: **Anais do XXVII Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação (Intercom)**. Porto Alegre: 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BALARDINI, Sergio. **Transformaciones sociales y cambios culturales**. Jóvenes, tecnología, derechos y consumo. In: AGUILERA, Oscar; BRAVO, Carlos; SEPÚLVEDA, Mauricio. (orgs.) **Nuevas geografías juveniles**: Transformaciones socioculturales. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2005.

BARONAS, Roberto. **Narcisuo versus Menocchio**: a leitura como visco na memória. In: GREGOLIN, Maria & BARONAS, Roberto (orgs.). **Análise do discurso**: as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Haxixe**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

_____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo. In: **O tempo vivo da memória**. Ensaio de Psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BUDAG, Fernanda Elouise. **Comunicação, recepção e consumo**: suas inter-relações em Rebelde-RBD. São Paulo, Dissertação de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo, 2008.

CAMPBELL, Colin. **Eu compro, logo sei que existo**: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, Livia; CAMPEL, Colin (orgs.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2006.

COMTE-SPONVILLE, André. **Apresentação da filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COUTO, Edvaldo Souza . **Gilbert Simondon: cultura e evolução do objeto técnico.** In: **III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2007, Salvador. Anais/CD-Rom III Enecult. Salvador : Edufba, 2007. v. 1.

CYRULNIK, Boris. **Do animal ao homem.** In: **O nascimento do sentido.** Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia, Vol.1.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia, Vol.4.** São Paulo: Editora 34, 1997.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

FEYERABEND, Paul. **Consolando o especialista.** In: LAKATOS, I. e MUSGRAVE, A. (orgs.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento.** São Paulo: Cultrix/Edusp, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A ordem do discurso.** Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 12ª edição. São Paulo: Loyola, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1983.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando.** Conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.

HILDEBRAND, Hermes Renato; OLIVEIRA, Andréia Machado. **Jogo de Corpos**: transições entre meios tecnológicos. #8 ART - 8º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, 2009. Disponível em: (http://www.fav.ufg.br/8art/Nova%20pasta/texto_andreiahildebrand.pdf)

KHUN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 8ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KROPOTKINE, Pedro. **A moral anarquista**. In: LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo – Roteiro para a libertação social**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

LADO, Robert. **Introdução à lingüística aplicada**. Petrópolis: Vozes, 1972.

LAKATOS, Imre. **História da Ciência e suas reconstruções racionais**. Lisboa: Edições 70, 1998.

LIPPMANN, Walter. **Estereótipos**. In: STEINBERG, Ch. (org.) **Meios de comunicação de massa**. SP: Cultrix, 1972.

LOPES, Maria Immacolata V. de. **O campo da comunicação**. Reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**. São Paulo: USP, CCS, dez, jan, fev 2000-2001.

MACHADO DA SILVA, JUREMIR. **Em busca da complexidade esquecida**. In: *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 5, 1996

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. **A parte do diabo**: Resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARIN, Elizara Carolina. **O ofício da pesquisa**: processos do fazer. In: MALDONADO et al (orgs.). **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Culturas/Tecnicidades/Comunicación**. OEI – Programa Iberoamérica: Unidad Cultural en la Diversidad, 2000. Disponível em: (<http://www.oei.es/cultura2/barbero.htm>)

_____. **Ofício de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **A mudança na percepção da juventude**: socialidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Sílvia H. S.; FREIRE FILHO, João. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

MATTA, João. **Campus Party** – tecnologia e entretenimento. São Paulo: 2009. (Parte do relatório de pesquisa sobre a Campus Party produzido pela equipe da ESPM, que não foi publicado).

MITNICK, Kevin D.; SIMON, William L.. **A arte de enganar**: controlando o fator humano na segurança da informação. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2003.

MORAES, JOÃO QUARTIM DE. **Epicuro**: as luzes da ética. São Paulo: Moderna, 1998. - (Coleção Logos)

MORIN, Edgar. **Sapiens-demens**. In: **O paradigma perdido**: a natureza humana. 6 ed. Portugal: Europa-América, 2000.

_____. **Cultura de Massas no Século XX**: necrose. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Uma mundialização plural**. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **O Método 6**: Ética. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NIETZSCHE, Friederic Wilhelm. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Nietzsche** – Vida e Obra. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).

_____. **A vontade de poder.** Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2008.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio.** Políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.

_____. **Elementos para uma cartografia da grupalidade.** Próximo Ato – Encontro Internacional de Teatro Contemporâneo. São Paulo, 2006. Disponível em: (<http://www.itaucultural.org.br/proximoato/pdf/textos/textopeterpelbart.pdf>)

_____. **O tempo não-reconciliado.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão.** Organização de. Maria da Conceição de Almeida e Edgard de Assis Carvalho. Belém: EDUEPA, 2001

REGUILLO CRUZ, Rossana. **Emergencias de culturas juveniles.** Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2000.

ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo. **A comunicação da violência ou o velório das paixões.** *Revista Margem.* São Paulo: 2000, nº 11.

_____. **A cartola da mídia:** sacando imagens, materializando magias. In: *Revista Famecos*, n. 24. Porto Alegre: FAMECOS/Sulinas, 2004.

_____. **Políticas de visibilidades, juventude e culturas do consumo:** um caso (de imagem) nacional. In: *Anais do Lusocom*: Lisboa, 2009.

_____. **Por uma arqueologia urbana:** escavando sentidos na cidade-mídia. In: CARAMELLA, Elaine ... [et al] (org.). **Mídias:** Multiplicação e convergências. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

_____. **Dá-me tua rebeldia que eu te compro uns belos sapatos:** o ser admirável como moeda midiática de troca. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre: FAMECOS/Sulinas, 2009.

_____. **O “ser coletivo” como experiência digital.** In: Portal do SESCSP. São Paulo, 2010. Disponível em: (http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_ID=362&IDCategoria=6395&Artigo_ID=5591&RefType=2)

SARAMAGO, JOSÉ. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SENECA. **As relações humanas**: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte. São Paulo: Landy, 2002.

SCHAFF, Adam. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1974.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEBER; Max. **Ciência e Política** – Duas vocações. 12ª edição. São Paulo: Cultrix, 2004.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

GLOSSÁRIO

Avatar – No caso de seu uso na Internet, trata-se de uma projeção do “Self” no formato digital, criado pelo usuário de acordo com a plataforma utilizada (Ex.: personagens, gráficos, caricaturas, imagens alteradas de si mesmo etc.).

Assembler – Notação legível por humanos para o código de máquina que uma arquitetura de computador específica usa. A linguagem de máquina, que é um mero padrão de bits em formato binário (zeros e uns), torna-se legível pela substituição dos valores brutos por símbolos chamados mnemônicos (alfanuméricos e hexadecimais). Basicamente, trata-se de uma linguagem de programação.

Byte – Unidade de medida de dados digitais que corresponde a 1.000 (mil) bits ou 1 (um) Kbit.

Civic-Hacking – Hack em prol do interesse público, hack cidadão. Aplicações desenvolvidas por indivíduos com engajamento político com a Internet, que dão às pessoas benefícios tangíveis nos aspectos cívicos e comunitários de suas vidas.

Cosplay – Atividade que se resume em criar e vestir fantasias a fim de homenagear heróis fictícios (geralmente de quadrinhos ou video-games) ao realizar performances públicas utilizando-se destas fantasias.

Cosplayers – Praticantes do Cosplay, que geralmente criam e vestem suas próprias fantasias.

CPU – Sigla, em inglês, para Unidade Central de Processamento (Central Processing Unit), usada para fazer referência ao gabinete do computador, aonde estão as unidades lógicas de armazenamento e de processamento.

Flashmob – Ação realizada por um grupo, quase sempre em espaço público, que tem sua organização, planejamento e divulgação realizados em um curto período de tempo, geralmente fazendo uso de meios de comunicação instantâneos (dentro de um mesmo dia e via SMS ou e-mail, por exemplo).

Hardware – Conjunto de peças físicas responsáveis pelo funcionamento de um computador ou dispositivo eletro-eletrônico. A parte que se chuta.

Hard-Disk – Também conhecido como “HD” ou “Disco-Rígido”, é o item de hardware responsável por armazenar as informações no computador (memória física para gravação e leitura de dados).

Hiperlink – Também conhecido como “Link”, é um atalho para um conteúdo hipermediático.

Modding – Prática que envolve a modificação estética e do hardware de computadores a fim de diferenciá-los visualmente ou aumentar seu desempenho.

Nicknames – Apelidos utilizados pelos usuários a fim de identificarem-se dentro das redes.

Nerd – Estereótipo de jovem tímido ou excluído.

Orkut – Rede social pioneira em seu formato que vem perdendo espaço desde o surgimento de outras plataformas de redes sociais e de blogs/microblogs.

Overclock – Método (pouco ortodoxo) de forçar um processador para que ele opere em velocidades superiores às originais.

Podcast e Videocast – Formatos de programas para transmissão, via streaming, de áudio e vídeo na Internet.

Profiles – Perfis dos usuários, geralmente apresentados como páginas que contém suas informações pessoais, conexões e interesses, entre outros.

Skype – Comunicador instantâneo cuja principal funcionalidade é a transmissão de voz baseada no protocolo IP (VOIP).

Software – Conjunto de instruções lógicas compiladas em um pacote executável por um computador. A parte que se xinga.

Software Livre – Programa de computador cujo código-fonte está disponível ao público.

Terabyte – 1 terabyte (TB) = 1000000000000 bytes = 1000^4 ou 10^{12} bytes (1.000 GB)

Twitter – Plataforma de Microblog que permite a postagem de, no máximo, 140 caracteres por atualização.

Vlog – Blog baseado em postagens em formato de vídeo. Contração de Video-Log.

Website – Conjunto de documentos hipermidiáticos, organizado em um servidor autônomo de forma a permitir seu acesso remoto pela Internet.

Wikipedia – Maior enciclopédia virtual do mundo, retro-alimentada, editada e moderada por seus usuários desde seu lançamento.

YouTube - Site que opera como depósito online para os vídeos publicados por seus usuários.

ANEXO – CAMPUS PARTY EM NÚMEROS

De acordo com alguns dados oficiais sobre a Campus Party Brasil, divulgados em diversos meios de comunicação, condensamos neste anexo alguns números que esclarecem melhor as dimensões deste evento. Somente em 2010 a assessoria de imprensa contratada realizou um trabalho intensivo para garantir a correta divulgação dos números finais sobre o evento. Por isto, foram levantados apenas os dados relativos a esta edição, pela garantia de sua fonte.



Campus Party Brasil 2010: confira os números

Terminada a terceira edição do evento, a Campus Party Brasil se consolida, mais uma vez, como um importante espaço de discussão sobre redes sociais e tecnologias e impressiona pela grandeza

São Paulo, 2 de fevereiro de 2010 – A organização da Campus Party Brasil 2010 anuncia o balanço geral do evento que reuniu comunidades de diferentes áreas da sociedade em rede no Centro de Exposições Imigrantes, em São Paulo, entre o dia 25 e 31 de janeiro. Esta foi a terceira edição brasileira do evento, criado há 13 anos na Espanha.

“Não é à toa que dizemos que a Campus Party é a maior festa física das redes sociais. Este é o terceiro ano do evento e os números se mostram impressionantes. É a energia do público que garante a longevidade de um encontro como esse, que se renova a cada ano pela própria disposição dos participantes em compartilhar conhecimento”, acredita Marcelo Branco, diretor geral da Campus Party Brasil.

Foram vendidas 6.000 vagas para o encontro - 3.877 pessoas ficaram acampadas. Do total de inscritos, 74,8% (4.448) eram homens e 25,2% (1.552) eram mulheres. A maioria dos campuseiros, 68% (4.080), estavam na faixa etária de 18 a 29 anos. Pessoas com idade entre 30 e 49 anos representavam 20% (1.200), com mais de 50 anos, 4% (240), e com menos de 19, 8% (480). De todos os estados brasileiros vieram pessoas interessadas em compartilhar conhecimento e participar da festa. Ainda, a Campus Party contou com a participação de campuseiros de 20 países, entre os quais Colômbia, México, Espanha, Suécia, Peru, Guatemala, França, Chile e Argentina.

Na terceira edição do evento o investimento total foi de R\$ 12,5 milhões, que propiciaram tanto aos inscritos no evento, quanto aos mais de 100 mil visitantes da Área Expo (espaço de visitação grátis), uma vasta programação. Chamar de “maior festa brasileira” tem seu motivo: foram realizadas 553 atividades (palestras, oficinas, mesas de debates...), que duraram cerca de 700 horas. Os temas foram divididos em quatro áreas: criatividade (fotografia, blog, design, vídeo e música), entretenimento digital (games e simulação), inovação (desenvolvimento e software livre) e ciência (robótica e modding). Além disso, as atividades também tiveram espaço no palco principal, o Momento Telefônica, no Barcamp e no Campus Fórum, que estreou este ano. Dessas, a área com maior número de campuseiros inscritos foi a de blog, com 19,1%, seguida de desenvolvimento (18,2) e jogos (15,1%).

Ao todo 64 empresas, entre patrocinadores, parceiros e apoiadores, contribuíram para o sucesso da festa dos amantes da tecnologia, que usufruíram de uma impressionante conexão de 10 Gb, a maior banda já oferecida em todo o mundo, disponibilizada pelo Grupo Telefônica, principal patrocinador do evento. Para isso, foram necessários 40 km de cabos de rede e 20 km de cabos de fibra ótica. Trabalharam na Campus Party – direta e indiretamente – 3.600 pessoas. A taxa de upload foi de 66% e a de download 44%.

A repercussão da Campus Party, por todo o mundo, se deu por meio dos mais de 1017 jornalistas e blogueiros credenciados de vários países.

Outros números:

- Refeições servidas (refeitório) - 30 mil, cerca de 13,5 toneladas de comida
- Bebidas servidas (água ou refrigerante no refeitório) - 5,4 mil litros
- Total de pessoas que circularam na arena de campuseiros- cerca de 10 mil, incluindo os 6 mil campuseiros, jornalistas, palestrantes, colaboradores, organização, patrocinadores, convidados e equipes de serviços
- Batismo Digital - 5 mil
- Campus TV - O site da CPTV recebeu a visita de 44.863 IPs únicos, totalizando 276.418 visualizações, em 12 canais simultâneos
- Visitas ao site oficial- 180 mil durante os sete dias do evento
- Visitas ao blog oficial - 30 mil durante os sete dias do evento

Informações para Imprensa

Comunicação Campus Party Brasil 2010

Daniela Costa - daniela.costa@furanetworks.com

Assessoria de Imprensa

The Jeffrey Group

Clara Quintela – cquintela@jeffreygroup.com

Robson Melendre – rmelendre@jeffreygroup.com

Tel: 2165-1651

Fonte: Disponível em:

http://docs.google.com/Doc?docid=0ARReXNaTCtzwZGhybW5jaGpfMzFmaGtjc3ZkNw&hl=pt_BR

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)